

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

ROSSANNA DOS SANTOS SANTANA RUBIM

**LEITURA LITERÁRIA DE ALUNOS DO *CAMPUS* SÃO MATEUS DO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS**

VITÓRIA-ES

2016

ROSSANNA DOS SANTOS SANTANA RUBIM

**LEITURA LITERÁRIA DE ALUNOS DO *CAMPUS* SÃO MATEUS DO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Dalvi.

VITÓRIA-ES

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

R896L Rubim, Rossanna dos Santos Santana, 1975-
Leitura literária de alunos do *campus* São Mateus do Instituto Federal do Espírito Santo frente às tecnologias de informação e comunicação contemporâneas./ Rossanna dos Santos Santana Rubim. – 2016.
212 f. ; il.

Orientadora: Maria Amélia Dalvi.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Chartier, Roger, 1945-. 2. Leitura. 3. Leitura – Desenvolvimento. 4. Livros eletrônicos. I. Dalvi, Maria Amélia, 1983-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

Rossanna dos Santos Santana Rubim

“Leitura literária de alunos do Campus São Mateus do Instituto Federal do Espírito Santo frente às tecnologias de informação e comunicação contemporâneas”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Aprovada em 29 de fevereiro de 2016.

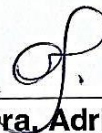
Comissão Examinadora:



Dra. Maria Amélia Dalvi
Orientadora e Presidente da Comissão - UFES



Dra. Leni Ribeiro Leite
Membro Titular Interno - UFES



Dra. Adriana Pin
Membro Titular Externo - IFES

Dedico essa produção a Deus, que me sustentou até aqui e tudo isso permitiu. “Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Romanos 11:36).

AGRADECIMENTOS

Embora boa parte do percurso de escrita seja um pouco solitária, ao parar para pensar no que me moveu, percebo-me descobrindo que múltiplas foram as contribuições que permitiram que eu desse início e também chegasse ao fim dessa jornada chamada mestrado. Diante dessa certeza, não poderia deixar de agradecer:

- aos meus pais, **Pedro e Margarida**, pela educação e exemplo de honestidade e perseverança, especialmente à mamãe, que mesmo diante das tantas dificuldades do dia a dia, me ajudou tomando conta das minhas filhas para que eu pudesse cursar minhas disciplinas tão longe de casa; e também assando bolos e tortas para que certo evento acadêmico desse muito certo;

- ao meu marido, **Fabiano**, pelo amoroso desprendimento (não sei dizer de ninguém mais altruísta do que esse ser humano), paciência e zelo com as crianças e comigo, enquanto eu precisava ficar trancada no quatinho/escritório, discutindo a relação com a minha dissertação;

- às minhas amadas filhas, **Isadora e Rhubia**, por suportarem e sobreviverem aos momentos de ausência;

- ao incomparável **Edson Fernando “Antônio” Dalmonte**, que me honrou com a possibilidade de leitura e normalização de suas dissertação e tese, há “muitos” anos, plantando em mim as primeiras sementes disso que é a vontade de envolvimento com a “coisa” acadêmica, tudo misturado com uma boa dose de admiração e uma pitada de inveja (eu admito);

- à inestimável **Valéria Rodrigues de Oliveira Pozzatti**, pelo abrigo e também cuidado comigo, sem esperar nada em troca. Não seria possível terminar esse curso sem a ajuda dessa, que é muito mais do que uma amiga;

- à professora **Maria Amélia Dalvi**, orientadora, extraordinária profissional, com quem muito aprendi. Impossível não reconhecer sua competência, potencial e genuína felicidade por ganhar a vida fazendo o que gosta;

- à iluminada **Maristela Almeida Mercandeli Rodrigues**, cujos conhecimentos, boa

vontade e bondade imensuráveis tornaram possível a realização do grupo focal;

- aos colegas do **grupo de pesquisa Literatura e Educação** que contribuíram com leituras e apoio por meio de conversas intermináveis pelo telefone, e-mail, Skype, Facebook ou WhatsApp, principalmente aquela que acredito ser uma menina como uma flor: **Josinéia S. Silva**;

- à filha da Dona Eni, **Eudma Poliana** (que divide comigo o chão de São Mateus e que só tive o prazer de conhecer quando ingressei no PPGL), pelas caronas, conversas, gargalhadas e aquela ajuda preciosa aos 45 do segundo tempo;

- à singular **Adriana Falqueto Lemos**, por acreditar em mim, sempre e verdadeiramente estar disponível e ter sido determinante naqueles dias de aridez intelectual;

- à comadre **Leila Brígida Ponath Lucindo**, por comprar minha briga, pelo incentivo, paciência, bom ouvido e também pelas leituras selvagens de versões inacabadas dessa que ora chamo dissertação;

- ao “inexistente” **Fabricio Moraes Cunha**, pelos diversos momentos de catarse dialógica;

- aos colegas de trabalho do Ifes *campus* São Mateus, da Coordenadoria de Biblioteca (**Jalili, Sheila e Sidnei**), cujas atuações permitiram que eu me dedicasse aos estudos; da Coordenadoria de Registros Acadêmicos (**Patrícia, Erika e Gislane**) e da Coordenadoria de Desenvolvimento de Pessoas (**Fábio e Verana**), os quais prontamente ajudaram a levantar os dados necessários para realização da minha pesquisa; da Subgerência de Gestão Educacional (**Adeylson, Sâmya e Mara Cristina**), pela força nas ações que dependiam da utilização dos espaços da instituição; das diretorias (**Georgia Mangueira, Ires e Mário**), cada qual no seu tempo, pela concessão da licença para que eu pudesse me dedicar exclusivamente a esta empreitada;

- à amiga **Nágila Rabelo Moraes**, que mesmo depois de um exaustivo dia de viagem, descobriu precioso tempo para me ajudar;

- aos alunos e colegas servidores do Ifes – *campus* São Mateus, que aceitaram, de

bom grado, participar das etapas de coletas de dados para a pesquisa, com especial menção a **L.R.B.** (por questões éticas não posso identificá-lo diretamente), que arregimentou participantes para o grupo focal. A vocês devo a possibilidade de finalização do trabalho;

- à professora **Adriana Pin**, que me apresentou ao PPGL, me fazendo ver como era possível que uma bibliotecária do interior fizesse um pouquinho mais. Também por ter me honrado com sua participação como membro da banca de defesa da presente dissertação;

- à professora **Dulcinéa Sarmiento Rosemberg**, do Colegiado de Biblioteconomia, membro da banca de qualificação da minha pesquisa, pela contribuição ímpar na definição de caminhos que seriam traçados no decorrer da mesma;

- à professora **Leni Ribeiro Leite**, do PPGL, membro das bancas de qualificação e defesa, pela leitura cuidadosa e pelas contribuições pontuais;

- à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**, pela concessão da bolsa que foi de grande utilidade para compra de materiais e auxílio nos vários traslados entre São Mateus e Vitória, assim como na garantia de participação em eventos acadêmicos;

- ao **Dr. Gregory House** e à equipe do **Seattle Grace Hospital** (por mais estranho que pareça), que em todas as temporadas de suas séries (com direito a *replay*) serviram de voz de fundo durante várias horas de produção escrita, quando a opção do silêncio era muito assustadora;

- a todos aqueles que porventura não tenham sido mencionados nesse rol, mas que presentes estão em alguma palavra, algum ponto, alguma vírgula ou mesmo algum espaço desse trabalho.

Muito obrigada a tod@s vocês. Afinal, como gosto de dizer:

it takes a village to raise a child!

Adoro olhar para minhas prateleiras lotadas, cheias de nomes mais ou menos familiares. Delicio-me ao saber que estou cercado por uma espécie de inventário da minha vida, com indicações do meu futuro. Gosto de descobrir, em volumes quase esquecidos, traços do leitor que já fui – rabiscos, passagens de ônibus, pedaços de papel com nomes e números misteriosos, às vezes uma data em um local na guarda do livro, levando-me de volta a um certo café, a um quarto de hotel distante, a um verão longínquo. Eu poderia, se precisasse, abandonar esses livros e começar de novo, em outro lugar; já fiz isso antes, várias vezes, por necessidade. Mas então tive de reconhecer também uma perda grave, irreparável.

Sei que algo morre quando abandono meus livros e que minha memória insiste em voltar a eles com uma nostalgia pesarosa.

Alberto Manguel, *Uma história da leitura*, 2004.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar e analisar práticas e representações de leitura literária de determinado grupo de alunos do Instituto Federal do Espírito Santo, circunscrito ao *campus* São Mateus, em busca de compreender como se figuram esses leitores, de modo também a coletar impressões das apropriações de suas leituras literárias frente a tecnologias de informação e comunicação contemporâneas que se apresentam como suporte à palavra escrita (impressos, *smartphones*, *tablets*, *e-readers*, *notebooks*). Para tal, teve como principal aporte o que afirma Roger Chartier quanto às noções de práticas, apropriações e representações, também considerando as questões materiais e de estabelecimento de protocolos de leitura inerentes à constituição dos suportes ora mencionados. Em se tratando de um estudo centrado no leitor e mais particularmente nas práticas, representações e apropriações de leitura literária, sua viabilidade teórico-metodológica decorre do questionamento empreendido na segunda metade do século XX ao paradigma que concedia ao autor e/ou ao texto a primazia no processo de produção de sentido; em face de novas discussões, a Teoria da Literatura passa a interessar-se pelos modos como os leitores se inscrevem nos textos e os mobilizam, sendo isso também o que move a presente pesquisa. De natureza exploratória, configurou-se como um estudo de caso, sendo que realizou pesquisa documental e de campo para coleta de dados, tendo sido aplicado questionário e conduzindo um grupo focal com alunos da instituição mencionada. A análise dos dados contribuiu para a identificação de práticas de leituras de um público predominantemente jovem, cujas preferências literárias vão ao encontro dos gostos atuais de uma sociedade globalizada e integrada em rede, que se apropria de suportes textuais em diferentes formatos, mas os selecionam considerando também os gêneros textuais, tendo demonstrado que as representações de literatura estão fortemente relacionadas com o suporte impresso. Ao concluir, esta pesquisa evidencia uma comunidade de sujeitos com práticas híbridas de leitura.

Palavras-chave: Leitura literária. Práticas de leitura. Protocolos de leitura. Livro eletrônico. Roger Chartier.

ABSTRACT

This study aimed at identifying and analyzing practices and representations of literary reading of a group of students from Instituto Federal do Espírito Santo, *campus* São Mateus, in order to understand how these readers present themselves, and collect impressions of their literary readings appropriations using contemporary information and communication technologies that present themselves as a support for the written word (printed material, smartphones, tablets, e-readers, *notebooks*). To this end, it has had as its main contribution what Roger Chartier states about the notions of practices, appropriations and representations, taking into consideration the material issues and the establishment of reading protocols inherent to the constitution of the mentioned supports. This is a study focused on the reader, more particularly his practices, representations and appropriations of literary reading, and its theoretical and methodological feasibility arises from the questioning developed during the second half of the twentieth century the paradigm that gave the author and / or the text the primacy in the meaning production process. This research is also driven by further discussions as the field of Theory of Literature becomes interested in the ways through which readers are inscribed in the texts and mobilize them. This study was exploratory and it was configured as a case study. Considered an exploratory research, this work is configured as a case study. In this matter, it was conducted documental research, and a field data collection, through questionnaire application and conduction of a focus group with students of the mentioned institution. The study of the collected data contributed to the identification of reading practices of a predominantly young audience, whose literary preferences meet the current tastes of a globalized and integrated network society, that appropriates textual media in different formats, but selects them also considering the textual genres, showing that the literature representations are strongly related to the printed support. As a conclusion, the research points to a community of individuals with hybrid reading practices.

Keywords: Literary Reading. Reading Practices. Reading Protocols. Electronic Book. Roger Chartier.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Print screen</i> (tamanho reduzido) de tablet (iPad2) do <i>e-book</i> “ <i>Bibliography and the Sociology of Texts</i> ”	73
Figura 2 – Digitalização de elementos (tamanho reduzido) do livro impresso “O fazedor de velhos”	124
Figura 3 – <i>Print screen</i> (tamanho real) de <i>smartphone</i> (iPhone 5) do <i>e-book</i> “O fazedor de velhos”	126
Figura 4 – <i>Print screen</i> (tamanho real) do <i>tablet</i> (iPad 2) do <i>e-book</i> “O fazedor de velhos”	127
Figura 5 – Fotos de telas do Kobo (tamanho reduzido) referentes ao <i>e-book</i> “O fazedor de velhos”	128
Figura 6 – <i>Print screen</i> do aplicativo de leitura Kobo para PC (tamanho reduzido), do <i>e-book</i> “O fazedor de velhos”	129
Figura 7 – Separação errada de sílabas no aplicativo Kobo para iPhone (tamanho de tela real)	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantitativo de empréstimos por curso/categoria e gênero para o período de 2011 a 2012	84
Gráfico 2 – Quantitativo de empréstimos por curso/categoria e gênero para o período de 2013 a 2014	85
Gráfico 3 – Vínculo dos respondentes	92
Gráfico 4 – Faixa etária	93
Gráfico 5 – (Procad) Renda <i>per capita</i> (baseada no salário mínimo)	93
Gráfico 6 – Pessoa que atuou como principal influenciadora na formação leitora do respondente	94
Gráfico 7 – Quantidade livros lidos nos últimos três meses	95
Gráfico 8 – (Procad) Gênero mais lido, no geral	96
Gráfico 9 – Como, preferencialmente, tem acesso a livros de literatura	97
Gráfico 10 – Quais espaços favorecem suas leituras literárias?	98
Gráfico 11 – Principal motivador na escolha de determinado livro para leitura	99
Gráfico 12 – (Procad) Atualmente, qual a quantidade de livros impressos que você tem em casa, independentemente de gênero?	101
Gráfico 13 – Considerando a quantidade de livros impressos que você possui, quantos, aproximadamente, são de literatura?	102
Gráfico 14 – (Procad) Com que frequência lê livros de literatura (integralmente)?	103
Gráfico 15 – Leituras literárias relacionadas aos suportes nas quais foram realizadas.....	104
Gráfico 16 – Quantos livros eletrônicos de literatura, aproximadamente, você já leu?	105
Gráfico 17 – (Procad) Na hora de escolher o suporte eletrônico para sua leitura, quais critérios são importantes?	106
Gráfico 18 – (Procad) Qual o seu suporte favorito de leitura?	106
Gráfico 19 – Considerando somente os suportes eletrônicos, qual seria o seu favorito para a leitura literária?	110
Gráfico 20 – (Procad) Quando leu o livro pela última vez?	115

LISTAS DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Pesquisas acadêmicas recuperadas para revisão de literatura.....	33
Quadro 2 – Artigos e comunicações recuperadas para revisão de literatura	33
Quadro 3 – Evolução do <i>e-reader</i>	72
Quadro 4 – Títulos de literatura mais emprestados (5 primeiras colocações) nos intervalos de 01/01/2011 a 31/12/2012 e 01/01/2013 a 31/12/2014.....	87
Quadro 5 – O ambiente escolhido como favorável à sua leitura literária pode influenciar na escolha do suporte para leitura? Justifique a sua resposta	100
Quadro 6 – Qual o seu suporte favorito de leitura? Aponte o motivo de sua preferência	107
Quadro 7 – Características dos suportes de leitura de e-books	130
Quadro 8 – Rodízio de leitura dos cinco capítulos iniciais de “ <i>O fazedor de velhos</i> ”.....	133
Tabela 1 – Usuários potenciais para o período de 01/01/2011 a 31/12/2014, divididos por cursos e gêneros (quantitativo médio)	82
Tabela 2 – Quantitativo de usuários reais, leitores literários, de acordo com o gênero	83
Tabela 3 – Suportes para leitura: preferências e usos efetivos - dados da pesquisa <i>American University Reading Habits Project</i>	118

LISTA DE ABREVIATURAS

BDTD IbiCT	Banco de Dados de Teses e Dissertações IbiCT
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CD-ROM	<i>Compact Disc – read-only memory</i> (Disco Compacto – Memória Apenas de Leitura)
Cefetes	Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo
DVD	<i>Digital Video Disc</i> (Disco Digital de Vídeo)
<i>E-book</i>	<i>Electronic book</i> (livro eletrônico)
<i>E-Ink</i>	<i>Electronic Ink</i> (tinta eletrônica)
<i>E-reader</i>	<i>Electronic reader</i> (leitor de livros eletrônicos)
HTML	<i>Hyper Text Markup Language</i> (Linguagem de Marcação de Hipertexto)
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
IbiCT	Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia
Ifes	Instituto Federal do Espírito Santo
IMDb	<i>International Movie Database</i> (Banco de Dados Internacional de Filmes)
NHC	Nova História Cultural
OCLC	<i>Online Computer Library Center, Inc.</i>
PDF	<i>Portable Document Format</i> (Formato de Documento Portável)
PNBE	Plano Nacional Biblioteca na Escola
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
Procad	Programa de Cooperação Acadêmica
QR code	<i>Quick-response code</i> (Código de Resposta Rápida)
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unicamp	Universidade de Campinas
Unicamp-FE	Universidade de Campinas – Faculdade de Educação
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
2	JUSTIFICANDO A PESQUISA	21
3	PRODUÇÕES ACADÊMICAS CONCERNENTES À PESQUISA	30
3.1	O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	30
3.2	ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E POSSIBILIDADES DIALÓGICAS	34
3.2.1	Dissertações e teses	34
3.2.2	Artigos e comunicações em eventos	40
3.3	APONTAMENTOS GERAIS	42
4	SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	45
4.1	ALGO SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL	45
4.1.1	Um novo paradigma e a história cultural do livro e da leitura	47
4.2	ROGER CHARTIER E AS NOÇÕES DE REPRESENTAÇÃO, PRÁTICA E APROPRIAÇÃO	50
4.2.1	Representação, prática e apropriação	51
4.3	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	55
5	PROTOCOLOS DE LEITURA E SUPORTES DE AGORA E OUTRORA	59
5.1	SUPORTES MANUSCRITOS E IMPRESSOS: VELHAS E NOVAS PRÁTICAS.....	61
5.2	TEXTOS ELETRÔNICOS E PROTOCOLOS DE LEITURA	69
6	A BIBLIOTECA DO IFES – CAMPUS SÃO MATEUS E SEUS LEITORES LITERÁRIOS	80
6.1	ANÁLISE DOS REGISTROS DE EMPRÉSTIMO DA BIBLIOTECA DO CAMPUS SÃO MATEUS.....	83
6.2	ESTUDO DE USUÁRIOS “LEITURA LITERÁRIA: O QUÊ, COMO E ONDE VOCÊ TEM LIDO?”	91
6.2.1	Dados pessoais	91
6.2.2	Práticas de leitura	94
6.2.3	Práticas de leitura x suportes de leitura	99
6.3	ENTRE RELATÓRIOS E QUESTIONÁRIO	116
7	GRUPO FOCAL: FALAM OS LEITORES	121
7.1	SOBRE A MATERIALIDADE DOS SUPORTES	123
7.1.1	O livro impresso	123

7.1.2	O livro eletrônico e os suportes disponibilizados para acesso	125
7.2	DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	131
7.2.1	O resultado das produções coletivas	135
7.2.2	Do coletivo para o individual	139
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
	REFERÊNCIAS	153

APÊNDICE A	- TABELA AMOSTRAL DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	162
------------	---	-----

APÊNDICE B	- PUBLICAÇÕES DE CHARTIER SOBRE A TEMÁTICA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA	163
------------	---	-----

APÊNDICE C	- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	165
------------	--	-----

APÊNDICE D	- ROTEIRO DO GRUPO FOCAL	168
------------	--------------------------------	-----

APÊNDICE E	- ACERVO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA DO <i>CAMPUS</i> SÃO MATEUS.....	170
------------	---	-----

APÊNDICE F	- QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO (2011-2012/ 2013-2014)	172
------------	---	-----

APÊNDICE G	- RELATOS E TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONAMENTOS DO GRUPO FOCAL	173
------------	--	-----

ANEXO A	- AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA	182
---------	---	-----

ANEXO B	- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	183
---------	--	-----

ANEXO C	- QUESTIONÁRIO DE ESTUDO DE USUÁRIOS DA BIBLIOTECA DO <i>CAMPUS</i> SÃO MATEUS	185
---------	--	-----

ANEXO D	- RESPOSTAS SUBJETIVAS DO QUESTIONÁRIO DO ESTUDO DE USUÁRIOS.....	190
---------	---	-----

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao discorrer sobre as práticas de leitura de um grupo de alunos do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), delimitando a área pesquisada ao *campus* São Mateus, pretende-se compreender como se dão, atualmente, nesse contexto, as relações entre leitores e leituras literárias frente a suportes tecnológicos não imaginados há algumas décadas. Para tal, se fará uso de viés da história cultural¹, ao observar e valorizar um microcosmo em busca de alguma compreensão de um universo complexo, tendo o cuidado de não considerar os resultados como projeção de um todo, pois necessário se faz observar as variações que compõem e organizam cada segmento social e comunidade cultural e, por meio delas, problematizar como pensam e constroem o mundo.

A escolha do público pesquisado foi definida de acordo com a realidade vivenciada pela autora/pesquisadora responsável pela presente pesquisa, que há aproximadamente nove anos exerce suas atividades como Bibliotecária na referida instituição de ensino, atendendo a um público peculiar, uma vez que naquele *campus* são ofertados cursos técnicos subseqüentes e integrados ao Ensino Médio (Mecânica e Eletrotécnica), curso superior (Engenharia Mecânica) e cursos diversos de curta duração (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), o que garante atendimento a alunos de faixa etária variada, provenientes das mais diferentes realidades socioeconômicas e culturais.

Tal pesquisa encontra-se inscrita nas atividades do grupo de pesquisa “Literatura e Educação”², na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), coordenado pela professora Maria Amélia Dalvi, o qual tem estudado tanto a prática de leitores “concretos” (SOUZA, 2015), quanto as possibilidades de leitura em novos suportes (LEMOS, 2015; SILVA, 2015); e importa ao campo dos Estudos Literários na medida em que vai à busca de diálogo junto a uma comunidade de leitores literários inscritos

¹ Durante o levantamento bibliográfico, várias formas de apresentação do termo “história cultural” foram identificadas: ora com letra inicial maiúscula para a área do conhecimento, ora com as iniciais das duas palavras em letra maiúscula, ora com todas as letras minúsculas. Optou-se pela última forma de apresentação, por ser a com maior ocorrência.

² Grupo constituído por estudantes de graduação, mestrado, doutorado e por professores doutores, interdisciplinar e com articulações no Brasil e em outros países da América Latina, que se dedica a estudos das relações entre livros, leitura, leitores e literatura, quer sejam ou não atravessadas pelas práticas de educação formal, privilegiando as perspectivas teórico-metodológicas sócio-históricas e histórico-culturais (GRUPO DE PESQUISA LITERATURA E EDUCAÇÃO, 2014).

em grupo social e cultural específico.

Os sujeitos que participam dessa comunidade (usuários potenciais³ e reais⁴ da biblioteca do Ifes – *campus* São Mateus) estão inseridos no contexto de uma discussão pulsante em torno das novas formas assumidas pelo livro e, conseqüentemente, em torno de novos modos de ler, possibilitados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) contemporâneas. No bojo disso, escolheu-se olhar para as práticas, representações e apropriações de leituras literárias mediadas pelas TICs de modo a conectar-se com o interesse cunhado nos últimos 40 ou 50 anos pelo pólo da leitura (ou da recepção) no processo de produção de sentidos para os textos literários.

Definindo Roger Chartier como principal aporte teórico, busca-se então trabalhar com o trio conceitual: representações, práticas e apropriações⁵ de leitura literária entendendo que importa compreender as trocas possíveis nos processos de leitura ora postos, coadunando com o historiador aqui destacado quando este diz que “[...] os textos não são depositados nos objetos [...] que os suportam, como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (CHARTIER, 1990, p. 25).

Por isso, o estudo das práticas, representações e apropriações de leitura literária de alunos do Ifes – *campus* São Mateus interessa-se pelas condições materiais (concretas) em que ocorrem essas leituras.

Assim, é possível dizer que os questionamentos que movem esta pesquisa são:

³ Usuário potencial é definido como aquele que está vinculado ao atendimento da missão e dos objetivos da instituição onde a biblioteca está inserida, podendo utilizar os produtos e serviços da mesma (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

⁴ Usuário real é aquele “[...] com o qual a biblioteca já estabeleceu contato por meio de seus produtos e/ou serviços informacionais; usuário ativo” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 373).

⁵ Os conceitos de representação, prática e apropriação, elaborados sob a ótica da história cultural, apresentam-se indissociáveis de acordo com a perspectiva chartieriana. São conceitos que envolvem muitas variantes, tornando a sumarização dos mesmos, um tanto complexa. Nesse contexto, é possível dizer que essas noções permitem pensar como os atores sociais se apropriam e dão sentido à realidade e como, a partir de constantes (re)configurações, orientam suas práticas culturais. Da mesma forma, se por um lado as práticas tanto refletem quando constroem certas representações do real, por outro há a possibilidade de o sujeito romper com práticas e representações consolidadas em determinado contexto social, o que se dá em decorrência das incontáveis variantes que influenciam as formas de apropriação (CHARTIER, 1990, 2002). Na seção 4, que trata dos subsídios teórico-metodológicos desta pesquisa, esses conceitos serão mais bem trabalhados.

- o que leem os alunos leitores (potenciais e/ou reais) de leitura literária do Ifes – *campus* São Mateus?
- quais os modos (suportes, ambientes, influências) de leitura desse público?
- há diálogos entre os modos ditos convencionais e os entrecruzados pelo uso de dispositivos eletrônicos?
- que impressões dessas leituras os leitores externam?
- as práticas desse público vão ao encontro das projeções disponíveis *on-line* (redes de relacionamento de leitura da *web*)?

Apresenta-se, então, como objetivo geral da pesquisa: identificar e analisar práticas de leitura literária de determinado grupo de alunos do Ifes, circunscrito ao *campus* São Mateus, buscando melhor compreender como se figuram tais leitores e de que forma se apropriam de suas leituras literárias, aplicando as noções de práticas, apropriações e representações trazidas por Roger Chartier, tendo em vista, prioritariamente, os suportes eletrônicos para a palavra escrita⁶ (*smartphones, tablets, e-readers, computadores*). Desdobram-se, também, os seguintes objetivos específicos:

- levantar aspectos relativos aos materiais e formas de suportes de leitura nos respectivos tempos e espaços, tentando também identificar possíveis protocolos de leitura de textos eletrônicos (ou digitais), para consolidação de tais características como determinantes na construção de sentidos por parte do leitor;
- organizar e analisar dados quantitativos com base no cadastro de usuários e relatórios de empréstimo, em relação ao universo pesquisado;
- conhecer as impressões de leitura dos alunos no universo escolar, considerando diferentes suportes, com destaque para os eletrônicos, por meio de questionários e grupos focais.

⁶ Uma vez que se propôs conduzir pesquisa com foco nos suportes para a o texto escrito, não serão tecidas considerações a respeito do áudio-livro, pois mesmo podendo ser considerado um livro eletrônico, se trata prioritariamente de um arquivo de som, cujo estudo provavelmente se enquadraria de modo mais efetivo nas questões diretamente relacionadas à oralidade. Baron (2015, p. 38) afirma que áudio-livros são objetos de estudos acadêmicos, atualmente. Todavia, a autora afirma que há desafios em relação ao que identificaria esse tipo de arquivo de som como livro (*bookness*), tais como o fato de ouvir ser uma atividade passiva e de áudio-livros não exigirem o mesmo nível de concentração que o impresso.

Frente ao exposto, as seções subsequentes são constituídas conforme descrito a seguir.

Na seção de número 2, intitulada “Justificando a pesquisa”, procura-se complementar o texto introdutório, trazendo alguns apontamentos conceituais e históricos em prol da consolidação da importância de se observar as práticas de leitura e os suportes para o texto, levando em consideração as transformações dos mesmos resultantes de constantes inovações tecnológicas.

A seção 3, “Produções acadêmicas concernentes à pesquisa”, apresenta uma revisão de literatura pautada na recuperação de trabalhos acadêmicos cujos temas pudessem ir ao encontro dos interesses desta pesquisa, tendo como parâmetro de recuperação e filtragem as palavras-chave: práticas de leitura, leitura literária e livro eletrônico.

Os subsídios teórico-metodológicos são discutidos na seção 4, na qual se procura situar tanto o objeto da pesquisa quanto os métodos de realização da mesma, numa perspectiva da história cultural que se ocupe das questões da história do livro e da leitura, com destaque para o referencial do historiador Roger Chartier. Também se busca classificar a pesquisa quanto aos seus objetivos mais gerais e dizer sobre os procedimentos selecionados para coleta de dados (pesquisa documental, aplicação de questionário e grupo focal).

Na seção 5, “Protocolos de leitura e suportes de agora e outrora”, são pontuadas questões relativas à apresentação material do livro e aos protocolos de leitura estabelecidos pela processo de produção do mesmo, com o intuito de trazer à tona como as variações físicas do livro e do texto em si, a partir do momento que o mesmo passa a também se apresentar eletronicamente, podem interferir nas práticas e relações de leitura, seja essa literária ou não.

A primeira parte da análise de dados, esses provenientes dos relatórios de empréstimos e questionários do Estudo de Usuários, encontra-se disposta na seção de número 6, intitulada “A biblioteca do Ifes – *campus* São Mateus e seus leitores literários”. Seguindo uma proposta de abordagem quantitativa e qualitativa, são

apresentadas as interpretações possíveis por meio da análise dos documentos citados, resultantes de uma abordagem indireta à comunidade de leitores da referida instituição de ensino básico, técnico e tecnológico.

Na seção 7, “Grupo focal: falam os leitores”, são discutidos todos os aspectos inerentes à segunda parte da análise de dados, inerentes ao procedimento metodológico de abordagem direta a membros da comunidade acadêmica, constituído de atividade de grupo focal. São apresentados descritivamente os suportes textuais utilizados (impresso e eletrônicos) e também analisadas as discussões resultantes da leitura de título de literatura e manuseio de tais suportes.

Encerra-se a dissertação com o disposto na seção 8, onde estão presentes as considerações finais, nas quais pesam as conclusões gerais das análises realizadas e apontamentos sobre desdobramentos outros em busca de clarificações não possíveis a partir do proposto para esta pesquisa.

2 JUSTIFICANDO A PESQUISA

Ao ser observada a história do homem, percebe-se a evolução dos recursos tecnológicos de comunicação criados no decorrer do desenvolvimento das formas de registro da palavra escrita. Pedras de argila, cascas de árvores, couro de animais, pergaminhos e outros recursos, cada um em seu tempo, foram utilizados como suporte para a escrita, de forma revolucionária, com o intuito maior de transmitir ou perpetuar o pensamento humano, sendo ele considerado científico ou não. Todavia, desde a propagação do papel como substituto do pergaminho, o que se deu por volta do século XII, a partir da disseminação do papel na Europa (MARTINS, 2002, p. 114), ele tem sido o suporte de leitura com maior representação junto aos leitores. Esse cenário tem perdurado até os dias atuais.

Mas as TICs não pararam de experimentar constantes transformações, contribuindo para uma nova visão em relação à produção e ao acesso ao registro da produção intelectual do homem, principalmente no que se refere à invenção de dispositivos tecnológicos eletrônicos, alterando práticas possíveis de leitura. Dizer, historicamente, da aplicação de diferentes suportes, assim como visualizar o processo de evolução através de diferentes tempos e espaços, pode ser de utilidade para uma melhor compreensão do mundo digital, que forçosamente se faz presente no dia a dia de muitos.

Embora não seja possível precisar em que momento da evolução o homem desenvolveu a oralidade, no que tange à escrita, especula-se que esta tenha surgido devido à necessidade de evitar que se perdesse a gama de informações produzidas pelo homem pré-histórico. Tal pensamento é corroborado por Gontijo (2004) e Proença (2009, p. 11), especificamente quando esta destaca uma das hipóteses a respeito do significado dos desenhos rupestres, que, sendo tratados como sistema de comunicação, evidenciariam parte de um ritual realizado por caçadores, no intuito de manifestar, por meio do desenho, o desejo de aprisionamento e abate da presa, como se esse ato os aproximasse do seu intento.

Uma vez estabelecida a comunicação simbólica escrita, começa a jornada da evolução dos suportes para ela. A partir da leitura das obras de Proença (2009),

Fischer (2006), Manguel (1997) e Martins (2002), é possível traçar uma linha temporal das tecnologias desenvolvidas pelo homem e que constituíram paradigmas na área da leitura.

À luz do exposto pelos autores supracitados é possível afirmar que: o homem pré-histórico gravando seus petróglifos; os sumérios cozendo tabuletas de argilas em que a escrita cuneiforme estava aposta; os egípcios desenvolvendo um vocabulário pictográfico em busca da transmissão do sagrado que transcende o mundo material; os gregos e outros povos, que, no intuito de garantir o registro da produção intelectual, aceleram o processo de criação de novo suporte para a palavra escrita; os chineses, em busca do melhor suporte para seus ideogramas, que, a partir de insumos provenientes do reino vegetal, desenvolvem a primeira “versão” do papel; um tipógrafo alemão, cuja inovação tecnológica, em busca de maior agilidade do processo de reprodução da palavra escrita, populariza o papel mundialmente. Enfim, todos estes sujeitos, em um determinado momento de sua existência, deixaram pistas para que a humanidade percebesse que o desejo de descobrir, adaptar e criar novos suportes para registrar a palavra escrita estava associado ao desejo de perpetuar a produção intelectual de cada cultura, imprimindo-lhe mobilidade e continuidade.

O desenvolvimento das chamadas, e por vezes temidas, novas TICs alterou realidades dos processos de comunicação. Sobre essa importante transformação, Gontijo (2004, p. 432) assim se posiciona:

A revolução cibernética produzida pelo computador transformou radicalmente o diálogo dos diferentes povos com suas culturas e a relação das audiências com a informação. A informática e o sistema digital tornaram o saber, antes disponível no universo dos átomos e moléculas, agora acessível e difundido no universo dos dígitos.

Um novo paradigma define-se em relação aos suportes para a palavra escrita. O que outrora se simplificara a partir de definições de suportes materiais diretos, ou seja, a palavra aposta sobre o papel, mergulha na complexidade do mundo digital e do hipertexto (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009) e traz à superfície novos conceitos de suportes que surgem a partir da franca evolução de dispositivos de TIC (BELLEI, 2012). Esses dispositivos, além de terem utilidade na mediação entre o registro da palavra e o ato da leitura e de sua recuperação, também podem apresentar-se como

unidades de armazenamento de dados digitais, proporcionando maior portabilidade ao livro, no formato eletrônico, como no caso dos *tablets* (computador com tecnologia *touch screen*⁷), largamente comercializados nos dias de hoje (GARCÍA MARCO, 2014), cuja nomenclatura e formato remetem, curiosamente, ao primeiro suporte portátil na história da escrita, a tabuleta suméria de argila⁸.

No contexto dessas inovações, Procópio (2010) destaca dispositivos de TI desenvolvidos em prol de uma convergência tecnológica, ou seja, na possibilidade de possuir um único dispositivo com funcionalidades características a vários. Por exemplo: um *smartphone* que também fotografa, filma, onde é possível acessar contas de *e-mails*, portais da Internet, pagar contas e “ler um livro”. Esse cenário é propício ao surgimento/desenvolvimento de práticas leitoras diferenciadas e, conseqüentemente, de um novo público leitor e de um leitor habitual que migra para outros suportes.

O mercado editorial tem se preparado para essa nova realidade, pois a produção de livros eletrônicos tem aumentado (PROCÓPIO, 2010, 2013; BARON, 2015). Por certo, tais mutações em relação ao suporte material da palavra escrita têm mesmerizado e ao mesmo tempo preocupado educadores e pesquisadores da área de leitura, seja literária ou não, dando margem a discussões relativas aos usos de novos suportes tecnológicos e da leitura de textos eletrônicos, com o fito principal de compreender os impactos desses processos nas práticas de leitura e mediação da mesma. Um exemplo disso é o discutido por Lúcia Santaella (2004) a respeito das habilidades de leitura do chamado “receptor de hipermídia” (o usuário/leitor que acessa o ciberespaço), a quem a autora categoriza “leitor imersivo”.

Ainda na perspectiva nas inovações tecnológicas, também a discussão sobre a leitura na tela do computador, que ganhou maior proporção a partir da evolução das ferramentas da Internet, traz à tona alguma inquietação em relação ao que seria melhor para o leitor. Em entrevista publicada pela *Revista Nova Escola*, Chartier (2007b) expõe as características do livro eletrônico⁹ e da tecnologia aplicada à

⁷ Tela sensível ao toque.

⁸ Conferir Procópio (2010; 2013) para informações complementares.

⁹ Frente à variação de formas encontradas, adota-se, prioritariamente, a terminologia “livro eletrônico”, com base no que explicita a Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos, que diz: “Um documento eletrônico é acessível e interpretável por meio de um equipamento eletrônico (aparelho de

educação e às práticas de leitura em si, não deixando, porém, de citar questões inerentes aos modos de ler, por exemplo, na tela de um computador, que dispõe o texto de forma fragmentada na Internet (hipertexto), chamando também atenção para as questões relativas à credibilidade do que se lê.

Na Internet, não há nada que obrigue o leitor a ler uma obra inteira e a compreender em sua totalidade. Mas cabe às escolas, bibliotecas e meios de comunicação mostrar que há outras formas de leitura que não estão na tela dos computadores. O professor deve ensinar que um romance é uma obra que se lê lentamente, de forma reflexiva. E que isso é muito diferente de pular de uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias ou um *site*. [...] A leitura do texto eletrônico priva o leitor dos critérios de julgamento que existem no mundo impresso. Uma informação histórica publicada num livro de uma editora respeitada tem mais chance de estar correta do que uma que saiu numa revista ou num *site*. É claro que há erros nos livros e ótimos artigos em revistas e *sites*. Mas há um sistema de referências que hierarquiza as possibilidades de acerto no mundo impresso e que não existe no mundo digital. Isso permite que haja tantos plágios e informações falsas. Precisamos fornecer instrumentos críticos para controlar e corrigir informações na Internet, evitando que a máquina seja um veículo de falsificação (CHARTIER, 2007b, acesso em 10 abr. 2014).

Independentemente das preocupações apresentadas, é perceptível que a palavra impressa já considera o novo formato sugerido pelos meios eletrônicos. Livros didáticos e literários trazem complementos acessíveis a partir de material digital adicionado à obra, seja no formato de CD-ROM, DVD, QR-code¹⁰ ou mesmo um *link* na Internet, nos quais é possível encontrar material de apoio ao professor e ao aluno, áudio relacionado ao texto apresentado, ilustrações extras, mapas virtuais etc.; o que pode ser verificado nos catálogos virtuais de editoras, tais como: Atlas¹¹, Moderna¹², Pearson¹³, Grupo A¹⁴ e outras. Ou seja, o livro/texto impresso já se insere no processo de mutação tanto discutido.

videocassete, filmadora, computador), podendo ser registrado e codificado em forma analógica ou em dígitos binários. Já um documento digital é um documento eletrônico caracterizado pela codificação em dígitos binários e acessado por meio de sistema computacional. Assim, todo documento digital é eletrônico, mas nem todo documento eletrônico é digital” (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVO, 2014).

¹⁰ Do inglês *quick-response code* (código de resposta rápida), trata-se de uma matriz de código de barras que ao ser fotografada usando um smartphone ou outro dispositivo móvel que acesse a internet, a partir de um aplicativo próprio, acessa imediatamente local na web relacionado à origem do código (DICTIONARY.COM, 2015).

¹¹ <http://www.editoraatlas.com.br/>

¹² <http://www.moderna.com.br/portal-do-professor/>

¹³ <http://loja.pearson.com.br/area-do-professor/register>

¹⁴ <http://www.grupoa.com.br/livros/>

E o leitor? Seria possível relacionar seus modos de compreender e lidar com diferentes suportes de leitura, uma vez, que não é possível dissociar textos e leitores? Manguel, em sua obra *Uma história da leitura* (1997), ao discorrer sobre “o primeiro escritor anônimo”, esse que faz a incisão textual em uma tábuca de argila, diz do surgimento da figura do leitor, que é ensejado pelo que escreve o texto, sendo criado antes mesmo de vir a materializar-se na prática concreta de uma atividade de leitura.

Com um único ato – a incisão de uma figura sobre uma tabuleta de argila -, o primeiro escritor anônimo conseguiu de repente ter sucesso em todas essas façanhas aparentemente impossíveis.

Mas escrever não é o único invento que nasceu no instante daquela primeira incisão: uma outra criação aconteceu no mesmo momento. Uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado – isto é, lido -, a incisão criou simultaneamente o leitor, um papel que nasceu antes mesmo de o primeiro leitor adquirir presença física (MANGUEL, 1997, p. 207).

De acordo com Zilberman (2001, p. 57-58), é na virada dos anos 1960 para os 70 que o processo da leitura passa a ser de interesse dos estudos literários, a partir do postulado pelos pensadores Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, representantes da chamada estética da recepção e teoria do efeito estético, a qual prima por uma teoria da literatura na qual o leitor precisa estar em evidência. A autora afirma que “[...] daí para frente as inquirições que se referem à leitura e ao indivíduo responsável por ela obtiveram maior consistência e grande diversidade” (2001, p. 58).

Anteriormente às possibilidades de discussão sobre a relação do leitor com as inovações tecnológicas correntes, encontra-se a necessidade de entender como este era visto e quais suas necessidades, a partir dos registros históricos. Nesta perspectiva, Roger Chartier apresenta várias nuances do perfil do leitor, seja na França do Antigo Regime (2003), na Europa entre os séculos XIV e XVIII (1996, 1999a, 2002b, 2004) ou no mundo globalizado e dominado pelas relações eletrônicas e cibernéticas (1998b). Este autor traz à tona a importância de se observarem as mutações ocorridas nos registros da palavra escrita, pois “[...] essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais” (CHARTIER, 1999b, p.

101).

No Brasil, com o intuito de subsidiar estudos sobre leitores e suas práticas, é realizada a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, conduzida pelo Instituto Pró-Livro, cuja edição mais recente, a terceira, remonta ao ano de 2012, com o objetivo de “[...] medir intensidade, forma, motivação e condições de leitura da população brasileira” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012, p. 24). No entanto, a compreensão dos novos modos de leitura mencionados até então exige também discussões relativas à materialidade do texto, que, de acordo com Chartier, é indissociável da textualidade do livro (2010, p. 40), ou seja, importa saber como o leitor se inscreve naquilo que advém tanto do livro como objeto quanto do texto que caracteriza, que o permite existir. Nessa perspectiva, é importante buscar entendimento das relações pretendidas nos novos tipos de contrato de leitura propiciado pelas TICs contemporâneas.

Numa abordagem similar à chartieriana, Armando Petrucci (1998), com o que às vezes parece ser um saudosismo velado, também discorre sobre as alterações nos modos de ler, perceptíveis à época do ensaio, na qual os ditos leitores “anárquicos” – que leem o que querem, quando querem e como querem –, já demonstravam o rompimento para com os convencionais modos de ler. Era perceptível, nos locais de estudos superiores, destacando-se bibliotecas universitárias estadunidenses, que não mais se observavam os modos convencionais de leitura. Não somente a postura se apresentava alterada (leitores deitados no chão, com pés em cima das mesas etc.), como também o relacionamento havia mudado:

Finalmente, o novo *modus legendi* compreende também uma **relação física intensa** e direta com o livro, muito mais do que nos modos tradicionais. **O livro é fortemente manipulado, amassado, dobrado, forçado, carregado junto ao corpo, e dele se toma posse, através do uso intensivo, prologado e violento**, que é típico de uma relação não tanto de leitura e de aprendizagem quanto de consumo (PETRUCCI, 1998, p. 222, grifo nosso).

Petrucci (1998, p. 225) então apontava para tempos incertos quanto aos modos de leitura, ciente de que metamorfoses comportamentais já aconteciam, mas não encarava como definitivas tais mudanças, dizendo ser “cedo demais” para afirmá-lo.

No caminho de tais transformações se encontram os avanços tecnológicos antes mencionados, que, a partir do final do século XIX, trouxeram novas expectativas e têm acarretado quebra de paradigmas em relação ao que até então era considerado suporte informacional, aumentando a discussão sobre o perfil do leitor moderno e fomentando questionamentos a respeito de um anunciado fim do livro impresso num futuro muito próximo, afirmação esta que é refutada por estudiosos como Roger Chartier (2007b) e por Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, em diálogos publicados sob o título *Não contem com o fim do livro* (2010).

Chartier (2002c) e Regina Zilberman (2001), a despeito desses novos modos de leitura e desse prenúncio de um desaparecimento do suporte livro de papel para a palavra escrita, vêm dizer do conseqüente desaparecimento do leitor como antes entendido e das figurações futuras desse diante dos avanços tecnológicos. Para Chartier (2002c, p. 107),

[...] o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica. [...]. Essa provável coexistência convida-nos a refletir na nova forma de construção dos discursos eruditos e nas modalidades específicas de suas leituras permitidas pelo livro eletrônico.

Zilberman (2001, p. 115) apresenta o conceito de indivisibilidade do livro e da literatura, dizendo que um não prescindirá do outro, entendendo também que “as mudanças decorrentes dos novos instrumentos de computação e multimídia afetam profundamente o processo de produção de escrita e de leitura”.

Segundo Sueli Bortolin (2006, p. 61), a leitura literária, exercitada tanto dentro quanto fora da perspectiva escolar, tem no livro eletrônico uma grande ferramenta para o mediador da leitura para jovens leitores, seja suportado em CD-ROM ou em *sites* da Internet (formato HTML¹⁵), “[...] que, em geral, são criativos e bem elaborados, exercendo atração sobre esse público por serem ilustrados, coloridos, interativos e divertidos”. A autora, porém, não deixa de observar que o uso de tais artifícios mais largamente, quiçá lançando mão do leitor portátil ou do PC particular,

¹⁵ Linguagem universal na qual são escritas as páginas da *Web* (*Hyper Text Markup Language* – Linguagem de Marcação de Hipertexto) (ANTONIO, 2009, p. 582).

pensadas fora do ambiente educacional, ainda seria uma abordagem elitista, afirmação esta que pode ser inerente ao alto custo praticado na venda dos equipamentos mencionados.

Resgatando a discussão sobre esses novos modos de leitura possíveis e do leitor literário que se pretende entender em tal contexto, necessário então se faz debruçar sobre as possibilidades permitidas pelas noções de representações, práticas e apropriações apresentadas por Chartier (1990, p. 27) num contexto de compreensão de como se constitui “o objeto de uma história cultural”, essa que

[...] deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único [...], dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação (CHARTIER, 1990, p. 27-28).

O entendimento de como se dão as práticas de leitura literária em determinado grupo social promovem discussões que também dizem respeito às ações de mediação da leitura literária, tanto nos ambientes formais de ensino quanto nos não formais, pois o chamado mediador de leitura literária precisa se aproximar do público com o qual pretende lidar, lançando um olhar de reconhecimento ao mesmo de modo a obter sucesso em suas intervenções.

Sobre esse mediador, Michèle Petit (2009, p. 148-149) afirma:

[...] o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso.

Esse mediador é com frequência um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, até um amigo ou alguém com quem cruzamos.

Pode-se então dizer que antes de qualquer ação direta de incentivo/interlocução junto a um possível leitor literário por parte desses que podem acumular o papel de

mediador – não entendendo essa como atividade única e definitiva, sob o risco de esvaziar o sentido da atuação dos profissionais que por vezes somam ao seu fazer o ato da mediação –, mister é estar constantemente em busca de compreensão dos desdobramentos inerentes à evolução/transformação desse leitor dito “anárquico” (PETRUCCI, 1998) e definitivamente globalizado.

É ansiando envolver-se nesse universo de preparação e refinamento de possibilidades de melhor mediação que esta pesquisa se apresenta, no intuito de, por meio de instrumentos viabilizados pelo ambiente bibliotecário do Ifes – *campus* São Mateus (cadastros de usuários, relatórios de empréstimo, contatos da *fanpage* da Biblioteca no Facebook¹⁶), fazer conhecidas as práticas de leitura literária de seus usuários, segundo amostragem de determinado espaço temporal e no relato de alguns representantes desse público.

¹⁶ <https://www.facebook.com/bibliotecaifessaomateus>.

3 PRODUÇÕES ACADÊMICAS CONCERNENTES À PESQUISA

3.1 O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

No intuito de situar o presente estudo no seu campo de conhecimento, principalmente no que se refere à pertinência acadêmica do mesmo na busca de entendimento de práticas de leitura literária de alunos do Ifes – *campus* São Mateus, necessário se fez realizar pesquisa bibliográfica guiada pela temática que melhor identifica a pesquisa, o que vai ao encontro da finalidade do que Marconi e Lakatos (2010) denominam como pesquisa bibliográfica, ou seja, colocar o pesquisador em contato com publicações sobre determinado assunto.

Embora haja concordância no que se refere à importância de se ter uma visão o mais completa possível do universo onde se posiciona uma pesquisa, a brevidade temporal inerente ao desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica como a atual, e as limitações de meios de busca e recuperação de fontes de informação que de fato propiciem fôlego às práticas de pesquisa, faz com que certos critérios de corte sejam aplicados durante o trabalho de levantamento bibliográfico. Dessa forma, decisões pontuais de delimitação foram tomadas para realização da atividade de busca, como a definição do intervalo a ser observado, tendo sido definido para o período compreendido entre janeiro 2010 e abril 2015, quando se concluíram as buscas pelas fontes de informação em atendimento a esse trabalho.

O estabelecimento de um corte a partir de 2010 baseou-se no que dizem Baron (2015) e Procópio (2010, 2013) a respeito do aumento das vendas de livros eletrônicos que ocorrem desde 2009, seja na América do Norte, na Europa ou nos grandes aglomerados asiáticos, ganhando cada vez mais espaço também mundialmente. Supôs-se que uma maior concentração de trabalhos que se identifiquem ou se entrecruzem com a temática da pesquisa – leitura literária frente a tecnologias da informação contemporânea –, enquadrem-se no referido período.

Quanto à temática, optou-se por conduzir as buscas utilizando as palavras-chave **práticas de leitura, leitura literária e livro eletrônico**, associando-as por meio de

uso de operadores booleanos¹⁷, quando possível, e remissivas¹⁸, quando necessário. As fontes de busca foram, prioritariamente, bancos de dados de teses e dissertações de abrangência nacional, com credibilidade no meio acadêmico ou onde também se localizam linhas de pesquisa que iam ao encontro das áreas de conhecimento em Letras ou Educação. Entretanto, a recuperação de trabalhos em outras áreas de conhecimento, o que não se deu de forma intencional, foi útil para delineamento da pertinência da pesquisa.

Foi elaborado um quadro amostral, disponível no Apêndice A, no sentido de ilustrar como se deu o processo de busca e recuperação das fontes bibliográficas que pudessem oferecer subsídios para validação desta pesquisa. No referido Apêndice é possível verificar que se utilizaram as ferramentas de busca de cada banco de dados e/ou portal, sendo realizadas pesquisas pelo índice de palavras-chave, tendo como termo de partida a expressão “**práticas de leitura**”, aplicando-se posteriormente filtros ao associar os termos “**leitura literária**” e “**livro eletrônico**”.

Apesar de o foco inicial ter sido a recuperação de dissertações e teses produzidas no Brasil, publicadas em Língua Portuguesa, na medida em que se desenvolvia o levantamento, foi preciso ampliar as buscas, lançando mão da utilização da ferramenta Google Scholar¹⁹ e busca de ampla no portal Periódicos²⁰ da Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (Capes).

Na maior parte dos sítios de busca, a capacidade de recuperação foi significativa, sendo que os resultados do Banco de Dados de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Ciência Tecnologia (BDTS Ict) e do Google Scholar apresentaram alto índice de revocação²¹, o que, infelizmente, diminui a precisão²² dos resultados.

¹⁷ Termo biblioteconômico, relacionado à chamada álgebra booleana, entendida como conjunto de “[...] operações lógicas adotadas numa estratégia de busca, que compreendem os operadores e (*and*), ou (*or*), não (*not*), exceto (*except*), se condicional (*if*), então ou conseqüente (*then*) e senão (*else*)” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 11)

¹⁸ “Relação de equivalência que orienta o usuário indicando o termo preferencial, remetendo do termo específico para o termo mais genérico, indicando preferência ortográfica ou explicando uma sigla” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 321).

¹⁹ Comumente conhecido como Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>).

²⁰ www.periodicos.capes.gov.br.

²¹ “Capacidade do sistema de recuperação localizar o maior número possível de informações relativas aos assuntos, solicitados pelos usuários” (CUNHA; SILVA, 2008, p. 325).

²² “Qualidade informativa dos documentos recuperados por um sistema, para atendimento de pedidos

Esse cenário é desenhado pela possibilidade das ferramentas apresentarem ampla recuperação de fontes documentais, oriundos de instituições multidisciplinares e periódicos de variadas áreas de concentração.

Em posição oposta, apresentaram-se os resultados das buscas feitas no sítio do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que não se tratam necessariamente de bases indexadas e nos quais houve pouca ou nenhuma recuperação, considerando a palavra-chave de partida e associações, o que se explica pela exclusividade da divulgação dos trabalhos oriundos de tais programas e, de certa forma, delinea as opções de pesquisa típicas dos mesmos. Ademais, pontua-se que não há uma ferramenta de busca adequada nos sítios dos programas de pós-graduação mencionados, tendo sido a análise baseada na interpretação dos títulos e na leitura dos resumos.

Em relação às ferramentas de busca disponibilizadas, também houve limitações nas pesquisas feitas no banco de dados da Unicamp-FE (Faculdade de Educação da Universidade de Campinas), pois não foi possível aplicar os filtros relativos ao período temporal selecionado para a recuperação.

Na medida em que os filtros eram aplicados, por meio das associações temáticas, foi possível apurar as recuperações, reduzindo a seleção de fontes bibliográficas final, conferindo maior precisão ao trabalho de coleta (ou ao menos assim transparecendo), totalizando trinta e oito (38) trabalhos pré-selecionados, onde deveriam estar presentes discussões inerentes às palavras-chave de delimitação. Todavia, o manuseio dos arquivos com texto completo estreitou consideravelmente a amostragem de recuperação, principalmente nos resultados provenientes da busca no Google Scholar, que embora permita o uso de operadores booleanos, localiza os termos pesquisados em vários locais do texto e não apenas nos campos de palavras-chave. No Quadro 1 estão dispostas as fontes finalmente recuperadas (aqui compreendidas teses e dissertações) que, de alguma forma, dialogam com a questão que move essa pesquisa.

relativos a temas específicos. Em geral, quanto maior for a precisão, menor será a revocação” (CUNHA; SILVA, 2008, p. 289).

Quadro 1 – Pesquisas acadêmicas recuperadas para revisão de literatura

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	PESQUISADOR	TÍTULO / ANO DE DEFESA
UFSC – Mestrado em Literatura Brasileira	Rosilei Girardello	O ensino-aprendizagem de literatura em meio digital: experiências / 2011
UFRGS – Doutorado em Letras	Marcelo Spalding	Alice do livro impresso ao e-book: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Através do espelho para iPad/ 2012
Unesp – Mestrado em Educação	Brena Carla Martins dos Santos Nagao	Práticas de leitura de alunos do ensino médio em diferentes suportes/ 2013
Udesc – Mestrado em Educação	Fabiana Ludwig	Os e-books infantis em análise/ 2010
Unisinos – Mestrado em Educação	Sônia Oliveira Matos Moutinho	Práticas de leitura na cultura digital de alunos do ensino técnico integrado do IFPI – <i>campus</i> Teresina Sul/2014
USP – Doutorado em Educação	Gabriela Rodella de Oliveira	As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências/ 2013
UFRGS - Mestrado em Comunicação e Informação	André Carlos Moraes	Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011/ 2012
UFRGS - Mestrado em Comunicação e Informação	Danusa Almeida de Oliveira	Os editores gaúchos e o mercado do livro: mapeando impressões e ações acerca de um campo em transformação/ 2013
UFRGS - Mestrado em Comunicação e Informação	Thaís Cristina Martino Sehn	As possíveis configurações do livro nos suportes digitais/ 2014

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em decorrência da ampliação de buscas mencionada anteriormente, foram selecionados também alguns artigos e comunicações em eventos, listados no Quadro 2, os quais também são foco de análise na subseção a seguir.

Quadro 2 – Artigos e comunicações recuperadas para revisão de literatura

TIPO DE PUBLICAÇÃO	AUTOR	TÍTULO/ANO DE PUBLICAÇÃO
Artigo	Cynthia Agra de Brito Neves	Da poesia visual concreta à poesia virtual concreta: a ciberliteratura na sala de aula/ 2010
Comunicação oral	Maria Vanessa Batista Lima e Maria Valdênia da Silva	A leitura dos contos de fadas no ciberespaço: novas veredas para a busca do significado da vida/ 2012
Artigo	Thaís Cristina Martino Sehn , Dennis Messa da Silva e Suely Fragoso	A ação do leitor sobre o design do livro digital/ 2013
Artigo	Thaís Cristina Martino Sehn e	A configuração gráfica do livro: reflexões

	Suely Fragoso	sobre as adaptações do livro impresso para o digital/2014
--	---------------	---

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

3.2 ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E POSSIBILIDADES DIALÓGICAS

Inicialmente, os títulos das produções recuperadas levam a uma primeira compreensão do mote de cada trabalho. Mas é, efetivamente, a partir de uma análise descritiva, disposta a seguir, que se dará uma tentativa de evidenciar características das produções elencadas (programas de origem, objetivos, fundamentações teóricas e metodológicas, métodos de coletas de dados, resultados alcançados), em busca de subsídios para compreensão como (e se) estão localizadas as questões de leitura literária, essa entrelaçada pelos suportes tecnológicos que a possibilitam.

3.2.1 Dissertações e teses

A dissertação Girardello (2011), apresenta como objetivo verificar de que forma as (novas) tecnologias de informação podem interferir no processo de ensino-aprendizagem de literatura. Metodologicamente, a autora optou por uma dinâmica de leitura de títulos literários brasileiros em formatos eletrônicos diferentes, devendo os leitores (todos alunos de graduação na UFSC, das disciplinas Literatura Brasileira I e II) retornarem com suas percepções por meio de questionários próprios a cada segmento da pesquisa.

Girardello (2011) pontua algumas questões diagnósticas, em relação ao público pesquisado, que vão ao encontro dos efetivos usos dos suportes de leitura, tais como: a preferência de suportes que propiciem conforto durante a leitura; a preferência pelo impresso no que se refere à leitura de literatura; a preferência de realizar anotações no papel em detrimento dos recursos de anotação no meio digital. Culmina com as assertivas de que a fluência da leitura e a concentração do leitor estão diretamente relacionadas com o suporte no qual a leitura é feita, cabendo ao professor a tarefa de propiciar aos alunos conhecimento das ferramentas disponíveis para leitura digital, já que a pesquisa vem dizer sobre questões formais de ensino-aprendizagem.

A pesquisa de Girardello (2011) vai ao encontro dos objetivos desta dissertação na medida em que se ocupa de dizer das leituras literárias de determinadas comunidades, feitas em suportes eletrônicos, podendo ser identificadas similaridades entre as práticas de leitura do público pesquisado pela autora e as descritas no presente trabalho, principalmente no que diz respeito à preferência de impressos para a leitura de literatura. Entretanto, distancia-se quando define querer verificar as influências dessa leitura no processo de ensino e aprendizagem de literatura e ao não se ater às conceituações chartierianas relativas às representações, práticas e apropriações de leitura.

Marcelo Spalding (2012), em sua tese, visa investigar como a criação de obras literárias digitais pode sofrer interferências de ferramentas das novas tecnologias, tendo como referência a avaliação de dois livros, cujos nomes compõem o título da tese dele, desenvolvidos para leitura no iPad, *tablet* da Apple. Embora não tenha como foco questões relativas ao leitor literário, esse sujeito encontra-se inscrito nos apontamentos finais da tese, na medida em que são indicadas as características de interatividade, as quais o autor considera como uma das potencialidades dos livros digitais. Ao concluir, diz ser o livro digital “um produto do seu tempo que tem na palavra, na literatura, seu cerne, mas irá agregar a ela todas as demais artes, a música, o vídeo, o *design*, a fotografia, e, ainda, a interatividade, o momento, a construção em rede” (SPALDING, 2012, p. 238).

Como é perceptível na análise descritiva, a tese de Spalding (2012) preocupa-se com as questões materiais do livro literário e pode ser dito que o autor compreende que tais questões importam ao leitor. Dialoga com a presente pesquisa na medida em que resgata discussões sobre a evolução de suportes de leitura e evidencia características (como a interatividade) e ferramentas inerentes ao livro eletrônico (como a hipermídia) que de fato interferem na leitura dos mesmos.

Nagao (2013) realiza um pesquisa etnográfica, temo como objetivos discorrer sobre mudanças em suportes de leituras e a relação disso com leitores em diferentes tempos, tendo como público observado a comunidade de alunos do Ensino Médio de escola no município de Taramã, no estado de São Paulo; buscando compreender

quais os sentidos que tais alunos atribuem aos suportes de leitura papel e computador. Concentra-se nas questões de práticas de leitura sem, entretanto, ater-se à leitura literária. Ao concluir, diz a respeito um público que atribui sentidos diferenciados às leituras realizadas nos suportes pesquisados, e que chega a desconsiderar as leituras realizadas para fins de pesquisas escolares feitas no computador, como leituras de fato. Chama atenção também para o risco de se usar o termo leitura como um que abarcaria todos os atos de ler, havendo de se considerar os diferentes gêneros textuais e as práticas de cada leitor.

Mesmo não se atendo às práticas de leitura literária, Nagao (2013) suscita discussões de importância sobre as diferentes formas de perceber e realizar leituras, se considerados variados suportes. Ao optar pelos questionários e entrevistas para coleta de dados, coloca em evidência o que dizem os leitores e, mesmo não dizendo de questões de representação decorrentes das práticas da comunidade cultural investigada, demonstra como tais sujeitos se apropriam dos textos aos quais têm acesso.

A dissertação de Ludwig (2010) discorre basicamente sobre as questões de transformação do objeto livro que culminaram na invenção do *e-book* e busca identificar características de títulos literários infantis eletrônicos, encontrados no Brasil. Mapeia 19 (dezenove) livros eletrônicos infantis e analisa-os de acordo com as características: linguagem visual, portabilidade, usabilidade e interatividade. Aproxima-se da proposta de Spalding (2012), ao se dispor a analisar livros eletrônicos de literatura. A contribuição do trabalho está no fato dele situar o livro como produto cultural, a exemplo do que se propõe neste trabalho, tendo observado características inerentes à materialidade do mesmo, ainda que sem maiores discussões.

O trabalho de Moutinho (2014) insere-se na discussão sobre práticas de leitura transpassadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, tendo como objetivo identificar práticas de leituras na cultura digital dos alunos do curso e instituição que dão nome à dissertação. Todavia, não se atém às práticas de leitura literária, esta observada de maneira apenas incidental, dando destaque às estratégias de leitura e “navegação” *online* e *off-line* dos leitores, com vistas a

implementar melhorias nas ações de incentivo a leitura nas quais estejam inseridas as pesquisas feitas na *web*. Como resultados, afirma ser necessária uma discussão em torno dos métodos de pesquisa e da garantia de uma exploração virtual segura por parte dos alunos, considerando-se tanto elementos semânticos quanto os suportes dos textos, apontando também para o fato de o desenvolvimento de habilidades na busca da informação contribuir “para a formação de um leitor competente em qualquer ambiente, seja real ou virtual” (MOUTINHO, 2014, p. 150).

O trabalho de Moutinho (2014) apresenta várias similaridades em relação ao público pesquisado nesta pesquisa (também localizado em um Instituto Federal brasileiro) e também quanto ao objetivo de identificar práticas de leituras em suportes eletrônicos. Mesmo não abordando a questão da leitura literária e tendo o intuito de coletar dados e percepções para aprimorar as práticas de pesquisa em ambientes virtuais, corrobora um direcionamento para que sejam pensados os usos das TICs para leitura.

Gabriela de Oliveira (2013), apresenta como objetivo de sua pesquisa “descrever, analisar e interpretar as práticas de leitura literária de adolescentes que frequentam a escola” (OLIVEIRA, G., 2013, p. 13). A pesquisa estruturou-se a partir das questões que a autora identificou ao concluir sua pesquisa de mestrado, na qual investigou sobre formação e hábitos de leitura de professores de português e as consequentes relações com o ensino de literatura.

A tese não se ocupa das questões inerentes às TICs, mas traz uma breve subseção de análise de dados, inserida na proposta de conhecimento das práticas e *habitus* (apoiando-se no referencial de Pierre Bourdieu) de leitura dos adolescentes ouvidos, na qual se visualiza a existência da prática de leitura em mídias eletrônicas, mas também uma preferência maior de leitura de literatura no impresso. Esse aspecto da pesquisa diz um pouco da importância de se estudar práticas de leituras, literárias ou não, observando a materialidade do texto em alguma medida, inscrevendo-se, nesse momento, as questões dos suportes de leitura.

Gabriela Oliveira (2013) termina trazendo importantes apontamentos sobre os achados, tais como: as representações de leitura se dão de forma variada de acordo

com os diferentes espectros sociais pesquisados; ao contrário do que se possa dizer sobre jovens não leitores, evidencia-se que se configura uma prática de leitura por parte de tais jovens, que leem o que querem e não o que é disposto no rol de cânones escolares definidos de acordo com o currículo de literatura; as representações que os jovens constroem sobre “literatura” os levam a pensar como ilegítimas as leituras que os mesmos fazem por conta própria, uma vez que essas leituras não encontram validação na sala de aula; aponta para a necessidade de se revisar o cânone escolar e de se pensar em maneiras de trazer para as práticas de ensino o que efetivamente é lido pelos alunos, não com o intuito de excluir os cânones, mas para se discutir o que está posto, há mais de um século, sobre o ensino de literatura.

Das pesquisas selecionadas, apenas a de Gabriela Oliveira (2013) não coloca em evidência a discussão das questões de leitura num suporte eletrônico, a não ser de forma incidental, como complemento ao levantamento de dados que a autora faz ao buscar subsídios para elaboração do perfil de práticas de leitura literária de alunos do Ensino Médio. Entretanto, a aplicação conceitual feita a partir de Chartier quanto às representações, práticas e apropriações de leituras vão diretamente ao encontro dos objetivos que a presente pesquisa ora propõe, havendo também o interesse de se conhecer os gostos e práticas de leitura do público pesquisado.

A dissertação de Moraes (2012), defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apresenta como objetivo trazer contribuições para as discussões a respeito do livro e suas formas, assim como das questões inerentes ao fim do impresso, a partir da observação de como alunos ingressantes de diversos cursos da UFRGS, no ano de 2011, se apropriaram dos títulos indicados para o vestibular. Sua pesquisa mantém uma perspectiva relativa às questões da comunicação e seus meios; também não se aprofundando nas discussões sobre a materialidade e mobilidade dos textos, aventadas por Chartier. Todavia, aponta para o fato de haver certos aspectos levantados no decorrer da pesquisa, cuja avaliação seria da alçada de áreas tais como a Educação e a Teoria da Literatura (MORAES, 2011, p. 180).

Dentre os achados dessa pesquisa, destaca-se que aproximadamente 90% (noventa por cento) dos entrevistados declararam ter realizado as leituras em livros impressos, mesmo diante do fato de os livros eletrônicos e suportes para esse tipo estarem presentes no cotidiano dos alunos pesquisados, tendo alguns, inclusive, declarado ter havido interferência em algumas escolhas do tipo de suporte dos títulos da lista do vestibular com base na disponibilidade desses em portais de arquivos de domínio público. Porém, há indicativo de que uso das mídias eletrônicas foi dedicado à leitura de textos curtos. No que se refere aos suportes preferidos para leitura, a exemplo do verificado também por Girardello (2011), percebem-se práticas que vão ao encontro do disposto na seção 6 desta dissertação (“A Biblioteca do Ifes – Campus São Mateus e seus leitores”).

Apesar de Moraes (2012) não apresentar como objetivo discorrer sobre questões mais pontuais da leitura literária, mesmo tendo elegido a lista de títulos de literatura do vestibular como referência, ao observar a apropriação de tais textos em formato eletrônico, vai ao encontro do que se disse até então em relação à necessidade de saber dos leitores como se dão seus modos de leitura e se há algum direcionamento em relação ao suporte e ao gênero textual.

Danusa de Oliveira (2013) retoma essa recorrente discussão a respeito de um possível desaparecimento do livro devido aos novos formatos permitidos a partir da evolução das TICs, como forma de introduzir uma pesquisa situada em um nicho de editores do Rio Grande do Sul na tentativa de “identificar e problematizar aspectos que indicam mudanças em estruturas, práticas e processos de edição associados ao livro” (OLIVEIRA, D., 2013, p. 20). Mesmo não se aproximando diretamente do leitor, nem se adentrando na área de literatura, Danusa Oliveira (2013) inscreve-se nas discussões sobre o formato do livro, os lugares dele no decorrer da história e as figurações do mesmo enquanto objeto na “cultura letrada”. Ao entender que também o mercado editorial sofre impactos em decorrência das transformações das TICs, em certa medida coaduna com as propostas chartierianas no que diz respeito aos protocolos editoriais entranhados no livro e que podem interferir na apropriação de sentidos tanto do texto quanto do seu suporte.

Sehn (2014) propõe-se a mapear *e-books* diversos em busca de identificar tanto

características que os mesmos tenham em comum com os livros impressos quanto aquelas que são singulares, colocando em evidência os diferentes recursos dos utilizados, atualmente, nos livros eletrônicos. A autora finaliza esse estudo, que se mostra analítico-descritivo, apresentando as caracterizações dos livros digitais que conseguiu elencar, principalmente no que se refere às questões de nomenclatura (também podem ser chamados de eletrônicos ou *e-books*), similaridades com o livro impresso e a possibilidade de exploração de recursos diversos (texto, imagem, som, vídeo e animação). Também lista os diversos tipos de livro digital, passíveis de identificação a partir de sua pesquisa (customizável, de *layout* fixo, PDF²³, digitalizado, multimídia e interativo) e enumera algumas perspectivas de realização de estudos a partir da exploração tanto do objeto livro quanto na pesquisa sobre o mesmo, dentre elas, a questão da interação do leitor com os dispositivos de leitura disponíveis.

Sehn (2014b) traz contribuições na mesma medida dos trabalhos que se ocupam das questões materiais do livro eletrônico, como os de Spalding (2012), Ludwig (2010) e Danusa Oliveira (2013); mostrando uma caracterização detalhada de dispositivos que são direcionados a ninguém mais que o próprio leitor e cujas funcionalidades também podem ser pensadas indo ao encontro dos protocolos editoriais há pouco mencionados, o que esta pesquisa também procura abordar, numa escala menor, no intuito de lançar alguma luz sobre os modos de se lidar com diferentes suportes para leitura²⁴.

3.2.2 Artigos e comunicações em eventos

Em seu artigo, Neves (2010), fundamentada nas questões da revolução da leitura decorrentes de possibilidade de se ler na tela do computador (Chartier, 1998b), vem dizer do gênero literário poesia concreta, que animada por computador, prescinde de autoria única e imutável, já que mediação e a “feitura” desse gênero é decorrente de uma interação com o leitor, sem o qual o texto poético não se consolida. A autora diz das possibilidades inerentes às novas formas de construção e acesso textual por meio das TICs, entretanto, pontua que aproximar os “educandos-leitores” da

²³ *Portable Document Format* (Formato de Documento Portável).

²⁴ Sobre essa abordagem, conferir seção cinco: “Protocolos de leitura e suportes de agora e outrora”.

pluralidade cultural possível a partir da ciberliteratura é um grande desafio.

Lima e Silva (2014) ao discorrer sobre a leitura em tela, reconhecendo o ciberespaço como um novo caminho para o letramento infantil e afirmando ser recorrente a discussão da relação da leitura literária com as novas TICs, afirmam que o ciberespaço é uma ferramenta de apoio ao letramento, vinculada que é a vários contextos de escrita e leitura.

Neves (2010) e Lima e Silva (2014) procuram evidenciar como os textos literários têm assumido novas formas ao serem dispostos em tela, apontando para a uma importante ruptura com as práticas tradicionais de leitura e intervenção nos textos. Conhecer essas novas formas torna-se imperativo para um entendimento das novas relações entre leitores e literatura, o que respalda o objeto desta pesquisa, uma vez que a mesma intenciona compreender práticas de leitura literária frente a tecnologias de informação e comunicação contemporâneas.

Sehn, Fragoso e Silva (2014) falam das possibilidades de intervenção do leitor, não no texto, mas no design do livro eletrônico, na forma como as cores, fontes e posicionamento da tela podem ser alterados. Aponta para a individualidade dessas ações, que resultam em novas formas somente para o leitor que decide interferir no objeto a que tem acesso.

Em outro artigo, Sehn e Fragoso (2014), abordam questões gráficas que se alteram ou assumem novos papéis quando transitam da forma impressa para o formato digital, como a capa de um livro, que perde a característica de guarda (estrutural) e conservação do miolo e, na forma eletrônica, assume o papel apenas de elemento ilustrativo e de divulgação do título.

As discussões de Sehn, Fragoso e Silva (2013) e Sehn e Fragoso (2014) sobre as formas do livro, tanto no que se refere às interferências do leitor quanto às alternâncias de significados e usos das partes desse objeto, novamente surgem, concorrendo para as discussões sobre os protocolos de leitura, como feito no presente trabalho.

3.3 APONTAMENTOS GERAIS

Durante todas as etapas descritas na seção 2, ficou evidente que há uma preocupação em relação aos estudos de práticas de leitura, tendo em vista o quantitativo de recuperações a partir da primeira etapa de buscas²⁵. Todavia, se consideradas as abordagens relacionadas especificamente às práticas de leitura literária, há uma importante redução no quadro de recuperações. Redução essa que se acentua quando a abrangência da busca também lança mão do tema “livro eletrônico”.

Complemente-se que os olhares lançados às produções acadêmicas recuperadas, sem antes levar em conta a aplicação de filtros, identificaram uma existência expressiva de trabalhos que tratam dos temas definidos para busca, porém, de modo individual, sem que se apresentassem relações formais de associação temática, ou seja, relações identificadas nos títulos, resumos ou definição de palavras-chave; dizendo haver a possibilidade de recuperações outras no futuro, as quais talvez iniciativas de pesquisa mais extensas deem conta de analisar apropriadamente.

Sobre as leituras do material selecionado, algumas considerações são possíveis, além das que até então foram apresentadas, que ao fim poderiam servir como uma referência inicial em relação ao que se tem produzido e ao que se pretende produzir a partir da realização dessa pesquisa que busca entender dessas práticas de leitura que são literárias e que se realizam a partir de mídias eletrônicas e/ou digitais.

O trabalho intelectual de Roger Chartier mostra-se como referência obrigatória nas produções que se ocupam de temas tais como os relativos às práticas de leitura, sejam elas literárias ou não, e nas fundamentações que consideram a importância da indivisibilidade da materialidade do texto e da textualidade do livro (CHARTIER, 2010, p. 40). É recorrente também a utilização de referenciais do autor, principalmente das publicações *As aventuras do livro* (1998b) e *A ordem dos livros* (199b), para contextualizar questões históricas relativas à forma do livro, leitores e

²⁵ Conferir Apêndice A – Tabela amostral do levantamento bibliográfico.

leituras. Entretanto, percebeu-se que a maior parte dos trabalhos não se aprofunda ou sequer menciona os desdobramentos da abordagem chartieriana a respeito de como os diferentes construtos culturais podem interferir nas formas de apropriação dos textos, interferindo nas representações do real de cada indivíduo, esse que não se constitui sozinho, mas permeado por práticas que são comuns às comunidades nas quais está inserido (CHARTIER, 1990, 1996, 2002a, 2002c, 2004, 2010).

Está presente, de forma clara, o interesse multidisciplinar pelas formas assumidas pelo livro (o que pode ser dito a partir da observação tanto dos programas de pós-graduação e da área de formação dos autores das dissertações, teses, artigos e comunicação oral que foram analisados), estando elas associadas ao conhecimento tácito que se tem do objeto e às discussões das formas que o mesmo tem assumido há uns 10 (dez) anos.

Trabalhos que poderiam estar voltados, inicial e genericamente, a questões de ensino-aprendizagem (GIRARDELLO, 2011), de práticas de leitura (NAGAO, 2013; OLIVEIRA, G., 2013; MOUTINHO, 2014; MORAES, 2012; LIMA e SILVA, 2012; NEVES, 2010) ou de forma e *design* do livro eletrônico (SPALDING, 2012; SEHN, FRAGOSO; SILVA, 2013; SEHN, 2014; SEHN, FRAGOSO, 2014; OLIVEIRA, D., 2013) encontram-se conectados por conceitos e objetos de pesquisa que denunciam a importância de se pensar na materialidade e mobilidade dos textos, esta que é possível não somente por conta das transformações pelas quais passa o sujeito, mas por aquelas experimentadas pelo objeto cultural que é o suporte para o texto.

Sobre a leitura literária utilizando suportes eletrônicos, apenas um trabalho analisado aproximou-se da proposta da investigação desse tipo de prática (GIRARDELLO, 2011). Todavia, ao serem cotejados os objetivos com os da presente pesquisa, diferenciou-se ao dizer sobre assuntos tais como a fluência e eficiência das leituras realizadas nesse meio e por não lançar mão da aplicação dos conceitos de representações, práticas e apropriações trazidas por Chartier.

Confirma-se também a importância de verificar práticas à luz dos relatos de leitores, o que cinco dos trabalhos analisados fazem, seja aplicando questionários e/ou realizando entrevistas (GIRARDELLO, 2011; NAGAO, 2013; OLIVEIRA, G., 2013;

MORAES, 2014; MOUTINHO, 2014). Os trabalhos que não se abrem para tal abordagem tendem, porém, a colocar em evidência características de suportes as quais estão diretamente relacionadas ao usuário final do objeto cultural livro eletrônico, tal como a possibilidade de interatividade. Observa-se que quanto maior a aproximação com determinadas práticas de leitura, levando em consideração os suportes que as fazem possíveis, tanto maior será a necessidade de estabelecer diálogos diretos com os leitores inscritos nas referidas práticas. É nesse contexto que esta pesquisa busca validação, visto que tem como objetivo conhecer práticas de leitura literária de comunidade interpretativa no âmbito educacional, considerando suportes de leitura contemporâneos, prioritariamente aqueles nos quais livros eletrônicos possam ser acessados.

Ao explorar conceitos e métodos condizentes com os adotados na história cultural, à luz do referencial de Roger Chartier, nos quais se enquadrem os estudos da história do livro e leitura, espera-se trazer contribuições pontuais, quiçá originais, ao meio acadêmico no que diz respeito à exploração das relações dialógicas possíveis entre os temas práticas de leitura, leitura literária e livros eletrônicos.

4 SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

4.1 ALGO SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL

Foi eleita uma abordagem teórica atinente a viés da história cultural para a realização da presente pesquisa, evidenciando as colaborações do historiador francês Roger Chartier, estudioso da história do livro e das práticas da leitura, no que se refere tanto ao objeto quanto ao método de análise das práticas de certa comunidade. Com essa abordagem, espera-se valorizar o imaginário do público leitor de literatura do Ifes *campus* São Mateus, coadunando assim com proposição da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 47), quando diz que é “[...] com o advento da História Cultural que o imaginário se torna um conceito central para a análise da realidade, a traduzir a experiência do vivido e do não-vivido, ou seja, do suposto, do desconhecido, do desejado, do temido, do intuído”.

Peter Burke (2008, p. 16), em sua obra *O que é História Cultural?*, afirma que a história cultural retoma fôlego por volta de 1970, ou seja, movimento similar já existia de outras formas; diz também que o período entre 1800 e 1950 teria sido uma etapa que “poderia se chamar de história cultural clássica”. Porém, é o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1990 que o autor considera como mais característicos da prática dessa história, a partir do que ele chama de uma “virada em direção à antropologia” (BURKE, 2008, p. 44), destacando como um importante evento o uso da palavra “cultura” no plural, num contexto mais amplo. Chama-se então atenção para esse novo modo de a história trabalhar cultura, o que explica Pesavento (2004, p. 15):

Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.

Maria Amélia Dalvi (2014, p. 219), em síntese introdutória do artigo “Livro e leitura: o medo do mato, de Rodrigo Britto, e Guido, a folha e o capim, de Paulo Roberto

Sodré”, fala sobre essa história cultural tributária da antropologia, porém, chama atenção para contribuições teóricas outras:

[...] não é apenas a Antropologia quem pavimenta esse percurso que permite a existência da História Cultural tal como a estamos entendendo aqui: para além dela, tem-se, especialmente, a contribuição da escola neomarxista inglesa [...], com sua revisão radical dos modelos de análise marxistas “clássicos”, pautando a cultura como questão histórica de fulcro próprio e denunciando o que chamaram de “postura positivista de análise do marxismo” e o que chamaram de “idealismo althusseriano”, e, claro, tem-se como contribuição a severa (auto) crítica a postulados dos *Annales*²⁶ [...] – ambos os movimentos (revisão do marxismo clássico e da escola dos *Annales*) como sintomas evidentes de fortes abalos aos pilares da História tradicional no séc. XX.

Deve ser ressaltada, ainda, a imensa contribuição da Teoria Crítica (com Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas, p. ex.) e do pensamento de Antônio Gramsci – ao deslocarem a cultura para o centro de suas ocupações, no âmbito de uma perspectiva histórico-dialética –, e a também inestimável contribuição [...] da abordagem polifônica da cultura, a partir de trabalhos como os de Mikhail Bakhtin, Carlo Ginzburg e Paul Zumthor, potencializadas todas essas contribuições pelo fato de o discurso científico-histórico ter sido colocado em xeque.

Ao se reconhecer que existe uma pluralidade cultural, com base na premissa de que há várias culturas e práticas em diferentes comunidades, seria possível dizer que a história cultural caracteriza-se pela multiplicidade de possibilidades de pesquisa, embora essa não seja uma característica exclusiva dessas. Práticas cotidianas que muitos podem vir a desmerecer, tais como aquelas que são herdadas por conta de tradições, podem ser foco de observação para melhor compreensão de determinada comunidade, do conhecimento de como e o que representam rituais que por vezes estão entranhados no dia a dia, mas que não são desencarnados de intenções que se constituíram historicamente. Sobre essas múltiplas possibilidades de pesquisa, Burke (2008, p. 46) chega a dizer que está próxima uma “[...] história cultural de tudo: sonhos, comida, emoções, viagem, memória, gesto, humor, exames e assim por diante”; coadunando com Pesavento (2004, 96-97), que, ao discorrer sobre o amplo espectro de fontes passíveis de pesquisa fazendo uso de uma abordagem da

²⁶ Grupo de historiadores franceses que, no período que separou as duas Guerras Mundiais, formularam uma outra maneira de escrever a história, em torno da revista *Annales d'Historie Économique et Sociale* (FERRARI, 2009) desde então representantes da chamada história das mentalidades, história social das ideias, história sociocultural etc. (CHARTIER, 1990).

história cultural, afirma: “[...] uma idéia na cabeça, uma pergunta suspensa nos lábios, o mundo dos arquivos diante dos olhos e das mãos. Nessa medida, tudo pode vir a tornar-se fonte ou documento para a história, dependendo da pergunta que for formulada”.

4.1.1 Um novo paradigma e a história cultural do livro e da leitura

Burke (2008) adota o termo Nova História Cultural (NHC) para denominar o que, segundo ele, seria a forma dominante da histórica cultural praticada nos dias de hoje, explicando o uso das palavras “nova” e “cultural”: a primeira, usada para distinguir essa história contemporânea daquelas possíveis em tempos e espaços anteriores; a segunda, para diferenciá-la de uma história intelectual, “[...] sugerindo uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em ideias ou sistemas de pensamento” (BURKE, 2008, p. 69). Para o autor,

[...] a diferença entre as duas abordagens pode ser verificada em termos do famoso contraste de Jane Austen entre “razão e sensibilidade”. A irmã mais velha, a história intelectual, é mais séria e precisa, enquanto a caçula é mais vaga, contudo também mais imaginativa.

Em meados da década de 1980, a partir de um rompimento com a escola dos *Annales*, ou seja, com a chamada história cultural das mentalidades, que, na década de 1970, estava atrelada a métodos de observação de fontes massivas, a análises seriais e estatísticas; ocorre uma transição de uma “história social da cultura” para uma “história cultural da sociedade”, sendo o historiador Roger Chartier, representante da terceira geração dos *Annales*, a exemplo do que afirma Peter Burke, um dos principais militantes desse segmento, descrito pela historiadora Helenice Rodrigues da Silva como “[...] uma história cultural do social, por meio de uma ciência dos textos e de uma antropologia das atitudes” (SILVA, 2010, p. 314). Nesse contexto, Chartier afirma que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 16-17).

Obras de quatro teóricos são apresentadas por Burke (2008) como de grande contribuição para os praticantes da Nova História Cultural, tendo levado os

historiadores a pensarem nos paradigmas **representações** e **práticas**, “[...] os dois aspectos característicos da NHC segundo um de seus líderes, Roger Chartier” (p. 78). São os teóricos Mikhail Bakhtin, com suas discussões a respeito de gêneros de fala e diferentes vozes perceptíveis em um texto; o sociólogo Nobeert Elias, a partir de seus questionamentos a respeito de um processo civilizador de exercício de controle e censura sobre movimentos espontâneos; Michel Foucault – “[...] que primeiro foi filósofo e se tornou historiador, depois historiador das ideias que se tornou historiador social” (BURKE, 2008, p. 74) –, com diversas colaborações nos campos da história e da filosofia; e o sociólogo Pierre Bourdieu, com contribuições que “incluem o conceito de ‘campo’, a teoria da prática, a ideia de reprodução cultural e a noção de ‘distinção’” (BURKE, 2008, p. 76). A contribuição dos nomes citados, entretanto, não invalida as presenças de vários outros teóricos, que, cada qual a seu tempo, provocaram novos olhares, novos deslocamentos, tanto no campo da história quanto em disciplinas derivadas da história cultural.

Essa história cultural contemporânea não está sozinha na área das humanidades, sendo que Peter Burke já diz da inexistência de um monopólio dessa disciplina (2008, p. 170-178), pelo contrário, a mesma pode ser categorizada como multidisciplinar, e interdisciplinar; sendo considerados vizinhos próximos dela: a antropologia, a história literária e história da arte, que por sua vez se aproximam cada vez mais dos estudos culturais e visuais. Também conta com as colaborações da bibliografia, com ênfase no trabalho do bibliógrafo neozelandês Don Mackenzie, cuja obra *Bibliography and the sociology of texts*, publicada originalmente em 1986, serviu de inspiração ao trabalho de Roger Chartier, no que diz respeito aos aspectos materiais dos livros. Sobre a bibliografia, Don Mackenzie (1999, posição 153, tradução nossa) assim se manifesta:

O princípio que eu gostaria de sugerir como básico é simplesmente este: bibliografia é a disciplina que estuda os textos como formas gravadas, e os processos de sua transmissão, incluindo a sua produção e recepção. Assim dito, isso não parecerá muito surpreendente. O que a palavra "textos" também permite, no entanto, é a extensão da prática atual de incluir todas as formas de textos, e não apenas livros ou sinais de Greg²⁷ em pedaços de pergaminho ou de papel. Também aceita francamente que bibliógrafos deveriam

²⁷ Don Mackenzie faz uma referência a um pronunciamento do bibliógrafo inglês, Sir Walter Greg, que afirma que o bibliográfico preocupa-se com pedaços de papel ou pergaminho escritos ou com certos “sinais”, não considerando seus significados (MACKENZIE, 1999, posição 95).

estar preocupados em mostrar que formas afetam o significado²⁸.

Também sobre essa segmentação, José Sérgio Leite Lopes (2012, p. 19), ao fazer breve levantamento da produção autoral de Roger Chartier para o título *Autoria e história cultural* (principalmente no que diz respeito à história do livro, uma importante área de pesquisa desse historiador), assim se manifesta:

Essa história social das práticas culturais, utilizadora e produtora dos conceitos e métodos dessa nova subdisciplina²⁹ da história cultural, se faz assim através da gênese das noções de público, publicidade e publicação, e através da diversidade tanto das práticas de escritura e leitura, quanto de formas de circulação de textos e de apropriações culturais.

Essa história do livro e da leitura inaugura novos olhares no sentido de pensar como se dão as práticas culturais inerentes tanto aos modos de se perceber quanto aos de se apreender determinadas leituras, levando em conta fatores variados como os hábitos típicos de determinado grupo social e os entrecruzamentos decorrentes das variações das formas dos suportes para a palavra escrita.

No que diz respeito à importância de se observar como se organizam determinados grupos sociais, atribuindo aos mesmos, no âmbito de uma história cultural do livro e da leitura, o papel de comunidades interpretativas, Chartier (1990, p. 17) assim se posiciona:

Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

A noção de comunidades interpretativas é tomada de empréstimo do trabalho intelectual do teórico literário estadunidense Stanley Fish, que em sua obra *“Is There*

²⁸ “The principle I wish to suggest as basic is simply this: bibliography is the discipline that studies texts as recorded forms, and the processes of their transmission, including their production and reception. So stated, it will not seem very surprising. What the word ‘texts’ also allows, however, is the extension of present practice to include all forms of texts, not merely books or Greg’s signs on pieces of parchment or paper. It also frankly accepts that bibliographers should be concerned to show that forms effect meaning”.

²⁹ Lopes (2010) utiliza o termo “subdisciplina” para referir-se àquelas que são derivadas da disciplina história cultural, como se desencadeadas. Tal menção não incorre em uma expressão de juízo de valor sobre as mesmas.

a Text in this Class? The Authority of Interpretative Communities” (1980), traz à luz discussões a respeito de uma teoria de interpretação voltada para o leitor, aventando a hipótese de que “[...] se os falantes de uma língua compartilham um sistema de regras que cada um deles de alguma maneira internalizou, o entendimento será, em algum sentido, uniforme³⁰” (FISH, 1980, p. 5, tradução nossa). Na perspectiva chartieriana, tais comunidades arranjam-se como grupos que compartilham culturas, e as possíveis relações de leitura perpassam também as referências culturais do leitor, ou seja:

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores, a cada uma dessas *interpretative communities* de que fala Stanley Fish (CHARTIER, 2002a, p. 70).

É pensando nas possibilidades dadas a ver por essa história cultural do social, que atribui valor às práticas, observando os variados grupos culturais, no sentido de melhor compreender um determinado universo, que o presente estudo se propõe à observação e valorização de um microcosmo, a saber: alunos do IES *campus* São Mateus, visando entender e dar a conhecer como se dão atualmente as relações entre leitores e leituras literárias frente a suportes tecnológicos não imaginados há algumas décadas.

4.2 ROGER CHARTIER E AS NOÇÕES DE REPRESENTAÇÃO, PRÁTICA E APROPRIAÇÃO

Roger Chartier tem realizado pesquisas no campo da história das práticas culturais e, de acordo com Silva (2010), a trajetória do autor inscreve-se em três diferentes momentos, transitando de uma história social do cultural, ou história das mentalidades, para uma história cultural do social, e, posteriormente, para a subdisciplina história do livro e da leitura, cujas contribuições se voltam para questões intrínsecas à materialidade dos textos.

³⁰ “[...] if the speakers of a language share a system of rules that each of them has somehow internalized, understanding will, in some sense, be uniform”.

No Brasil, a produção científica de Chartier se dá a conhecer, inicialmente, quando da publicação portuguesa de 1990, pela editora Difel, do título *História Cultural: entre práticas e representações*. Trata-se de uma coletânea de ensaios, na qual o autor também se ocupa de apresentar as três noções norteadoras de seu pensamento: **representação, prática e apropriação**, afirmando ser a partir dessas que a referida obra é construída (CHARTIER 1990, p. 27).

Durante o levantamento para a revisão bibliográfica dessa pesquisa, evidenciou-se que Chartier tem sido amplamente utilizado nas produções acadêmicas que adotam o aporte teórico histórico-cultural para as discussões de questões relativas às práticas de leitura, literárias ou não, e às formas materiais do livro. Com base no percebido a partir da revisão mencionada e dos apontamentos feitos por Silva (2010) e Lopes (2012), foi possível consolidar o rol de publicações, em língua portuguesa, nos quais Chartier apresenta-se como autor e/ou organizador e que vão especificamente ao encontro da temática história do livro e da leitura. A maior parte das obras recuperadas delineia um perfil de autor ensaísta (CAVALLO; CHARTIER, 1998a, 1999a; CHARTIER, 1996, 1999b, 2002a, 2002b, 2002c, 2003, 2004, 2014), à exceção de dois títulos que se apresentam como coletâneas de entrevistas dadas por Chartier (1998b, 2001)³¹.

Numa perspectiva geral, esse levantamento foi essencial para uma melhor compreensão do trabalho de Chartier, ou pelo menos para uma aproximação desse, e também possibilitou o que pretende ser um modesto diálogo a respeito das noções consideradas norteadoras do trabalho do autor.

4.2.1 Representação, prática e apropriação

Segue-se uma breve discussão do ideário do autor que vai diretamente ao encontro das questões de leitura, valorizando o entrecruzamento entre o que se diz das intervenções relativas à apresentação, tanto do objeto que suporta o texto, que se constitui culturalmente, quanto do texto, que não prescinde da materialidade, podendo tais questões serem cotejadas ao se tratar dos processos de produção de

³¹ Conferir quadro de títulos disposto no Apêndice B.

cada um, como afirma Chartier (2010, p. 40):

[...] convém recordar que a produção não só dos livros, mas também dos próprios textos, é um processo que implica, além do gesto da escritura, diferentes momentos, diferentes técnicas e diferentes intervenções. As transações entre as obras e o mundo social não consistem unicamente na apropriação estética e simbólica de objetos ordinários, de linguagens, de práticas rituais ou cotidianas, como quer o *New Historicism*. Referem-se, mais fundamentalmente, às relações múltiplas, móveis, instáveis, entre a obra e suas inscrições.

Para melhor compreender essas relações mencionadas por Chartier é preciso lançar mão das noções de **representação**, **prática** e **apropriação**. Acrescente-se, porém, que não há como dissociá-las, pois estão interligadas, não sendo possível pensar em uma noção sem considerar outra.

Um aprofundamento no entendimento dessas “[...] transações entre as obras e mundo social” (CHARTIER, 2010, p. 40), requer também uma compreensão das noções de **comunidades interpretativas**, sobre a qual se comentou quando se discorreu anteriormente sobre uma história do livro e da leitura, e de **objeto cultural**³², sendo este um conceito relativamente pouco trabalhado nos textos de Chartier, assim transcrito, mas que não se apresenta desentranhado dos demais que ora são mencionados. Quando atribuído o papel de objeto cultural ao livro, seja ele impresso ou eletrônico, há que se levar em consideração o exposto por Mackenzie (1999, posição 63, tradução nossa):

Um livro nunca é simplesmente um objeto notável. Como toda e qualquer tecnologia ele é invariavelmente o produto de um agenciamento humano em contextos complexos e altamente voláteis, os quais um estudo responsável deve procurar recuperar se quisermos entender melhor a criação e comunicação de significado como característica definidora das sociedades humanas³³.

³² São exemplos de aplicação das cinco categorias ora mencionadas (representação, prática, apropriação, comunidades interpretativas e objeto cultural), no âmbito da Ufes, a dissertação de André Luiz Bis Pirola (2008), intitulado *O livro didático no Espírito Santo e o Espírito Santo no livro didático: história e representações*, e da tese de Dalvi (2010), intitulada *Drummond, a crítica e a escola: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático de ensino médio*. Ambos os autores elegem o livro didático como objeto cultural importante na constituição de práticas culturais e representações de realidades inerentes a comunidades interpretativas inseridas nas atividades de educação formal, na medida em que tais categorias se entrecruzam.

³³ “For a book is never simply a remarkable object. Like every other technology it is invariably the product of human agency in complex and highly volatile contexts which a responsible scholarship must seek to recover if we are to understand better the creation and communication of meaning as the defining characteristic of human societies”.

É necessário compreender essa intrincada disposição de noções de modo que haja aplicação real dos pressupostos de uma história cultural do livro e da leitura, quando se pretende discorrer como se dão práticas de leitura literária num universo onde está em evidência um suporte para o texto, que não é o impresso e que concorre para um anunciado desaparecimento do papel e, conseqüentemente, do livro como há muito se conhece (ou seja, baseado no formato de códex).

A noção de representação parece estar em evidência nessa tríade conceitual (representação, prática, apropriação), sendo considerada “[...] um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo” (CHARTIER, 1990, p. 23). Todavia, a visão chartieriana desse conceito apresenta-se alterada, rejeitando possíveis relações simbólicas relacionadas ao termo e afirmando o papel da representação como formadora do real, podendo essa ser entendida, em sua forma plural, como “[...] classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (CHARTIER, 1990, p. 17), ou seja, as diversas formas de ver e realmente perceber o mundo à volta de certo indivíduo ou comunidade cultural, formas essas que são decorrentes de necessidades próprias de um meio, dando origem a **práticas sociais** diversas, ou também em decorrência dessas, num exercício de uma quase “retroalimentação”.

Para Certeau (2014, p. 37), “[...] maneiras de fazer [cotidianas] constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural”, espaço esse que é influenciado e influenciador nas noções de formação de real dos indivíduos. Com isso, percebe-se a impossibilidade de se estabelecer divisões rígidas das práticas mencionadas e também de desmerecê-las ao tentar compreender funcionamentos sociais, em decorrência do fato de que “[...] não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias ou afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo” (CHARTIER, 2002, p. 67).

No ensaio intitulado “Discursos eruditos e práticas populares”, publicado na obra *A história ou a leitura do tempo*, Chartier (2010, p. 49-50) chama atenção para a

necessidade de os historiadores revisitarem clássicos das ciências sociais e da importância do conceito de representação:

[...] essa noção permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais. As representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social. São elas [as representações] que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como as fazem ver e crer os signos, as condutas e os ritos. Por último, essas representações coletivas e simbólicas encontram, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua identidade.

É preciso identificar de que forma tais representações podem vir a originar e/ou interferir nas práticas cotidianas dos sujeitos, principalmente o sujeito leitor, que é ator primeiro no campo da história da leitura. Deve-se perguntar como identificar quais os discursos que dão condições de existência e possibilidade às representações do real experimentadas e vivenciadas por determinado segmento social, produzindo assim práticas sociais, políticas, escolares etc. específicas (CHARTIER, 1990). Torna-se então mote central da história cultural fazer conhecer de que forma se articulam os discursos e as práticas (CHARTIER, 2010, p. 47).

Em relação à noção de apropriação, Silva (2010, p. 315) apresenta as possibilidades de abordagem próximas a Paul Ricoeur (sentido hermenêutico e fenomenológico, mundo dos leitores) e outra diferenciada, trazida por Michel Foucault (apropriação como processos de controle e sujeição do discurso). No entanto, Chartier (1990, p. 26) diz da necessidade de reformulação de tal conceito e afirma que:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.

Em prol de uma história do livro e da leitura que considera determinantes as condições morfológicas e materiais de inscrição dos textos, Chartier lança mão dessas três noções como norteadoras de seu trabalho, e traz ainda para discussão o importante papel dos indivíduos leitores, membros de comunidades de leitores que

se organizam de acordo com as delimitações inerentes aos arranjos sociais e culturais que lhes são próprios e nos quais se fundam suas práticas. No centro desse cenário passível de observação e de descobertas, está o livro e as formas que ele assume, bem como as intervenções (cortes, supressões, acréscimos, edições etc.) sofridas pelo texto durante o processo de produção de cada objeto cultural.

Contra uma definição puramente semântica do texto [...] é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um *status* inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação.

Deve-se levar em conta, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos (CHARTIER, 1999b, p. 13).

Os mesmos conceitos (práticas, representações, apropriações, comunidades interpretativas e objeto cultural), norteiam esta pesquisa, na medida em que tenta investigar como se figura a comunidade de leitores de literatura do Ifes - *campus* São Mateus, em relação às suas práticas de leitura, e quais as percepções (apropriações) deles frente ao texto literário inscrito em suportes eletrônicos ou digitais.

4.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Gil (2010, p. 27), ao classificar tipos de pesquisa segundo os objetivos mais gerais dessas, afirma que “[...] as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Marconi e Lakatos (2010) coadunam com essa proposição e consideram a pesquisa exploratória como um subtipo da pesquisa de campo, elaborando também outras características dessa:

[estudos exploratórios] são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridades do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos. [...]. Obtêm-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo (MARCONI;

LAKATOS, 2010, p. 171).

Quanto às técnicas de coletas de dados, a pesquisa exploratória distingue-se pela variedade de procedimentos possíveis para coleta de dados, comumente sendo conjugados: levantamento bibliográfico, entrevistas, observação participante, análise de exemplos (GIL, 2010; MARCONI, LAKATOS, 2010).

Dessa forma, por tratar-se de trabalho que busca compreensão de como se dão as práticas de leitura literária de alunos do Ifes, *campus* São Mateus, considerando também o contexto da biblioteca institucional, poderia ser dito que, quanto aos objetivos, o estudo que aqui se pretende é classificado como exploratório, tendo sido realizada tanto pesquisa de campo quanto levantamento bibliográfico prévio sobre pesquisas de temática análoga e sobre as referências teóricas agenciadas, com o intuito tanto de localizar a pesquisa no âmbito acadêmico quanto de identificar subsídios para dizer sobre os protocolos de leitura de textos eletrônicos.

Em busca de diálogo com os objetivos específicos elencados, realizou-se, inicialmente, análise quantitativa de registros de empréstimos de livros de literatura realizados pelos usuários da biblioteca do Ifes – *campus* São Mateus, na expectativa de identificar as práticas culturais efetivas de leitura dos usuários reais dessa unidade de informação, ou seja, os que efetivamente fazem uso dos serviços da biblioteca. Foi aplicado um questionário³⁴ eletrônico semiestruturado (ANEXO C), em parceria com a Coordenadoria de Biblioteca daquele *campus*, quando da realização de Estudo de Usuários daquela unidade de informação, que o disponibilizou na *fanpage* da biblioteca no Facebook, cujos dados foram passíveis de análise quantitativa e qualitativa, favorecendo primeiras impressões sobre as representações da literatura, e a leitura dessa em suportes eletrônicos, por parte dos membros dessa comunidade de usuários reais e potenciais

³⁴ Serviu como referência para a elaboração desse questionário o instrumento desenvolvido pela Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Presidente Prudente e Marília), pela Universidade Federal do Espírito Santo e pela Universidade de Passo Fundo, para coleta de dados da pesquisa “**Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente**”, no âmbito do **Procad** (Programa Nacional de Cooperação Acadêmica). Várias questões foram utilizadas na íntegra ou adaptadas do referido instrumento. Também foram inseridas questões inerentes a dados dispostos na terceira edição da pesquisa “**Retratos da Leitura no Brasil**”, realizada pelo Instituto Pró-Livro.

A partir da tabulação dos dados do questionário, estabeleceu-se contato com respondentes, declarados leitores de literatura no formato eletrônico, independente do formato do suporte, de modo a realizar grupo focal, mediante assinatura do participante em termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C). A execução de tal atividade contou com parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Ufes, de acordo com o Parecer Consubstanciado desse Comitê (ANEXO B)

Sônia Maria Guedes Gondim (2003) define o grupo focal como uma técnica de coleta de dados a partir da interação grupal, por meio da discussão de termo previamente estabelecido e tendo um moderador na posição de facilitador do processo de discussão. A autora aponta também para a diversidade de propósitos a que podem servir os grupos focais, sendo os grupos exploratórios os que apresentam maior aproximação com a presente pesquisa já que:

[...] estão centrados na produção de conteúdos; a sua orientação teórica está voltada para a geração de hipóteses, o desenvolvimento de modelos e teorias, enquanto que a prática tem como alvo a produção de novas idéias, a identificação das necessidades e expectativas e a descoberta de outros usos para um produto específico. Sua ênfase reside no plano intersubjetivo, ou melhor, naquilo que permite identificar aspectos comuns de um grupo alvo (GONDIM, 2003, p. 152)

A metodologia do grupo focal foi pensada como ideal para tentar se aprofundar nas formas de representação de leitura dessa comunidade de usuários, de modo a complementar a aplicação do questionário, uma vez que não é possível partilhar das representações e apropriações de determinado grupo sem estar diretamente inserido nele. Para planejamento, execução e transcrição desse procedimento foram observadas as orientações de Krueger (2002) e Veiga e Gondim (2001).

A condução do grupo focal ficou a cargo de mediadora convidada, que se orientou por meio de roteiro previamente estruturado (APÊNDICE D), tendo ficado a pesquisadora responsável ocupada com os registros e observação, sem a realização de interferências. Foi realizado apenas um grupo focal em decorrência de dificuldade encontrada para confirmação de participação nessa atividade por parte dos respondentes do questionário que declararam preferir realizar leituras literárias

em suportes eletrônicos.

Na análise dos dados obtidos por meio dos registros de empréstimos, dos questionários e do grupo focal, o trabalho foi norteado pela perspectiva histórico-cultural. Procurou-se compreender como, no seio de uma comunidade cultural situada sócio historicamente, se apresenta uma realidade a respeito de leituras literárias mediadas pelas TICs – entendendo-se a realidade como um conjunto completo de práticas e representações, mutuamente implicadas.

Espera-se, a partir dessa proposta metodológica, alcançar resultados que possam ir ao encontro dos objetivos traçados para esta pesquisa, consolidando-a como instrumento acadêmico auxiliador nas práticas de mediação e formação de leitores literários.

5 PROTOCOLOS DE LEITURA E SUPORTES DE AGORA E OUTRORA

Tendo dito sobre as fundamentações teóricas e metodológicas que subsidiam esta pesquisa, a qual versa sobre práticas de leitura literária considerando mídias contemporâneas de leitura, acredita-se ser pertinente trazer à tona alguns apontamentos a respeito de questões materiais próprias ao objeto cultural que é o livro, impresso e eletrônico, indo ao encontro do que diz Chartier (1999b, p. 17, grifo nosso):

[...] Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte o que o dá a ler (ou a ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor. Daí a distinção necessária entre dois **conjuntos de dispositivos**: os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras.

Os dispositivos mencionados por Chartier são os ora denominados protocolos de leitura, os quais favorecem uma justa compreensão do texto, quando consideradas as intenções do autor, e vão ao encontro dos hábitos tipográficos de cada tempo, essas que são inscrições próprias da impressão (CHARTIER, 1996, p. 78).

A título de exemplo da perspectiva mencionada, destaque-se o estudo de caso realizado por Chartier (2004), no qual se debatem questões inerentes a detalhes sobre os livretos baratos que compunham a chamada *Biblioteca Azul*, comercializados à época do Antigo Regime francês (entre os séculos XVI e XVIII). Os títulos que faziam parte dessa coleção eram cuidadosamente escolhidos, tendo seus textos adaptados, para direcionamento a um segmento de leitores que se supunham populares (camponeses, operários, mestres de ofícios, mercadores, burgueses), que de outra forma não teriam acesso a livros de literatura erudita. Voltando-se ao impresso, às características materiais desses livretos, Chartier tenta compreender as significações da circulação dos mesmos, buscando averiguar de que forma os leitores se apropriavam daqueles textos, que, dentre outras características, eram confeccionados “[...] reutilizando pranchas de origens diversas abandonadas com o triunfo do entalhe, utilizando caracteres já gastos, imprimindo

sobre papel mediano fabricado pelos papeleiros champanhenses³⁵ (CHARTIER, 2004, p. 117). A identificação de características materiais outras é discutida, por Chartier, como o resultado de uma impressão de baixa qualidade, que deixava lacunas na apresentação do texto, conseqüentemente interferindo na construção de sentidos por parte do leitor.

Protocolos de leitura, como entendidos por Chartier, interessam a esta pesquisa, pois ao considerar o poder de interferência desses na construção de sentidos por parte do leitor, é possível estender tais percepções às inscrições que são próprias de determinados textos eletrônicos, favorecendo um olhar mais cuidadoso às práticas de leitura realizadas em livros eletrônicos. Dessa forma, na presente seção são feitas algumas conjecturas sobre as possíveis inscrições nos suportes para leitura de textos eletrônicos, fazendo também um resgate histórico pautado nas práticas de leitura em suportes manuscritos e impressos.

Antes de dizer a respeito dos textos eletrônicos e seus possíveis protocolos, encontram-se dispostas algumas questões a respeito de suportes para a palavra escrita (esta entendida como um sistema de codificação completo) anteriores ao advento do texto eletrônico, cada qual em seu tempo, cujas características materiais podem vir a colaborar para um entendimento de como as práticas de leitura, e, conseqüentemente, a apropriação dessas, tem assumido novas formas no decorrer da história. Essa abordagem vai ao encontro do que diz Ribeiro (2007, p. 125), quando a mesma afirma que:

As discussões atuais sobre a diferença da qualidade da leitura nos suportes impresso e eletrônico, principalmente no que se refere à relação do corpo com o dispositivo de leitura, além das discussões sobre o letramento digital, ou seja, a maneira como os leitores/usuários se apropriariam dos novos suportes e dos novos recursos de apresentação para a escrita/leitura, não podem prescindir de um ponto de vista histórico. Revisitando a história das práticas de leitura e dos suportes e tecnologias de ler e escrever, é possível obter esclarecimentos importantes, que tornam mais nítidos os contornos dos acontecimentos atuais com relação a tecnologias como o computador e a Internet [...].

Espera-se, dessa forma, ilustrar como se apresentam práticas inerentes a diferentes

³⁵ Uma referência aos populares da região francesa de Champanha-Ardenas.

comunidades culturais de tempos e espaços variados, diversificando-se também os modos de apropriação das leituras feitas pelos membros de tais comunidades, favorecendo a verificação de inscrições que venham ao encontro das TICs contemporâneas que porventura permitam leituras que por vezes podem não ser “novas”, mas diferentes em relação ao tempo que as possibilita.

Como exemplo do exposto, pode-se dizer de certas leituras feitas na tela do computador, nas quais a passagem do texto é controlada pelas barras de rolagem, permitindo uma visualização quadro a quadro e podendo remeter, mesmo que superficialmente, às leituras feitas nos rolos de pergaminho. Nos dizeres de Chartier (2002c, p. 114), “[...] ao ler na tela, o leitor contemporâneo reencontra algo da postura do leitor da Antiguidade, mas – e a diferença não é pequena – ele lê um rolo que em geral se desenrola verticalmente [...]”.

5.1 SUPORTES MANUSCRITOS E IMPRESSOS: VELHAS E NOVAS PRÁTICAS

Observando autores como: Fischer (2006), Lyons (2011), Manguel (1997) e Martins (2002); foi possível destacar, historicamente, alguns suportes de leitura não eletrônicos (tabuleta de argila, papiro, pergaminho e o papel), cotejando-os com conjecturas a respeito das práticas de leitura oportunizadas pelos protocolos desses objetos culturais do ler. Os protocolos vistos nessa perspectiva poderiam afastar-se um pouco da concepção chartieriana, pois somente a partir da produção de livros de forma seriada, com uso da prensa, é que serão percebidas inscrições materiais nos textos relacionadas à edição. Todavia, ao dizer das práticas de leitura nesses suportes, percebe-se como, paulatinamente, varia a mobilidade do texto e, conseqüentemente, como se diversificam as comunidades leitoras, mesmo que essas sejam mais singulares e facilmente caracterizadas historicamente, ao menos nos primeiros períodos de registros de suportes móveis de leitura.

O uso das tabuletas de argila para escrita remonta a ca. de 2300 a.C. (Suméria, Mesopotâmia), sendo essas utilizadas, na maior parte, para registros contábeis (FISCHER, 2006, p. 23), estendendo-se à escrita de textos oriundos da tradição oral (hinos, sagas, mitos etc.), como o épico de *Gilgamesh* (ca. 2000 a.C.), que, de acordo com Fandiman e Major (1999, p.3), “[...] é sem dúvida o mais antigo poema

narrativo sobrevivente, e um dos trabalhos fundadores da literatura ocidental”³⁶. Todavia, como a leitura era privilégio de poucos (maior parte de leitores constituía-se dos próprios escribas que cunhavam as tabuletas), os usos de tais objetos como suporte poderiam estar relacionadas ao ato de consultas eventuais, atendendo ao propósito apenas de guarda dos registros, ideia que é ratificada por Fischer (2006, p. 17):

[...] com exceção de raras edições literárias que cabiam na palma da mão com textos em miniatura, a tabuleta de argila era um objeto grande e pesado, um tanto desconfortável para uma leitura como atividade de lazer. Com base nesse fracasso quase generalizado dos escribas da Mesopotâmia em elaborar uma literatura mais convidativa, poderíamos deduzir que a leitura estava relacionada sobretudo ao trabalho. Isto é, não se tratava de uma atividade solitária, aprazível e silenciosa, mas sim pública, exigente e audível. Em geral, a palavra escrita servia apenas para motivar a recuperação de um texto anteriormente decorado. Toda a literatura da Mesopotâmia, até mesmo a literatura escrita, era pública e oral.

Apesar do exposto, Manguel (1997, p. 149), ao discorrer sobre a forma do livro através dos tempos, afirma que um conjunto de tabuletas mesopotâmicas poderia constituir um livro daquele tempo, dispostas, talvez, numa bolsa ou numa caixa, ordenadas de modo a facilitar o manuseio em certa ordem, conferindo mobilidade aos escritos.

Nos dizeres de Martins (2002, p. 61), “[...] sem a menor dúvida, o mais célebre de todos os produtos vegetais empregados na escrita é o **papiro**, de tanta importância histórica em si mesmo”. O autor ainda diz da impossibilidade de se precisar o momento em o papiro se tornou um suporte para a escrita, mas informa da possibilidade de que os mais antigos papiros encontrados possam datar de ca. de 1.500 a.C.

Esse suporte, que era o produto da tecnologia egípcia do manuseio das tiras do junco que nasciam nos pântano do delta do rio Nilo, de acordo com Lyons (2011. p. 2) foi a primeira forma de papel utilizada na produção de livros no Egito, Grécia e Roma, tendo sido um importante impulsionador da leitura no Mediterrâneo, mesmo

³⁶ “*The Epic of Gilgamesh is without doubt the world’s oldest surviving narrative poem, and one of the founding works of Western literature*”.

diante do alto custo do material, que se acrescia, quanto mais fossem os intermediários entre o único distribuidor (Egito) e o comprador final, o que contribuía para uma circulação restrita de rolos, já que poucos tinham recursos para comprá-los (FISCHER, 2006, p. 43).

Sobre o manuseio desse suporte, Fischer (2006, p. 63) assim se posiciona:

A leitura do rolo de papiro não era uma tarefa simples, pois era necessário desenrolá-lo seguidas vezes. Retornar, ir adiante no texto ou procurar determinada passagem nele era difícil. Não havia sumários ou índices [ou pontuação]. Para fechar o rolo de papiro e armazená-lo de modo adequado, era preciso enrolá-lo novamente até o início. (Deixá-lo aberto em um segmento poderia causar danos.) Além disso, era um objeto caríssimo e, por isso, precioso, o qual sempre exigia uma armazenagem segura, longe de crianças, cães, roedores, ladrões e, acima de tudo, chuva ou vinho derramado. Se houvesse um incêndio na casa, os *volumina* eram, sem dúvida, as primeiras coisas a serem salvas depois das crianças.

Apesar de popular e de ter contribuído para a valorização dos escritos, os rolos de papiro eram muito frágeis. Lyons (2011) destaca o fato desses suportes se decomporem com muita facilidade e, por esse motivo, não serem adequados para uso nas regiões mais úmidas da Europa.

O pergaminho, mais resistente, passa a competir com o papiro por volta do século I a.C. (LYONS, 2011). Embora com certa desconfiança, Battles (2003) e Martins (2002) dizem que o desenvolvimento da técnica de uso de pele de animais para confecção de suportes para a escrita teria sido impulsionado pelo cessar do fornecimento de papiro para a Grécia durante o governo de Ptolomeu Epifânio, que agia desejoso de impedir o crescimento de uma rival da biblioteca de Alexandria. Porém, o advento do rolo de pergaminho não tirou imediatamente o papiro do mercado. Era uma tecnologia de alto custo e coexistiu com a invenção egípcia, sendo o papiro usado, sobretudo, na Antiguidade. De acordo com Lyons (2011, p. 22), embora fosse de matéria-prima mais resistente, dependia de preparo cuidadoso e estava condicionado ao abate de muitos animais, sendo que a pele de vitelo (*vellum*) era considerada a melhor de todas.

A Bíblia de Winchester, por exemplo, consumiu 250 peles de vitelo,

mas 2 mil foram reunidas, e dessas apenas as melhores foram usadas. Esse nível de consumo só era possível em uma sociedade em que a prática da escrita não era amplamente difundida (LYONS, 2011, p. 22).

Quanto aos modos de ler e escrever nos rolos, Chartier (1998, p. 24) aponta para uma particular forma de intervenção do autor e/ou leitor junto aos mesmos, pois se trata de um tipo de livro constituído de longa faixa que deve ser segurada firmemente com as duas mãos para desenrolar. Imposto por essas limitações, um leitor de tal suporte teria que contar com um escriba a tomar notas das reflexões resultantes do processo de leitura.

Entretanto, a partir da descoberta da possibilidade de se utilizar os dois lados do pergaminho houve importantes mudanças nos modos de ler. Tal fato colaborou para a apresentação do livro no formato de códice, por volta do século IV, o qual “[...] liberava o leitor para usar uma das mãos para fazer anotações ou beber algo” (LYONS, 2011, p. 37). Fischer (2006, p. 76) vai de encontro ao disposto em relação ao pergaminho como primeira possibilidade de folhas dobradas ao dizer de evidências arqueológicas de códices estruturados em papiro, dando o exemplo de Júlio César, que, no século I a.C., dobrara uma folha de papiro em “páginas”, de forma a enviá-lo facilmente como correspondência às tropas.

Independentemente da época de surgimento, esse formato (o códice de pergaminho) veio a fortalecer as opções de portabilidade do livro, colaborando para que tal objeto assumisse um “papel” mais amigável como suporte informacional, inaugurando novos gestos, não possíveis de outras formas (CHARTIER, 2002c). Nesse âmbito, Manguel (1997, p. 151) afirma que:

[...] o códice de pergaminho logo se tornou a forma comum dos livros para autoridades e padres, viajantes e estudantes – na verdade, para todos aqueles que precisavam transportar em boas condições seu material de leitura de um lugar para o outro e consultar qualquer parte do texto com facilidade. Ademais, ambos os lados da folha podiam conter texto e as quatro margens de uma página de códice facilitavam a inclusão de glosas e comentários, permitindo ao leitor por seu dedo na história [...]. O códice permitia [de modo diferente do rolo] que o leitor pulasse rapidamente para outras páginas e assim retivesse um sentimento de totalidade – sentimento composto pelo fato de que em geral o texto inteiro permanecia nas mãos dele durante toda a leitura.

Mesmo diante de tantos avanços e transformações nos suportes de leitura, a escrita permanecia como uma representação do que já estava consolidado oralmente, sendo que depois dos séculos II e III d.C. a *scriptura continua* (escrita contínua, na qual as palavras não eram separadas, sem uso de pontuação ou espaços) tornou-se tradicional para os escritores do latim, uma vez que a base para a pontuação latina era a retórica (FISCHER, 2006), sendo ainda comum a leitura feita em voz alta (MANGUEL, 1997).

Embora Svenbro (1998) diga de registros de leitura silenciosa por parte dos gregos, mesmo a partir de um texto em *scriptura continua*, não seria equivocado dizer que a leitura silenciosa foi impulsionada por inovações ortográficas que alteraram a forma do texto e colaboraram para a construção de sentidos a partir da leitura cada vez mais desgarrada do conhecimento do texto em sua forma oral, o que se deu de modo lento e no decorrer da passagem do período entre os séculos VI e IX d.C.

Toda inovação ortográfica fundamental desde a era carolíngia foi direcionada à organização visual dos alfabetos latino e grego (derivado), libertando cada vez mais o texto da fala. Mas, a partir do século X, foi a separação das palavras, acima de tudo, que concedeu aos olhos a primazia na leitura.

A característica visual mais notável depois da invenção da minúscula do final da era carolíngia foi a separação entre as palavras por meio do espaço em branco deixado antes e depois de cada uma, como as palavras desta página (FISCHER, 2006, p. 148).

No meio monástico europeu, no qual atuavam os escribas e copistas, já a partir do século VI se encontravam menções aos benefícios da leitura silenciosa (PARKES, 1998), sendo que por volta do século IX tal prática já era consolidada nos conventos, quando surgiram os primeiros regulamentos que exigiam silêncio nos *scriptoriums*, onde os profissionais da arte do livro atuavam (MANGUEL, 1997).

Na medida em que esses outros modos de ler se apresentavam, o papel já tinha sido inventado na China, uma vez que se registra o uso desse suporte naquela região por volta do ano 105 d.C. (FISCHER, 2006). Porém, o mais forte indício da entrada dessa tecnologia na Europa foi o estabelecimento de uma fábrica de papel na Espanha, em 1144 (MARTINS, 2002). Devido ao baixo custo, abundância de matéria-prima e maleabilidade, o papel foi tomando o lugar do pergaminho,

gradativamente, num regime de coexistência que somente foi enfraquecido muito tempo depois da invenção da prensa. Inclusive, de acordo com Martins (2002), o papel, pelas qualidades mencionadas, levou à invenção da prensa de Gutenberg, pois nenhum outro suporte conhecido permitia a impressão de tipos através de pressão.

Quanto à apresentação, Manguel (1997, p. 159) afirma que o livro impresso se assemelhava muito com as dos manuscritos, cujo gosto não foi imediatamente erradicado pela inovação tecnológica de impressão. “Ao contrário, Gutenberg e seus seguidores tentaram imitar a arte dos escribas, e a maioria dos *incunabula*³⁷ tem uma aparência de manuscrito”, evidenciando-se um hibridismo que fala muito sobre os anseios dos leitores daquela época, cujas necessidades poderiam ser mais bem observadas devido ao trabalho ainda artesanal de publicação de livros.

A produção do livro impresso sofreu um aumento substancial a partir da Renascença (período entre fins do século XIII e meados do século XVII), tendo o uso do papel disparado, a partir da popularização da imprensa, sendo possível o acesso ao livro, em portes variados, por parte de comunidades diversas (MARTINS, 2002; FISCHER, 2006), estabelecendo-se o códice como o formato que perdura na apresentação do impresso até os dias de hoje.

Para Chartier (2014, p. 112),

os efeitos inerentes à invenção de Gutenberg [...] dizem respeito às relações entre obras como textos e as maneiras como esses textos eram inscritos em forma material. [...] embora o livro impresso tenha herdado as estruturas básicas do livro manuscrito [...], propunha inovações que modificavam profundamente a relação do leitor com o material escrito.

Certas inscrições autorais, por exemplo, adquiriram maior delineamento a partir do advento da imprensa, uma vez que as obras de um autor passavam a ser mais comumente reunidas em um livro impresso, arranjo esse que, anteriormente, geralmente era feito pelos leitores que ajuntavam seus textos em único volume

³⁷ Incunábulo (latim), livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500) (HOUAISS, 2009, p. 1070).

(CHARTIER, 2014). Ainda sobre a figura do autor, no âmbito da imprensa, Febvre e Martin (2010, p. 159-160, tradução nossa) acrescentam que:

A última profissão associada à impressão, que foi vinculada à imprensa e nasceu por causa disso, é a profissão do autor. Hoje, o autor se beneficia da venda de cópias do seu trabalho por meio do sistema de *royalties*, que agora é tido como certo, mas se passou um longo tempo até a concepção do mesmo. Antes do advento da impressão isso era inconcebível. Verdade, manuscritos foram produzidos em massa por copistas, mas como alguém poderia pensar a remuneração do autor por um texto sobre o qual ele não tinha nenhum monopólio e que qualquer um poderia copiar? Em tais condições um autor não poderia ter a certeza de uma renda, e se ele não escrevesse por uma questão de prestígio apenas, ele se voltaria para a proteção de alguma grande figura, um mecenas, e venderia cópias feitas sob a supervisão do patrono [...]. Foi como um corretor de provas ao invés de como um autor que o homem literário fez sua entrada na área profissional de publicações.³⁸

Sobre o livro impresso, é preciso cuidar, entretanto, para não o tratar de forma generalizada. As variações materiais possíveis, a partir do códice impresso, também garantem a singularidade de cada título, de acordo com os diferentes tempos de publicação e considerando as diversas intervenções tipográficas para sua confecção, situação essa que se consolida, por exemplo, nos estudos feitos por Chartier a respeito de publicações de Cervantes (2002c, 2011, 2014) e Shakespeare (2011, 2014). Apoiando-se na perspectiva do autor citado, é possível dizer que, assim como se alteram os materiais, as formas e os sujeitos envolvidos na fabricação de um livro, também se alteram os significados inerentes à leitura do mesmo, uma vez que:

A questão essencial que [...] deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem. Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que

³⁸ *“The last profession associated with printing, one that was bound to the press and was born because of it, is the profession of author. Today the author benefits from the sale of copies of his work by means of the royalty system, which is now taken for granted, but was a long time in conception. Before the advent of printing it was inconceivable. True, manuscripts were mass produced by copyists, but how could anyone imagine remuneration of the author for a text in which he had no monopoly and which anyone could copy? In such conditions an author could not be assured of an income, and if he did not write for the sake of prestige alone, he turned for protection to some great personage, a Maecenas, and sold copies made under the patron’s supervision.[...] It was as a proof corrector rather than author that the literary man made his entrance into publishing”.*

permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados (CHARTIER, 2002c, p. 61-62).

No século XIX, com a Revolução Industrial, os modos de fabricação do livro experimentaram grande transformação, com isso novos leitores se constituíram e profissionais do livro se especializaram, consolidando-se um mercado livreiro estruturado (LYONS, 2011). Presume-se que os dispositivos editoriais (tipográficos) tivessem ficado mais marcados nas publicações a partir de então.

Essas transformações tornaram mais intrincadas as questões da relação com o livro, pois o acesso a tal material foi exponencialmente facilitado, fato que favorece um falar de práticas e modos de ler não somente destacando a forma apresentada pelo suporte (também ela), mas suscitando uma observação muito mais cuidadosa e detalhada dos espaços e tempos inerentes aos diferentes livros e leitores, esses que são provenientes de diversos lugares, cujas manifestações culturais são muito particulares e determinantes na constituição de práticas.

Os percursos históricos desses suportes de leitura (tabuletas de argila, papiro, pergaminho, papel, códice), em suas diversas formas, que, superficialmente, ora se apresentam, possibilitam a percepção de que na medida em que novas tecnologias são introduzidas, há um período de transição inerente à adequação dos usos dessas, o que se repete historicamente, “[...] visto que cada nova geração de leitores tem que passar pelos mesmos estágios de aprendizagem e de experiência do processo como seus predecessores” (PARKES, 1998, p. 116). Na mesma medida, são as necessidades e práticas de cada nova geração de leitores que suscitam essas tecnologias. Premissa essa que vai ao encontro do que diz Ribeiro (2007, p. 126-127):

Com o passar do tempo e o desenvolvimento dos recursos, os suportes e as ferramentas para escrever e ler mudam. A prática do leitor fornece subsídios para que os produtores de material escrito e/ou dispositivos para leitura possam repensar, reprojeter e reinventar materiais e recursos, de acordo com a demanda constante do leitor, que busca conforto, eficiência, portabilidade e compreensibilidade. E o leitor vai se conformando ao objeto de ler, num ciclo retroalimentado e retroalimentador.

O desenvolvimento de novas práticas de leitura será naturalmente inerente a esse processo de “conformação” descrito por Ribeiro (2007), pois, indo ao encontro da perspectiva chartieriana, as necessidades provenientes de diferentes comunidades culturais darão origem a tais práticas, que por sua vez serão resultantes das representações de real que tal público experimenta e que é determinante de cada grupo social (CHARTIER, 1990).

5.2 TEXTOS ELETRÔNICOS E PROTOCOLOS DE LEITURA

No ano de 1975 era lançado o primeiro computador portátil, o IBM 5100, constituído de uma unidade sólida com tela integrada, monocromática, de cinco polegadas. Mas foi somente em meados da década de 1980 que os computadores pessoais se tornaram mais populares, principalmente a partir do lançamento do Macintosh, máquina da Apple, com valor mais acessível, que introduzia uma interface amigável de utilização (e edição textual) e a possibilidade de uso do *mouse* (CERUZZI, 2012).

Novos modelos não cessaram de surgir e, por volta do final da década de 1990, tendo o computador passado por várias transformações em decorrência do rápido desenvolvimento de tecnologias digitais, cujo ritmo se mantém em constante aceleração até os dias atuais, mais de 30 milhões de computadores já estavam ligados à internet³⁹ (CERUZZI, 2012), a qual é descrita por Procópio (2010, p. 221) como uma “rede composta por milhares de outras redes interconectadas mundialmente, abrangendo o mundo militar, acadêmico, governamental e empresarial”.

As tecnologias ora mencionadas vieram a contribuir para a consolidação de um novo suporte de leitura (a tela), um novo texto (o eletrônico) e, conseqüentemente, novos modos de ler, novas práticas frente a um objeto cultural que agrega possibilidades de usos múltiplos e que guarda algo dos modos de ler relacionados a suportes manuscritos ou impressos, pois, segundo Chartier (1998b, p. 13),

[...] De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da

³⁹ Sucessora do projeto ARPANET, uma iniciativa de comunicação financiada pelos militares norte-americanos, que, de acordo com Ceruzzi (2012) diferencia-se pela falta de componentes sociais, políticos e econômicos inerentes à *network* dos dias atuais.

Antiguidade: o texto que ele lê corre diante dos seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como paginação, o índice, o recorte do texto.

Apesar dessas observadas semelhanças em relação aos gestos de ler, Chartier (1998b, p. 13) também chama a atenção para uma importante postura em relação à tela, ao considerar essa um marco da separação entre texto e corpo, visto que as estruturas do escrito entram no âmbito da virtualidade, do não concreto. Sobre essa leitura feita no computador, Ribeiro (2007, p. 129) assim se manifesta:

A relação estabelecida (durante séculos) entre as mãos e o papel, o tato e a capa, as pontas dos dedos, a saliva e as arestas do papel, a página e a numeração, o movimento dos olhos e a forma das letras – a serifa –, a lombada e a estante, o cheiro de papel e a cor amarelada, a traça e o tipo de papel, a posição do corpo e o objeto mínimo que marca a página em que se interrompeu a leitura... tudo isso ganha *status* de opção e passa a fazer parte de um universo ampliado por uma nova possibilidade: a de ler diante de uma tela que emite luz, mover o texto de maneira indireta (por meio do *mouse* ou teclado), sentir a eletricidade, ouvir os estalos da eletrostática, escrever copiando e colando, não precisar fazer muitas vias enquanto o texto não estiver pronto, corrigir o original virtualmente, escutar o ruído leve do computador ligado, a ventoinha que refresca os componentes eletrônicos, desligar o texto da tela e deixa-lo marcado com um marcador virtual.

Frente ao exposto, percebe-se que séculos de práticas pautadas numa aproximação corporal direta dos suportes para acesso aos escritos, anteriores ao texto eletrônico, são colocados em xeque, pois novos sentidos são necessários, culminando em envolvimento diversificados, uma vez que se alteram tanto as formas de reprodução do livro quanto suas estruturas e os modos de acesso aos textos (CHARTIER, 1999b).

Mesmo considerando importantes as transformações da leitura na tela do computador, interessa prioritariamente a esta pesquisa uma das ramificações desse viés de inovações tecnológicas: o surgimento e evolução do “objeto” livro eletrônico, que se entremeia com as criação e evoluções dos aparelhos portáteis para leitura do




mesmo. Para Procópio (2010, 2013), isso se configura numa revolução no mercado editorial.

Não se pode precisar em qual momento se instalou essa inquietação em direção à adaptação do objeto livro para o formato eletrônico, mas se conjectura que na mesma medida que, nos dizeres de Zilberman (2000, p. 108), “a sociedade do livro [impresso] exigiu a consolidação de aparelhos encarregados de disseminar a escrita”, assim o fez (e faz) a sociedade da informação contemporânea.

Ao observar o Quadro 3, disposto a seguir, é possível visualizar, de modo simplificado, alguns eventos que marcaram o surgimento e a evolução de um suporte pensado exclusivamente para a leitura de livros eletrônicos: o *e-reader*, o qual é conceituado por Procópio (2010, p. 81-82) como:

Um dispositivo portátil eletrônico, com tela plana de cristal líquido ou não [LCD ou *E-Ink*], sensível ao toque de uma caneta ou dedo. Com controle de luminosidade ajustável para prevenir cansaço nos olhos e problemas de saúde dessa ordem. Com um “sistema operacional” interno que absorvesse e suportasse um *browser* – daí o aplicativo *reader*, “leitor”, em inglês – que enxergasse, tal como os navegadores Internet Explorer, Chrome, Firefox, Opera, os textos inteligentes ou hipertextos.

Quadro 3 – Evolução do e-reader

1971		O estudante da Universidade de Illinois, Michael Hart, publica manualmente o texto da Declaração da Independência dos EUA num banco de dados do campus. Essa é a primeira edição no Projeto Gutenberg ⁴⁰ , uma biblioteca digital que disponibiliza, atualmente, mais de 50.000 títulos gratuitos.
1990		A Sony introduz o Data Discman , um leitor eletrônico que possibilitava a leitura de <i>e-books</i> armazenados em CDs.
1997		Uma equipe do Massachusetts Institute of Technology Media Lab aperfeiçoa a tecnologia que replica a aparência da página de um livro por meio da manipulação de partículas minúsculas suspensas em um líquido transparente. A equipe constituiu a E Ink ⁴¹ Corp. Essa tecnologia se tornou o <i>display</i> de escolha para os <i>e-readers</i> .

⁴⁰ <https://www.gutenberg.org/>

⁴¹ *Electronic ink (E-ink)* = tinta eletrônica.

1998		A primeira geração de leitores de e-book chega ao mercado, com um preço de até \$1.500. Um dos modelos relativamente mais vendidos foi o Rocket e-book , o qual permitia o download de livros digitais de distribuidores tais como a Barnes & Noble ⁴² . O consumo foi limitado por conta dos altos custos, brilho da tela e acervo limitado.
2004		O Sony Reader é lançado no Japão, utilizando tecnologia <i>E-Ink</i> . Esse leitor consumia bem menos bateria que os dispositivos anteriores, mas não foi disponibilizado em inglês por outros dois anos.
2007		A Amazon revela seu primeiro <i>e-reader</i> , o Kindle . O dispositivo, com um teclado e memória para 200 livros, era vendido por \$300. Os estoques (EUA) foram esgotados em seis horas.
2009		A Barnes & Noble lança seu e-reader, o Nook .
2010		A Apple lança o iPad , um <i>tablet</i> , com tecnologia <i>touchscreen</i> , que disponibilizava aplicativo de leitura, o iBooks .
2011		A Indigo ⁴³ lança o Kobo na Europa, seguindo a divulgação norte americana feita em 2010.
2014		A Amazon lança novo Kindle , com tecnologia <i>touchscreen</i> .

Fonte: adaptado pela pesquisadora de *The evolution of the e-reader* (2012, tradução nossa).

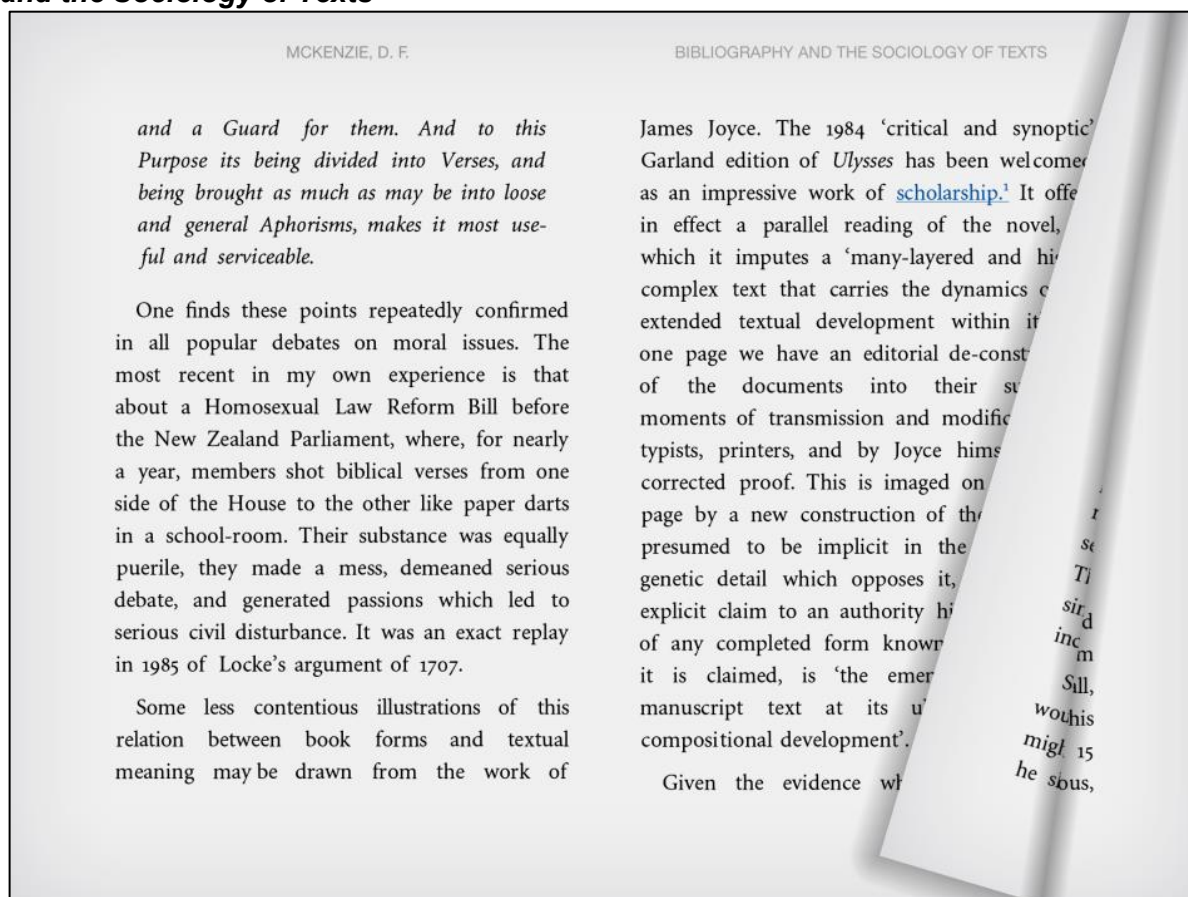
Percebe-se que mudanças substanciais, no que se refere aos *e-readers*, ocorreram dentro de um curto intervalo temporal, principalmente se comparadas com as transformações ocorridas nos suportes manuscritos ou impressos. Podem ser pontuadas como determinantes duas situações: o desenvolvimento da tecnologia de tinta eletrônica (*E-Ink*) e a possibilidade de passar as “páginas” por meio do toque na

⁴² A Barnes & Noble Inc. é a maior distribuidora de livros a varejo dos Estados Unidos (<http://www.barnesandnoble.com/>).

⁴³ Loja de departamentos tradicional do Canadá, que desenvolveu um segmento voltado ao mercado de *e-reading*, criando o Kobo, operando em mais de 100 países (<https://www.chapters.indigo.ca/en-ca>).

tela (*touchscreen*). Tais características levam a acreditar que os usuários de equipamentos direcionados à leitura de textos eletrônicos buscam uma familiaridade com o formato do códice e com os gestos de leitura do livro impresso, como a visualização de passagem de uma página, o que segue ilustrado na Figura 1, que mostra uma tela do aplicativo de leitura do Kindle para *tablets*.

Figura 1 – Print screen (tamanho reduzido) de tablet (iPad 2) do e-book “*Bibliography and the Sociology of Texts*”



Fonte: captura de tela de Mackenzie (1999) feita pela pesquisadora.

No Quadro 3 nota-se também a presença do lançamento do iPad, que embora não tenha sido criado com única finalidade de leitura de livros, apresenta-se como equipamento tecnológico contemporâneo que tem causado impacto no mercado de livros eletrônicos, o que é ratificado por Procópio (2013, p. 158) quando o mesmo informa que até março de 2012 a Apple tinha comercializado cerca de trinta milhões de livros eletrônicos.

Devido à peculiar característica de acesso ao livro eletrônico, o qual demanda um aplicativo (*software*) específico para navegação e também um suporte eletrônico

(*hardware*) específico, a leitura de *e-books* tem ocorrido normalmente por meio do uso de *tablets* e *smartphones*, seguidos pelos *notebooks*, *ultrabooks*⁴⁴ e, por último, os *e-readers* (PROCÓPIO, 2013, p. 139); sendo que não pode ser descartada a possibilidade de que os *smartphones* sejam, atualmente, os mais utilizados, uma vez se tornaram objetos ubíquos na sociedade, de acordo com as notícias de lançamento da 26ª *pesquisa anual do uso de TI – 2015*, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (2015). A pesquisa afirma que dos 306 milhões de dispositivos conectáveis à internet no Brasil, até o mês de maio de 2015, 154 milhões eram *smartphones*. Aparelhos esses que são o símbolo da convergência tecnológica e midiática contemporânea a partir do momento que reúnem ferramentas de acesso ao rádio, à televisão, ao cinema, aos games... em apenas um dispositivo eletrônico (JENKINS, 2009).

À exceção da variedade de tamanhos de telas disponíveis para leitura, principalmente no que se refere às pequenas telas dos *smartphones* que podem ser operados com apenas uma das mãos, surge um questionamento em relação ao que poderia ser considerado um protocolo de leitura inerente aos livros eletrônicos, conferindo certa ordem nas leituras feitas dos mesmos.

Hendel (2006), ao dizer das questões de projeto de *design* do livro, menciona a todo o momento a necessidade de observar as convenções tipográficas tradicionais (variedade de fonte; usos de hífen, símbolos, travessões, barras; tamanho das margens; formato do e distribuição apropriada do texto etc.), mesmo com o auxílio do computador. Não seria então viável aventar a possibilidade de que resquícios dos protocolos tipográficos, aqueles sobre os quais diz Chartier (1996, 1999b), se depositem nos ditos livros eletrônicos, porém de outros modos, típicos dos suportes contemporâneos não impressos?

Num esforço de concordância com a viabilidade de estender tal olhar ao texto eletrônico, toma-se como equivalente de tais inscrições tipográficas algumas características esperadas nos *softwares* e/ou *hardwares* para navegação nos chamados *e-books*, descritas por Procópio (2010, p. 26-27) como as mais

⁴⁴ Tipo de *laptop/notebook* ultrafino.

interessantes nos *e-readers*, embora as mesmas estendam-se a outros equipamentos eletrônicos também utilizados para leitura:

- **Marcadores de página** (*software, hardware*) – possibilidade de marcar virtualmente um trecho sendo possível retornar a ele com facilidade, mesmo que acesso o aplicativo de leitura em um suporte diferente. Pode ser limitado se o formato do livro for PDF;
- **Bloco de anotações** (*software, hardware*) – facilidade de marcar trechos e escrever notas no decorrer da leitura, podendo também acessar em outros suportes que permitam o uso de aplicativo compatível e, em alguns casos (Kindle, Kobo), compartilhar com comunidades de leitores. Pode ser limitado se o formato do livro for PDF;
- **Controle ajustável de luminosidade** (*hardware*) – principalmente nos equipamentos que não são dotados de tecnologia *E-Ink*, embora o Kobo e o Kindle já possuam luz auxiliar para leitura também nesse modelo;
- **Controle de brilho e contraste** (*hardware*) – nos modelos que não utilizam a tecnologia de *E-Ink* também é possível encontrar aplicativos que possibilitam alterar a cor de fundo;
- **Dicionário** (*software, hardware*) – depende das funções próprias do aplicativo e da possibilidade de conexão com a internet. Pode ser limitado se o formato do livro for PDF;
- **Busca por palavras ou frases no texto** (*software*) – Pode ser limitado se o formato do livro for PDF e não permitir busca textual;
- **Ajuste de tamanho e tipo de fontes** (*software*) – as disponibilidades de fontes e tamanhos variam de acordo com os *softwares* próprios de cada fabricante, Não possível se o formato do livro for PDF;
- **Base giratória de leitura** (*software, hardware*) – aplicável à maior parte dos *tablets* e *smartphones*, que possibilitam a mudança de orientação da tela;
- **Acesso às livrarias ou bibliotecas digitais** (*software*) – condicionados aos modelos de e-reader, que comumente são comercializados por livrarias específicas; e também dos diferentes *hardwares* onde os aplicativos possam ser instalados, como no caso dos *tablets* e computadores (*desktops* ou *laptops*)

- **Biblioteca pessoal** (*software, hardware*)
- **Capacidade de armazenamento** (*software, hardware*) – facilitada a partir do desenvolvimento da tecnologia de armazenamento em nuvem (Google Drive, Dropbox, iCloud etc.) a qual se configura pela a guarda de arquivos diversos em ambiente virtual, acessível via internet. Há também a possibilidade de **expandir a memória** de determinados *hardwares*, de forma a garantir maior capacidade de guarda física;
- **Tamanho de um livro impresso** (*hardware*) – característica inerente basicamente aos *e-readers*, que parecerem querer mimetizar a proporção mais corriqueira de um livro impresso de bolso (modelos mais novos, tais como: Kobo, Lev, Kindle Pró)
- **Baterias duradoras** (*software, hardware*) – embora inicialmente se pense apenas na tecnologia relacionada ao equipamento, há *softwares* que demandam muito consumo de bateria. Os *e-readers* que utilizam *E-Ink* são os mais econômicos;
- **Compatibilidade com PCs** (*software*) – a possibilidade de acesso aos livros eletrônicos também em computadores convencionais, o que está diretamente relacionado à disponibilização de aplicativos compatíveis por parte dos distribuidores de *e-readers* e livros eletrônicos;
- **Peso** (*hardware*) – relacionado diretamente ao potencial de portabilidade do suporte.

Uma vez que a maior parte das características ora pontuadas interfere de algum modo na forma final que o livro eletrônico assumirá ao chegar ao leitor, seja por permitir alterações substanciais no modo de apresentação ou por permanecer inalterável à visualização (PDF), certamente serão criadas diferentes possibilidades de apropriação do texto lido no suporte para o texto eletrônico.

Essa dinâmica de apresentação do livro eletrônico confere ao leitor novo papel, o de coeditor, diante da possibilidade de que ele elabore uma “edição” que se encontre o mais próxima possível do que seria, individualmente, resultado do seu projeto de design do livro, que irá ao encontro das representações de livro que o mesmo

percebe como ideais. Sobre os novos papéis assumidos pelo leitor frente ao texto eletrônico, Chartier (1999b, p. 103) acrescenta:

[...] Não somente o leitor pode submeter os textos a múltiplas operações (ele pode indexá-lo, anotá-lo, copiá-lo, desmembrá-lo, recompô-lo, desloca-lo, etc.), mais do que isso, ele pode se tornar seu co-autor. A distinção, claramente visível no livro impresso, entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, apaga-se em benefício de uma outra realidade: aquela em que o leitor torna-se um dos autores de uma escrita de várias vozes ou, pelo menos, encontra-se em posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos recortados e reunidos.

Diferentemente do ocorrido por ocasião do desenvolvimento da imprensa, que possibilitou a consolidação da possibilidade do reconhecimento autoral (FEBVRE, MARTIN, 2010), essa revolução do livro parece contribuir para uma redefinição do papel do autor.

Uma forma de buscar compreensão sobre o que diz Chartier, sobre essa pluralidade autoral, é observar o fenômeno do gênero *Fanfic*⁴⁵, uma modalidade de ficção, escrita por fãs de livros, séries de televisão, filmes etc.; utilizando personagens e situações dos mesmos para desenvolver novas tramas, cujos textos são comumente encontrados em comunidades na internet. Uma das bases de dados referência em *Fanfics* e *Crossovers*⁴⁶, atualmente, é a *Fanfiction.Net*⁴⁷, criada há 17 anos, a qual também disponibiliza uma versão para *smartphones* que permite acesso e edição. Também na comunidade Wattpad⁴⁸, que se anuncia como a maior comunidade de leitores e escritores do mundo, com 100 milhões de histórias para serem lidas, estão disponíveis textos de diversos gêneros, inclusive *Fanfics*, podendo ser utilizadas versões para equipamentos eletrônicos móveis.

Enfim, é fato que as práticas de leitura e escrita, literárias ou não, encontram-se definitivamente alteradas e fortemente influenciadas pelas formas assumidas pelo texto eletrônico. As ferramentas disponibilizadas pelos *softwares* e *hardwares* de

⁴⁵ *Fanfic*: forma mais conhecida do gênero literário *Fan Fiction*.

⁴⁶ Tipo de *Fanfic* que combina mais de um mundo, por exemplo: personagens da saga Harry Potter (um dos mundos ficcionais com grande destaque no mundo da *Fanfic*) que se unem aos personagens da saga Percy Jackson para cumprir uma missão.

⁴⁷ www.fanfiction.net/

⁴⁸ www.wattpad.com/

leitura parecem querer diminuir essa separação corporal entre o texto e o leitor, da qual falava Chartier (1998b, p. 13), vindo a favorecer a inscrição do leitor também como autor e editor, parecendo ser instituída uma forma mais complexa de produção de sentidos, visto que as possibilidades de manipulação dos textos se ampliam.

No âmbito dessas transformações e inovações, residem também discussões inerentes ao fim do impresso que perpassam, em diferentes níveis, produções acadêmicas que de alguma forma tratam sobre suportes e práticas de leitura, tais como alguns adotados como aportes teóricos desta pesquisa⁴⁹.

Sobre essas questões do futuro do livro, Procópio (2013, p. 65) posiciona-se dizendo que o passado do livro já é digital. Mas esse não é um passado distante, é aquele que se tornou possível a partir do advento dos computadores e da modernização dos trabalhos de criação e edição, nos quais o autor escreve seu texto num computador, o salva no formato eletrônico e o submete aos processos editoriais que serão também realizados utilizando-se a mesma tecnologia, pois há muito que os tipos móveis não mais são utilizados. Entretanto, Procópio (2013, p. 65) complementa dizendo que “[...] o futuro do livro é híbrido. Um híbrido de livro em formato impresso, digital ou de áudio”. Tal proposta vai ao encontro do que diz Chartier (1998b) quando o mesmo menciona acreditar não num desaparecimento do impresso, mas a exemplo dos registros históricos de criação e utilização de novos suportes de leitura, num processo de coexistência, que persistirá enquanto as práticas vigentes assim o permitirem.

Ao considerar o exposto até o momento, trazendo alguma luz a intrincadas questões sobre as diferentes formas dos suportes contemporâneos (e de outros tempos) disponíveis para leitura e das condições de existência de cada tipo de suporte, coaduna-se cada vez mais com a proposta de Ribeiro (2007, p. 130) de que:

o leitor se adapta ao novo suporte, ao novo objeto de ler, e o novo objeto vai sendo refinado e projetado de acordo com as demandas do leitor, fundamentadas nisso. Trata-se, então, de um ciclo

⁴⁹ Para mais detalhes a respeito do mencionado, conferir: Baron (2015), Chartier (1998b, 2002c, 2007a), Eco e Carrière (2010), Fischer (2006); Lajolo e Zilberman (2009); Lyon (2011), Moraes (2011), Danusa Oliveira (2013), Procópio (2010, 2013), Sutherland (2014), Spalding (2012) e Zilberman (2001).

inteligente e versátil, ao qual qualquer ser humano deve ser acostumado.

Tais adaptações e refinamentos estarão diretamente relacionados às práticas culturais inerentes e resultantes de determinados arranjos sociais nos quais o indivíduo leitor estiver envolvido: as chamadas comunidades culturais ou interpretativas (FISH, 1980; CHARTIER, 1990), que se “organizam” de acordo com diferentes propósitos.

Face à realidade apresentada, na próxima seção se buscará caracterizar o perfil de um segmento de leitores literários da comunidade interpretativa de alunos do Ifes – *campus* São Mateus, na tentativa de investigar como tais sujeitos percebem e se apropriam de suportes de leitura contemporâneos.

6 A BIBLIOTECA DO IFES – CAMPUS SÃO MATEUS E SEUS LEITORES LITERÁRIOS

O Ifes é uma instituição cuja missão é “promover educação profissional e tecnológica de excelência, por meio do ensino, pesquisa e extensão, com foco no desenvolvimento humano sustentável” (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2011), que no decorrer de mais de cem anos tem se consolidado como referência em educação profissionalizante no estado do Espírito Santo. Quando do levantamento de dados para realização desta pesquisa, essa instituição possuía 21 *campi* em funcionamento, dentre eles, o *campus* São Mateus, que iniciou suas atividades em agosto de 2006, como parte do programa de expansão da Rede Federal Tecnológica no Brasil (SUEHT et al., 2009), ofertando o Curso Técnico em Mecânica, concomitante ao Ensino Médio. Atualmente esse *campus* oferta Cursos Técnicos Concomitantes e Integrados ao Ensino Médio nas áreas de Mecânica e Eletrotécnica, assim como o Bacharelado em Engenharia Mecânica (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2011).

A biblioteca desse *campus*, a qual doravante será chamada de biblioteca do *campus* São Mateus, classificada como escolar⁵⁰ e universitária⁵¹ (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2014), iniciou suas atividades no início de 2007, com acervo incipiente, sem a disponibilização de títulos literários. O desenvolvimento do mesmo se deu de forma orgânica, ora absorvendo doações de origens diversas (usuários internos e externos, programas como o Plano Nacional Biblioteca na Escola - PNBE), ora mediante realização de procedimentos de compras em atendimento às demandas dos usuários leitores e da necessidade de suporte ao que se apresenta no currículo da disciplina Língua Portuguesa e Literatura.

Até dezembro de 2014, o acervo geral totalizava 6661 exemplares de livros impressos, sendo 1377 deles pertencentes ao segmento literário (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015b), equivalendo a 20,7% do acervo, cuja

⁵⁰ “[...] que está ligada a estabelecimento de ensino, fundamental ou médio, destinada a alunos e professores” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 51).

⁵¹ “[...] que é mantida por uma instituição de ensino superior que atende às necessidades de informação dos corpos docente, discente e administrativo, tanto para apoiar as atividades de ensino, quanto pesquisa e extensão” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 53).

variedade pode ser verificada no exposto no Apêndice E, o qual ilustra as características de formação do acervo de literatura literária dessa biblioteca, de acordo com os agrupamentos de classes nas quais os títulos são inseridos quando da realização do processamento técnico⁵², tendo como base a Classificação Decimal de Dewey⁵³, que é o esquema de organização por assunto utilizado nessa unidade de informação.

O acervo literário mencionado é notadamente composto por uma maioria de títulos de literatura de língua portuguesa, predominantemente de Ficções, Poesia, Teatro e Miscelâneas Brasileiras e Portuguesas. Todavia, também estão representadas de forma expressiva classes referentes à literatura inglesa e norte-americana, que, embora não sejam abordados no currículo padrão da escola, são amplamente procurados pelos alunos, fato que será ilustrado adiante e que vai diretamente ao encontro do exposto por Gabriela Oliveira (2013) a propósito de seus achados em sua pesquisa sobre as práticas de leitura e preferências literárias de jovens alunos do Ensino Médio em São Paulo. Talvez tal preferência possa ser a impulsionadora de uma inclusão mais expressiva de títulos das literaturas de escritores de língua inglesa, o que é perceptível se comparados os dois biênios apresentados no Apêndice E.

Os usuários potenciais dos serviços da biblioteca do *campus* São Mateus são os representantes dos corpos discente, docente e demais servidores e estagiários, sendo que os alunos constituem a maior parte desse total, como ilustrado na Tabela 1. Nela se observa uma predominância acentuada do gênero masculino, principalmente nos Cursos Técnicos Concomitantes e, de modo mais marcado, na Engenharia, favorecendo uma visão de que o gênero feminino não conquistou esse espaço da educação profissionalizante nas modalidades ofertadas no *campus* São Mateus do Ifes. Tal cenário, entretanto, não pode ser projetado na mesma proporção no que se refere ao perfil do leitor literário que ora se tenta identificar.

⁵² Processamento técnico é o “[...] conjunto de atividades às quais um documento é sucessivamente submetido até ser considerado pronto para ser incluído no acervo e ser usado pela biblioteca” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 293).

⁵³ A primeira versão desse esquema foi publicada em 1876, sofrendo alterações variadas até a atualidade. A *Online Computer Library Center, Inc.* (OCLC) é responsável pelas ações de revisão e edição de tal publicação, sendo única detentora de seus direitos autorais (DEWEY, 2003).

Tabela 1 - Usuários potenciais para o período de 01/01/2011 a 31/12/2014, divididos por cursos e gêneros (quantitativo médio)

Curso	Gênero	Ano			
		2011	2012	2013	2014
Engenharia	Masculino	85	117	143	178
Mecânica	Feminino	6	12	20	28
	Total	91	129	163	206
	Média para os dois anos	110		186	
Técnico em	Masculino	154	113	81	94
Mecânica	Feminino	79	60	42	41
Concomitante	Total	233	173	123	135
	Média para os dois anos	203		129	
Técnico em	Masculino	167	135	110	116
Eletrotécnica	Feminino	98	76	56	54
Concomitante	Total	265	211	166	170
	Média para os dois anos	238		168	
Téc. em	Masculino	55	70	85	87
Mecânica	Feminino	50	60	57	69
Integrado ao	Total	105	130	142	156
Ensino Médio	Média para os dois anos	118		149	
Téc. em	Masculino	63	77	78	79
Eletrotécnica	Feminino	40	52	57	61
Integrado ao	Total	103	129	135	140
Ensino Médio	Média para os dois anos	116		138	
Servidores e estagiários	Total	111		122	
Média geral de usuários para cada intervalo		896		892	

Fonte: elaborada pela pesquisadora a partir do exposto em Sistema Acadêmico (2015).

Nota: houve necessidade de trabalhar com valores médios por ano, devido ao formato diferenciado de divisão de períodos letivos (Engenharia e Concomitantes dividem-se em semestres letivos).

Considerando as especificidades do *campus* pesquisado e do acervo literário da biblioteca do mesmo, com o intuito de conhecer um pouco das práticas de leitura literária dos usuários potenciais dessa unidade de informação (esses que fazem parte dessa comunidade interpretativa específica), a qual desenvolve suas atividades em espaço onde está presente forte apelo a inovações tecnológicas, foram adotados os procedimentos metodológicos de análise documental (registros de empréstimos⁵⁴) e de dados provenientes de questionário de estudo de usuários aplicado pela Coordenadoria da Biblioteca do *campus* São Mateus.

⁵⁴ Os dados relativos à composição do acervo da biblioteca *campus* São Mateus e quantitativos de empréstimos, referentes ao intervalo de 2011 a 2012, foram analisados e apresentados como trabalho final da disciplina “Literatura e Leitura”, ministrada no âmbito do PPGL Ufes, em 2013/2, e posteriormente apresentados no formato da comunicação oral “Práticas de leitura literária dos usuários da biblioteca do Ifes *campus* São Mateus”, durante o XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, realizado de 16 a 21 de novembro de 2014, em Belo Horizonte/MG.

6.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA: ANÁLISE DE REGISTROS DE EMPRÉSTIMO

Os relatórios relativos aos registros de procedimento de empréstimo que foram analisados (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015a, 2015c, 2015d) ofereceram tanto subsídios para determinação de usuários reais (considerando curso e gênero) que emprestaram livros de literatura na biblioteca do *campus* São Mateus, quanto para conhecimento das classes e títulos de literatura preferidos desses usuários. O período de corte definido foi o mesmo utilizado para o conhecimento do quantitativo de usuários potenciais demonstrado anteriormente: o intervalo entre os anos de 2011 a 2012 e 2013 a 2014, confrontando-se os dados desses biênios. A opção por esse recorte temporal decorreu de terem acontecido movimentos de paralização grevista durante quase todos os anos citados, o que alterou significativamente o calendário acadêmico no que se refere a início e final de semestres e anos letivos e, embora não se intencione proceder a uma observação seriada, pensou-se que um período maior de observação favoreceria entendimento tanto de um possível perfil de leitores quanto das práticas constituídas no local da pesquisa. Não foram emitidos relatórios referentes ao ano letivo de 2015 pelo fato do mesmo ter previsão de conclusão somente em março de 2016.

O primeiro relatório analisado dispunha das informações de todos os materiais emprestados no intervalo temporal mencionado (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015c), arrolando individualmente os usuários que efetivamente realizaram empréstimos de livros de literatura. Dessa forma foi possível identificar o quantitativo de usuários reais que procuraram por literatura, podendo também separá-los de acordo com os gêneros dos mesmos, conforme o apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Quantitativo de usuários reais, leitores literários, de acordo com o gênero

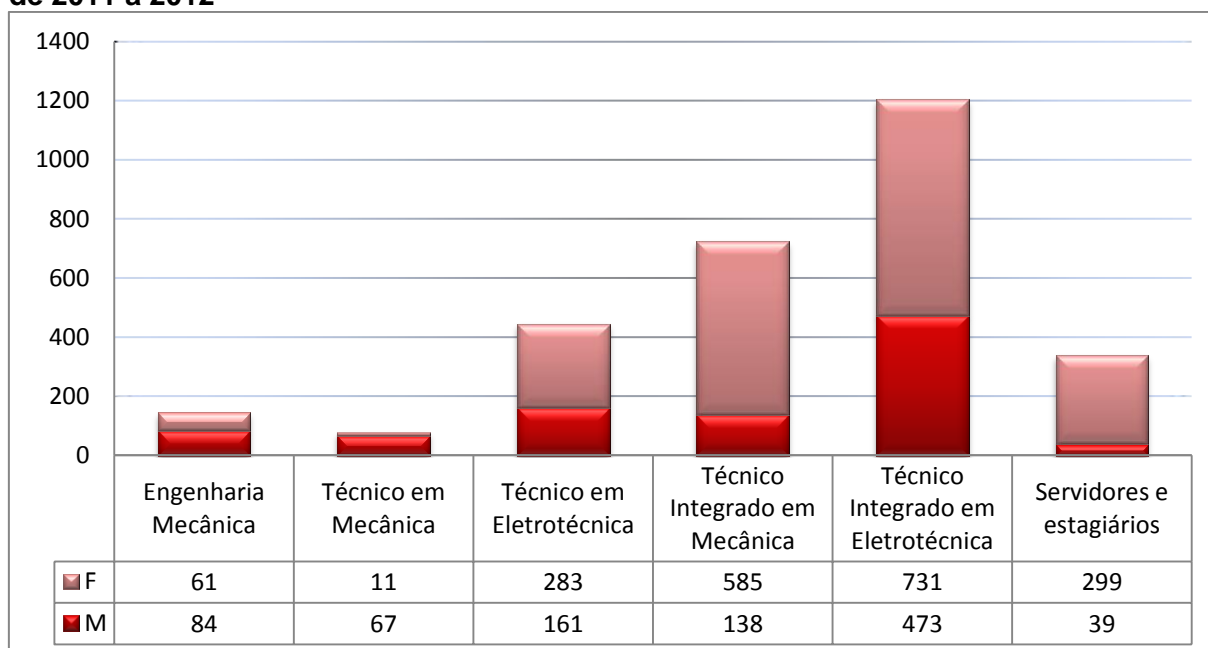
Biênio	Usuários reais (% em relação ao total)	Gênero	
		(% em relação aos usuários reais)	
		F	M
2011 a 2012	303 (33,82%)	163 (53,8%)	140 (46,2%)
2013 a 2014	267 (29,93%)	155 (58%)	112 (42%)

Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto do Federal Espírito Santo (2015c).

Ao comparar os dados de usuários potenciais (TABELA 1) e reais (TABELA 2), atendo-se à realidade do lócus da pesquisa, verifica-se que aproximadamente um terço da comunidade acadêmica manifesta interesse pela leitura de literatura, tendo sido percebida uma diminuição da quantidade de leitores com esse interesse do primeiro para o segundo biênio analisado. Outra característica desse grupo de interesse, que se mantém nos dois períodos, é a preponderância de leitores do gênero feminino, mesmo que tal segmento se apresente em menor número em todos os cursos e períodos tabulados.

Os Gráficos 1 e 2 permitem visualizar em quais cursos ou categorias (no caso dos servidores e estagiários) se concentram o maior quantitativo de empréstimos de literatura, de acordo com o recorte temporal feito, dividindo as ocorrências pelos gêneros dos leitores.

Gráfico 1 – Quantitativo de empréstimos por curso/categoria e gênero para o período de 2011 a 2012



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015c).

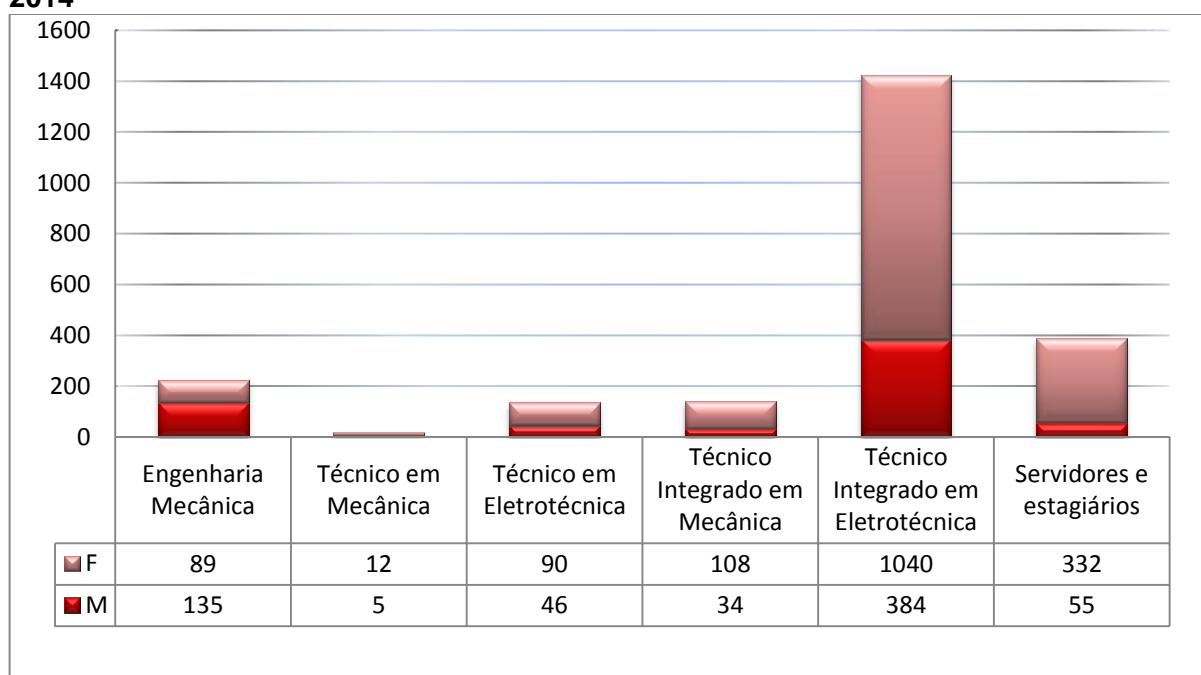
Excetuando-se as turmas de Engenharia Mecânica e Técnico em Mecânica Concomitante, há expressivo destaque para as demais usuárias, ou seja: parte substancial das leituras literárias feitas no âmbito do *campus* São Mateus são realizadas por representantes do gênero feminino, equivalendo a 67,2% do total de empréstimos realizados nessa modalidade de leitura.

O quantitativo de empréstimos registrados pelos usuários matriculados nos cursos da área de Mecânica pode ter sido afetado por uma questão de infraestrutura inerente à realidade do Ifes *campus* São Mateus, que opera em duas instalações físicas distanciadas por aproximadamente 7 km, ficando a biblioteca localizada no bairro Litorâneo, cujo acesso é pouco favorecido pela rede de transporte municipal. Entretanto, os registros de empréstimos referentes ao curso Técnico Integrado em Mecânica apresentam-se um pouco mais expressivos, o que pode estar relacionado ao fato de que, periodicamente, eram ofertadas algumas aulas para esse curso nas instalações onde está localizada a biblioteca.

Uma vez que o quantitativo de empréstimos concentra-se principalmente entre os representantes dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, pode-se afirmar que há grande número de adolescentes usuários, sendo que o curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, mesmo diante das limitações geográficas, se faz pontualmente representado nos registros de empréstimos.

O Gráfico 2, a seguir, ilustra a realidade de circulação de material bibliográfico de literatura relativo ao biênio 2013 a 2014.

Gráfico 2 – Quantitativo de empréstimos por curso e gênero para o período de 2013 a 2014



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015c).

O segundo intervalo temporal ilustrado pelo Gráfico 2, se comparado ao disposto no Gráfico 1, apresenta algumas alterações e novas informações, sutis, porém importantes.

Apenas nas turmas de Engenharia Mecânica não se apresenta uma predominância de empréstimos de literatura por parte do gênero feminino, responsável por 71,7% do total de empréstimos nessa modalidade de leitura.

Houve uma acentuada diminuição da procura de livros de literatura por parte dos alunos dos cursos técnicos concomitantes, tanto de Mecânica quanto de Eletrotécnica, e, principalmente, por parte dos usuários provenientes do curso Técnico Integrado em Mecânica. Acredita-se que esta diminuição deva-se tanto à questão da separação geográfica, mencionada anteriormente, quanto ao fato de terem cessado a realização de algumas aulas para o referido curso nas instalações do bairro Litorâneo, sendo os alunos privados de um acesso mais facilitado à unidade de informação escolar.

Mesmo com a diminuição de empréstimo por um segmento de alunos dos cursos integrados, manteve-se a concentração dessa prática por parte dos alunos adolescentes, provenientes das turmas do curso Técnico Integrado em Eletrotécnica, com aproximadamente 61,2% do total de empréstimos para o biênio demonstrado no Gráfico 2.

Estabelecida uma primeira imagem do que viria a ser o perfil dos usuários reais da biblioteca, de acordo com análise de relatório de estatística de empréstimo por classificação (INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2015a), observou-se que as classes literárias que mais interessam aos alunos são: Ficção Norte-Americana, Ficção Inglesa e Ficção Brasileira e Portuguesa, nessa ordem de preferência, e com mais ênfase nas duas primeiras⁵⁵, valendo isso para os dois biênios observados. Como exemplo, o Quadro 4 descreve os títulos mais emprestados nessas classes, considerando até a quinta posição em relação à quantidade de retiradas.

⁵⁵ Para informações sobre a ocorrência de empréstimos de todas as classes disponíveis no acervo da biblioteca do *campus* São Mateus, verificar o Apêndice F.

Quadro 4 – Títulos de literatura mais emprestados (5 primeiras colocações) nos intervalos de 01/01/2011 a 31/12/2012 e 01/01/2013 a 31/12/2014.

Classe	Colocação	Título/Autor	Quantidade de empréstimos
2011-2012			
Ficção Americana	1ª	A cabana/ William P. Young	71
	2ª	Anjos e demônios/ Dan Brown	57
	3ª	Diários do vampiro [I]/ L. J. Smith	39
	4ª	O código Da Vinci/ Dan Brown	37
	5ª	Crepúsculo/ Stephenie Meyer	31
Ficção Inglesa (e outros países de mesma língua)	1ª	As crônicas de Nárnia/ C. S. Lewis	60
		O menino do pijama listrado/ John Boyne (Irlanda)	
	2ª	Melancia/ Marian Keyes	31
	3ª	Harry Potter e a pedra filosofal/ J. K. Rowling	29
	4ª	Harry Potter e a câmara secreta/ J. K. Rowling	28
5ª	Como viver eternamente/ Sally Nicholls	25	
	O Senhor dos anéis/ J. R. R. Tolkien		
Ficção Brasileira e Portuguesa	1ª	O vendedor de sonhos/ Augusto Cury	21
	2ª	Vidas secas/ Graciliano Ramos	13
	3ª	Assassinatos na Academia Brasileira de Letras/ Jô Soares	11
		Ensaio sobre a cegueira/ José Saramago	
		Memórias de um sargento de milícias/ Manuel Antônio de Almeida	
	4ª	A escrava Isaura/ Bernardo Guimarães	10
		O semeador de ideias/ Augusto Cury	
		O clube dos anjos/ Luís Fernando Veríssimo	
	5ª	O Xangô de Baker Street/ Jô Soares	9
		Iracema/ José de Alencar	
2013-2014			
Ficção Norte-Americana	1ª	A guerra dos tronos/ George R. R. Martin	51
	2ª	A cabana/ William P. Young	45
	3ª	Jogos Vorazes - A esperança/ Suzanne Collins	31
	4ª	Jogos Vorazes - Em chamas/ Suzanne Collins	28
	5ª	Jogos Vorazes/ Suzanne Collins	27
A última música/ Nicholas Sparks			
Ficção Inglesa (e outros países de mesma língua)	1ª	O menino do pijama listrado/ John Boyne (Irlanda)	27
	2ª	As crônicas de Nárnia/ C. S. Lewis	24
	3ª	A menina que roubava livros/ Markus Zusak (Austrália)	23
	4ª	1984/ George Orwell	19
		O morro dos ventos uivantes/ Emile Brönte	
	5ª	Harry Potter e a pedra filosofal/ J. K. Rowling	18
		Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban/ J. K. Rowling	
Harry Potter e o cálice de fogo/ J. K. Rowling			
Ficção Brasileira e Portuguesa	1ª	O vendedor de sonhos/ Augusto Cury	21
	2ª	A hora da estrela/ Clarice Lispector	17
	3ª	Vidas secas/ Graciliano Ramos	16
	4ª	O cortiço/ Aluísio Azevedo	15
	5ª	Onze minutos/ Paulo Coelho	12

Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015d).

Fica explícita a preferência de leitura de títulos de literatura de massa, com destaque para as Ficções Norte-Americana e Inglesa, nos dois intervalos temporais indicados no Quadro 4. Esse cenário vai ao encontro da percepção de um usuário que, nos dizeres de Petrucci (1998), é anárquico em relação às suas escolhas, não se importando em cumprir as exigências canônicas, mas curvando-se aos modos de consumo cultural inerentes ao emergente paradigma da convergência, que na literatura manifesta-se por meio do que Jenkins (2009, p. 138) chama de narrativa transmídia.

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo. A redundância acaba com o interesse do fã e provoca o fracasso da franquia. Oferecer novos níveis de revelação e experiência renova a franquia e sustenta a fidelidade do consumidor.

Ao examinar o Quadro 4, vários títulos literários podem ser considerados produtos de franquias já exploradas numa proposta de convergência midiática, como os exemplos a seguir:

- Os livros de Dan Brown, *Anjos e demônios* e *O código Da Vinci*, lançados mundialmente a partir de 2000 e 2003, respectivamente (NOVELS, acesso em 20 nov. 2015). A estreia das versões cinematográficas da saga do professor Robert Langdon⁵⁶, nos anos de 2006 e 2009⁵⁷; levaram as editoras a relançarem os livros, que embora trouxessem o mesmo conteúdo, apresentavam *design* de capa com material visual de divulgação dos filmes;

⁵⁶ Protagonista dos livros *Anjos e Demônios*, *O Código Da Vinci*, *O Símbolo Perdido* e *Inferno* (NOVELS, acesso em 20 nov. 2015)

⁵⁷ As informações relativas aos anos de lançamentos das versões cinematográficas de todas as obras mencionadas nesta lista são provenientes de consulta ao *International Movie Database* – IMDb.com (acesso em 17 nov.2015)

- *Crepúsculo*, de autoria de Stephenie Meyer, trata-se do primeiro volume de saga sobre o relacionamento amoroso de uma mortal e um vampiro, cujos volumes da coleção, que leva o mesmo nome, foram lançados entre os anos de 2005 e 2008 (TWILIGHT, acesso em 20 nov. 2015). Essa franquia deu origem a uma saga cinematográfica, cujos cinco filmes foram lançados entre os anos de 2008 e 2012, e também levou ao relançamento da saga impressa e do *spin-off*⁵⁸ *A breve segunda vida de Bree Tanner*, baseado em personagem que aparece no terceiro volume da saga, *Eclipse*;
- *Guerra dos tronos*, primeiro volume da saga “As Crônicas de gelo e fogo”, de autoria de George. R. R. Martin, o qual dá nome à série produzida pelo HBO, canal de TV por assinatura, desde 2011, estando disponíveis no mercado editorial vários formatos impressos dos títulos, assim como são comercializados diversos produtos relacionados à série (camisetas, chapéus, fantasias, brinquedos, *games* etc.);
- A trilogia *Jogos Vorazes*, de autoria de Suzanne Collins, que, entre os anos de 2012 e 2015 foi adaptada para o cinema, despertando interesse por parte dos leitores em relação à saga como um todo;
- O fenômeno da literatura juvenil, a saga *Harry Potter*, da inglesa J. K. Rowling, é um dos exemplos mais sólidos de narrativa transmídia dentre os arrolados, constituído de sete volumes (publicados entre os anos de 1997 e 2007), que deu origem a uma saga de oito filmes, entre os anos de 2001 e 2011, e continua sendo procurado regularmente para empréstimo. As versões impressas já ganharam apresentações variadas (sem ilustrações, ilustrados, com capa dura, brochura, *box* exclusivo, capas diferenciadas), havendo também movimentação no mercado de produtos relacionados à história, tais como brinquedos, *spin-offs*⁵⁹ e *games*. Faz também parte dessa franquia um parque temático⁶⁰ localizado na cidade de Orlando, na Flórida, Estados Unidos. Nos sites e blogs de publicação de *fanfics*, aquelas que utilizam personagens e ambientes da saga de Harry Potter são as mais numerosas, o que pode ser verificado ao fazer uma busca nos ambientes virtuais já

⁵⁸ *Spin-off*: um novo produto derivado de uma franquia ou produto já existente, focado em uma personagem ou ambientação já proposta (DICTIONARY, 2015).

⁵⁹ *Animais fantásticos e onde habitam* (2001), que está em fase de produção cinematográfica, e *Quadribol através os séculos* (2001).

⁶⁰ *The Wizarding World of Harry Potter* (O Mundo Mágico de Harry Potter).

mencionados na seção 5⁶¹. É também disponibilizado aos fãs da série um portal na *web*, desenvolvido pela autora em parceria com a Sony, no qual o mundo da escrita e da tela convergem, oferecendo novas possibilidades de leitura da saga, além de servir de ponto de referência para divulgação de produtos da franquia (POTTERMORE, acesso em 20 nov. 2015).

As leituras de Ficção Brasileira e Portuguesa (em Língua Portuguesa) não guardam as mesmas características dos exemplificados no tocante a franquias multimidiáticas, havendo uma recorrência, nos dois biênios, de quantitativo maior de empréstimos de livros de autoria de Augusto Cury, habitualmente identificado como autor de livros do gênero autoajuda. Aparecem também alguns títulos tidos como canônicos e presentes no currículo de ensino de Literatura Brasileira, levando a acreditar que as ocorrências de empréstimo dos mesmos estejam diretamente relacionadas a atividades de cumprimento de disciplina.

No cômputo geral, essa amostra de empréstimos vai ao encontro das preferências manifestas em redes sociais de leitura. Por exemplo, ao confrontar o disposto nos relatórios de empréstimo por classificação com os *rankings* da rede social nacional de leitura Skoob⁶², os quais são atualizados automaticamente a cada alteração feita pelos seus membros, identifica-se a presença da maior parte dos títulos mais emprestados nas listas “Top mais lidos”, “Top mais quero ler” e “Top mais favoritos” (SKOOB, acesso em 18 nov. 2015).

A análise dessas práticas de leitura contribui para uma compreensão de que os leitores literários do *campus* São Mateus, em sua maioria de adolescentes e jovens, estão envolvidos nesse processo de convergência midiática, que impulsiona o surgimento das narrativas transmídia, conduzindo a certos consumos culturais que são partilhados entre os que comungam dos mesmos interesses, colaborando para formação de opiniões comuns no que se refere a gostos e práticas. Ao mesmo tempo, as práticas identificadas, até o momento, localizam o leitor do Ifes como parte de comunidades outras que extrapolam o lócus da pesquisa, pois, como

⁶¹ www.fanfiction.net/ e www.wattpad.com/.

⁶² www.skoob.com.br.

cidadão do mundo globalizado, compartilha de interesses com outros com os quais não necessariamente divide os mesmos espaços físicos, concretos.

6.2 ESTUDO DE USUÁRIOS “LEITURA LITERÁRIA: O QUÊ, COMO E ONDE VOCÊ TEM LIDO?”

A análise dos relatórios, sobre a qual se discorreu até o momento, possibilita impressões iniciais sobre o perfil do leitor literário do *campus* São Mateus. Em busca de maiores informações, principalmente relativas aos modos de ler desse público e das apropriações das leituras que realizam em diferentes suportes, apresentam-se agora alguns dados provenientes do Estudo de Usuários “Leitura literária: o quê, como e onde você tem lido?”, realizado pela Coordenadoria de Biblioteca, entre os meses de maio e junho de 2015, por meio da aplicação de questionário eletrônico semiestruturado (ANEXO A). Como informado anteriormente, para atendimento das necessidades da presente pesquisa, estabeleceu-se, na medida do possível, uma parceria com a coordenação do referido setor, de modo que tanto fossem incluídas questões de interesse, quanto fossem disponibilizados os dados coletados para análise, proporcionando assim uma interpretação dos mesmos à luz do referencial ora adotado.

Embora não se tenha feito uma análise de empréstimos e de usuários potenciais e reais referentes ao ano de 2015, público esse que participou do Estudo de Usuário, informações parciais sobre alunos matriculados e servidores e estagiários atuantes apontaram para o quantitativo de aproximadamente 882 usuários potenciais quando do período de aplicação do questionário, tendo sido registrados um total de 165 respondentes. Esse segmento de usuários respondeu a questões objetivas e subjetivas relativas às práticas de leitura literária que lhes são típicas, sendo as perguntas divididas em três blocos: dados pessoais, práticas de leitura e práticas de leitura x suportes de leitura.

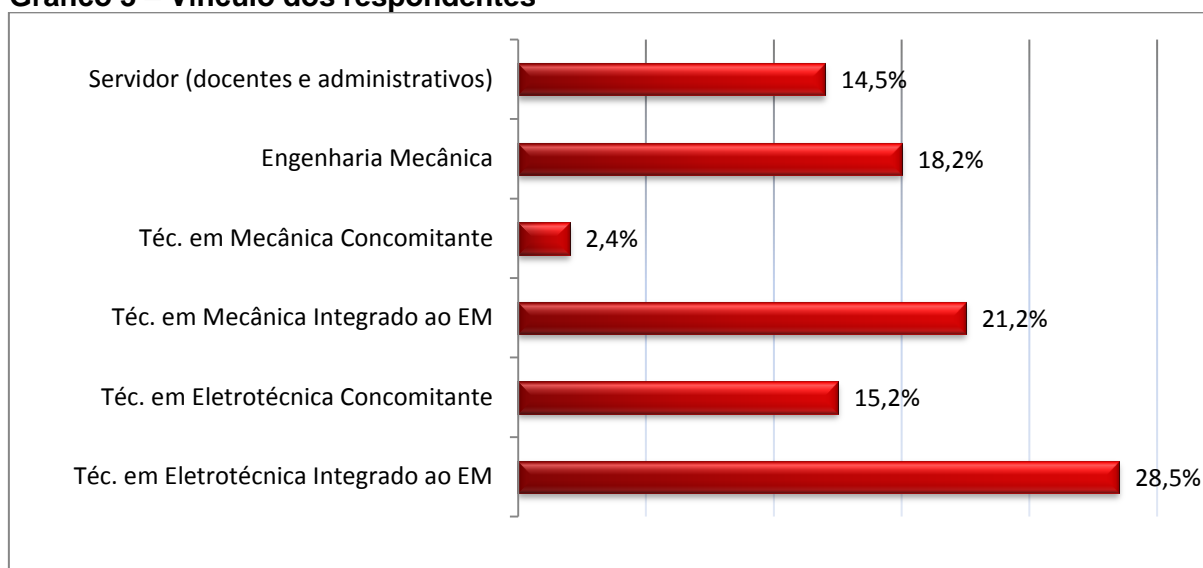
6.2.1 Dados pessoais

Do total de usuários que aderiram à pesquisa, 81% declarou utilizar com frequência, ou já ter utilizado alguma vez, os serviços da biblioteca do *campus* São Mateus.

Desse total, houve 55% de respondentes do gênero masculino e 45% do gênero feminino, tendo essa amostragem se aproximado do que foi diagnosticado a partir da análise dos relatórios de empréstimo.

O Gráfico 3 ilustra a concentração de respondentes de acordo com o tipo de vínculo com o Ifes – *campus* São Mateus, no qual se identificam representadas todas as categorias de usuários potenciais da biblioteca do *campus*.

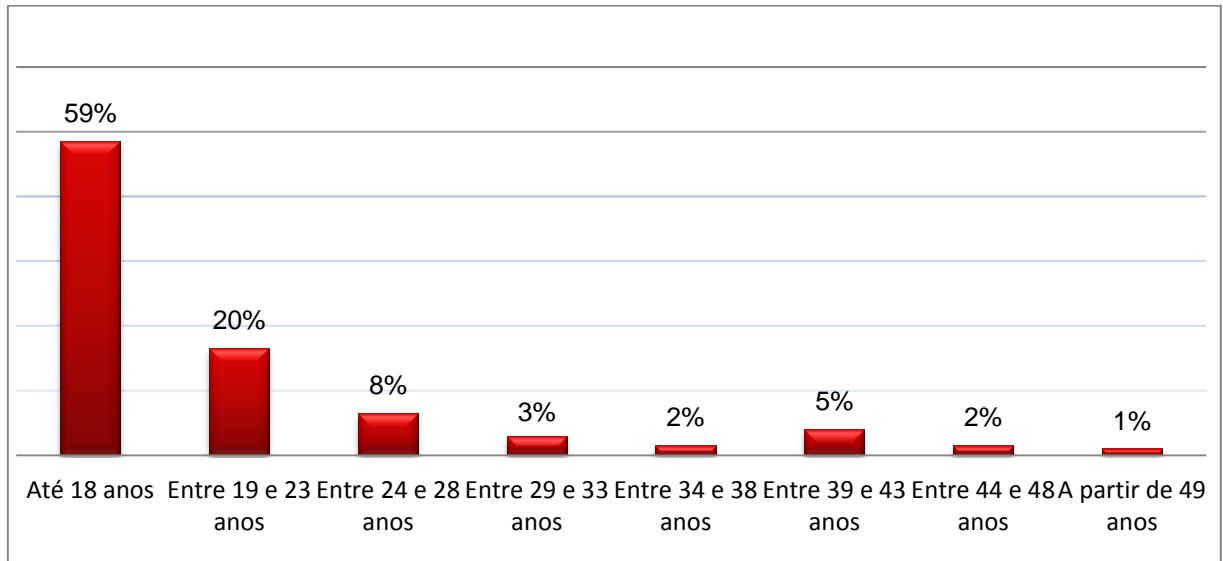
Gráfico 3 – Vínculo dos respondentes



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

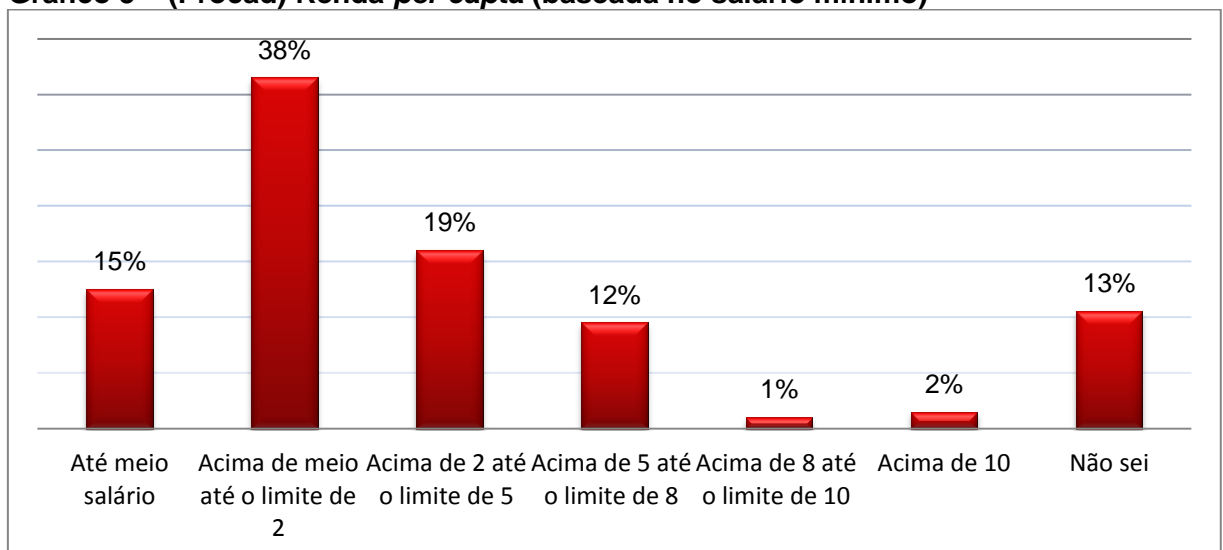
Nota-se uma tímida representação do curso Técnico em Mecânica na modalidade Concomitante e um maior quantitativo, quando somados, de respondentes dos cursos integrados ao Ensino Médio (49,7%), que já estavam configurados, enquanto usuários reais da biblioteca do *campus* São Mateus, como os que mais realizavam leituras literárias.

Em relação à faixa etária, indo ao encontro dos vínculos dos usuários potenciais, confirma-se a existência, na comunidade ifetiana em São Mateus, de maior ocorrência de adolescentes e jovens (79%), como pode ser visualizado no Gráfico 4. Desse montante também fazem parte os alunos do curso de Engenharia Mecânica, que, habitualmente, ingressam nessa modalidade de ensino com aproximadamente 18 anos de idade.

Gráfico 4 – Faixa etária

Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

No que se refere à renda *per capita* familiar, que vai diretamente ao encontro do poder de compra do leitor literário, a maior parte dos respondentes transita entre meio até dois salários mínimos mensais. Entretanto, a porcentagem dos que declararam não saber informar (13%) poderia alterar a realidade ilustrada no Gráfico 5. Também não se afasta a possibilidade de que nem todos os respondentes reconheçam a real situação de renda do núcleo familiar, mesmo a tendo declarado, visto que a maioria é de jovens que ocupam apenas a posição de estudantes.

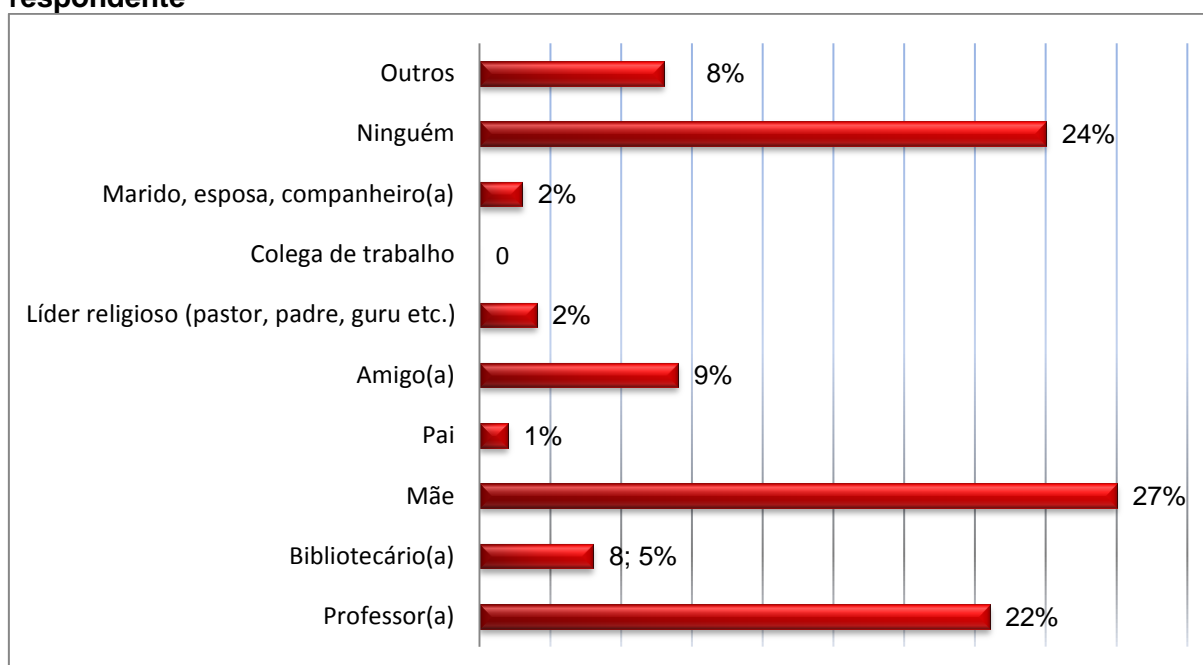
Gráfico 5 – (Procad) Renda *per capita* (baseada no salário mínimo)

Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

6.2.2 Práticas de leitura

Quando perguntados sobre figura que tivesse atuado como principal influenciadora na formação leitora (GRÁFICO 6), os usuários apontam com predominância a figura materna, dado que vai ao encontro do que dizem os resultados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012). Contudo, a segunda maior ocorrência (24%) aponta para a inexistência de referências em relação a essa prática, seguida da figura do(a) professor(a).

Gráfico 6 - Pessoa que atuou como principal influenciadora na formação leitora do respondente



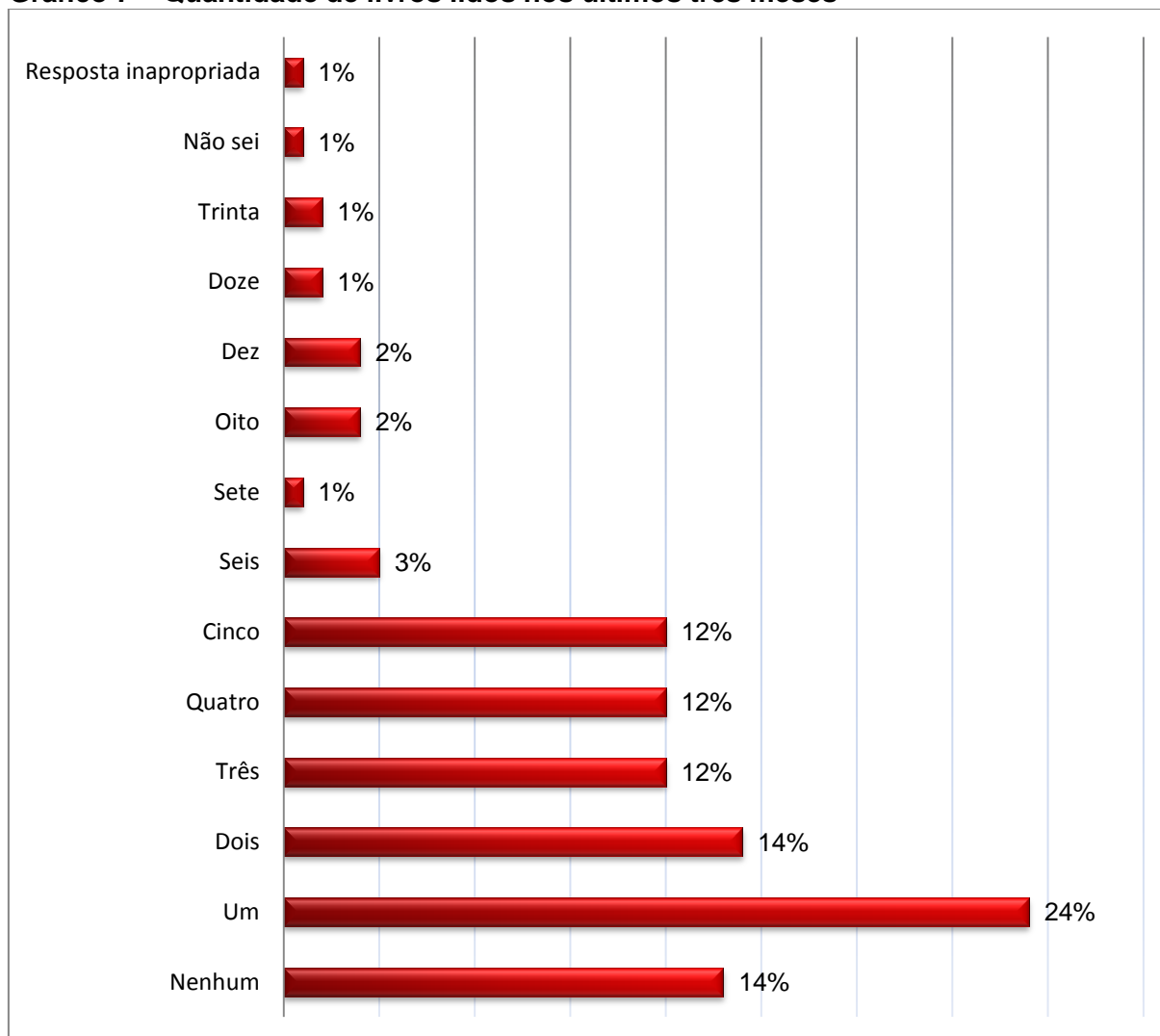
Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Talvez a afirmação por parte de muitos de não reconhecerem qualquer figura como influenciadora da leitura seja decorrente de uma falta de observação em relação a esse comportamento, em particular, ou mesmo por muitos ainda estarem se consolidando nesse sentido, não se reconhecendo, ainda, como leitores, efetivamente. Tal premissa baseia-se no exposto por 56% dos respondentes, que, ao serem perguntados sobre se considerarem leitores assíduos (não especificamente de literatura), afirmaram que “não”, frente a 44% que se consideram como tal. Como o Estudo de Usuários anuncia querer saber de leituras literárias, nessas respostas podem estar desmerecidas as demais leituras, não realizadas em livros e até aquelas provenientes das relações com suportes textuais diversos no

cotidiano desses sujeitos (mensagens de texto, publicações em redes sociais, artigos em blogs etc.), podendo ser dito que os mesmos têm diferentes representações do que viriam a ser leituras válidas, apropriando-se de forma diferenciada dos frutos dessa prática cultural.

Foi perguntado a respeito do quantitativo de livros lidos nos três meses que antecederam a aplicação da pesquisa, com o intuito de verificar se o respondente pode ser considerado um leitor⁶³ ou não, podendo ser verificados os dados recuperados no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Quantidade de livros lidos nos últimos três meses



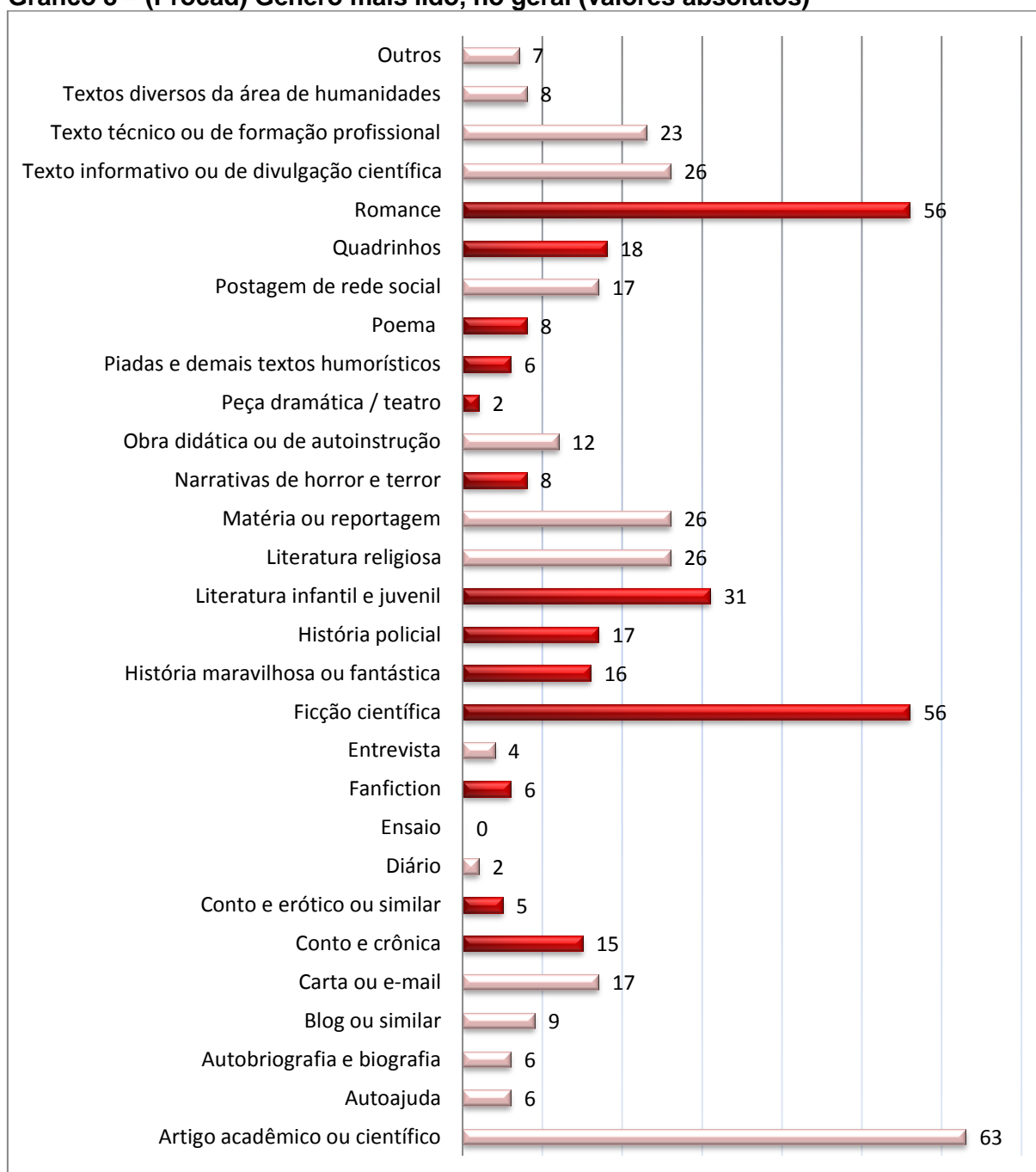
Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

⁶³ Utiliza-se o mesmo critério da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2012), que considera leitor aquele sujeito que leu pelo menos um livro, inteiro ou partes do mesmo, nos últimos três meses.

Em linhas gerais, apenas uma amostragem de 15% não pode se enquadrar na categoria de leitor, sendo que dessa, 1% é referente a um usuário que não soube dizer da quantidade de leituras feitas no período solicitado.

Uma vez estabelecido o posicionamento dos usuários como leitores, foi solicitado que informassem três gêneros que mais lessem, cuja variedade e ocorrência por resposta se veem retratadas no Gráfico 8.

Gráfico 8 – (Procad) Gênero mais lido, no geral (valores absolutos)



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Nota: os indicadores em vermelho representam gêneros de literatura.

Das 465 marcações realizadas, 49,3% correspondem a algum gênero relacionado à leitura de cunho literário, estando essas destacadas em vermelho no Gráfico 8. Percebe-se também a grande ocorrência de leitura do gênero artigo acadêmico e científico, considerado condizente com os membros de uma comunidade na qual o ensino é a principal atividade.

Em prol de busca de informações mais específicas no que se refere às leituras literárias, foi perguntado como, preferencialmente, o usuário tem acesso a livros de literatura. As respostas encontram-se demonstradas no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Como, preferencialmente, tem acesso a livros de literatura

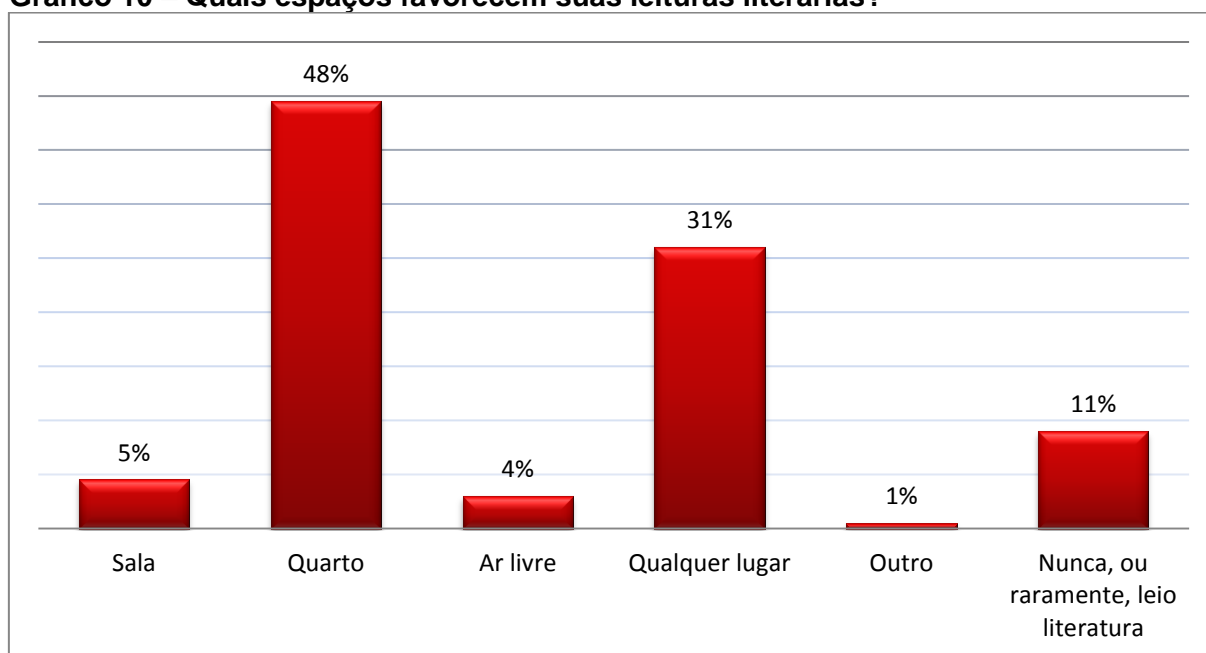


Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Excetuando o indicador que mostra da situação de não leitura de literatura (16%), constata-se que: a biblioteca escolar é reconhecida como espaço para busca de títulos literários, visto que uma amostra de 23% dos respondentes informa da utilização do espaço como forma primária de acesso a textos literários; a maior parte dos respondentes tem como prática a aquisição de livros literários, seja por parte dos pais ou mesmo do próprio usuário potencial, que, se somados, representam 31% dos respondentes; há uma baixa procura pela biblioteca pública pela comunidade de leitores do *campus* São Mateus, não sendo possível inferir o porquê.

No que se refere aos modos de ler, foi perguntado quais espaços favoreceriam as leituras literárias e, como pode ser verificado no Gráfico 10, a grande preferência do quarto como ambiente propício à leitura literária pode ser um indicativo que tais leituras tenham uma característica mais intimista, mesmo diante da afirmação de 31% de respondentes de que qualquer lugar seria adequado à leitura da modalidade ora mencionada.

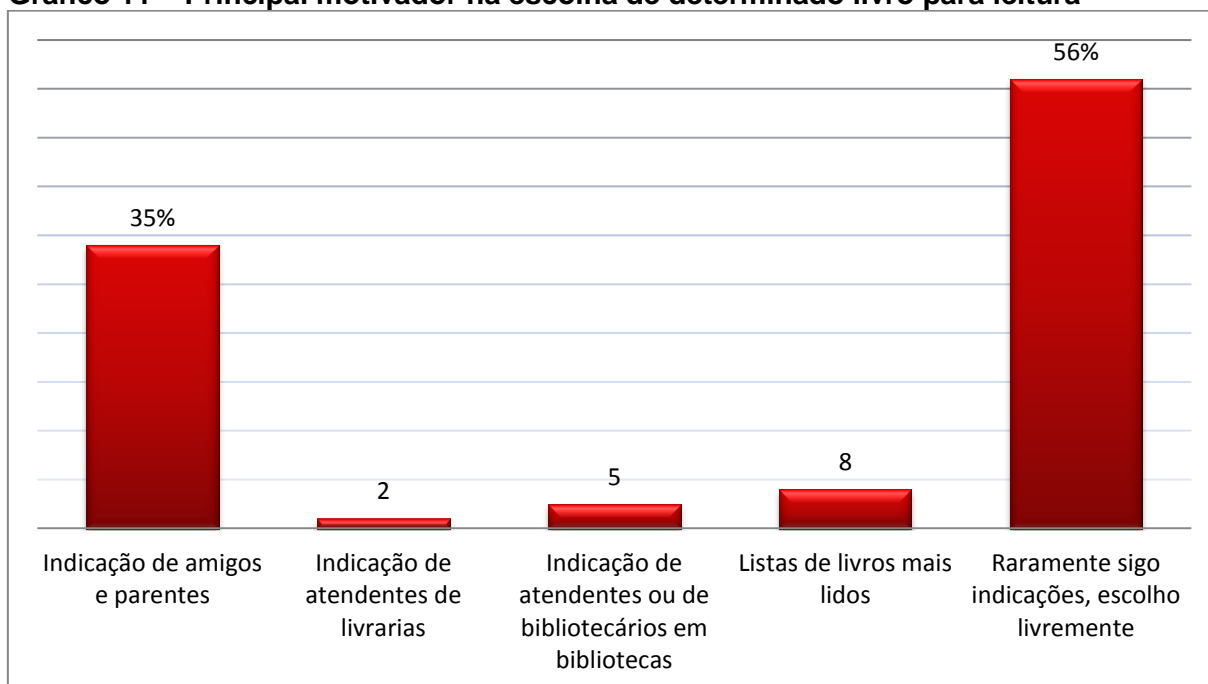
Gráfico 10 – Quais espaços favorecem suas leituras literárias?



Fonte: elaborado pela autora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

No âmbito das escolhas de leitura, perguntou-se a respeito dos principais motivadores da mesma (GRÁFICO 11). Houve 56% de afirmações de livre escolha, sem que para tal fossem observadas influências outras. Seguiram-se 35% de respostas favoráveis à de indicações de amigos e parentes como motivadores, sendo que as demais opções não apresentaram quantitativo expressivo.

No que se refere à opção com maior porcentual de respostas (Raramente sigo indicações, escolho livremente), vale dizer que nela podem estar incluídos os que até então se declararam não leitores, levantando questões a respeito da real prática de escolha de títulos para leitura e deixando transparecer que as opções de respostas dessa questão não cobriram satisfatoriamente as possibilidades de respostas.

Gráfico 11 – Principal motivador na escolha de determinado livro para leitura

Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

6.2.3 Práticas de leitura x suportes de leitura

O terceiro bloco de perguntas tem como objetivo principal levantar informações sobre as formas de apropriação dos suportes de leitura por parte dos leitores, que podem ser manifestas por meio das impressões que os mesmos externam sobre como se deram as experiências dessa prática, ou mesmo de suas preferências em relação à mesma.

Tendo questionado anteriormente sobre locais de preferência para realização de leituras, perguntou-se aos usuários se o ambiente escolhido como favorável à leitura influenciava na escolha do suporte textual, ao que 42% deles responderam que sim, 35% responderam não saber e 22% responderam que não influenciava. Completou-se tal pergunta com uma solicitação de justificativa, cujas respostas estão dispostas na íntegra no Anexo D, e que, vistas analiticamente, se resumiram ao cenário demonstrado no Quadro 5, disposto a seguir.

Quadro 5 – O ambiente escolhido como favorável à sua leitura literária pode influenciar na escolha do suporte para leitura? Justifique a sua resposta.

Opção de resposta	Panorama das respostas subjetivas
Sim (42% - 71 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> • 19 dos respondentes não escreveram uma justificativa; • 33 das justificativas demonstraram que não houve entendimento da pergunta, sendo que em alguns respondiam como se não concordassem que o ambiente influenciasse e na maioria das vezes diziam de questões relativas à leitura em si, ao ao gosto literário, no que se refere ao favorecimento da compreensão textual; • Outras 19 respostas apresentaram, de modo equivalente, justificativas relacionadas a questões de: <ul style="list-style-type: none"> ○ Mobilidade: “Dependendo do lugar que eu estou, fica difícil carregar livros ou o computador”; “Gosto mais do suporte impresso, mas o ambiente em que leio também é bastante propício para o suporte eletrônico. Porém, utilizo mais o segundo tipo de suporte durante as viagens”; “Sendo impresso ele vai a qualquer lugar”. ○ Conforto: “Gosto de ler na cama e assim um livro digital é melhor”; “Porque em cada ambiente nos acomodamos de maneira distinta”; “gosto ler no quarto, principalmente deitada, então creio que os livros impressos sejam melhores”. ○ Adaptabilidade: “Dependendo do local é necessário uma adequação para que consiga me concentrar na leitura, por isso na maioria das vezes prefiro os livros impressos”; “O suporte impresso, por exemplo, pode ser usado em todos os ambientes de leitura, enquanto o suporte eletrônico apresenta restrições”. ○ Segurança: “Na rua, acho perigoso sair com equipamentos eletrônicos”; “por ser mais seguro carregar um material impresso, do que um eletrônico”.
Não sei dizer (35% - 58 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> • 47 dos respondentes deixaram em branco, o que inicialmente já se esperava para esse tipo de opção, podendo estar incluídos aqui o grupo de não leitores de literatura, declarados no decorrer da pesquisa; • 8 registraram alguma observação, porém, praticamente todas não iam ao encontro da resposta inicial; • 3 dos respondentes declararam não ter entendido a pergunta.
Não (22% - 36 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> • 12 dos respondentes não escreveram uma justificativa; • 24 das respostas, de modo geral, afirmavam genericamente sobre o fato de não ser possível haver influência do ambiente para a realização da leitura em si (sem considerar a questão do suporte) ou mesmo dizendo que o que realmente importa é o que se lê. Um dos respondentes afirmou: “O que mais influencia no suporte é o tipo de livro. Livros acadêmicos acho melhor impressos, ao contrário de literários”.

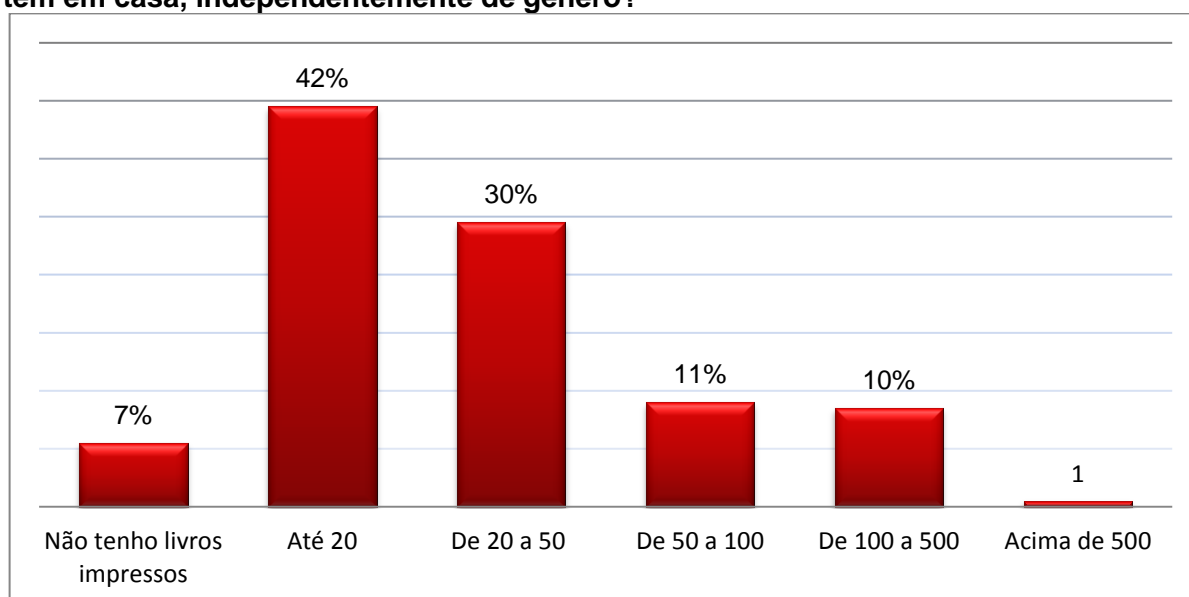
Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Embora tenha havido uma adesão maior dos respondentes à possibilidade de interferência do tipo de ambiente na escolha do suporte do texto que se pretende ler, o silêncio das justificativas não escritas e o quantitativo de respostas que indicavam não compreensão da pergunta inicial podem ser um indicativo de que grande parte dessa comunidade, em particular, não teria sentido ainda necessidade de

problematizar tal questão, desenvolvendo suas práticas de leitura não se apercebendo das mutações e transformações dos suportes disponíveis na contemporaneidade ou mesmo já estando inseridos nas experiências híbridas de leitura decorrentes dessa coexistência entre textos e mídias, eletrônicos ou não.

Ainda tentando compreender como se dão os relacionamentos do leitor com os suportes e considerando que houve uma manifestação importante de respondentes que se enquadram no público que tem o hábito de adquirir livros, o Gráfico 12 ilustra o quantitativo médio de livros que os usuários potenciais da biblioteca do *campus* São Mateus possuem, mesmo sabendo que a resposta vai ao encontro de uma percepção superficial do respondente, o qual, certamente, não se recorda da quantidade exata de livros que possui.

Gráfico 12 – (Procad) Atualmente, qual a quantidade de livros IMPRESSOS que você tem em casa, independentemente de gênero?

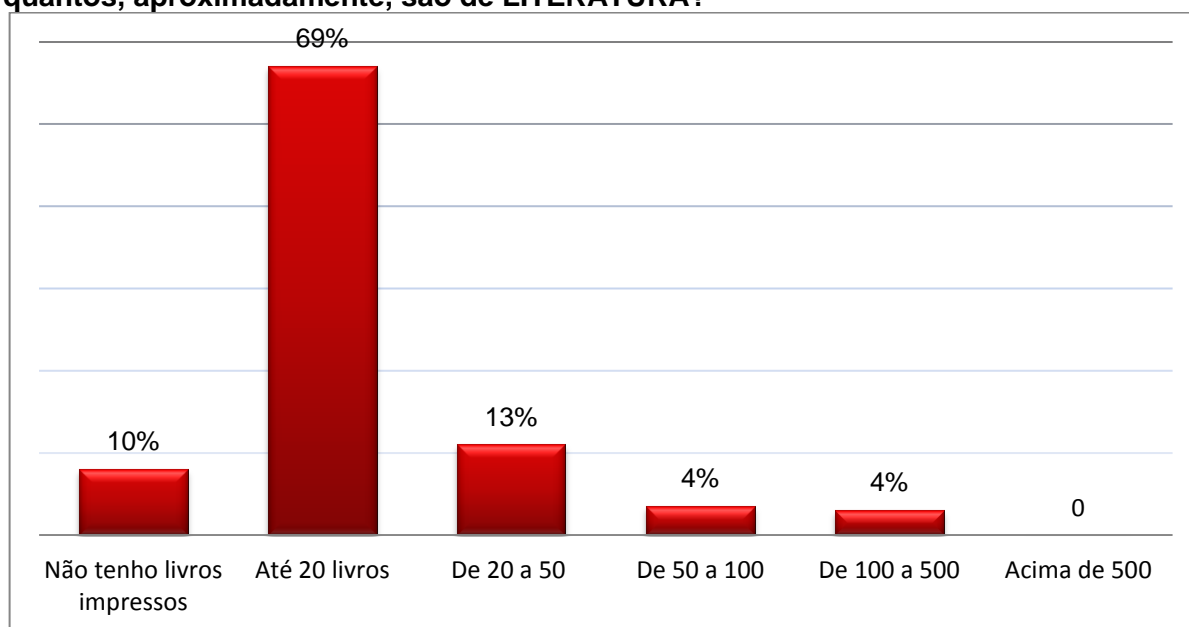


Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Percebe-se que apenas uma pequena amostragem declara não ter livros impressos. Entretanto, a maior parte das respostas indica a posse de apenas até 20 livros, quantitativo esse que, dependendo do arranjo familiar, não teria muita relação com a intenção de se constituir uma coleção ou com a valorização do impresso. Em segundo lugar está a opção de posse 20 a 50 livros, que, somada à opção de maior representatividade, delimita a média de livros que a maior parte do segmento de usuários que responderam à pesquisa possui.

De modo complementar, perguntou-se qual a quantidade desses livros impressos seriam de literatura (GRÁFICO 13).

Gráfico 13 – Considerando a quantidade de livros IMPRESSOS que você possui, quantos, aproximadamente, são de LITERATURA?

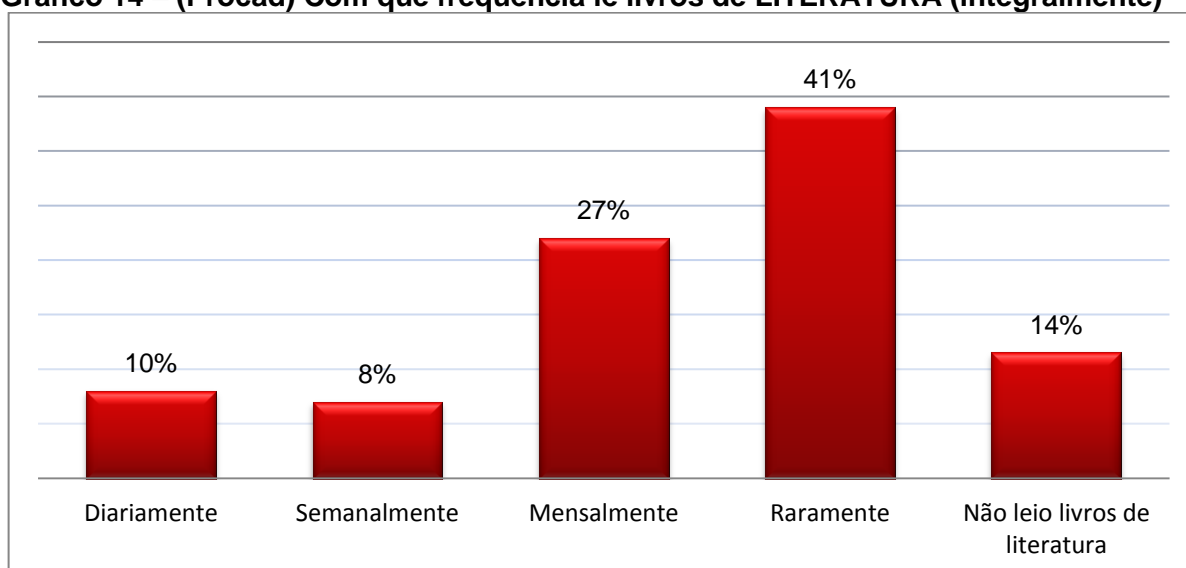


Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Identificou-se um aumento da variável “Não tenho livros impressos”, de 7% para 10%, em comparação com o questionamento anterior, acreditando-se que tenham sido incluídas nessa opção respostas de usuários que possuem livros impressos, mas não de literatura. Outro importante aspecto é a percepção de que a aquisição de livros de literatura parece ocupar um menor espaço no interesse dos usuários, visto que 69% dos mesmos declara possuir até 20 livros dessa categoria.

Quanto à frequência de leitura integral de títulos literários, 41% das respostas apontam para leitores que o fazem raramente, como pode ser verificado no Gráfico 14. Há, porém, outras variáveis que apontam para a leitura literária realizada mensalmente (27%), semanalmente (8%) e diariamente (10%), a partir do que se pode inferir que tal leitura é frequente para aproximadamente 50% dos participantes da pesquisa.

Gráfico 14 – (Procad) Com que frequência lê livros de LITERATURA (integralmente)



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Com intuito de aproximar-se mais das experiências de leitura literária dos usuários potenciais da biblioteca do *campus* São Mateus, foi pedido que, tendo por hábito ler literatura, os respondentes citassem alguns títulos que tivessem lido mais recentemente. Embora a porcentagem daqueles que declararam não ler livros de literatura tenha se mantido numa média de 14% na tabulação de várias perguntas, não houve respostas ao referido questionamento por parte de 41% dos participantes. A partir do informado pelos demais, cujas respostas estão disponíveis no Anexo D, delinearam-se as seguintes práticas, de acordo com a escolha de títulos para leitura:

- a maior parte dos títulos informados é pertencente à classe de Ficção Norte-Americana, estando presentes vários *best-sellers* e franquias também identificadas nos relatórios de empréstimos discutidos no início da presente seção, tais como: a saga *Guerra dos tronos* (ou as *Crônicas de Gelo e Fogo*), a trilogia *Jogos Vorazes*, *Crepúsculo*;
- uma vez que o questionário possibilita a participação de usuários que têm acesso a livros de maneiras outras que não por meio do acervo da biblioteca escolar, outros títulos surgem em posição de importância, como os livros do americano John Green: *A culpa é das estrelas*, *Quem é você Alaska?*, *O teorema de Katherine*;
- Também indo ao encontro do já identificado nas análises documentais, há

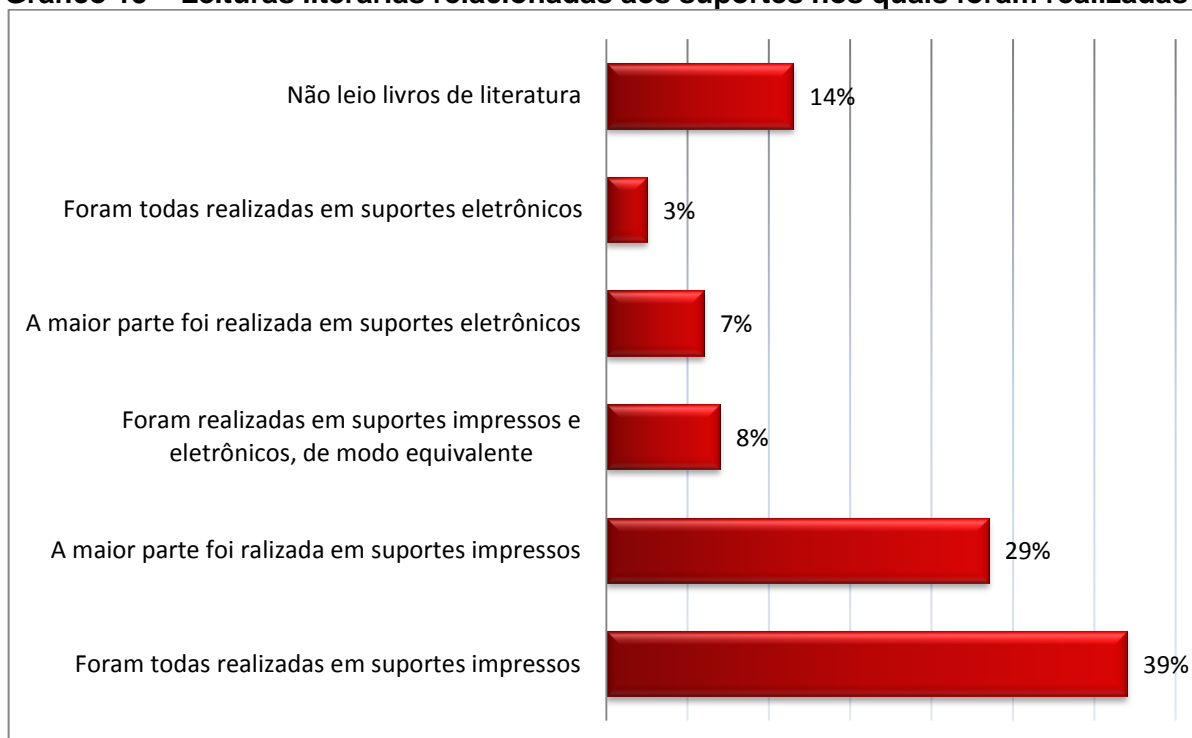
menção recorrente à saga *Harry Potter*;

- surgem títulos não localizados rotineiramente no mercado, mas facilmente identificados em comunidades virtuais de escritores, na forma de *fanfics* ou obras originais, como os títulos da brasileira Deby Incour⁶⁴: *Um romance em Paris* e *Uma babá nada sexy*;
- destaca-se também a ocorrência significativa de menção a títulos da literatura brasileira, principalmente *Capitães da Areia*, *Dom Casmurro* e *Vidas Secas*.

Ao cotejar os achados até o momento, mesmo considerando as limitações de acesso a certos títulos, por não estarem disponíveis na biblioteca, verifica-se uma similaridade no perfil que se pode traçar partir dos dados levantados. A presença marcante de títulos de origem norte-americana nos dois levantamentos (análise documental e questionário) é um dos sinalizadores dessa aproximação.

O Gráfico 15, a seguir, ilustra em quais suportes foram realizadas as leituras recentes mencionadas pelos participantes da pesquisa.

Gráfico 15 – Leituras literárias relacionadas aos suportes nos quais foram realizadas

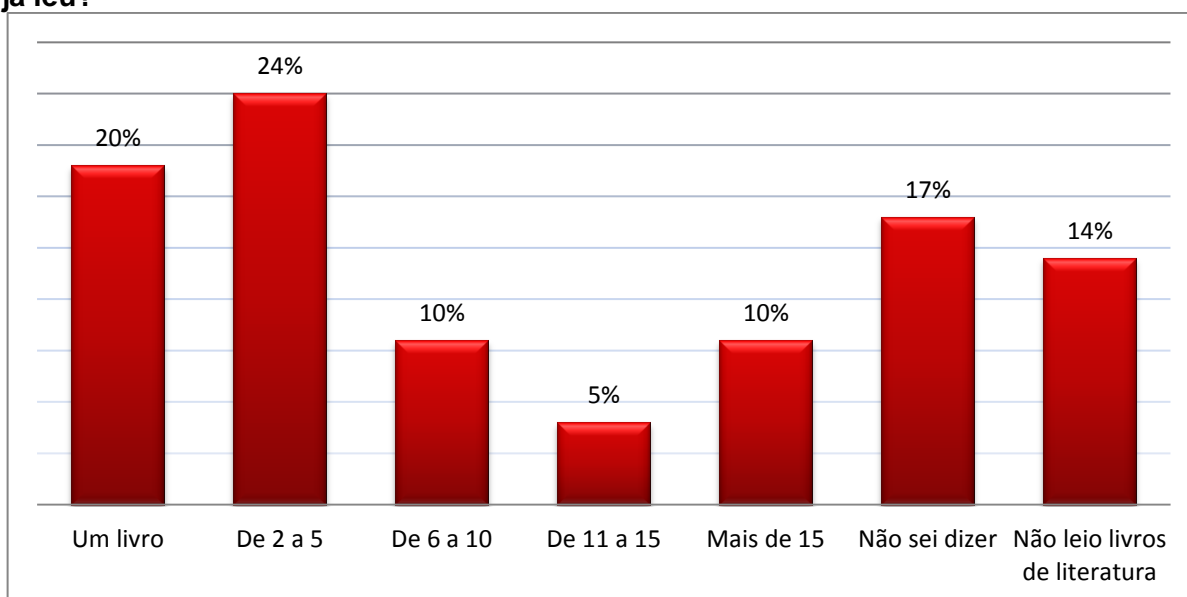


Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

⁶⁴ <https://www.wattpad.com/user/debyincour>

O suporte impresso está presente na realização da maior parte das leituras, entretanto, percebe-se que os leitores conhecem e têm contato com outras mídias, nas quais realizam leituras literárias. Essas experiências passam a ser então quantificáveis, tanto quanto as práticas relacionadas ao impresso, o que pode ser verificado no exposto no Gráfico 16, que apresenta as respostas relativas à quantidade de livros eletrônicos de literatura que já foram lidos pelos usuários.

Gráfico 16 – Quantos livros ELETRÔNICOS de LITERATURA, aproximadamente, você já leu?

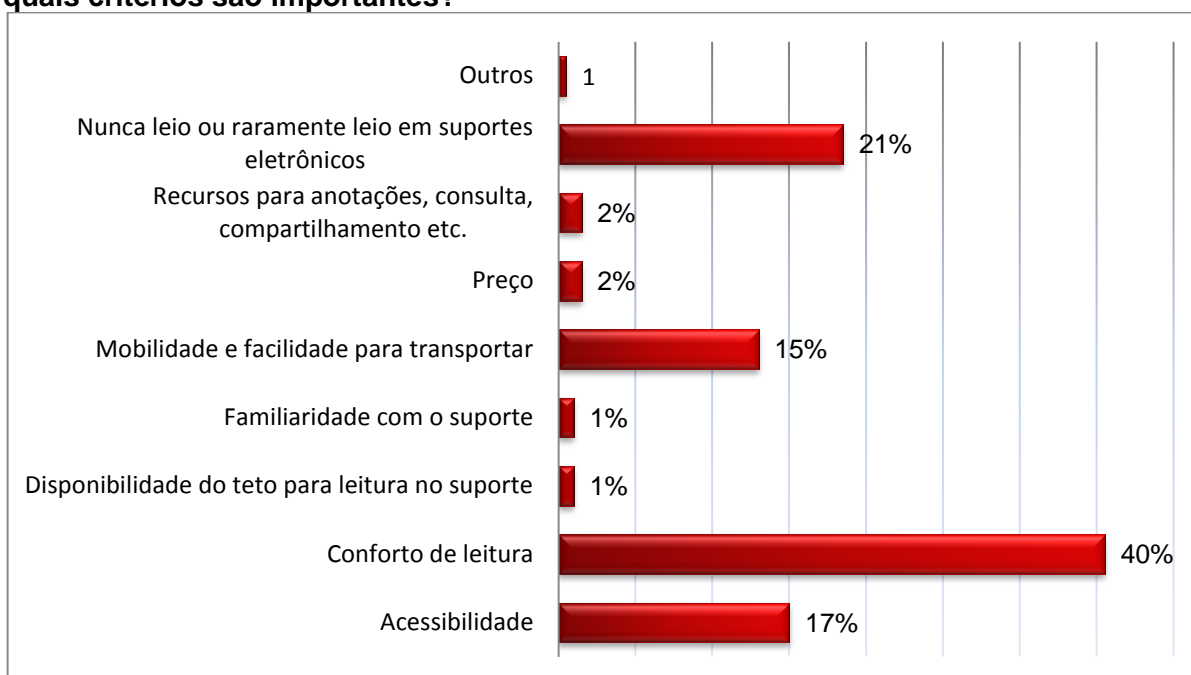


Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Certo é dizer que, com exceção dos que declararam não ler livros de literatura, todos os demais respondentes já tiveram experiência de leitura em suportes eletrônicos. Se essas foram suficientes ou mesmo já fazem parte da rotina dos leitores não é possível afirmar, pois para cada sujeito há um ritmo de consumo de leitura que afetará e poderá determinar as representações que os mesmos terão desse tipo de texto e dos respectivos suportes utilizados. Para se compreender melhor a aceitação de tal suporte, talvez fosse necessário considerar quantos livros eletrônicos foram lidos num determinado intervalo de tempo cotejando tal informação com o quantitativo médio de leitura de um indivíduo.

Outro questionamento realizado foi relativo aos critérios relevantes na hora de escolher o suporte eletrônico para leitura, ou seja, o que mais importa na busca de um suporte. As respostas podem ser visualizadas no Gráfico 17.

Gráfico 17 – (Procad) Na hora de escolher o suporte ELETRÔNICO para sua leitura, quais critérios são importantes?

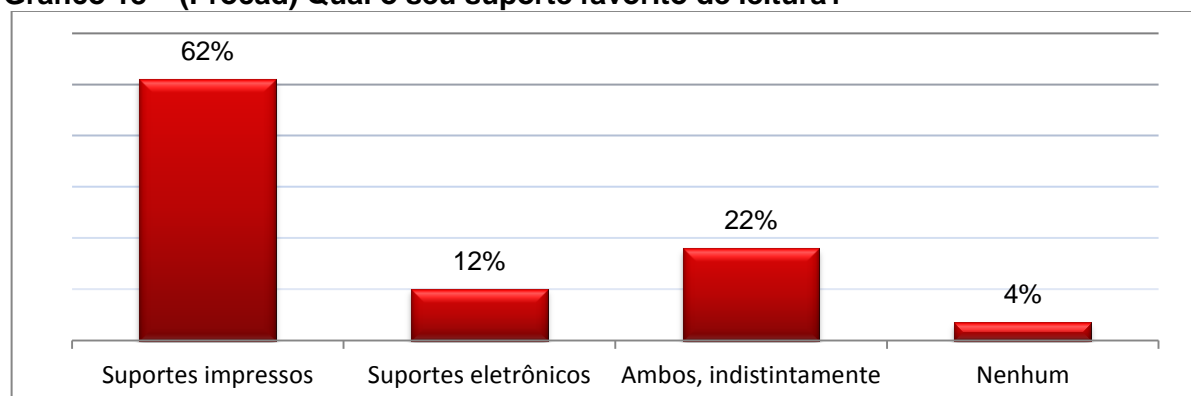


Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Acima de qualquer outro critério de escolha identifica-se a busca de “conforto de leitura” (40%), o qual pode estar relacionado com situações como a de conforto visual, por vezes limitado se considerada a luminosidade típica das telas de vários suportes eletrônicos. Acessibilidade (facilidade de se obter) e mobilidade (facilidade de transportar), porém, também se mostram importantes para os leitores.

O Gráfico 18 mostra o posicionamento geral dos respondentes quando os mesmos são perguntados, diretamente, sobre a preferência de um suporte para leitura, se impresso ou eletrônico.

Gráfico 18 – (Procad) Qual o seu suporte favorito de leitura?



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Sobressai-se a opção pelo suporte impresso, com 62% de predominância. Os 22% que indicam não haver preferência não desabonam o formato tradicional, mesmo que tais participantes estejam inseridos numa comunidade que tem contato e conhecimento, em níveis variados, dos usos de dispositivos eletrônicos contemporâneos, também voltados à leitura.

Querendo exemplificar situação similar, apresenta-se o caso de publicação feita na página do Facebook, “Eu amo leitura”⁶⁵, que perguntava aos seus seguidores, sujeitos inseridos digitalmente, qual seria o suporte de leitura preferido (QUAL..., acesso em 26 ago. 2015): das primeiras 700 postagens de resposta, somente 31 afirmavam preferir ambos os suportes e 10 escolheram o eletrônico. Os comentários se repetiam em relação ao apelo sensitivo do impresso, havendo várias afirmações sobre nada se comparar ao cheiro, ao contato físico, ao relacionamento corporal mais direto com esse tipo de objeto.

A manifestada preferência dos alunos pesquisados pelo impresso e o exemplo das postagens da página “Eu amo leitura”, também voltadas para essa mesma escolha, vão ao encontro do disposto por Chartier (2010, p. 63) ao afirmar que:

[...] Continua existindo uma profunda brecha entre a obsessiva presença da revolução eletrônica nos discursos e a realidade das práticas de leitura, que continuam estando, em grande medida, apegadas aos objetos impressos e que não exploram senão parcialmente as possibilidades oferecidas pelo digital.

Focando-se novamente nas respostas dadas pelos participantes do Estudo de Usuários da biblioteca do *campus* São Mateus, demonstra-se no Quadro 6 uma visão condensada das justificativas pelas escolhas dos suportes favoritos⁶⁶.

Quadro 6 – Qual o seu suporte favorito de leitura? Aponte o motivo de sua preferência.

Opção de resposta	Panorama das respostas subjetivas
Ambos (impresso e eletrônico) indistintamente	<ul style="list-style-type: none"> • 20 dessas respostas apresentaram reais motivos de preferência pelos dois tipos de suporte, seja exaltando as qualidades inerentes a cada um dos tipos (mobilidade, aspectos sensitivos dos impressos,

⁶⁵ Trata-se de uma página temática do Facebook que, embora não tenha sido criada e direcionada a leituras literárias, tem nesse segmento a base para a maior parte de suas publicações e comentários.

⁶⁶ As respostas, na íntegra, estão disponíveis no Anexo D.

(22% - 36 usuários)	<p>acessibilidade) ou igualando-os em importância enquanto veículo do conteúdo que os interessa.</p> <ul style="list-style-type: none"> Os demais ou manifestaram-se de forma contraditória à resposta, enaltecendo as qualidades de um ou outro suporte, especificamente; ou constituindo-se de afirmações que não iam ao encontro do solicitado.
Nenhum (4% - 7 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> 4 respostas não iam ao encontro do solicitado e as 3 restantes foram: “Nenhuma pois eu n leio nenhum tipo de livro”; “prefiro video game”; “não sei ler, sou semi-analfabeto, só sei ler imagens”.
Suportes eletrônicos (12% - 20 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> 16 dessas respostas trouxeram como motivos da preferência do suporte eletrônico algumas características apresentadas antes, quando discutida a questão da influência do ambiente na escolha do suporte, tais com: <ul style="list-style-type: none"> Mobilidade: “posso carregar diversos livros ao mesmo tempo em um único aparelho”; “facilidade de locomoção”; “facilidade de transporte”. Acessibilidade: “Facilidade, uma vez que na atual conjuntura, faço várias leituras”; “Facilidade de acesso a vários livros”. Alguns respostas denotaram confusão em relação ao que seria um suporte e um texto eletrônico, dizendo dos pontos positivos da leitura eletrônica;
Suportes Impressos (62% - 102 usuários)	<ul style="list-style-type: none"> 13 dessas respostas não apontavam motivos, apenas reafirmavam a preferência pelo impresso; 1 respondente deixou claro que somente preferia o impresso por não possuir um eletrônico para comparação; Outro respondente disse apenas não ter interesse em suportes eletrônicos; As fundamentações apontadas nas demais respostas enalteciam uma ou mais características inerentes ao suporte impresso, de acordo com a avaliação do respondentes, como: <ul style="list-style-type: none"> Segurança (2 menções): “... posso carregar em qq lugar com menor risco de ser assaltada”; “pois não há dificuldade de locomoção e perigo de ser roubado”. Acessibilidade (4 menções): “Acessibilidade à qualquer momento”; “Prefiro ter o material em mãos e assim facilitando o acesso e leitura não me deixando dependente de outros meios”. Mobilidade (9 menções): “O suporte impresso permite maior mobilidade e um contato maior entre o leitor e a obra”; “Facilidade para levar o material para vários ambientes.”; “Suportes impressos são mais fáceis de transportar e mais confortáveis de ler”. Hábito e/ou tradição (10 menções): “Minha geração é da era do papel e giz”; “sou romantica”; “Pois não vejo graça nenhuma em ler livros de suportes eletrônicos. O respeito voltou”. Maior concentração na leitura (11 menções): “Interação e concentração mais fácil”; “Me concentro melhor usando o suporte impresso”; “Eu prefiro o livro na mão do que ele no computador, pois desvio muito a atenção”; “Prende mais a atenção do leitor, diferente dos recursos digitais”. Sensação tátil/olfativa (25 menções): “Prefiro segurar o

	<p>livro, admirar a capa e manusear as folhas”; “Há uma sensação de relacionamento direto com o texto e sua totalidade, ir de uma página a outra é algo que se dá de forma dinâmica”; “É melhor, e tem o cheirinho de livro novo, que não tem no suporte eletrônico”; “Por meio do suporte impresso, consigo ter acesso ao que estou lendo, integralmente: posso tocar, cheirar, manusear diretamente. Enfim, é possível sentir o livro e seu conteúdo”</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Conforto (43 menções, sendo 22 especificamente conforto visual): “A leitura em meio eletrônico é cansativa”; “Eletrônico me causa dor de cabeça”; “Sinto minhas vistas cansadas quando leio em suportes eletrônicos”; “não cansa os olhos”.
--	--

Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Observando as motivações dos usuários que preferem os suportes impressos, duas demandas são mais exponenciais: a necessidade de ser propiciado conforto ao leitor (principalmente o visual) e a manutenção de uma “relação” de satisfação decorrente do toque, do cheiro e do formato apresentado pela unidade do livro impresso, como se o despertar de sensações táteis e olfativas fossem tidas como complementares para a garantia de compreensão do texto, residindo também nesse pressuposto a importância de se observar a materialidade que permite que os textos circulem, indo ao encontro do que diz Chartier (1999b, 2010).

Não que os suportes para os textos eletrônicos não possam ser observados enquanto objetos culturais, mas o distanciamento entre texto e leitor, que é característico dessa tecnologia, pode ser motivo da resistência de alguns leitores em fazerem uso do mesmo, pois afasta-se da representação já solidificada da fisicalidade do livro, como exposto por Baron (2015, p. 133, tradução nossa):

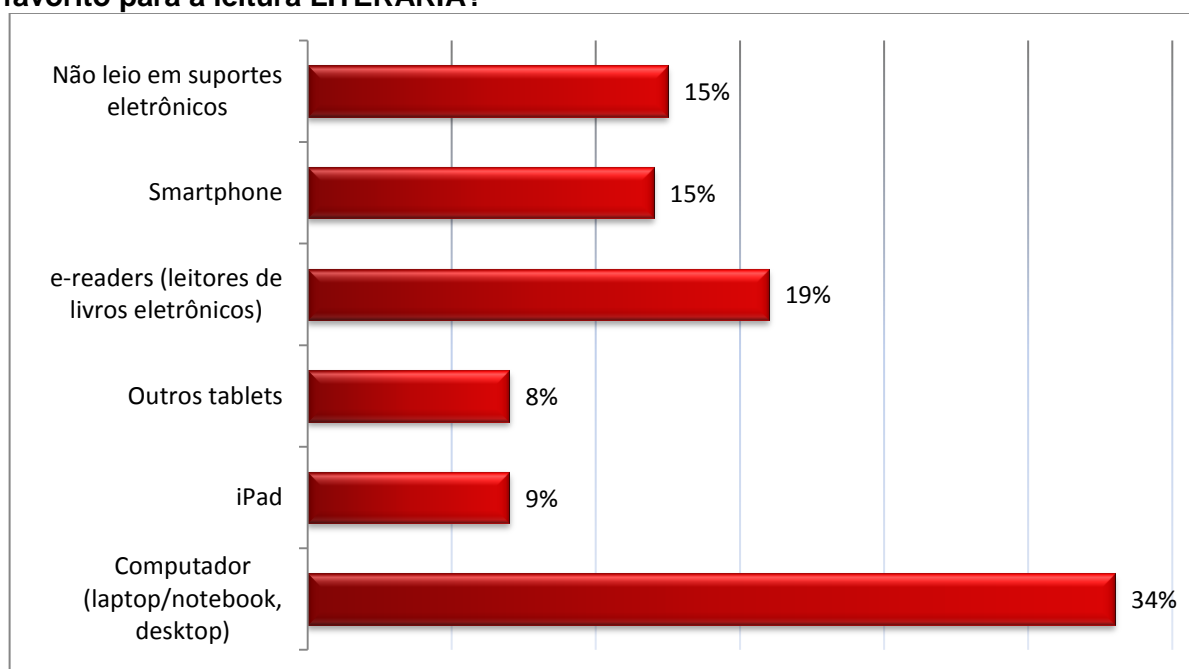
Outras diferenças envolvem as formas como nos engajamos mentalmente com o que está dentro [do livro]. A disparidade mais acentuada entre livros tradicionais e *e-books* é se o conteúdo está fisicamente na mão ou se permanece longe das vistas. Mesmo um livro fechado se insinua em nosso pensamento, exibindo sua capa, seu peso, sua forma. Um *cartoon* do *New Yorker*⁶⁷ nos lembra de quão poderosa a presença física de um livro pode ser. Dois homens estão sentados na praia. Um vira para o outro e diz: "Eu me cansei de 'Moby Dick' zombando de mim da minha estante, então eu o coloquei no meu Kindle e não tenho pensado nele desde então". [...]

⁶⁷ *Cartoon* de William Haefeli, disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2012/09/03/teen-titan>.

Os livros eletrônicos vivem fora da vista e fora da mente. Mas os livros impressos têm corpo, presença⁶⁸.

Voltando-se especificamente aos suportes eletrônicos, perguntou-se qual desse tipo de suporte seria o favorito dos usuários para a leitura literária, cuja totalidade das respostas encontra-se ilustrada no Gráfico 19.

Gráfico 19 – Considerando somente os suportes ELETRÔNICOS, qual seria o seu favorito para a leitura LITERÁRIA?



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

A maior parte dos respondentes optou pela leitura feita no computador (34%). Entretanto, considerando-se que a maioria dos participantes manifestou clara preferência pelos impressos, poderia ser argumentado que os mesmos tenham optado por não experimentar uma variedade de suportes eletrônicos, atendo-se à opção de suporte que lhes fosse mais familiar. Nessa perspectiva, não se pode desvalorizar os 19% de optantes pelos leitores de livros eletrônicos que, habitualmente, apresentam tela com controle de luminosidade, oferecendo mais

⁶⁸ “Other differences involve the ways in which we mentally engage with what is inside. The starkest disparity between traditional books and eBooks is whether their innards are physically at hand or whether they remain buried out of sight. Even a closed book insinuates its way into our thinking by displaying its cover, its heft, its shape. A New Yorker cartoon reminds us how powerful the physical presence of a book can be. Two men are sitting at the beach. One turns to the other and says, ‘I got tired of ‘Moby Dick’ taunting me from my bookshelf, so I put it on my Kindle and haven’t thought of it since’. [...] Electronic books live out of sight and out of mind. But printed books have body, presence”.

conforto na leitura, o que parece ser, ao fim, um dos maiores interesses dos leitores. Esse quantitativo também se aproxima daqueles 22% de respondentes que afirmaram preferir os suportes textuais eletrônicos aos impressos.

Ao final do terceiro bloco de perguntas, foi solicitado que os respondentes indicassem um livro de literatura que o tivesse interessado/sensibilizado em particular, devendo também oferecer uma justificativa para tal⁶⁹, o que resultou no seguinte cenário:

- 20% das respostas foram invalidadas (20 confirmações de que o usuário não lia literatura e 13 constituíam-se de informações que fugiam ao contexto);
- 27,9% das respostas não apresentavam justificativas (um dos respondentes chegou a manifestar dúvida se o título que indicava era realmente “literatura”, uma obra de ficção Norte-Americana);
- 6,7% das respostas apresentavam resumo do livro (em alguns casos se tratavam de cópias da internet) ao invés de justificativa pela escolha;
- 1,8% dos títulos indicados não eram de literatura;
- 43,6% dos respondentes apresentaram efetivamente justificativas para a escolha dos títulos que informaram, sendo possível categorizar as motivações de preferência da seguinte forma:
 - **Identificação com o autor** (2 menções): respondentes justificaram a indicação dos títulos por gostaram dos trabalhos dos autores.
 - **Tema interessante** (15 menções): “O Caçador de Pipas, pois mostra a realidade de uma outra cultura e a inocência das crianças”; “O Segredo de Jasper Jones - Craig Silvey, é um livro cativante, com uma temática adulta e com discussões sobre o comportamento sociedade atual e a do século passado, intercalando com críticas quanto aos preconceitos por raça ou aparência”; “Vidas Secas, por ser um livro que retrata a vida no Nordeste”.
 - **Identificação com experiência pessoal e/ou emocional** (17 menções): “Indico o livro Poliana⁷⁰, escrito por Eleanor H. Porter, pois é um livro que me ajudou a superar as dificuldades da vida, me fazendo

⁶⁹ As repostas, na íntegra, estão disponíveis no Anexo D.

⁷⁰ A grafia correta do título do livro seria: *Pollyanna*.

sempre procurar o lado bom de tudo”; “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, - Clarice Lispector. Esse livro foi muito importante pra mim, pois eu me identifiquei muito com ele na minha busca de quem sou eu e de como ser mulher, no momento que eu estou na minha vida (de transição para a faculdade).”; “A moreninha. Joaquim M. de Macedo. Porque foi o primeiro livro que eu ganhei, (da minha tia) e que eu me lembro de ter lido porque eu quis, sem ser trabalho de escola e na época eu adorei a história romântica”.

- **Trama interessante/envolvente** (39 menções): “Julieta - Anne Fortier. O livro é envolvente, com cenas românticas e de ação, prendendo a atenção a todo instante”; “O Código da Vinci, Dan Brown. Um dos melhores livros que eu já li. Conta com informações verídicas e fictícias, mas me despertou interesse pois o autor faz com que todo o enredo prenda o leitor à história e tem um final surpreendente”; “Capitães da Areia, de Jorge Amado. Já faz bastante tempo que o li, duas vezes. A forma como o autor ele relata a vida de cada um personagens, menores de rua, é muito fascinante, fazendo que que você termine a leitura e descubra se cada um deles alcançou seus sonhos e desejos”.

A quantidade de respostas invalidadas e sem justificativas condizentes ao solicitado aos respondentes frustraram um pouco a intenção de traçar um quadro mais apurado em relação às representações da leitura literária próprias de cada usuário ao escolher um título específico que o tivesse interessado. Contudo, foram esclarecedoras as informações dispostas pelos demais usuários.

No âmbito das representações é possível dizer que os leitores participantes desse Estudo de Usuários buscam certas especificidades nos livros que leem, aqui manifestadas nas categorizações atribuídas em prol desta pesquisa (identificação prévia com o autor, tema interessante, identificação com experiência pessoal e/ou de cunho emocional e trama envolvente).

A atribuição de significados à leitura levará então a apropriações específicas da mesma, influenciando nas práticas inerentes a aquisição e busca de novas leituras,

como no caso dos leitores que indicaram livros por já terem construído uma “relação” com o estilo autoral.

O fato de que leitores tenham indicado títulos que tenham influenciado sua vida de algum modo, ensinado alguma coisa, leva a uma compreensão de literatura como uma extensão da própria vida, uma representação da verdade própria de cada um. O que também poderia ser dito daqueles que destacaram como justificativas de suas preferências algum detalhe relativo à trama, seja nos modos de construção ou nas inserções de assuntos que são relevantes ao leitor, ou mesmo o entrecruzamento dessas e outras características, pois, ao fim, tais usuários buscam algo com o que se indentifiquem em certa medida, tendo como consequência a determinação de certas práticas de consumo literário. Sobre essa possibilidade de representação do real a partir da literatura, afirma Eco (2003, p. 14-15):

[...] o mundo da literatura é tal que nos inspira a confiança de que algumas proposições [no âmbito da literatura] não podem ser postas em dúvida; que ele nos oferece, portanto, um modelo, imaginário tanto quanto se quiser, de verdade. [...] O mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações.

No cômputo geral de títulos indicados, em comparação com as análises de relatórios de empréstimos e com os dados provenientes de questão do Estudo de Usuários a respeito dos títulos lidos pelos usuários nos últimos três meses, confirma-se a preferência pelo consumo de Literatura Norte-Americana (53 menções), de títulos tais como: *A culpa é das estradas*, *Quem é você Alaska?* e *Cidades de papel*, de John Green; *A cabana*, de William P. Young; *Fortaleza digital* e *O código Da Vinci*, de Dan Brown; *As vantagens de ser invisível*, de Stepehn Chbosky; *The walking dead*, história em quadrinhos (*comic book*) escrito por Robert Kirkamn; *Um homem de sorte* e *Querido John*, de Nicholas Sparks e outros.

A maior parte dos títulos mencionados já foram adaptados para o cinema e/ou televisão, podendo dizer que estão inseridos numa proposta de narrativa transmidiática (JENKINS, 2009), a qual, de acordo com Gabriela Oliveira (2013, p. 185) favoreceria a leitura entre adolescentes, ocupando, relativamente, o imaginário desse público no que diz respeito às adaptações que dão condições de existência às

diferentes versões em diferentes mídias.

Diferentemente dos levantamentos mencionados anteriormente, nessa questão, ocuparam o segundo lugar em quantidade de menções (38) os livros de Literatura Brasileira, com os seguintes títulos: *Um aprendizado ou o livro dos prazeres* e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector; *A morte e morte de Quincas Berro D'água* e *Capitães da Areia*, de Jorge Amado; *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente; *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubras*, de Machado de Assis; *O vendedor de sonhos*, de Augusto Cury e outros.

Em relação aos títulos indicados, chamou atenção o fato de ter havido recorrência de menção ao título *O auto da barca do inferno*. Embora os respondentes não tenham informado sobre a forma da leitura do texto, originalmente escrito em português arcaico (disponível nessa versão na biblioteca do *campus* São Mateus), foi a fala de um dos usuários que levou a uma possível compreensão dos motivadores dessa leitura específica, na qual afirma-se o interesse pelo título em decorrência da realização de uma apresentação teatral de versão da história, como atividade acadêmica da disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, ou seja, a adaptação suscitou a curiosidade dos leitores que, de alguma forma, apropriaram-se do enredo, identificando espaços de diálogos entre o representado e as realidades por eles vividas.

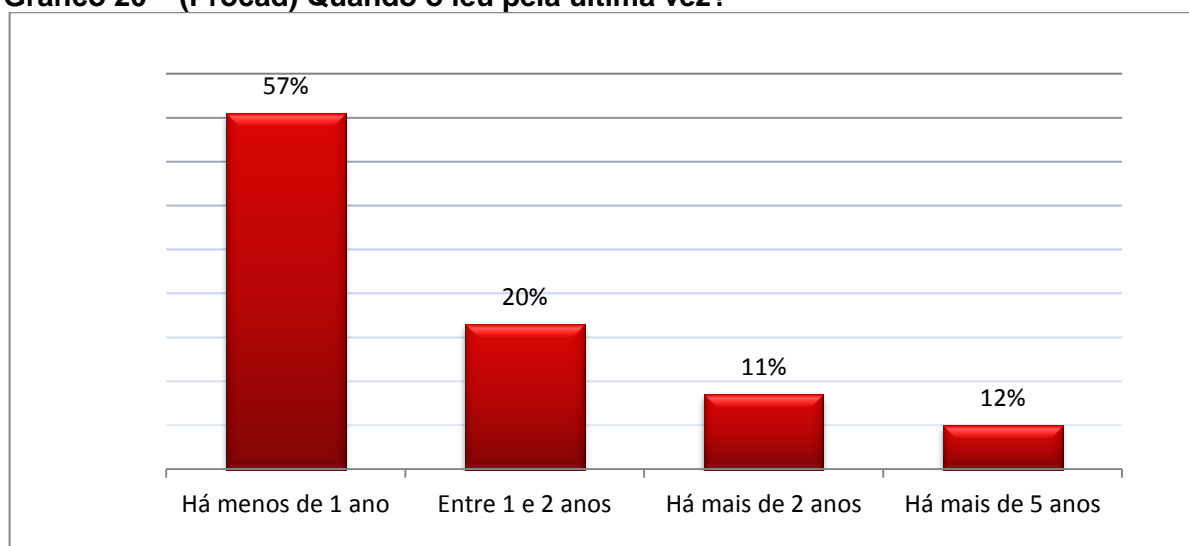
Destacaram-se também os títulos *Dom Casmurro* (6 menções), cujas justificativas apontam para a classificação da trama como interessante; e *Capitães da Areia* (5 menções), o qual somente um usuário soube explicar da preferência (os demais escreveram resumos), havendo uma experiência pessoal relacionada. Essa apresentação não permitiu maiores inferências a respeito da peculiaridade dessas escolhas de títulos nacionais.

A Literatura Inglesa (incluindo países diversos que falam a mesma língua, com exceção dos Estados Unidos da América) também teve boa representação (16 menções), estando presentes títulos já mencionados anteriormente, como: *As crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis; *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak; *O Senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, a saga *Harry Potter*, de J. K. Rowling e

outros. Todos os títulos mencionados tendo sido adaptados para o cinema ou recebido algum outro tratamento de narração transmidiática.

Uma vez exploradas as situações de preferência do usuários, pediu-se que, complementarmente, os mesmos informassem qual tinha sido o tipo de suporte que propiciou a leitura dos títulos que, de certa forma, marcaram o público pesquisado, e também quando teriam realizado a primeira leitura dos mesmos. Nesses moldes, 84% dos declarados leitores de leitura literária disseram terem lido os títulos indicados num suporte impresso e 16% no suporte eletrônico (porcentagem de amostragem na qual já estavam excluídos os não leitores). No Gráfico 20 é possível perceber o cenário final em relação a quando foram realizadas as leituras.

Gráfico 20 – (Procad) Quando o leu pela última vez?



Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário de Estudos de Usuários.

Reforçando que a maior parte dos usuários potenciais da biblioteca do *campus* São Mateus é constituída de adolescentes e jovens, situação essa que se repete na amostragem de respondentes do Estudo de Usuários, diria o senso comum que as leituras literárias desse público seriam realizadas em maior quantidade nos suportes eletrônicos, por tal segmento etário já estar inserido de modo mais orgânico no mundo tecnológico. Os dados coletados, porém, mostram que tal premissa não vai ao encontro da realidade dessa comunidade, pois, não somente a maioria dos participantes da pesquisa declarou optar pelo suporte impresso, como parte maior ainda registra que suas leituras mais marcantes foram feitas no mesmo tipo de suporte.

Essas práticas não se distanciaram no tempo, ao contrário, 57% delas aconteceram tendo decorrido menos de um ano, contado a partir da data da resposta, o que faz que sejam suscitados questionamentos sobre essas experiências e consequentes apropriações de textos literários no formato impresso, pois o mercado do livro eletrônico não é incipiente, tendo experimentado forte crescimento nos últimos cinco anos (PROCÓPIO, 2010, 2013; BARON, 2015).

6.3 ENTRE RELATÓRIOS E QUESTIONÁRIO

A partir da análise dos relatórios de empréstimos e também das questões do Estudo de Usuários potenciais da biblioteca do *campus* São Mateus, consolidaram-se algumas nuances relativas ao perfil dos membros da comunidade interpretativa de leitores literários desse ambiente.

Dentro das possibilidades de equiparação de dados de análise, já que os relatórios de empréstimo se apresentam de forma mais limitada e não há neles qualquer possibilidade de abordagem relativa aos tipos de suportes pretendidos ou mais usados, diagnostica-se segmento de leitores literários composto na maioria por adolescentes, com idade média para ingresso no Ensino Médio e jovens, com limite de faixa etária até os 23 anos de idade. Outras faixas etárias se apresentam, mas em menor quantidade e por vezes identificando servidores e/ou alunos dos cursos Técnicos Concomitantes.

Tanto a predominância de usuários reais do gênero feminino quanto o maior quantitativo de empréstimos realizados por essas usuárias (ambos perceptíveis nos dados referentes aos dois biênios observados) vão ao encontro do perfil do leitor brasileiro na atualidade, o qual indica que as mulheres leem mais do que os homens, o que é apresentado nos achados das duas últimas edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, 2012). Entretanto, seja nos relatórios de empréstimo ou nos dados do Estudo de Usuários, não se identifica proeminência de gêneros literários direcionados ao gênero feminino, tal como os

títulos considerados *Chick literature*⁷¹, pois as ocorrências de empréstimos e manifestações de títulos lidos abordam temas diferenciados e, por vezes, com temáticas que um ou outro poderia dizer ser, erroneamente, “livros para garotos”, como as sagas bélicas nas quais poderiam ser facilmente enquadradas as *Crônicas de gelo e fogo*, muito procuradas por leitores e leitoras.

No que refere ao suporte, é notório que há amplo conhecimento dos diferentes suportes para o livro eletrônico, todavia, de alguma forma, a representação de leitura literária dessa comunidade está marcadamente relacionada ao impresso, do qual se apropriam de forma orgânica, sendo os sentidos somados ao ato de decodificação dos signos para complementação da experiência de leitura, que se constitui de práticas de envolvimento corporal mais amplo, em busca da percepção do tato, das formas e dos jeitos, indo ao encontro do que descreve Sutherland (2014, p. 74, tradução nossa) sobre o envolvimento corporal e os usos do impresso, doravante:

O livro impresso já dura há mais de 500 anos. [...] Mas encontra-se o livro no final de sua vida, no século XXI? Será que o e-book assumirá o seu lugar, como o códex assumiu o lugar do rolo de papiro? Ninguém sabe ao certo. Mas algum tipo de coexistência parece provável. Há algo maravilhosamente físico sobre o antigo suporte. Você usa suas pernas para caminhar até a prateleira, seus braços para pegar o volume, o polegar e o dedo indicador para virar a página. É um envolvimento corporal que você não sente com um Kindle ou iPad. Meu palpite é que a "sensação" (o toque, e até mesmo o cheiro) do livro impresso vai continuar a dar-lhe um lugar duradouro - se não necessariamente o primeiro lugar - no mundo da literatura por algum tempo ainda por vir⁷².

A preferência pelo uso do impresso para leitura de literatura, identificada como prática comum da comunidade ora pesquisada, encontra identificações com a realidade de outros países, como evidenciado nos dados da pesquisa “*American*

⁷¹ Ferris e Young (2006, p. 12, tradução nossa) afirmam que “Chick lit é simultaneamente ficção sobre e para a ‘nova mulher’, a leitora contemporânea de nossa cultura pós-feminista, e uma nova ‘ficção de mulheres’, uma forma de literatura popular (em grande parte) escrita por mulheres para um público feminino”.

⁷² “*The printed book has lasted for over 500 years. [...] But is the book at the end of its life in the twenty-first century? Will the e-book take over, as the codex took over from the papyrus scroll? No one knows for certain. But some kind of co-existence seems likely. There is something wonderfully physical about the old vehicle. You use your legs to walk to the shelf, your arms to take the volume down, your opposable thumb and index finger to turn the page. It’s a bodily engagement you don’t feel with a Kindle or iPad. My guess is that the “feel” (the touch, and even smell) of printed book will continue to give it a lasting place – if not necessarily first place – in the world of literature for some time to come.*”

University Reading Habits Project”, conduzido por Baron (2015), entre os anos de 2010 e 2013, e que faz uma comparação dos hábitos de leitura de estudantes universitários norte americanos, com faixa etária entre 18-27 anos, com estudantes com mesmo perfil provenientes do Japão e da Alemanha. Na Tabela 3 encontram-se alinhados alguns resultados da pesquisa mencionada, relativos aos suportes utilizados ou preferidos para leitura voltada ao lazer.

Tabela 3 – Suportes para leitura: preferências e usos efetivos - dados da pesquisa “*American University Reading Habits Project*”.

Situações de leitura	Suporte	País		
		Estados Unidos	Japão	Alemanha
Releitura para fins de lazer (preferência)	Impresso	67%	47%	69%
	Digital	18%	24%	1%
	Igual	15%	29%	30%
Leitura para fins de lazer (efetivas)	Impresso	73%	76%	69%
	Digital	27%	24%	31%
Leitura de texto longo para fins de lazer (preferência)	Impresso	85%	74%	88%
	Digital	15%	26%	12%

Fonte: compilação de dados de Baron (2015).

Respaldo-se na possibilidade de que nas leituras realizadas para lazer, sobre as quais Baron (2015) direciona alguns de seus questionamentos, estejam incluídas as leituras literárias, seria então pertinente dizer que a situação de preferência pelo uso do impresso nesses diferentes espaços e também no lócus da presente pesquisa, vêm confirmar que as representações de leitura contemporâneas se encontram, ainda, firmemente associadas a práticas que requerem contato com o que há de material no livro.

Outro importante ponto foi a identificação de uma comunidade de leitores que prefere a leitura de títulos literários estrangeiros (principalmente as Ficções Norte-Americanas) e se insere numa proposta de convergência cultural midiática (JENKINS, 2009), demonstrando-se consumidores não unicamente de livros literários, mas apropriando-se, por vezes sem perceber, das narrativas transmídia já estabelecidas, frutos de tal convergência.

Essa preferência mais acentuada por literaturas estrangeiras em detrimento das

obras brasileiras, que são valorizadas e destacadas no currículo escolar, não deve ser desmerecida, mas quiçá ser utilizada como fonte de diálogo, como afirma Pin (2014, p. 198), ao dizer das dificuldades de se trabalhar o conteúdo de Literatura no Ensino Médio com jovens que optam pelos *best-sellers*:

Acredita-se que a abordagem do texto literário de acordo com uma concepção interacionista, em que o aluno seja sujeito das aulas, dialogando o texto literário com outros textos, possa consistir num processo mais eficaz quanto ao desenvolvimento do componente curricular “Literatura”, no Ensino Médio. Nesse diálogo, o aluno tem a oportunidade de socializar seu mundo e conhecer outros. Um diálogo aberto, construído com a interação de alunos, professores, textos e contextos. Portanto, o estudo sistematizado de Literatura, no Ensino Médio, requer aulas que não se esgotem nas lacunas da periodicidade literária, tampouco na linguagem distante de alguns textos, mas que se tornem vivas no diálogo com outros textos, mais próximos dos alunos, os quais diminuem a distância destes com algumas obras, tão importantes para a cultura e memória do povo.

Tal constatação traz à tona o papel da biblioteca escolar, que pode contribuir ativamente nas atividades de planejamento do ensino de Literatura, seja ouvindo alunos e professores, no intuito de formar acervos que atendam aos anseios desses dois segmentos, ou promovendo estudos de usuários com regularidade, de modo a prover os profissionais envolvidos com educação literária com informações que venham a dinamizar as suas atuações.

Não menos importante foi a verificação de que os usuários participantes da pesquisa demonstram ter uma representação intimista da literatura, atribuindo significado às suas leituras na medida em que essas vão ao encontro de assuntos que lhe são caros ou de interesse e, algumas vezes, usando as experiências de leitura como um contraponto para a própria vida, mesclando ficção e verdade, apropriando-se do mundo ficcional talvez em busca de um ambiente propício ao acolhimento, como no exemplo trazido por Jenkins (2009, p. 246) sobre as possibilidades de inclusão dos jovens leitores no mundo de *Harry Potter*:

O universo de Rowling, rico em detalhes, permite vários pontos de acesso. Algumas crianças se imaginam parentes dos personagens principais, como Harry Potter e Snape, claro, mas também de figuras menos importantes – os inventores das vassouras do quadribol, os autores dos livros didáticos, os chefes de agências citadas, colegas

de classe dos pais de Harry, qualquer associação que lhes permita reivindicar um espaço especial para si mesmas na história.

A comunidade estudada tem práticas delineadas, demonstrando possuir uma visualização do real, no que se refere à literatura, de forma particular e não esperada, se a base de comparação traçada for o que se espera de uma comunidade jovem contemporânea, dita digitalmente “inserida”. Nessa comunidade interpretativa, como qualquer outra, as relações de prática, representação e apropriação estão interligadas e são interdependentes (CHARTIER, 1990), sendo que a percepção de leitura literária de cada sujeito, como indivíduo, também sofrerá interferências da compreensão do interesse compartilhado pelo todo, e vice-versa.

Até então, os dados analisados propiciaram compreensões das práticas dos alunos, mas conjuntamente trouxeram à tona vozes de servidores que constituem o corpo de usuários potenciais da biblioteca do campus São Mateus, mesmo que em menor escala, já que constituem porção de pouca expressão na comunidade como um todo. Na próxima seção se fará um detalhamento de atividade de coleta de dados complementar, um grupo focal, que teve como fito principal tentar identificar mais claramente representações possíveis de suportes de leitura contemporânea por parte de sujeitos alunos da instituição pesquisada.

7 GRUPO FOCAL: FALAM OS LEITORES

Os achados provenientes da pesquisa documental (análise dos relatórios da biblioteca) e do questionário aplicado no Estudo de Usuários da biblioteca do *campus* São Mateus lançaram luz sobre vários questionamentos a respeito das práticas de leitura literária dos usuários dessa unidade informacional, assim como permitiram um vislumbre das formas de apropriação de literatura pelos mesmos. Entretanto, pensou-se na realização de atividade complementar de coleta de dados, o grupo focal, pautada em aproximação maior de alguns usuários, com intuito de melhor compreender as representações relativas aos suportes de leitura contemporâneos utilizados para efetivo consumo de textos literários, indo ao encontro do exposto por Veiga e Gondim (2001, p. 8), quando afirmam que o grupo focal, “como técnica de pesquisa qualitativa, apresenta-se como uma possibilidade para compreender a construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos acerca de um tema específico”.

Como informado na seção que discorre sobre os pressupostos metodológicos, essa atividade foi realizada com auxílio de uma mediadora⁷³ com conhecimento teórico e prático sobre grupos focais, que também participou do planejamento e construção do roteiro das discussões do procedimento, os quais foram estruturados em acordo com as orientações de Krueger (2002) e Veiga e Gondim (2001).

Os participantes, alunos, foram previamente selecionados, com base no rol de respondentes do Estudo de Usuários da biblioteca do *campus* São Mateus, inicialmente priorizando os que declararam preferir os suportes eletrônicos para leitura literária. Entretanto, a pouca adesão a uma continuidade de participação na pesquisa levou ao convite de usuários com preferências outras. Oportunamente, todos os participantes do grupo focal eram provenientes do curso Técnico em Eletrotécnica (dois representantes do gênero feminino e três do gênero masculino), grupo com maior quantidade de representantes de usuários reais e potenciais da biblioteca, interessados em literatura literária.

⁷³ A bibliotecária Maristela Almeida Mercandeli Rodrigues, mestre em Gestão Estratégica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, atualmente responsável pela biblioteca do Ifes – *campus* Cariacica.

As discussões tiveram lugar em instalações do *campus* São Mateus, no dia 3 de outubro de 2015. A escolha do local teve como propósito manter os participantes em um espaço ao qual já tivessem se ambientado, favorecendo uma participação mais natural nas discussões.

Como ação provocadora, realizou-se inicialmente um momento de leitura dos cinco capítulos primeiros do título literário de Ficção Brasileira: *O fazedor de velhos*⁷⁴, de Rodrigo Lacerda (2008, 2013), apresentado em cinco suportes textuais diferenciados, sendo um impresso e quatro outros eletrônicos, cujas características materiais encontram-se descritas na seção que trata dos materiais utilizados durante o grupo focal, uma vez que se tem conferido importância às mesmas ao utilizar o referencial da histórica cultural com ênfase na materialidade do livro e práticas de leituras (CHARTIER, 1990, 1998b, 1999b, 2001, 2002b, 2002c, 2007a, 2010, 2011, 2014). A decisão de utilizar um livro impresso decorreu da premissa de que, embora seja uma tecnologia que remonte ao século XVI, o uso contemporâneo dessa é amplo e conhecido, o que é confirmado pelos achados nos dados analisados até o momento, tendo também sido considerado pertinente ter um padrão de leitura concreta.

Antes de prosseguir, vale dizer que se tomou conhecimento do título de literatura juvenil *O Fazedor de velhos* (2008, 2013) a partir da pesquisa de Guerra (2015), que se insere nas atividades do grupo de pesquisa Literatura e Educação e apresenta uma discussão sobre prêmios literários nacionais e o PNBE no âmbito da literatura juvenil, tendo sido esse título um dos dois analisados pela autora, pelo fato de ter recebido tanto o prêmio Jabuti de Melhor Livro Juvenil quanto o de Melhor Livro Jovem pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)⁷⁵. O referido *O* título pareceu ser apropriado ao público participante do grupo focal, pelos seguintes

⁷⁴ “Rodrigo Lacerda [...] narra neste livro a passagem de Pedro para a vida adulta. O adolescente descobre que a vida pode não ser tão doce quanto a primeira paixão, e encontra na literatura um caminho para buscar suas respostas. Mas o que torna 'O Fazedor de Velhos' uma novidade do gênero é sua capacidade de reavivar a ternura e o afeto como sentimentos que também participam do processo de amadurecimento. Neste romance de iniciação, Rodrigo traça o retrato de um artista quando jovem. O personagem Pedro tem dúvidas sobre seus caminhos, o que o leva a pensar em desistir da faculdade de História. Eis que conhece Nabuco, um professor que o auxilia na difícil tarefa de se colocar no mundo. E por meio dos livros conhecerá a si mesmo. Sobretudo quando aparece Mayumi, por quem sentirá uma nova forma de amor” (COSACNAIFY, acesso em 27 nov. 2015).

⁷⁵ Prêmios Jabuti e FNLIJ no ano de 2009. Em 2008 recebeu o prêmio Glória Pondé de Literatura Infantil e Juvenil pela Fundação Biblioteca Nacional. Distribuído pelo PNBE 2009.

motivos: a faixa etária na qual se enquadravam os prováveis participantes indicava, inicialmente, a possibilidade de interesse por títulos de literatura juvenil; as premiações atribuídas foram vistas como um critério de validação do título no que se refere à qualidade literária; os capítulos apresentavam extensão propícia à leitura que anteciparia a discussão, sem que fosse dispendido muito tempo; havendo interesse por parte dos alunos em continuar a leitura, havia exemplar disponível na biblioteca do *campus* Ifes São Mateus; e o tema, relacionado às questões de práticas de leitura e formação do sujeito, que, em certa medida, ia ao encontro de questões que movem os interesses desta pesquisa, tais como a tentativa de conhecer como se portam, o quê e como leem os membros de determinada comunidade cultural.

7.1 SOBRE A MATERIALIDADE DOS SUPORTES

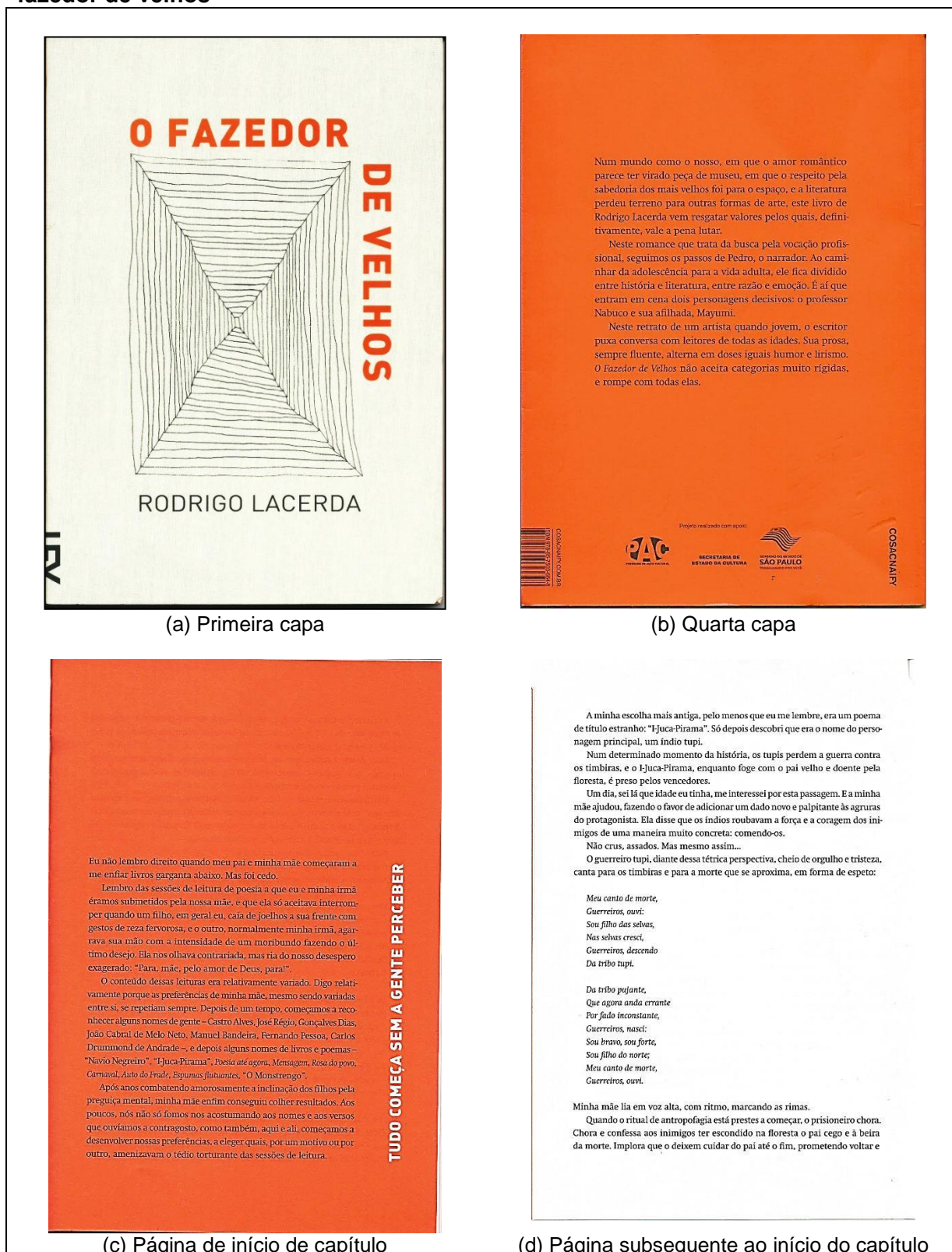
Pautando-se no que diz Chartier (2007a) a respeito das tensões inerentes ao processo de produção dos livros e como essas vão influenciar as relações do leitor com o texto, apresenta-se uma descrição dos formatos utilizados no grupo focal (impresso e eletrônico) assim como dos suportes para os textos eletrônicos, já que a mobilidade desse tipo textual é fluida, variando de acordo com o aparato tecnológico de que dispõe o leitor.

7.1.1 O livro impresso

O exemplar impresso do título *O fazedor de velhos* (2008) utilizado é uma nona reimpressão da primeira edição publicada pela editora Cosac Naify, um livro de pequeno porte (dimensões: 16 x 23 cm; peso: 264g), de fácil manuseio, que apresenta miolo de 136 páginas arranjadas em cadernos colados a uma capa fosca, a qual traz orelhas com texto de apresentação escrito por Antonio Prata. O projeto gráfico inclui seis ilustrações de autoria de Adrienne Gallinari, dispostas na capa e no decorrer do livro, contrastadas com a utilização de cor que marca as páginas iniciais dos capítulos, como pode ser verificado no conjunto de digitalizações que seguem dispostas na Figura 2. O papel utilizado para impressão foi o Alta alvura, com 90g/m² de gramatura.

A fonte selecionada para o texto é a *Swift*, cujo formato, tamanho e disposição espacial no impresso parecem favorecer a uma leitura que propicie conforto visual.

Figura 2 – Digitalizações de elementos (tamanho reduzido) do livro impresso “O fazedor de velhos”



Fonte: digitalização de imagens de Lacerda (2008) feita pela pesquisadora.

7.1.2 O livro eletrônico e os suportes disponibilizados para acesso

O *e-book* (*software*) utilizado (LACERDA, 2013), também de responsabilidade editorial da Cosac Naify, mantém a proposta do projeto gráfico, com os mesmos ilustradores, trazendo pequenas alterações, tais como: a apresentação das páginas de início de capítulos, que, na versão eletrônica, não tem mais texto, constituindo-se de uma imagem com a chamada do título da seção, como ilustrado nas imagens “c” da Figura 3, disposta na próxima página; não havendo mais quarta capa, o texto presente na versão impressa não se encontra em outro lugar na versão eletrônica.

Tendo sido adquirido no ambiente virtual da Livraria Cultura, é passível de leitura tanto utilizando o *e-reader* Kobo, que é comercializado por essa empresa no Brasil, quanto o aplicativo Kobo Reader, o qual pode ser instalado em *smartphones*, *tablets* e computadores em geral. Complemente-se que a opção por esse local de compra e tipo de aplicativo deveu-se à possibilidade de visualização simultânea do mesmo título em vários dispositivos eletrônicos, o que não é comum a todas as plataformas de comercialização de *e-books*.

Pensando nas características de um *e-book*, relativas ao *software*, abordadas por Procópio (2010, p. 26-27), observa-se que o *software* utilizado possui as seguintes funcionalidades: marcadores de página; bloco de anotações (com possibilidade de destaque de trechos); dicionário e busca por palavras, quando conectado em rede; ajuste de tipo e tamanho de fonte; ajuste de cor de fonte e de fundo de leitura, nos dispositivos que não utilizam tecnologia *E-ink*; base giratória de leitura, dependendo do suporte utilizado; acesso à livraria e biblioteca digital, serviços limitados à Livraria Cultura; compatibilidade com vários dispositivos, desde que por meio de utilização do aplicativo Kobo Reader. Algumas dessas características podem ser visualizadas na Figura 3, que apresenta telas do *e-book* *O Fazedor de velhos* acessado com o aplicativo para iPhone.

Quanto aos *hardwares* (dispositivos/suportes de leitura), foram utilizados os que a pesquisadora já possuía, sendo: um *smartphone* e um *tablet* da Apple, um *e-reader* Kobo Glo e um *notebook* Sony, todos conectados à internet, cujas telas são ilustradas nas Figuras 3, 4, 5 e 6.

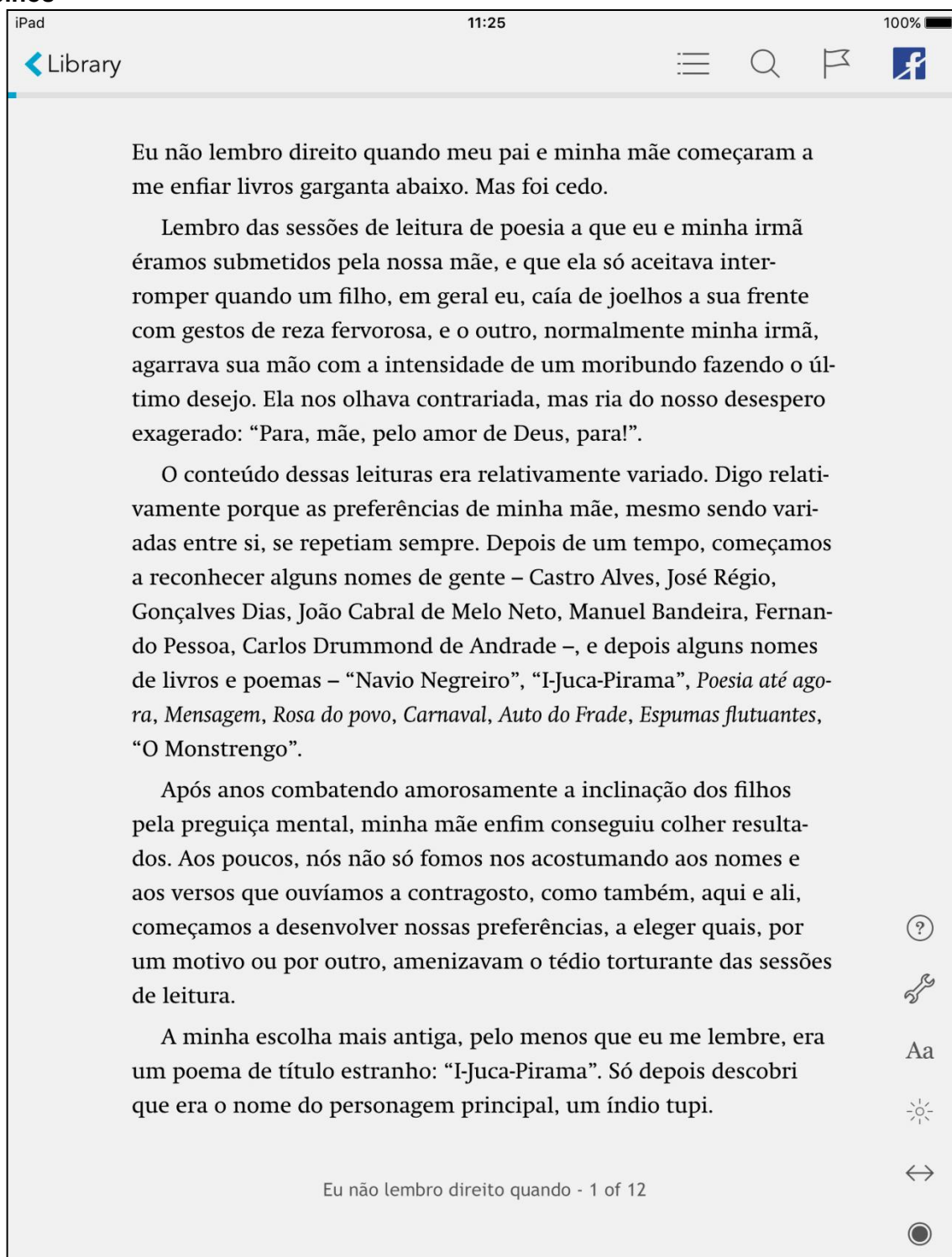
Figura 3 – *Print screens* (tamanho real) de *smartphone* (iPhone 5) do e-book “O fazedor de velhos”



Fonte: captura de telas de Lacerda (2013), feita pela pesquisadora.

O aplicativo de leitura utilizado no *tablet* possui quase as mesmas características e funções do *smartphone*, com a diferença de poder girar a base de leitura. A Figura 4 apresenta uma tela do iPad em tamanho real, na formatação de fábrica do *e-book*, na qual é possível perceber uma similaridade de apresentação com o impresso.

Figura 4 – Print screen (tamanho real) de tablet (iPad 2) do e-book “O fazedor de velhos”



Fonte: captura de tela de Lacerda (2013), feita pela pesquisadora.

A Figura 5 ilustra telas de leitura do Kobo Glo, que utiliza tecnologia *E-ink*, o que dificulta o registro da imagem das telas, cuja principal característica é apresentação de textos e imagens em tons de cinza, sem cores. Não possibilita mudar a base de leitura, mas, no geral, compartilha das demais funcionalidades relativas ao *software*.

Figura 5 – Fotos de telas do Kobo (tamanho reduzido) referentes ao e-book “O fazedor de velhos”



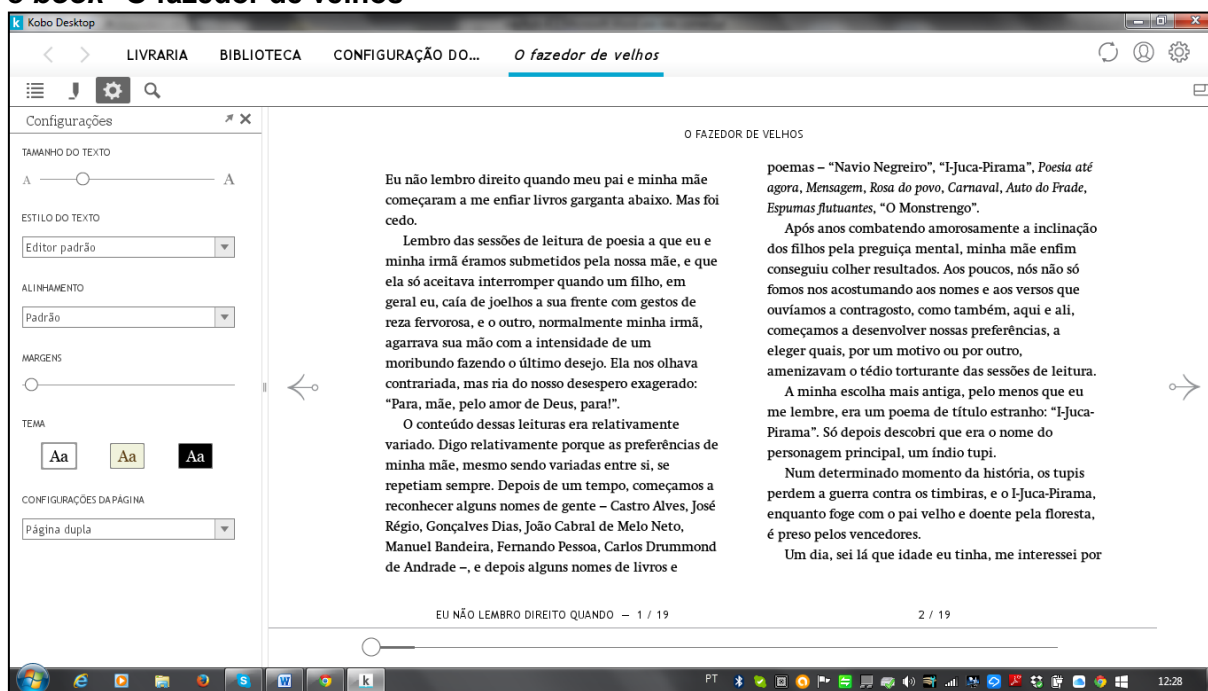
Fonte: captura de tela de Lacerda (2013) feita pela pesquisadora.

Nota: especificidades de apresentação da tinta eletrônica, recurso do e-reader Kobo Glo, não permitiram a captura de imagens com melhor resolução.

Abaixo, a Figura 6 traz uma tela de leitura do *notebook*, utilizando aplicativo de leitura Kobo para PC, no qual o texto é exposto em colunas (opção somente disponível nesse dispositivo). A coluna de configurações habilitada permite visualizar as opções de formatação de texto e tela disponíveis para os leitores.

Uma característica pontual de diferenciação desse suporte eletrônico, em relação aos outros, é o fato de ser necessário utilizar um *mouse*, ou mesmo o *mouse pad*, para transitar entre as telas, tornando maior o afastamento entre texto e leitor, enquanto os demais dispõem de tecnologia *touchscreen*.

Figura 6 – Print screen do aplicativo de leitura Kobo para PC (tamanho reduzido), do e-book “O fazedor de velhos”



Fonte: captura de tela de Lacerda (2013) feita pela pesquisadora.

Todas as telas apresentadas exemplificam um pouco do que, visualmente, cada participante do grupo pode perceber, não deixando de esclarecer que ficaram eles livres para alterar as formas padrão de apresentação de tela e texto, o que pode ter ocasionado novas possibilidades de visualização.

Para consolidar a compreensão das funcionalidades e limitações materiais de cada suporte eletrônico, foi elaborado o Quadro 7, disposto a seguir.

Quadro 7 – Características dos suportes de leitura de e-books

Características do hardware	Smartphone (iPhone)	Tablet (iPad)	E-reader (Kobo Glo)	Notebook (Sony Vaio)
Controle de luminosidade	Não	Não	Sim	Não
Controle de brilho e contraste	Sim	Sim	Sim	Sim
Base giratória de leitura	Não	Sim	Não	Não
Tipo de armazenamento	No dispositivo em nuvem	No dispositivo e em nuvem	No dispositivo e em nuvem	No dispositivo e em nuvem
Tamanho de um livro impresso*	Não	Sim	Sim	Não
Durabilidade da bateria**	Até 10 horas em Wi-Fi	Até 10 horas em Wi-Fi	Até um mês	Até 5 horas
Tela touchscreen	Sim	Sim	Sim	Não
Dimensões da tela	4 polegadas (5,2 x 9 cm)	9,7 polegadas (15 x 20 cm)	6 polegadas (9 x 12,5 cm)	14 polegadas (31 x 18 cm)
Dimensões do suporte	123,8 x 58,6 x 7,6 mm	185 x 240 x 6,1 mm	114 x 157 x 0,1 mm	345 x 230 x 0,1 mm***
Peso	112g	670g	185g	2,3kg

Fonte: elaborado pela pesquisadora observando, inicialmente, o exposto por Procópio (2010).

* Considerada possibilidade de similaridade com livros de pequeno porte e de bolso.

** Dispositivo saído de fábrica e/ou com pouco uso, tempo médio de duração. A quantidade de aplicativos em uso, simultaneamente, interferirá na duração média da bateria.

*** Para medida, considerada somente a área da tela.

Ao se observarem as especificações dos dispositivos eletrônicos amplamente, percebe-se como variam suas características, principalmente no que se refere às características que levarão a experiências táteis diferenciadas, por exemplo:

- um *notebook*, embora seja portátil, pode ofertar mais limitações nos movimentos dos leitores do que os demais. Esse suporte exige uso das duas mãos para transporte seguro e uso de uma das mãos para transição de páginas, o que levará o leitor a depositá-lo em alguma superfície para efetivo uso;
- um *smartphone* pode ser segurado e operado utilizando apenas uma das mãos, visto que o apresenta tamanho compacto, é leve e exige apenas um toque na margem da tela para transição de páginas;
- o *tablet*, apresentando intermediário entre o *smartphone* e o *notebook*, não só permite o manuseio mais facilitado, como pode ter sua base de leitura girada para o formato paisagem e, com o auxílio do suporte, ser posicionado em cima de uma mesa;

- o *e-reader*, que tem opção de luz auxiliar e utiliza tecnologia *E-ink*, propicia leitura com maior conforto visual em ambientes iluminados e facilita a leitura em ambientes mais escuros.

Essas são apenas algumas situações, pois cada usuário leitor apresentará maior ou menor desenvoltura na utilização de cada suporte, além de possuir preferências distintas em relação aos modos mais aprazíveis de leitura.

Frente ao exposto, fica claro que foram disponibilizados suportes em formatos variados, propícios a experiências diferenciadas de leitura, favorecendo um momento de discussão que trouxesse contribuições reais aos interesses desta pesquisa no que se refere à leitura literária em diferentes suportes, principalmente nos eletrônicos. A seguir, serão apresentadas análises das discussões que tiveram lugar durante o grupo focal.

7.2 DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A atividade teve início com a participação de todos os cinco usuários, que se apresentaram voluntariamente, já tendo assinado previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C), autorizando o registro e utilização dos dados na presente pesquisa. O procedimento de coleta foi registrado em vídeo, tendo duração média total de 3 horas, incluindo os intervalos.

As transcrições das falas, disponíveis na íntegra no Apêndice G, foram feitas indo ao encontro das orientações de Krueger (2002, p. 15), principalmente no que se refere à tentativa de valorizar “palavra por palavra” das falas realizadas, mesmo diante das condições acústicas desfavoráveis do ambiente onde foi realizado o grupo focal, o que levou à necessidade de inclusão de algumas interpolações no texto final da transcrição.

Todo o procedimento foi dividido em etapas, como descrito no roteiro disposto no Apêndice D. Na **primeira etapa** foram prestados maiores esclarecimentos sobre a atividade e foi pedido aos alunos que se apresentassem, informando nome, curso de origem e uma breve descrição de casa um como leitor literário. Nesse momento,

todos se declararam leitores, não apenas literários. Quanto aos suportes, houve maior manifestação relativa à preferência pelos impressos, com algumas menções às sensações inerentes ao contato com tal tipo de suporte, como poder ser verificado nos excertos a seguir:

E.S.A. – [...] Como leitor, é..., quanto ao modo, é..., o objeto de leitura né, eu gosto dos livros mesmo, físicos. Eu não gosto muito dos aparelhos eletrônicos.

E.F.O. – [...] eu prefiro mais o livro físico [palavras indistintas] eu me recuo um pouco. Ainda tentei ler com outros meios, só que eu não consigo. Gosto de sentir o livro, tipo de olhar assim [palavras indistintas] “vê” que ele tá lá. Tipo, sentir o cheiro, não tem coisa melhor do que sentir o cheiro de livro, principalmente novo.

L.R.D.A. – [...] Eu vario. Eu gosto muito do livro físico, do cheiro, mesmo, eu compro vários livros, mas eu também gosto muito de ler o digital por causa das facilidades. ‘Tá’ ali com seu celular na mão [palavras indistintas] pega um aplicativo de leitura, ou no iPad, vários livros lá [palavras indistintas].

L.R.B. [...] Eu também sigo quase a mesma linha de todo mundo aí, de sentir o livro, gostar de sentir o livro, só que, ultimamente, eu comecei a [palavras indistintas] esse assunto, porque a facilidade que você tem com as, com os meios tecnológicos, infelizmente, vai crescer a cada dia, né, é... eu acho que eu comecei a... agora eu gosto de ter o livro impresso, mas também eu quero ter em versão digital, porque assim fica mais fácil pesquisar algumas palavras, algumas partes que você achou, que a gente acha principal, principais.

L.V.N. – [...] é... eu leio muito no Kindle, no livro, assim, digital. Quando eu vou ler no Kindle mesmo ou no celular, né, [é] deitado no escuro, quando não tem luz né, é... ou no livro [impresso] mesmo, que eu leio menos, ultimamente, mas eu também gosto muito de ler.

Como é possível perceber, as falas iniciais denotam uma preferência pelo impresso, ora mais acentuada, ora compartilhada com o eletrônico e, no caso do participante **L.V.N.**, uma prática já estabelecida de leitura em eletrônicos, não descartando, entretanto, o consumo do impresso. Em linhas gerais, poderia ser dito que esse segmento de leitores literários, nesse primeiro momento, apresenta características do chamado leitor movente, “[...] leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sígnicas” (SANTAELLA, 2004, p. 19).

Outro aspecto presente na fala de quase todos é a evocação das questões táteis e sensoriais inerentes ao livro impresso, indo ao encontro do identificado em relatos feitos no Estudo de Usuários, o qual foi discutido na seção 6 desta dissertação.

Em todas as falas, os alunos pareciam estar confortáveis diante da proposta de atividade, percebendo-se que havia uma proximidade entre os mesmos, mesmo que estudando em anos diferentes do mesmo curso. Também não houve estranhamento diante da figura da mediadora e da pesquisadora.

Estando todos ambientados, deu-se início à **segunda etapa** da atividade: a leitura dos primeiros cinco capítulos do título *O fazedor de velhos*, nas versões impressa (2008) e eletrônica (2013), estabelecendo-se rodízio de leitura por capítulo de forma que, ao final, cada participante tivesse utilizado cinco suportes diferentes, o que se deu de acordo com o apresentado no Quadro 8.

Quadro 8 – Rodízio de leitura dos cinco capítulos iniciais de “O fazedor de velhos”

Leitor	Suporte				
	1ª rodada	2ª rodada	3ª rodada	4ª rodada	5ª rodada
L.V.N.	impresso	<i>smartphone</i>	<i>e-reader</i>	<i>notebook</i>	<i>tablet</i>
E.S.A.	<i>smartphone</i>	impresso	<i>tablet</i>	<i>e-reader</i>	<i>notebook</i>
E.F.O.	<i>e-reader</i>	<i>tablet</i>	<i>notebook</i>	impresso	<i>smartphone</i>
L.R.B.	<i>tablet</i>	<i>notebook</i>	impresso	<i>smartphone</i>	<i>e-reader</i>
L.R.D.A.	<i>notebook</i>	<i>e-reader</i>	<i>smartphone</i>	<i>tablet</i>	impresso

Observando o desenvolvimento do momento de leitura, algumas peculiaridades pareceram ser dignas de nota em relação ao comportamento dos leitores, um vez que interessa dizer também dos modos que as leituras podem ser realizadas, como:

- todos se mantiverem em silêncio no decorrer de toda a leitura, mesmo nos períodos de espera pela troca dos suportes;
- a certa altura da leitura, um dos participantes (**L.R.B.**) pediu um lápis e começou a tomar notas, como se algo na narrativa tivesse chamado a atenção dele;
- uma dos participantes (**E.F.O.**) deixou o *smartphone* ligado e o utilizava nos intervalos de troca de suportes;

- quando da leitura no *tablet* apenas dois alunos (**L.V.N.** e **L.R.D.A.**) manusearam o equipamento com o intuito de girar a tela de leitura;
- dois usuários (**L.V.N.** e **L.R.D.A.**) demonstraram, com maior evidência, melhor desenvoltura no manuseio dos equipamentos e do aplicativo de leitura, tomando a liberdade para fazer alterações de configurações de visualização e leitura;
- somente um participante (**E.F.O.**) solicitou orientação para utilização de um dos suportes (modo correto de passar as páginas no *e-reader*);
- dois participantes (**L.R.B.** e **E.S.A.**) deixaram transparecer certo entusiasmo ao manusearem os equipamentos da Apple (iPhone e iPad);
- dois dos participantes (**L.R.D.A.** e **L.R.B.**) demonstraram acentuada mudança de postura para cada tipo de suporte manuseado (pernas dobradas junto ao corpo com os pés sobre a cadeira, pernas esticadas e escoradas no suporte debaixo da mesa, retirada dos suportes de cima da mesa, aproximação e afastamento dos suportes da linha de visão, girar a cadeira e ficar de costas para os demais etc.).

Frente ao descrito, percebeu-se que o público participante é inserido tecnologicamente, o que se demonstra tanto pela agilidade no manuseio dos dispositivos/suportes quanto pela prática de ter sempre à mão equipamento similar. Um exemplo disso é o caso da aluna E.F.O. que manteve seu telefone celular próximo não somente durante a atividade de leitura, mas no decorrer da realização do grupo focal, diferentemente dos demais, que, embora tivessem levado seus telefones, os mantiveram guardados.

Independentemente das questões de leitura literária, foi perceptível a admiração de participantes quando do manuseio de equipamentos eletrônicos que talvez pudessem não estar ao alcance do poder aquisitivo dos mesmos (dispositivos da Apple). Esse fato chamou atenção à possibilidade de serem esses os que estariam em evidência como preferidos durante a atividade, o que, em certa medida, enquadrou-se nos achados das primeiras discussões.

Não menos importante foi a observação de que os gestos e modos de leitura utilizando suportes eletrônicos parecem mimetizar o *modus legendi* contemporâneo

sobre o qual fala Petrucci (1998, p. 222), no qual o leitor não se mostra em repouso e mantendo uma distância “respeitosa” do suporte, mas o manipula livremente, parecendo querer fortalecer o vínculo com o mesmo, aproximando-o do corpo sempre que possível, mobilizando-o espacialmente de acordo com as próprias necessidades, delimitando zonas de conforto para a leitura efetiva do texto nele contido.

7.2.1 O resultado das produções coletivas

Tendo a **terceira etapa** consistido de um breve intervalo, no qual os participantes fizeram um pequeno lanche e foram estimulados a começar a interagir e trocar percepções tanto a respeito da leitura quando dos suportes, deu-se início, então, à **última etapa** do procedimento, onde ocorreram os momentos de discussão coletiva e outros de participação individual, nos quais foram lançadas algumas perguntas relacionadas aos modos de leitura e apropriação dos suportes por parte dos alunos.

Para dar início ao momento de trocas, foi solicitado aos alunos que comentassem, em linhas gerais, sobre o que pensaram sobre a leitura que tinha acabado de fazer. Inusitadamente, houve uma forte identificação com a narrativa, pois um dos alunos (o que tomou notas durante a leitura) declarou-se interessado em se graduar em História, a exemplo do protagonista de *O fazedor de velhos*, o que causou uma pequena agitação no grupo, já que todos os participantes pareciam saber do interesse do aluno em questão. Entre risos e brincadeiras, os participantes comentaram o fato, esse que reforçou nos alunos o interesse pelo livro. Tal experiência foi ao encontro de relatos de respondentes do Estudo de Usuários, que pontuaram características relacionadas a uma experiência pessoal como marcantes no que se refere à leitura literária.

Essa relação entre leitura literária e verdade, ou expressão da mesma, é contundentemente exemplificada por Manguel (2006, p. 191) quando o autor traz um relato de uma bibliotecária⁷⁶ da Colômbia que atuava em um dos programas de incentivo à leitura daquele governo levando livros aos habitantes das regiões rurais,

⁷⁶ Não foi possível referenciar apropriadamente a responsável pelo discurso, pois o autor menciona apenas uma nota dizendo ser proveniente de uma entrevista concedida a ele no ano de 2001.

na década de 1990:

Além dos títulos práticos de sempre, levamos uma *Ilíada* em espanhol. Quando chegou a hora de devolvê-la, os aldeões se recusaram. Decidimos presenteá-los, mas antes perguntamos por que queriam ficar com aquele título em especial. Explicaram que a história de Homero refletia a sua própria história: um país dilacerado pela guerra em que os deuses desvairados decidem como querem o destino dos homens, que nunca sabem muito bem por que estão lutando ou quando vão ser mortos.

Decorrido esse momento de comentários, o grupo foi organizado em um semicírculo de modo que pudessem responder a algumas perguntas referentes à percepção dos suportes que utilizaram para leitura, tendo sido eleito um relator dentre eles. Coletivamente, eles deveriam identificar: a) similaridades e diferenças entre os suportes eletrônicos; b) relação entre os modos de ler no impresso e nos suportes eletrônicos; c) características que porventura tenham dificultado/atrapalhado a compreensão textual; d) vantagens e desvantagens da leitura em suportes eletrônicos.

A partir das diretrizes apresentadas, o grupo declarou ter facilidade de leitura em todos os suportes eletrônicos, considerando-os flexíveis no que diz respeito às mudanças de parâmetros para leitura (formatação de texto e telas). No que tange às diferenças entre os equipamentos eletrônicos, as mais perceptíveis foram: iluminação e tamanho da tela, transição de páginas (lenta, rápida, intermediada por mouse...), mobilidade diferenciada, descrita por eles como “flexibilidade o acomodamento da postura”. Delineia-se então o apontamento de características diretamente relacionadas à garantia de conforto visual e mobilidade, a qual é novamente evocada quando: a) o grupo elege o *notebook* como único a não se enquadrar no quesito “relação entre os modos de ler no impresso e no eletrônico”, mencionando questões relativas ao “acomodamento [...] carregar para todos os lugares”; b) novamente o *notebook* é mencionado ao se dizer de característica que dificultou/atrapalhou a leitura e compreensão da narrativa por ser pesado. Mobilidade e compreensão não parecem estar relacionadas, mas a recorrência em mencionar a falta da primeira, demonstra que é algo que realmente se espera de um suporte de leitura, fazendo dessa uma característica que define práticas de leitura para esse segmento de leitores contemporâneos.

Restava ainda ao grupo apontar, coletivamente, vantagens e desvantagens dos suportes de leitura eletrônicos. Todas as vantagens descritas estavam relacionadas às funções do aplicativo de leitura (pesquisas *on-line*; marcações; acesso a vários títulos; mudanças de configurações, fonte e brilho), todos relacionados a possíveis interferências por parte do leitor, que, nessa perspectiva, entremeia-se nas questões de apresentação final do texto, acentuando variações tipográficas não passíveis de alteração a partir do impresso.

Para dizer das desvantagens, os alunos argumentaram já tê-las descrito quando disseram das características que atrapalharam a leitura e compreensão do texto. Cruzando tais informações, nota-se que uma das desvantagens mencionadas está presente três vezes nas respostas da construção coletiva: a interrupção da leitura pelas notificações das redes sociais⁷⁷. A conexão do dispositivo com a internet, o que permite que a maior parte das funções tidas como vantajosas sejam possíveis, paradoxalmente apresenta-se também como ocasionadora de desvios de atenção durante a leitura.

Essa leitura entrecortada, também característica dos textos de hipermídia pareceu ter se caracterizado como incômodo durante a leitura pelo fato de não fazerem parte das configurações particulares dos dispositivos de cada leitor, uma vez que usavam dispositivos pertencentes a outra pessoa para realização da atividade. Entretanto, de modo geral, a fragmentação da leitura não poderia ser considerada uma ocorrência exclusiva quando do uso dos dispositivos eletrônicos. Também ao utilizar o impresso, interrupções outras poderiam ocorrer, mesmo que com menor frequência, tais como: a falta de luz, num momento de leitura à noite; início de chuva, se o leitor estiver ao ar livre; a necessidade de atender uma ligação ou ver quem chama ao portão e outras situações.

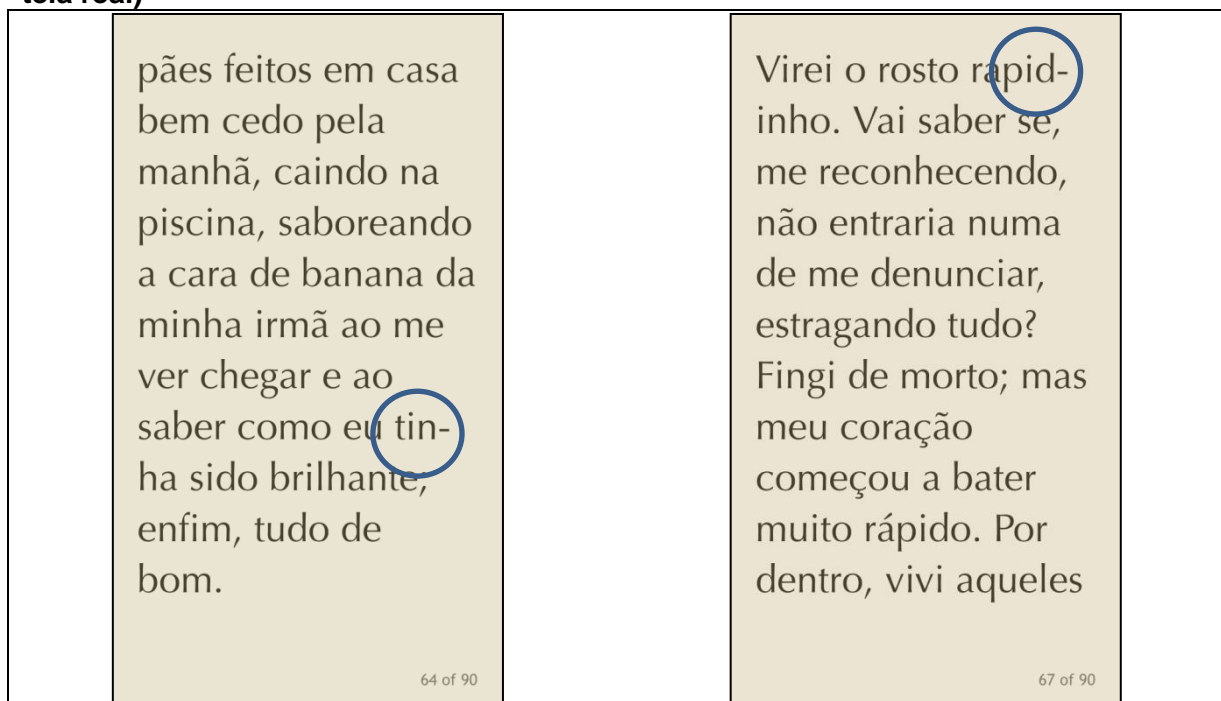
Acredita-se que a realização de multitarefas em um dispositivo de uso próprio, configurado para receber notificações de acordo com os interesses do leitor, seria mais propícia e recebida com menor estranheza.

⁷⁷ Tais notificações não foram desabilitadas, pois, habitualmente, leituras feitas em *smartphones* podem ter essa limitação e o procedimento deveria aproximar-se o máximo possível de uma prática real.

Outra situação destacada foi que ao mesmo tempo em que o grupo diz ser uma vantagem alterar o tamanho da fonte, identifica como desvantagem a “separação de sílabas erradas”. Ocorre que ao aumentar demasiadamente uma fonte, algumas separações silábicas não podem ser mantidas corretamente, tendo em vista as limitações de coluna ou tela, de acordo com o ilustrado na Figura 7, que mostra trechos do texto com o maior tamanho possível de uma fonte, no aplicativo do *smartphone*.

Aventa-se a possibilidade de que a menção dos problemas de separação de sílaba esteja mais relacionada à interrupção do fluxo da leitura, como no caso das notificações de redes sociais que piscam na tela ocasionalmente, implicando na diminuição do tempo total de leitura, por mais ínfimo que fosse, indo ao encontro de algumas falas presentes durante as discussões do grupo para resposta às perguntas, nas quais a “leitura mais rápida” era mencionada.

Figura 7 – Separação errada de sílabas no aplicativo Kobo para iPhone (tamanho de tela real)



Fonte: captura de telas de Lacerda (2013), feita pela pesquisadora.

Questões relacionadas às telas também são pontuadas (reflexos, iluminação) e um “atraso” na passagem das páginas do *e-reader* é apontado como desvantagem, evento que não duraria mais do que a mudança de uma página e localização de

início do texto para começo da leitura em um livro impresso. Mas esse segmento de alunos é interativo e não tem mais tempo para contemplar o texto, podendo ser classificado como o leitor imersivo do qual fala Santaella (2004, p. 181-182), esse leitor que surge impulsionado pelas TICs.

7.2.2 Do coletivo para o individual

Tendo atingido o objetivo da primeira parte de troca de ideias, foi desfeita a formação de construção coletiva de modo que todos pudessem discorrer a respeito de alguns questionamentos sobre a leitura literária feita durante a atividade e fora dela, dessa vez ouvindo a todos, individualmente.

Pediu-se que cada um dos alunos dissesse qual tinha sido o suporte de leitura mais agradável e o menos agradável, apresentando justificativa para as opções. Na primeira rodada de repostas, relativa ao suporte mais agradável, todos os alunos escolheram o *smartphone* como o suporte mais agradável. As falas se repetiam e reforçavam três pontos essenciais: mobilidade (liberdade de movimentação do e com o suporte), portabilidade (facilidade de transporte do suporte) e agilidade na leitura, como pode ser percebido em alguns excertos relativos a esse questionamento:

L.V.N. – A mais agradável, desses, foi o iPhone. Porque, é... foi rápido porque a gente colocava a *screen* [tela] bem grande assim, dava pra gente ver bem, então, e.. eu não ‘tava’, eu não perdia as linhas também, quando eu ‘tava’ lendo, né. Era uma leitura mais rápida e... foi mais confortável, tipo de posição também, de peso, foi mais leve. Fiquei mais confortável pra ler.

E.S.A. – [...] porque eu consegui mudar as posições, ficar na posição que eu achava mais confortável. Você vai lendo e vai começando a cansar então você pode chegar... se aproximar mais ou distanciar e também... [...].

Ao dizer dos suportes que menos os agradaram, também todos foram unânimes, escolhendo o *notebook* como não favorável às leituras (o que já era esperado, tendo em vistas as falas anteriores sobre esse suporte). Tal suporte foi avaliado sob a mesma perspectiva que o *smartphone*, com a diferença de não atender às necessidades de mobilidade, portabilidade e agilidade na leitura, de acordo com o exposto pelos participantes:

L.V.N. – O *notebook* foi o menos agradável, porque, assim, eu tive que manter uma posição fixa, o tempo inteiro, para conseguir ler [...].

L.R.B. – Eu também. O menos agradável foi o *notebook*, na questão que... se você for observar todos os suportes que nós utilizamos, o que nós não tivemos contato, assim, de ficar grudado foi o *notebook*. Então tinha aquele... passar de... tecla para passar página, acho que aquilo me incomodou, então foi o que... e também a letra ficou mais cansativa

E.S.A. – Também concordo plenamente [palavras indistintas] que o *notebook*, ele foi o menos flexível assim, na questão da posição. A gente não, é... não tinha como ter outra posição, a gente tinha que colocar ali e tentar aí a melhor forma de ficar mais confortável. A questão da letra também, que era bem cansativo, o brilho da tela e a questão de uma tela bem maior, né, como... diferente do iPhone que é uma tela pequena e que você tinha aquela sensação de rapidez, ali não, você tinha uma sensação de maior lentidão.

Nesse ponto da atividade, percebeu-se que o participante L.V.N., notadamente ambientado com os aparatos tecnológicos utilizados como suportes para os textos eletrônicos, parecia exercer certa influência no grupo, sendo as opiniões do mesmo observadas com atenção pelos demais. Tal percepção fez com que a ordem das primeiras participações fosse invertida nas questões seguintes.

Prosseguiu-se perguntando aos participantes se gostariam de continuar a ler *O fazedor de velhos* e em qual suporte o fariam. Todos disseram que gostariam de concluir a leitura, interessados no desfecho, mas, mesmo que tenham sido unânimes em relação ao que mais lhes agradou, abriram espaço para a menção dos outros suportes textuais como possibilidade, com exceção do *notebook*.

L.R.B. – Ah eu queria... vou querer sim ler ele, mas eu ficaria em dúvida em qual suporte, porque todos os suportes são muito bons, tirando o *notebook*, mas os mais assim, 'seria' o *smartphone* e o... 'Kombo'... Kobo, é. Os mais assim foram esses dois.

L.R.D.A. – Eu quero ler sim, até porque [palavras indistintas]. Mas é simples dizer, o iPhone e o livro [impresso], assim, o livro eu não sei se eu compraria realmente, como E.S.A falou, mas eu acho que se tivesse na biblioteca para locar eu locaria e leria, no *tablet* também. Eu leria no *smartphone*... [palavras indistintas].

As participações foram se consistindo de falas únicas, de cada aluno, para cada questionamento, com exceção do participante L.V.N., o qual, sempre que possível,

complementava as falas anteriores frente ao exposto pelos colegas. Todavia, quando perguntados se a leitura de literatura em suportes eletrônicos era diferente ou igual à leitura de outros gêneros textuais, também no formato eletrônico (textos curtos, notícias, *posts* no Facebook, jornais eletrônicos, artigos acadêmicos etc.), os participantes se mostraram mais falantes, mesmo que de início tivessem demonstrado afirmações um tanto incertas, parecendo precisar de um pouco mais de tempo para elaborar melhor as ideias sobre o cenário apresentado para discussão:

E.F.O. – Pra mim, na minha opinião, eu acho que é a mesma coisa! Não vejo muita diferença. Ambos você consegue... ver qual informação, o que você quer direito, lê o que você se interessa [...].

L.R.B. – Também, é... não vejo diferença, acho até melhor, porque, por exemplo, hoje em dia, revistas e esse monte de livros acadêmicos e eles acabam ocupando muito espaço, não que eles sejam desnecessários, eles são de extrema importância, mas só que, por exemplo, nos suportes eletrônicos, podemos ficar com milhares de livros, milhares de artigos, milhares de livros de literatura. Então, você mescla todos esses gêneros literários em um só dispositivo. Acho isso muito interessante.

L.R.D.A. – Não é fácil, porque, por exemplo, eu ‘num’... o horário de leitura: eu ‘num’... é, livros. Eu ‘num’, tipo, tomo meu café e ‘tô’ lendo um livro. Eu tomo meu café e leio um anúncio no jornal, no Facebook, no que seja. Mas também tem esse negócio de que eu ‘num’ preciso ‘tá’ na banca de revistas comprando jornal, posso ler a notícia ali agora e o fato tá acontecendo no momento, [...].

E.S.A. – Eu também fico nesse impasse porque eu acho têm lados que são iguais e lados que não são. [...] A literatura é um passatempo, é o que você vai fazendo pra completar o tempo, pra... sei lá, adquirir algum conhecimento, alguma coisa assim.

L.V.N. – Eu acho, eu acho... assim, eu acho diferente [risos]. Acho razoavelmente diferente [...].

As falas pareciam complementar as anteriores até que chegassem à conclusão de que há uma diferença na leitura realizada em suportes eletrônicos, dependendo do tipo de gênero. Para os alunos, por exemplo, a leitura de artigos acadêmicos ou de textos com ilustrações, tabelas etc, seria mais favorável num suporte que pudesse manter a integridade de tais elementos, tais como o *notebook* (repudiado no que se refere à leitura literária) e o impresso, levando à implicação de que, por vezes, é preciso que o leitor tenha que se adaptar à apresentação ideal do texto, de acordo

com a seguinte afirmação a respeito da leitura de artigos científicos:

L.V.N. – [...] Então, tipo, é uma leitura diferente, um tipo de leitura diferente, é um tipo de forma de ler diferente. Para ler essas coisas, esses artigos de internet, essas coisas, eu prefiro usar o computador. Por exemplo, acho que é mais flexível do que um celular ou um *e-reader* para poder ler, porque acho que você tem mais formas de se adaptar à leitura. **E é você que tem que se adaptar à leitura, não o artigo se adaptar a você.** Acho assim, mais ou menos assim (grifo nosso).

A partir dessa discussão, os alunos começaram a sinalizar mais claramente suas preferências, o que contribuiu para considerar que: havendo identificação com o título literário, seja essa de ordem pessoal ou temática, maior a probabilidade de que as leituras sejam realizadas no impresso, como manifestado por uma das participantes ao dizer das diferenças entre leituras de diferentes gêneros em diferentes suportes:

L.R.D.A. – Depende de como você encara a leitura. Quando você, quando vai ler um artigo científico, você ‘tá’ mais centrado, você ‘tá’ mais sério, você ‘tá’ com a mente mais, tipo, concentrada naquilo que você quer aprender, discorrer, tipo, que é informações do artigo. Absorver! Já o livro [impresso] não, você encara com a mente aberta, e ‘cê’ entra na história, ou ‘cê’ não entra na história, acaba largando. Mas acho que é da forma que você encara a leitura, define qual a diferença.

A aluna L.R.D.A., que ao mencionar: “o livro não, você encara com a mente aberta, e ‘cê’ entra na história [...]”, referindo-se ao livro impresso de literatura, reflete em sua fala alguns considerações trazidas também pelos respondentes do Estudo de Usuários há pouco analisado⁷⁸, como um todo, enfatizando a existência de uma relação mais profunda entre leitor e texto quando o suporte em questão é o impresso.

Zilberman (2001, p. 118), ao dizer da esperada longevidade do suporte impresso, especialmente aquele cujo texto é de literatura, apresenta argumentação que também vai ao encontro das relações entre leitura e suporte impresso.

O aparecimento e consolidação da sociedade do livro presenciou um fenômeno único: do século XVI ao XIX, as classes dominantes temeram a leitura, na hipótese de que essa afetava de tal modo os

⁷⁸ Conferir seção 6.

indivíduos, que eles desejavam ser outra pessoa, a que constava do livro e só existia por força das palavras impressas.

[...] É que a literatura que aparece nos livros apresenta uma particularidade resultante do formato desse objeto: acolhendo a matéria da imaginação, estruturada em termos de narração da ação própria e alheia, ou desnudamento da interioridade do eu, ela suscita a participação, como a identificação com seres fictícios.

A autora complementa, dizendo que “[...] O tecido literário é muito fino e delicado, mas não maciço: contém orifícios, mimetizando a porosidade constitutiva do papel, e por essa superfície propensa à absorção do outro penetra o leitor” (ZILBERMAN, 2001, p. 118-119). Seguindo esse viés, uma forma de interpretar a intervenção de L.R.D.A. é que a aluna dá sinais de que a representação vigente de leitura literária pode estar mais relacionada à materialidade textual do impresso e a uma prática mais envolvente do que a leitura possível quando os gêneros e suportes são outros.

Reforça-se o cenário mencionado ao serem analisadas as interlocuções referentes às últimas participações dos alunos, quando esses são convidados a tecer algum comentário complementar sobre a leitura em suportes eletrônicos. As duas primeiras falas serviram para enaltecer as facilidades da leitura em suportes eletrônicos, sem desmerecer o impresso. Porém, a fala seguinte muda o curso da discussão:

L.R.D.A. – Eu acho que isso se encaixa quando você, por exemplo, não tem aquele dinheiro para comprar o livro físico [E.S.A – É tipo assim!], mas aí você quer muito ler aquele livro, aí você: ai vou apelar para o modo, aqui, digital. Mas aí, quando, às vezes, você vai no site ou na livraria e você compra aquele livro, aí você, ou o livro chega e você sai andando com o livro: ai meu filho. Ah! É livro novo! [vários participantes falando ao mesmo tempo] A sensação de abrir a película, tirar, folhear, é...

A espontaneidade do comentário e a aparente identificação com a sensação descrita pela aluna fez com que os demais, que, até aquele momento, estavam compenetrados, se descontraíssem e manifestassem desejo de compartilhar sentimentos similares. Todos queriam falar ao mesmo tempo. Até mesmo as posturas, outrora controladas, tornaram-se mais expressivas, mais naturais. Quando dos comentários, revelaram-se gestuais de simulação referentes ao contato com o livro:

L.R.D.A. – [...] o livro chega e você sai andando com o livro: ai meu filho [**gestos simulando segurar uma criança, participantes se identificam e se descontraem**]. Ah! É livro novo! [vários participantes falando ao mesmo tempo] A sensação de abrir a película, tirar, folhear, é...

E.F.O. – [...] Cheguei em casa vi aquela caixa em cima da cama. Meu Deus! Vem cá me abraça! [**simulando ato do abraço**].

L.R.D.A. – Aí vê depois lá na estante, assim [**indicando estante imaginária à frente**].

L.V.N. – [...] Você terminou de ler e é só uma coisa que ‘tá’ ali e ‘cê’ pode jogar fora, você pode deletar. Agora, o livro [impresso], ‘cê’ viu que você leu, ele ‘tá’ lá na sua estante, ‘cê’ pode... ‘cê’ empresta, você pode recomendar, assim, entregar na mão da pessoa [**simulando gesto de entrega**] e recomendar: esse aqui é bom por causa disso e tal...”.

Todas as manifestações, permeadas de comprometimento emocional, apontaram para a importância da presença física do livro, quiçá para uma percepção de totalidade que não é possível quando considerado o livro eletrônico, esse cujo texto se inscreve de forma diferenciada, disposto numa tela, não sendo diretamente manuseado pelo leitor (CHARTIER, 1998b, p. 12), característica essa que foi ilustrada anteriormente com base no que diz Baron (2015, p. 133) sobre os engajamentos mentais com o os conteúdos de livros impressos⁷⁹.

Outras atribuições de valor podem ser percebidas nos comentários, tais como os voltados à necessidade de manter a integridade material dos livros impressos:

L.R.D.A. – Empresta assim, né, vai, mas olha estado que ele ‘tá’, por favor!

E.F.O. – Tirar foto para ver como ele ‘tava’ antes...

L.R.D.A. – Nunca tive coragem de riscar nenhum livro meu [palavras indistintas].

L.V.N. – [Palavras indistintas] eu li a série do Harry Potter em uma semana e meia, mas eu li tipo assim, abria só um pouquinho da página, deixei ele intacto, porque... nem abertos eles estão ainda [todos dizem ser verdade]. É porque dá muita dó, sabe! [...]Você tem esse apego maior, sabe?

⁷⁹ Conferir página 109.

Encontra-se marcada uma reverência e respeito a esse suporte (o impresso) que se torna símbolo de conquistas e cujo ajuntamento apresenta-se como premiações e confirmação de leituras realizadas (E.F.O.). Não seria equívoco dizer que a posse de tais livros e maneira como se apropriam dos mesmos, representam para esses alunos o tipo de leitor que eles almejam ser ou mesmo como querem ser percebidos por aqueles que conhecem suas coleções. Essa mesma reverência e importância dada à constituição material do livro, da qual parece exsudar importante textualidade, é exemplificada por Manguel (2006, p. 23-24).

Durante o dia, escrevo, folheio, reorganizo livros, instalo as novas aquisições, transfiro seções inteiras por conta do espaço. Os recém-chegados recebem as boas-vindas depois de um estágio probatório. Se o livro é de segunda mão, deixo intactas todas as marcas, os rastros de leitores prévios, companheiros de viagem que registraram sua passagem por meio de comentários rabiscados, um nome na página de rosto, um bilhete de ônibus marcando determinada página. Velhos ou novos, o único sinal de que sempre tento livrar meus livros (em geral com pouco sucesso) é a etiqueta autocolante de preço que livreiros malévolos pregam nas contracapas. Aquelas crostas brancas e daninhas saem com dificuldade, deixando feridas leprosas e trilhas grudentas às quais aderem o pó e a lanugem do tempo, fazendo-me desejar que seu inventor seja condenado a um inferno especial, viscoso.

Mas são as afirmações conclusivas de dois alunos que, além de dizer das reais percepções a respeito dos suportes impressos, ao mesmo tempo ilustram de fato qual é a representação de leitura em suportes eletrônicos para os participantes do grupo:

E.S.A. – [...] Mas não conta, né. Porque você está ali na pressa de ler, e como, você leu o digital, mas depois você vai lá e compra o livro [impresso] e conta.

L.V.N. – Esse negócio dessa satisfação, tipo, na internet quando você [...] ‘tá’ comprando o livro, você comprou o livro, você compra, você espera ele chegar e tem aquela satisfação. E no *on-line*, você comprou na hora, ‘cê’ leu ali e aquilo foi embora. Tipo, acho que o digital é bem mais descartável [E.F.O. – “É isso mesmo!”], você não tem essa sensação. Você terminou de ler e é só uma coisa que ‘tá’ ali e ‘cê’ pode jogar fora, você pode deletar.

Ao relacionarem a leitura do livro eletrônico com as expressões: “não conta”, “descartável”, “pode jogar fora” e “pode deletar”, cotejando os exemplos trazidos por eles de “relacionamentos” com o suporte impresso, pode-se dizer que esses alunos trazem bem solidificadas as representações de como se devem realizar leituras literárias das quais realmente virão a se apropriar, como parte importante das práticas que os constituem como leitores.

Todavia, não podem ser desconsideradas as contribuições dadas anteriormente, sobre as experiências de leitura literária nos suportes levados ao grupo focal, pois se encontravam essas no âmbito da ação analítica da atividade de discussão, sendo, provavelmente, avaliações reais de propostas de leitura como um todo, inclusive a não literária. Ao desenvolver-se a discussão o que se percebeu foi um amadurecimento dos posicionamentos, nos quais variáveis outras foram se sobrepondo e dando subsídios a falas mais definitivas.

No que se refere unicamente aos achados provenientes do grupo focal, pode-se concluir que esses indivíduos apresentam práticas similares às dos leitores literários caracterizados na seção anterior a esta, ou seja, estão inseridos tecnologicamente, utilizando, em diferentes níveis, suportes diferenciados para as leituras literárias, mas não deixando de atribuir ao impresso destaque como suporte textual, estando mais propício a estabelecer relações de identificação com o mesmo e o tendo como referência ao validar as leituras feitas ou ansiadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado tendo como principal objetivo delinear como se figuram os leitores de literatura literária do *Campus* São Mateus do Ifes, considerando as TICs contemporâneas utilizadas para suporte para a palavra escrita e tendo como aporte teórico uma matriz histórico-cultural, com destaque na aplicação dos conceitos chartierianos de prática, representação e apropriação. Os esforços de pesquisa empreendidos nesse sentido favoreceram a compreensão de práticas próprias de uma comunidade interpretativa cujos membros denotaram compartilhar determinados interesses e modos de apropriação de suportes de leitura em diferentes formatos.

Com base nessa proposta inicial, alguns objetivos mais específicos se desdobraram. Dentre eles, a necessidade de discorrer sobre alguns aspectos característicos ao objeto cultural “livro”, destacando seus diferentes formatos e transformações no decorrer do tempo, cotejando-os com leitores de diferentes épocas e membros de comunidades culturais. Com isso, foi possível visualizar como variam as práticas de leitura e escrita na medida em que também se modificam os suportes textuais, tais alterações indo ao encontro de anseios e necessidades de cada comunidade e decorrentes de práticas estabelecidas de acordo com as representações que cada qual tem desse objeto cultural.

Essa abordagem pautada nos chamados protocolos de leitura, os quais Chartier explica estarem inscritos nos suportes de leitura, sejam eles inerentes ao texto ou aos vestígios deixados durante os processos editoriais, contribuiu para solidificar a proposta de observar como se dão as práticas de leitura do público pesquisado frente à TICs utilizadas para leitura.

Mas foi buscando atingir os objetivos específicos relacionados à análise de empréstimos, dos questionários e dos registros da dinâmica de discussão coletiva (grupo focal) – os quais foram os procedimentos de coleta de dados deste estudo –, que se deparou com informações provenientes de diferentes perspectivas que ao serem cotejadas proporcionaram a identificação de pontos de convergência nas práticas de leitura do público analisado.

Considerando as observações dos segmentos de usuários potenciais abordados no decorrer da investigação, evidenciou-se um público leitor de literatura predominantemente do gênero feminino, indo ao encontro do perfil de leitor brasileiro delineado por meio de pesquisas conduzidas na última década (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2008, 2012). O público mencionado é proveniente dos cursos integrados ao Ensino Médio (o que também delimita faixa etária média de até 18 anos) e com preferência explícita por literatura estrangeira de massa (principalmente Ficção Norte-Americana), tal como os *best sellers* e títulos de franquias inseridos em um proposta de convergência cultural, indo ao encontro do que exemplifica Jenkins (2009) a respeito da chamada narrativa transmídia, a qual proporciona narrativas múltiplas de uma enredo utilizando meios diferenciados (livro, cinema, jogos, blogs, *fanfics* etc.) e que parecem cativar os leitores, os quais estariam sempre à procura de novos olhares, novos detalhes.

Especula-se que o comportamento mencionado seja decorrente de uma busca por pontos de similaridade com gostos particulares da maioria de jovens leitores, no que se refere a tramas e narrativas, ou até mesmo simulações de pertencimento e aceitação num processo de inter-relação com experiências pessoais, como perceptível em falas dos leitores quando se propõem a justificar as escolhas de títulos de literatura que ocupam espaço diferenciado e/ou especial nas preferências.

Uma vez cientes desse cenário, no qual se consolida a narrativa transmídia, educadores e biblioteca escolar devem buscar estabelecer laços em prol da promoção de diálogos entre as práticas de leitura realizadas pelos alunos e aquelas pretendidas a partir do que se propõe no currículo de Literatura. Nesse mérito, o desenvolvimento de um acervo diversificado (não somente voltado ao currículo) e a busca por mídias que, atualmente, traspassam o mundo da literatura, seriam ações determinantes.

Mesmo dizendo de um segmento de comunidade cultural específica, delimitada espacialmente e num contexto de uma instituição de ensino regular, as práticas de leitura literária assinaladas pelos leitores da biblioteca do *campus* São Mateus vão diretamente ao encontro de registros de intenções e preferências feitos livremente em rede social de leitores na internet (SKOOB, acesso em 18 nov. 2015), o que de

certa forma válida as amostragens deste estudo quanto à possibilidade de se compreender como se dão práticas de leitura de jovens em espaços outros, que apresentem características similares às da instituição e público ora observados. Na mesma medida, uma visão em sentido contrário poderia ser favorecida, localizando os alunos observados como pertencentes não somente à comunidade de leitores literários do Ifes, mas também como membros de uma sociedade globalizada cujas fronteiras e distâncias nas interlocuções de leituras e gostos pelas mesmas são, à primeira vista, pouco rígidas.

Esse comportamento, entretanto, não se constitui em algo inusitado, principalmente no que diz respeito às escolhas de títulos para leitura, sendo similar ao retratado por Gabriela Oliveira (2013) ao pesquisar sobre as práticas de leitura de alunos de escolas de São Paulo. Essa percepção vem confirmar a necessidade de aceitar que as representações de leituras percebidas pelos jovens de agora seguem a interesses que se harmonizam aos tempos, espaços e práticas culturais contemporâneas, que são diversas e carecem de observação dedicada e específica antes que sejam tecidos pressupostos sobre aplicações e validade das leituras literárias decorrentes das mesmas.

O que de forma diferenciada pode ser percebido no âmbito da presente pesquisa são as apropriações dos suportes utilizados para leitura de literatura, a partir das práticas e modos declarados pelos usuários potenciais da biblioteca do *campus* São Mateus.

Várias foram as vantagens apontadas pelos respondentes no que tange à leitura em suportes eletrônicos, principalmente aqueles de menor porte, pelo fato de imprimirem maior mobilidade ao leitor. Funções associadas ao uso da internet também foram levadas em consideração, tais como pesquisas em dicionários e participação em redes. Todavia, transpareceu o fato de que ao mencionarem leituras no tipo de suporte ora mencionado, havia um distanciamento do que se refere à introspecção esperada de uma leitura de literatura, pois a agilidade típica do acesso e passagem pelo texto eletrônico foi citada de forma recorrente, sendo “condenados” os suportes que não a propiciassem.

Observando mais atentamente comentários relativos aos usos de suportes eletrônicos para leituras outras, pode-se perceber que o público pesquisado comporta-se frente a esse equipamento de forma seletiva, utilizando-o prioritariamente para leituras que exigem menos tempo de exposição, como os textos curtos (*posts* nas redes sociais, notícias, mensagens no celular etc.), associando-os a um referencial de realidade que se afasta das práticas de leitura que exigem envolvimento mais intrincado, não somente no que se refere ao suporte, mas também à narrativa, a trama e ao tema de interesse.

Esse público, perceptivelmente inteirado a respeito das TICs eletrônicas e digitais, com relato de experiência prévia de leitura nas mesmas, demonstra de forma inesperada (pois há uma hipótese velada ao se pensar em uma amostragem de pesquisa inserida em ambiente com grande apelo tecnológico) uma clara preferência pelos impressos para a realização de leituras de literatura, parecendo que as representações inerentes a essa prática estão fortemente relacionadas a um conforto que não poderia ser propiciado a partir da leitura de um texto eletrônico, principalmente no que diz respeito ao ajuste visual frente a telas que emitem brilho.

Ao dizerem das preferências pelo impresso, os usuários ouvidos acabaram por também fortalecer uma representação de leitura “ideal”, aquela que se configura válida apenas se associada a um engajamento que é reforçado pela presença consolidada do objeto livro (BARON, 2015), cujas características e manuseio não conseguem ser plenamente mimetizadas pelos aparatos tecnológicos contemporâneos, ao menos não por enquanto.

Dos leitores investigados pode-se dizer que transitam entre práticas múltiplas de leitura, encontrando-se receptivos a lidar com suportes diferenciados, desde que os mesmos confirmem mobilidade e acessibilidade na medida dos interesses próprios a cada componente dessa comunidade cultural particular que é a de leitores do Ifes – *campus* São Mateus. Esses sujeitos são aptos a identificar o suporte ideal para a leitura ideal, de acordo com as concepções de real que lhes são próprias, configurando-se como atores de práticas híbridas de leitura, sendo classificados tanto como moventes quanto imersivos (SANTAELLA, 2004), e que não podem ser

enquadrados em perfis “engessados” de leitores em prol de qualquer tipo de ação de reconhecimento, seja no âmbito educacional ou acadêmico.

Questionários e dinâmica de grupo promoveram uma aproximação com leitores jovens, cidadãos do mundo e de uma dita aldeia global que é facilitada pela internet e pelos mecanismos de socialização e integração nela disposta. Personagens inseridas diretamente num contexto de leituras ágeis e diferenciadas, enriquecidas pelas propostas de hipermídia e *hiperlinks*, favoráveis a solidificações de representações de leitura e leitores diretamente relacionadas às novas TICs. Na mesma medida, remetem a leitores de literatura que validam suas práticas somente quando associadas ao impresso, sendo necessário que se apropriem do objeto cultural livro, referindo-se ao mesmo como símbolo necessário à comprovação de conquistas de leitura, como única forma de conferir valor ao texto ao qual dá condição de existência.

A espontaneidade demonstrada pelos alunos participantes do grupo focal ao dizerem de suas experiências de leitura no impresso, mesmo que a dinâmica tivesse como fito principal coletar impressões sobre suportes eletrônicos, fortalece o exposto anteriormente, pois foi claramente perceptível o grau de “relacionamento” que tais jovens demonstraram buscar e ter com os livros que leem, que querem ler, que possuem. Essa posse que favorece um prazer contemplativo, como diz uma aluna entrevistada ao dizer de sua reação ao chegar a casa e encontrar livros recém-chegados: “[...] eu fiquei uns cinco minutos encarando a caixa, assim, com medo de abrir...”; e certo ciúme que leva essa mesma aluna a querer registrar o estado físico do livro antes de emprestar a alguém.

No encerramento desta pesquisa, é preciso destacar que não há intenção de condenar ou promover quaisquer tipos de leitura realizados em qualquer que seja o suporte, pois se acredita que as práticas e as representações resultantes dessas são permitidas e possíveis de acordo com cada tempo, cada espaço, cada arranjo social e cultural no qual o sujeito leitor estiver inserido. Em busca de melhor mediar leituras, é indispensável conceber tal cenário, buscando atribuir valor ao sujeito do processo, sem desmerecer meios que o tornam possível, mas buscando compreender de que modo se complementam e se favorecem, mutuamente.

Entretanto, não há como negar, a despeito do anunciado desaparecimento do livro como conhecido há mais de 500 anos, como a leitura literária ainda encontra tamanha ligação com o impresso, suscitando intensas sensações de pertencimento, concorrendo tais leituras com experiências pessoais diversas, ocupando o objeto livro um lugar de camaradagem com aquele que o preza, que lhe configura valor, que o acumula ou coleciona, estando representada no que se refere a leituras feitas de forma concreta, não virtual. Assim confirma Alberto Manguel (2004, p. 270), no excerto trazido como epígrafe deste trabalho, pois, como a aluna mencionada há pouco, esse assumido bibliófilo também se extasia com suas prateleiras lotadas de livros, lembrando-se de momentos corriqueiros do dia a dia dos quais esse “amigo impresso” fez parte, mesmo que sorratamente, reconhecendo a relação intensa com os livros que constituem um inusitado inventário da vida do autor, levando-o a assumir: “[...] sei que algo morre quando abandono meus livros e que minha memória insiste em voltar a eles com uma nostalgia pesarosa”.

Todo esse sentir está inevitavelmente atrelado ao que de material o texto traz, indo ao encontro da proposta chartieriana de valorização desse critério. Assim, caberia aos que se interessam pelas relações entre leitor, leituras e suportes persistirem no intento de compreender como as mesmas se dão, sempre considerando que nenhum cenário é único e definitivo, mas que em outros tempos, sendo favorecidos diferentes arranjos culturais, talvez possam vir à tona respostas mais claras aos questionamentos sobre a consolidação de práticas de leitura, sejam elas literárias ou não, e da constituição de leitores.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, João. **Informática para concursos: teoria e questões**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- BARON, Naomi S. **Word Onscreen: The Fate of Reading in a Digital World**. New York: Oxford University Press, 2015.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Planeta, 2003.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Hipertexto e literatura**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2012.
- BORTOLIN, Sueli. A leitura literária em suportes eletrônicos na biblioteca infanto-juvenil. In.: BARROS, Maria Helena T. C. de Barros; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Fa, 2006.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e ampl. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**: volume 1. Tradução Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês), José Antônio Macedo Soares (inglês). São Paulo: Ática, 1998a. (Coleção múltiplas escritas).
- _____. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 2**. Tradução Cláudio Cavalcanti (alemão), Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês), José Antônio Macedo Soares (inglês). São Paulo: Ática, 1999a. (Coleção múltiplas escritas).
- CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: _____. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: 2014. p. 37-51.
- CERUZZI, Paul. E. **Computing: a concise history**. Cambridge: The MIT Press, 2012. E-book para Kindle.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. 1ª ed. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002a.
- _____. **As aventuras do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998b. (Coleção prismas).
- _____. **Cultura escrita. Literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002c.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Tradução Cristina Antunes. São Paulo: Autêntica, 2010.

_____. **História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Algés: Difel, 1990.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. Materialidade e mobilidade dos textos. Dom Quixote entre livros, festas e cenários. In: ROCHA, J. C. de C. (Org.). **Roger Chartier - a força das representações: história e ficção**. Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 173-200.

_____. Mistério estético e materialidade da escrita. In: _____. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2007a.

_____. Os livros resistirão às tecnologias digitais. **Nova Escola**, São Paulo, n. 204, ago. 2007b. Mensal. Entrevista concedida a Cristina Zahar. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistirao-tecnologias-digitais-610077.shtml>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UnB, 1999b.

_____. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna: séculos XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

_____. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVO [site]. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. **Perguntas frequentes**. [S.l.: s.n., 2014?]. Disponível em: <<http://www.documentoseletronicos.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=10>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

COSACNAIFY [site]. **O fazedor de velhos: sinopse**. c2014. Disponível em: <<http://editora.cosacnaify.com.br/ObraSinopse/11030/O-Fazedor-de-Velhos.aspx>>. Acesso em 27 nov. 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DALVI, Maria Amélia. **Drummond, a crítica e a escola: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático de ensino médio**. 2010. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2015. Disponível em:

<http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_4536_Maria_Am%E9lia_Dalvi.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2015.

_____. Livro e leitura: o medo do mato, de Rodrigo Britto, e Guido, a folha e o capim, de Paulo Roberto Sodré. In: _____. LOPES, O.; NEVES, R. S. (Org.). **Bravos Companheiros e Fantasmas V**: estudos críticos sobre o autor capixaba. 1. ed. Vitória: Edufes, 2014, p. 217-230. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/1160>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

DEWEY, Melvil. **Dewey decimal classification and relative index**. 22. ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2003.

DICTIONARY [site]. c2015. Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/browse/qr%20code>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. **Ensaio sobre literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 9-21.

_____; CARRIÈRE, J-C. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. The Little World of the Book. In: _____. **The coming of the Book**: the Impact of Printing, 1450-1800. Traduzido do francês para o inglês por David Gerard. London: Verso, 2010.

FERRARI, Márcio. Roger Chartier, o especialista em história da leitura. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 2002, mar. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/especialista-historia-leitura-427323.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FERRISS, Suzanne; YOUNG, Mallory. Introduction. In: _____ (Ed.). **Chick lit: the new woman's fiction**. New York: Taylor & Francis, 2006, p. 1-12. E-book para Kindle.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução Cláudia Freire. São Paulo: Unesp, 2006.

FISH, Stanley. Introduction. In: _____. **Is There a Text in this Class?** The Authority of Interpretative Communities. Cambridge, MA: Harvard University Press, ©1980.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da EAESP. **26ª pesquisa anual do uso de TI, 2015**. São Paulo: FGV, 2015. Disponível em: <<http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/arquivos/pesti-gvcia2015ppt.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

GARCÍA MARCO, Francisco Javier. Del papiro al libro electrónico: dispositivos, formatos y utilidades. In.: _____; PINTO, María; MANSO RODRÍGUEZ, Ramón Alberto (Org.) **La lectura digital en las bibliotecas públicas**: promoción y gestión del cambio. Buenos Aires: Alfagrama, 2014

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRARDELLO, Rosilei. **O ensino-aprendizagem de literatura em meio digital: experiências**. 2011. 466 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95325>>. Acesso em 10 abr. 2015.

GONDIM, Sonia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, São Paulo, v. 12(24), p. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. São Paulo: Ediouro, 2004.

GRUPO DE PESQUISA LITERATURA E EDUCAÇÃO [site]. **Apresentação**. [Vitória]: s.n., [2014]. Disponível em: <<http://www.literaturaeeducacao.ufes.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

GUERRA, Mariana. Passos. Ramalhete. **O leitor e a literatura juvenil: um diálogo entre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ e o Programa Nacional Biblioteca da Escola**. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

HENDEL, Richard. **O design do livro**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. (Artes do livro, v. 1).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Estatística de empréstimo por classificação [2011-2014]**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015a. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. **Levantamento bibliográfico por classificação [2011-2014]**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015b. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. **Relação de material emprestado: período de 01/01/2011 a 31/12/2014**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015c. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. **Relatório de títulos mais emprestados por área de conhecimento [2011-2014]**. [São Mateus, ES]: [Ifes], 2015d. Relatório gerado em 25 de maio de 2015 utilizando o Sistema Integrado de Bibliotecas Pergamum®.

_____. Campus São Mateus. **O campus São Mateus**. São Mateus/ES, ©2011.

Disponível em:

<http://www.sm.ifes.edu.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=21>. Acesso em: 11 nov. 2015.

_____. Campus São Mateus. Biblioteca. **Regulamento interno da biblioteca**. São Mateus/ES, 2014. Disponível em:

<http://www.sm.ifes.edu.br/site/arquivo/documento/biblioteca/regulamento_bcsm.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

IMDB.COM [International Movie Data Base, Inc.]. c1990-2015. Disponível em:

<<http://www.imdb.com/>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2008. Disponível em <<http://www.prolivro.org.br/images/antigo/1815.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

_____. _____. 3. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. Disponível em

<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução Susana L. de Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KRUEGER, Richard. A. **Designing and conducting focus group interviews**. St. Paul, MN: [s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.eiu.edu/~iheec/Krueger-FocusGroupInterviews.pdf>>. Acesso em 07 maio 2015.

LACERDA, Rodrigo. **O fazedor de velhos**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. _____. São Paulo: Cosac Naify, 2013. E-book.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador**. São Paulo: Ática, 2009.

LE MOS, Adriana Falqueto. **Literatura, videogames e leitura: intersemiose e multidisciplinaryidade**. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

LIMA, Maria Vanessa Batista; SILVA, Maria Valdênia da. A leitura dos contos de fadas no ciberespaço: novas veredas para a busca do significado da vida. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 4., 2012, Parnaíba, PI. **Anais...** Campina Grande, 2012. 13 p. Disponível em:

<<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/b432f34c5a997c8e7c806a895ec5e25.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

LOPES, José Sérgio Leite. Algo sobre a trajetória da prática do autor científico Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger; FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite. (Org.). **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. p. 17-24.

LUDWIG, Fabiana. **Os e-books infantis em análise**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/151/fabiana_dos_santos.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2015.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

MACKENZIE, D. **Bibliography and the Sociology of the Texts**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999. E-book para Kindle.

MANGUEL, Alberto. Ilha. In: _____. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 178-194.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2002.

MORAES, André Carlos. **Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011**. 2012. 199 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55331>>. Acesso em 08 abr. 2015.

MOUTINHO, Sonia Oliveira Matos. **Práticas de leitura na cultura digital de alunos do ensino técnico integrado do IFPI – campus Teresina Sul**. 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/00000A/00000A51.pdf>>. Acesso em 08 abr. 2015.

NAGAO, Brena Carla Martins dos Santos. **Práticas de leitura de alunos do ensino médio em diferentes suportes**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciência, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2013. Disponível em: <<http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/91300>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Da poesia visual concreta à poesia virtual concreta: a ciberliteratura na sala de aula. **Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 124-146, jul./dez. 2010. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/download/2269/pdf_37>. Acesso em: 14 abr. 2015.

NOVELS. In: DAN BROWN [site]. [c201-]. Disponível em: <<http://www.danbrown.com/#books-section>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

OLIVEIRA, Danusa Almeida de. **Os editores gaúchos e o mercado do livro:** mapeando impressões e ações acerca de um campo de transformação. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/76087>>. Acesso em 08 abr. 2015.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola:** tensões e influências. 2013. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31012014-121057/pt-br.php>>. Acesso em 10 abr. 2015.

PARKES, Malcolm. Ler, escrever, interpretar o texto: práticas monásticas na Alta Idade Média. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental:** volume 1. São Paulo: Ática, 1998, p. 103-122. (Coleção múltiplas escritas).

PESAVENTO, Sandra. J. **História & História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. 2. ed. São Palo: 34, 2009.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental:** volume 2. São Paulo: Ática, 1998, p. 203-227. (Coleção múltiplas escritas).

PIN, Adriana. **A recepção da obra de Paulo Coelho pela crítica literária e pelo leitor.** 2014. 296 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

PIROLA, André Luiz Bis. **O livro didático no Espírito Santo e o Espírito Santo no livro didático:** história e apropriações. 2008. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_114_ANDR%C9%20LUIZ%20BIS%20PIROLA.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2015.

POTTERMORE. Disponível em: <<https://www.pottermore.com>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital:** o mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

_____. **A revolução dos ebooks:** a indústria dos livros na era digital. São Paulo SENAI-SP Editora, 2013.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2009.

QUAL a sua preferência? Livro de papel ou livro digital? Publicado em 26 ago. 2015. In: EU amo leitura. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Eu-amoleitura-389742681051228/>>. Acesso em 26 ago. 2015.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela: letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana, RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 125-150. (Coleção linguagem e educação).

RUBIM, Rossanna dos Santos Santana. Práticas de leitura literária dos usuários da biblioteca do Ifes campus São Mateus: um olhar sobre os registros de empréstimos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/127-1745.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SEHN, Thaís Cristina Martino. **As possíveis configurações do livro nos suportes digitais**. 2014. 271 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/97246>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____; FRAGOSO, Sueli. A configuração gráfica do livro: reflexões sobre as adaptações do livro impresso para o digital. **Seminário de História da Arte**, Pelotas, v. 4, n.1, 2014, 19 p. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/4908>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

_____; _____. SILVA, Dennis Messa da. A ação do leitor sobre o design do livro digital. **Seminário de História da Arte**, Pelotas, v. 3, n.1, 2013, 16 p. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/2996>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

SILVA, Arlene Batista da. **Literatura em libras e educação literária de surdos**: um estudo da coleção “Educação de Surdos” e de vídeos literários em libras compartilhados na internet. 2015. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SILVA, Helenice. R. da. Roger Chartier. In: LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidnei. J. (Org.). **Historiadores do nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010. p. 301-319.

SISTEMA ACADÊMICO. **Relatório quantitativo de alunos matriculados em 2013 e 2014**. [São Mateus]: s.n., 2015. Relatório emitido em 06 de maio de 2015 utilizando o Sistema Acadêmico Qualidata.

SKOOB [site]. **Top mais**. [S.l.: s.n.], c2015. Disponível em: <http://www.skoob.com.br/livro/top_mais/>. Acesso em 18 nov 2015.

SPALDING, Marcelo. **Alice do livro impresso ao e-book**: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Atráves do espelho para iPad. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67268>>. Acesso em 08 abr. 2015.

SOUZA, Heber Ferreira de. **Apropriações do livro didático de literatura**: um diálogo com professores e alunos. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SUETH, José Cândido Rifan et al. **A trajetória de 100 anos dos eternos titãs**: da Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2009.

SUTHERLAND, John. **A Little History of Literature**. New Haven: Yale University Press, 2014.

SVENBRO, Jesper. A Grécia arcaica e clássica: a invenção da leitura silenciosa. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**: volume 1. São Paulo: Ática, 1998, p. 41-69. (Coleção múltiplas escritas).

THE EVOLUTION of the e-reader. **The Globe and Mail**. Canadá, 27 jun. 2012. Disponível em : <<http://www.theglobeandmail.com/report-on-business/rob-magazine/the-evolution-of-the-e-reader/article4257032/>>. Acesso em: 16 out. 2015.

TWILIGHT series. Disponível em <<http://stepheniemeyer.com/twilightseries.html>>. Acesso em 20 nov. 2015.

VEIGA, Luciana; GONDIM, Sonia Maria Guedes. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. **Opin. Pública**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v7n1/16930.pdf>>. Acesso em 26 nov. 2015.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2001. (Ponto futuro; v. 3).

APÊNDICE A – TABELA AMOSTRAL DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Quantitativo de recuperação de produções acadêmicas concernentes à pesquisa considerando prioritariamente as áreas de concentração em Letras e Educação, local de busca e resultados de acordo com os termos utilizados, para o período de 2010 a 2015.

BANCOS DE DADOS PESQUISADOS	PALAVRAS-CHAVE UTILIZADAS NA BUSCA			
	Práticas de leitura	Práticas de Leitura e Leitura literária	Práticas de leitura e Livro eletrônico*	Práticas de leitura e Leitura literária e Livro eletrônico
BDTD Ibict	1048	-	-	-
Capex Teses	162	51	1	1
Google Scholar	8170	1010	146	29
Periódicos	184	14	-	-
PPGL/UFES**	-	-	-	-
PPGE/UFES**	6	1	-	-
UFMG***	195	19	6	5
UNESP	14	-	-	-
UNICAMP-FE***	191	21	3	3
USP	17	1	-	-

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

* Utilizadas também as variações: livro digital, *e-book*, *electronic book* e *digital book*.

** Análise feita com base no título e/ou resumo das publicações, pelo fato de a base de dados não dispor de mecanismo de busca ou mesmo não recuperar registros a partir de palavras-chave.

*** Não foi possível filtrar ano automaticamente.

APÊNDICE B - PUBLICAÇÕES DE CHARTIER SOBRE A TEMÁTICA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA

Títulos de responsabilidade de Roger Chartier, publicados no Brasil, que se enquadram na linha de pesquisa sobre a história do livro e leitura.

TÍTULO (TÍTULO ORIGINAL)	CARACTERÍSTICAS GERAIS
Práticas de leitura – 1996* (<i>Pratiques de la lecture – 1985</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Coletânea idealizada por Alain Paire e dirigida por Roger Chartier; • Editado pela Estação Liberdade; • Tradução de Cristiane Nascimento; • 1 volume, 268 páginas, sem ilustrações. • Fora de comercialização.
A aventura do livro: do leitor ao navegador – 1998 (<i>Le livre em révolutions – 1997</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação de entrevistas concedidas por Roger Chartier a Jean Lebrun; • Editado pela Editora da Unesp e Imprensa Oficial; • Tradução de Reginaldo Camello Corrêa de Moares; • 1 volume, 159 páginas, com ilustrações coloridas. • Disponível no mercado.
História da leitura no mundo ocidental volume 1 – 1998 volume 2 - 1999 (<i>Histoire de la lecture dans le monde occidental, 1997</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Coletânea de ensaios organizados por Guglielmo Cavallo e Roger Chartier; • Editado pela Ática; • Tradução de Fulvia M. L. Moretto (italiano), Guacira Marcondes Machado (francês) e José Antônio de Macedo Soares (inglês); • 2 volumes, 232 + 248 páginas, sem ilustrações. • Fora de comercialização.
A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII – 1999* (<i>L'ordre des livres: lecteurs, auteurs, bibliothèques em Europe entre XIV^e et XVIII^e siècle</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Coletânea de ensaios de Roger Chartier; • Editado pela Editora UnB; • Tradução de Mary Del Priori; • 1 volume, 111 páginas, com ilustrações em preto e branco. • Fora de comercialização.
Cultura escrita, literatura e história: conversas de Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit – 2001 (<i>Cultura escrita, literatura e historia: coacciones transgredidas y libertades restringidas – conversaciones de Roger Chartier con Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin y Antonio Saborit – 1999</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação de conversas/entrevistas de Roger Chartier com profissionais da leitura latinoamericanos ; • Editado pela Artmed; • Tradução de Ernani Rosa; • 1 volume, 189 páginas, sem ilustrações. • Fora de comercialização.
Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII – 2002* (<i>sem informações do título original</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Coletânea de ensaios de Roger Chartier; • Editado pela Casa da Palavra; • Tradução de Bruno Fleiter; • 1 volume, 127 páginas, com ilustrações em

	preto e branco. • Fora de comercialização.
Os desafios da escrita – 2002 (sem informações do título original)	• Coletânea de ensaios de Roger Chartier; • Editado pela Editora Unesp; • Tradução de Fulvia M. L. Moretto; • 1 volume, 144 páginas, sem ilustrações. • Disponível no mercado.
À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude – 2002* (<i>Au bord de la falaise: L'histoire entre certitudes et inquiétude - 2002</i>)	• Coletânea de ensaios de Roger Chartier; • Editado pela Editora UFRGS; • Tradução de Patrícia Chittoni Ramos; • 1 volume, 277 páginas, sem ilustrações. • Fora de comercialização.
Formas e sentido: cultura escrita: entre distinção e apropriação – 2003 ** (sem informações do título original em francês)	• Coletânea de ensaios de Roger Chartier; • Editado por Mercado das Letras; • Tradução do original em francês por Maria de Lourdes Meirelles Matencio; • 1 volume, 167 páginas, sem ilustrações. • Disponível no mercado.
Leituras e leitores na França do Antigo Regime – 2004 (<i>Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime – 1987</i>)	• Coletânea de ensaios de Roger Chartier; • Editado pela Editora Unesp; • Tradução de Álvaro Lorencini; • 1 volume, 395 páginas, sem ilustrações. • Disponível no mercado.
A mão do autor e a mente do escritor – 2014 (<i>The Author's Hand and the Printer's Mind: Transformations of the Written Word in Early Modern Europe – 2013</i>)	• Coletânea de ensaios; • Editado pela Editora Unesp; • Tradução de George Schlesinger; • 1 volume, 352 páginas, sem ilustrações; • Disponível no Mercado.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base no exposto por Lopes (2012) e na análise das obras impressas publicadas até o ano de 2014.

* Identificadas discrepâncias entre as datas apontadas por Lopes (2012) e as edições disponíveis para leitura pela pesquisadora, tendo prevalecido as datas presentes nas obras analisadas para composição do Quadro.

** Identificada discrepância quanto à apresentação do título por Lopes (2012), tendo prevalecido a forma presente na obra analisada para composição do quadro.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

ESCLARECIMENTOS

Este é um convite para você participar da pesquisa de mestrado: **“Leitura literária dos alunos do Ifes Campus São Mateus frente às Tecnologias de Informação contemporâneas”**, que tem como pesquisadora responsável a mestranda **Rossanna dos Santos Santana Rubim**, do Programa Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, que por sua vez é orientada pela Professora Dra. Maria Amélia Dalvi, docente efetiva da referida instituição.

Esta pesquisa visa identificar e analisar práticas de leitura literária de determinado grupo de alunos do Instituto Federal do Espírito Santo, circunscrito ao *campus* São Mateus, em busca de melhor compreender como se figuram esses leitores, de modo também a coletar impressões das apropriações de tais leituras frente a tecnologias de informação contemporâneas que se apresentam como suporte à palavra escrita (*smartphones, tablets, e-readers, computadores*)

Este estudo parte da suposição de que diferentes práticas de leitura, em diferentes comunidades culturais, contribuem para diferentes formas de se apropriar do texto. Justifica-se, portanto, pela relevância dos resultados para subsidiar ações de mediação de leitura literária em ambientes culturais e/ou escolares onde tal prática seja propícia.

Caso você decida participar, será solicitado que tome parte de grupo focal (pequeno grupo de pessoas reunidos para avaliar conceitos e identificar problemas e/ou práticas) que será organizado em horário a ser combinado com a maior parte dos participantes de tal grupo, devendo ter duração de 2 a 4 horas, no decorrer de um único dia. O trabalho do grupo deverá ser conduzido por um moderador, sendo toda a atividade gravada em vídeo, sendo

transcrita posteriormente, com a atribuição de nome fictício a cada participante para garantir o sigilo dos depoimentos.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para **Rossanna dos Santos Santana Rubim, 27 99941-8966**.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que você irá fornecer serão confidenciais e utilizados apenas para fins acadêmicos, ou seja, serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos. Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável (Rossanna dos Santos Santana Rubim).

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa **“Leitura literária dos alunos do Ifes Campus São Mateus frente às Tecnologias de Informação contemporâneas”**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

São Mateus, ES, ____ de _____ de 2015.

Participante

**Responsável legal pelo participante
menor de 18 anos**

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Como pesquisadora responsável pelo estudo “**Leitura literária dos alunos do Ifes Campus São Mateus frente às Tecnologias de Informação contemporâneas**”, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo. Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Vitória, ES ____ de _____ de 2015.

Rossanna dos Santos Santana Rubim
(pesquisadora responsável)

Profa. Dra. Maria Amélia Dalvi
(orientadora da pesquisadora responsável)

DADOS DO CEP RESPONSÁVEL PELA AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS,
UFES/CAMPUS GOIABEIRAS
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Campus Universitário de Goiabeiras
Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória-ES
CEP 29060-970
Tel.: (27)4009-7840

APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

“LEITURA LITERÁRIA DE ALUNOS DO *CAMPUS* SÃO MATEUS DO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO CONTEMPORÂNEAS”

ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL⁸⁰

Pesquisador responsável: Rossanna dos Santos Santana Rubim
Mediadora: Bibliotecária Me. Maristela Almeida Mercandeli Rodrigues
Quantidade de participantes: 5 (cinco)
Local: Sala nas instalações do bairro Carapina, em São Mateus
Data e horário: 3 de outubro de 2015, das 8h30min às 12h30min
Duração pretendida: 3-4 horas.

1ª ETAPA (20-25 minutos)

Boas-vindas, apresentação do tópico a ser discutido, orientações gerais e introdução dos participantes.

Texto de boas-vindas **sugerido**:

Bom dia! Sejam bem-vindos a essa atividade. Obrigada por dedicarem o tempo de vocês para que pudéssemos falar um pouco sobre suas práticas de leitura literária. Meu nome é Maristela, serei mediadora desse grupo, contando com o auxílio da professora Adriana Pin, auxiliando a Rossanna, bibliotecária do *campus* São Mateus, na realização de sua pesquisa. Inclusive, ela estará conosco, hoje, apenas como observadora.

Vocês foram convidados a estarem conosco hoje por terem respondido previamente um questionário de Estudo de Usuários da biblioteca, cujo foco era definir o perfil do leitor literário de *campus*, estando todos aptos a participarem das discussões que pretendemos conduzir.

Em relação ao tema a ser discutido, saibam que não há respostas erradas, apenas diferentes pontos de vista. Sintam-se à vontade para expressar os seus, mesmo que sejam diferentes de outros.

Como vocês podem perceber, e de acordo com o informado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que todos leram, e assinaram, nós gravaremos (filmaremos) todos os trabalhos, já que não queremos perder qualquer um dos comentários feitos hoje. Reforçamos que nenhuma das identidades dos participantes será divulgada.

Contamos com a participação de todos na discussão e, para garantir que tudo corra bem, pedimos que não sejam feitas interrupções durante as falas. Estamos aqui para ouvir a todos!

Pedir aos participantes que se apresentem, dizendo nome, curso que fazem na Instituição e como ele se descreveria, BREVEMENTE, como leitor literário.

Recolher os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados.

2ª ETAPA (50-75 minutos)

⁸⁰ Estruturado de acordo com as orientações dispostas em *Designing and conducting focus group interviews*, de autoria de Richard Krueger, professor da *University of Minnesota*.

Atividade de leitura que precederá a discussão: orientações específicas

Descrição: Leitura silenciosa de cinco capítulos do livro de literatura infanto-juvenil “O fazedor de velhos”, de autoria de Rodrigo Lacerda. Cada participante lerá um capítulo utilizando diferente suporte de leitura, realizando rodízios.

Suportes disponibilizados:

- um livro impresso;
- um *e-reader* (Kobo Glo);
- um *smartphone* (iPhone 5, utilizando aplicativo Kobo próprio para iOS);
- um *tablet* (iPad 2ª geração, utilizando aplicativo Kobo próprio para iOS);
- um laptop, com auxílio de *mouse* (Sony Vaio, utilizando aplicativo Kobo para PC).

Cada rodada de leitura terá duração de aproximadamente 10-15 minutos (capítulos são curtos, apresentando média de 10 páginas cada). A mediadora acompanhará as trocas, garantindo que os leitores não repitam os suportes.

3ª ETAPA (10-15 minutos)

Intervalo para lanche e interação entre os participantes, estimulando-os a trocar ideias sobre a leitura feita.

4ª ETAPA (60-90 minutos)

Discussão pós-leitura.

a) A moderadora deverá reorganizar os participantes, em um semicírculo, diante da câmera, e pedir, inicialmente, que compartilhem em linhas gerais o que pensaram da leitura dos cinco capítulos (10 min.)

b) Ainda com o grupo organizado no semicírculo, ofertar papel e caneta e pedir que os participantes anotem as respostas decorrentes de diálogo coletivo a respeito das perguntas abaixo, sendo escolhido um relator dentre eles (20-30 min.):

- 1 Considerando somente os suportes eletrônicos, sendo possível dizer que existe **similaridade** (no que se refere ao ato da leitura) entre os experimentados durante a leitura de hoje, apontem quais seriam essas.
- 2 Considerando novamente somente os suportes eletrônicos, apontem quais seriam as maiores **diferenças** (no que se refere ao ato da leitura) entre os suportes utilizados para leitura.
- 3 Agora, considerando todos os suportes, se possível, identificar alguma **relação** entre os modos de ler no livro de papel e nos suportes eletrônicos?
- 4 Algum dos suportes utilizados apresentou alguma **característica que dificultou/atrapalhou** a leitura e compreensão da narrativa? Quais?
- 5 Listar vantagens e desvantagens da leitura nos suportes eletrônicos?

c) Convidar cada participante a responder livremente a cada um dos seguintes questionamentos (30-40 min):

- 1 A leitura em qual suporte foi a mais agradável? Por quê?
- 2 A leitura em qual suporte foi a menos agradável? Por quê?
- 3 Teriam interesse em continuar lendo o livro “O fazedor de velhos”? Em caso positivo, utilizando qual suporte? Por quê?
- 4 A leitura de literatura em formatos eletrônicos é diferente ou igual à leitura de outros gêneros textuais também em formato eletrônico (textos curtos, notícias, *posts* na Facebook, jornais eletrônicos, artigos acadêmicos etc.)? Por quê?

d) Para concluir, perguntar se teriam algum outro comentário a fazer, sobre a questão da leitura em suportes eletrônicos (10-20 min)

5ª ETAPA (10-15 minutos)

Encerramento.

**APÊNDICE E – ACERVO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA DO
CAMPUS SÃO MATEUS**

Composição do acervo literário a partir de análise do relatório “Levantamento bibliográfico por classificação”

Continua...

Notação CDD	Classificação	Quantidade			
		2011-2012		2013-2014	
		Títulos	Exem- plares	Títulos	Exem- plares
808.8	Antologias de mais de duas Literaturas	0	0	13	23
808.89	Literatura Infanto-Juvenil	139	145	139	144
811	Poesia Norte-Americana	3	3	3	3
813	Ficção Norte-Americana	80	102	152	190
813.08738	Contos de Terror Norte-Americanos	0	0	2	2
818	Literatura Norte-Americana – Miscelânea	2	2	3	3
820	Literatura Inglesa	1	2	1	1
822	Teatro Inglês (Shakespeare)	11	11	11	11
823	Ficção Inglesa	93	93	127	144
823.1	Contos Ingleses	1	1	1	1
824	Ensaio Ingleses	1	1	1	1
828	Literatura Inglesa – Miscelânea	4	4	5	5
831	Poesia Alemã	1	1	1	1
833	Ficção Alemã	3	3	4	4
838	Literatura Alemã – Miscelânea	1	1	1	1
839.31	Literatura Holandesa	1	1	1	1
839.73	Ficção Sueca	0	0	4	4
839.813	Ficção Dinamarquesa	0	0	1	1
839.823	Ficção Norueguesa	2	6	1	6
841	Poesia Francesa	1	1	1	1
843	Ficção Francesa	26	34	29	37
843.1	Contos Franceses	1	1	1	1
846	Cartas Francesas	1	1	1	1
851	Poesia Italiana	1	1	1	1
853	Ficção Italiana	4	4	5	5
853.1	Contos Italianos	1	1	1	1
862	Teatro Língua Espanhola	1	1	1	1
863	Ficção Língua Espanhola	9	9	11	11
868	Literatura Espanhola – Miscelânea	0	0	3	3
869.1	Poesia Brasileira e Portuguesa	73	114	85	135
869.2	Teatro Brasileiro e Português	11	23	14	24
869.3	Ficção Brasileira e Portuguesa	190	335	209	368
869.5	Discursos Brasileiros e Portugueses	1	3	2	5
869.6	Cartas Brasileiras e Portuguesas	1	1	1	1
869.7	Sátiras Brasileiras e Portuguesas	1	1	1	1
869.8	Literatura Brasileira e Portuguesa – Miscelânea	128	165	149	206
880.8	Literatura Grega Clássica – Miscelânea	1	1	1	1
883	Poesia Épica Grega	4	4	4	4
889.3	Ficção Grega	1	1	1	1
891.43	Ficção Indiana	0	0	1	1
891.593	Ficção Afegã	2	4	3	5

Notação CDD	Classificação	Conclusão			
		Quantidade			
		2011-2012		2013-2014	
		Títulos	Exem- plares	Títulos	Exem- plares
891.7	Literatura Russa	1	1	1	1
891.71	Poesia Russa	1	1	1	1
89.73	Ficção Russa	3	3	3	3
891.731	Contos Russos	2	2	2	2
891.85	Literatura Polonesa	1	1	1	1
891.853	Ficção Polonesa	1	1	1	1
891.863	Ficção Tcheca	2	2	3	3
892.7	Literatura Árabe	2	2	2	2
892.78	Literatura Árabe – Miscelânea	1	1	1	1
893.1	Literatura Egípcia	1	1	1	1
895.63	Ficção Japonesa	1	1	1	1
Total geral		817	1097	1013	1377

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo (2015b).

**APÊNDICE F – QUANTIDADE DE EMPRÉSTIMOS POR ÁREA DO
CONHECIMENTO (2011-2012/ 2013-2014)**

Notação CDD	Classificação	Quantidade de Empréstimos	
		2011-2012	2013-2014
813	Ficção Norte-Americana	890	947
823	Ficção Inglesa	883	570
869.3	Ficção Brasileira e Portuguesa	368	320
869.8	Literatura Brasileira e Portuguesa – Miscelânea	162	72
843	Ficção Francesa	89	70
808.89	Literatura Infanto-Juvenil	120	62
839.82	Literatura Norueguesa	17	40
891.593	Ficção Afegã	55	33
869.1	Poesia Brasileira e Portuguesa	55	32
839.7	Literatura Sueca	0	25
818	Literatura Norte-Americana – Miscelânea	5	20
869.2	Teatro Português e Brasileiro	17	19
863	Ficção da Língua Espanhola	17	17
839.31	Literatura Holandesa	15	13
822.33	Teatro Inglês (Shakespeare)	11	7
808.8	Antologias de mais de duas literaturas	51	7
828	Literatura Inglesa – Miscelânea	13	6
839.823	Ficção Norueguesa	6	5
811	Poesia Norte-Americana	1	5
813.08738	Contos de Terror Americanos	0	3
868	Literatura Espanhola – Miscelânea	2	3
853	Ficção Italiana	2	3
880.8	Literatura Grega Clássica – Miscelânea	0	2
883	Poesia Épica Grega	5	2
869.7	Sátiras Brasileiras e Portuguesas	0	2
841	Poesia Francesa	2	2
824	Ensaio Inglês	2	2
895.63	Ficção Japonesa	2	1
808.86	Carta – Coletânea	6	1
851	Poesia Italiana	5	1
891.863	Ficção Tcheca	2	0
891.853	Ficção Polonesa	1	0
891.731	Contos Russos	1	0
891.85	Literatura Polonesa	5	0
891.7	Literatura Russa	8	0
846	Cartas Francesas	3	0
843.1	Contos Franceses	1	0
838	Literatura Alemã – Miscelânea	10	0
823.1	Contos Ingleses	1	0
820	Literatura Inglesa	2	0
8XX	Soma de outras classificações	97	38
Total de empréstimos		2932	2330

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir do exposto em Instituto Federal do Espírito Santo, (2015a).

APÊNDICE G - RELATOS E TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONAMENTOS DO GRUPO FOCAL

Nota de transcrição: As peculiaridades de dicção dos respondentes, somadas à inadequação acústica do espaço onde foi realizado o grupo focal, levaram à necessidade do uso de interpolações nos textos de transcrição das falas, essas indicadas entre colchetes, seja para esclarecimento do uso de algum termo por parte do respondente ou para identificação de trechos não passíveis de compreensão a partir da gravação (palavras indistintas).

1ª Etapa – Esclarecimentos sobre a atividade (9 minutos, aproximadamente), apresentações dos alunos (6 minutos)

Pedir aos participantes que se apresentem, dizendo nome, curso que fazem na Instituição e como ele se descreveria, brevemente, como leitor literário.

E.S.A. – “Eu sou E., da Eletrotécnica, integrado. Como leitor, é..., quanto ao modo, é..., o objeto de leitura né, eu gosto dos livros mesmo, físicos. Eu não gosto muito dos aparelhos eletrônicos. É, meu hábito de leitura, assim, quando eu tenho tempo livre, assim, é... por exemplo, mensal né, vamos dizer, é um ou dois livros, assim. Mas quando o tempo ‘tá’ apertado, assim, eu deixo a leitura um pouquinho de lado.”

E.F.O. – “Eu sou E., eu sou do curso de Eletrotécnica e... tem isso que ele [E.S.A.] falou, eu prefiro mais o livro físico [palavras indistintas] eu me recuo um pouco. Ainda tentei ler com outros meios, só que eu não consigo. Gosto de sentir o livro, tipo de olhar assim [palavras indistintas] “vê” que ele tá lá. Tipo, sentir o cheiro, não tem coisa melhor do que sentir o cheiro de livro, principalmente novo. E tipo, como eu sou uma pessoa... eu não consigo ficar sem ler. [Palavras indistintas] se eu ficar um mês sem ler eu fico: oh meu Deus, eu preciso ler alguma coisa, nem que seja um jornal, uma coisa assim, eu preciso ler alguma coisa. Aí, né, quando eu ‘tô’ apertada... ônibus. Ônibus é o momento que eu mais leio, porque eu fico quarenta minutos do Litorâneo até em casa, sem fazer nada, aí eu leio. Quanto eu ‘tô’ apertada esse é o único momento que eu leio. Mas, tipo agora, que a gente começou semana de prova e essas coisas, antes de dormir eu leio.”

L.V.N. – “Meu nome é L., eu sou da Eletrotécnica também, do Integrado e é... e assim, é... eu leio muito no Kindle, no livro, assim, digital. Quando eu vou ler no Kindle mesmo ou no celular, né, [é] deitado no escuro, quando não tem luz né, é... ou no livro [impresso] mesmo, que eu leio menos, ultimamente, mas eu também gosto muito de ler. É... eu leio muito, assim, de noite, né, quando eu chego em casa depois de estudar. E em geral, tipo, é... acessar a internet, assim, por exemplo, é... eu mais leio, tipo, eu mais leio do que [palavra indistinta], fico lendo artigos, lendo uma coisa assim”.

L.R.D.A. – “Meu nome é L., eu faço também, Integrado em Eletrotécnica. Eu vario. Eu gosto muito do livro físico, do cheiro, mesmo, eu compro vários livros, mas eu também gosto muito de ler o digital por causa das facilidades. ‘Tá’ ali com seu celular na mão [palavras indistintas] pega um aplicativo de leitura, ou no iPad, vários livros lá [palavras indistintas]. E... eu gosto, tipo, quando eu gosto muito do livro eu entro na história, eu devoro, tipo, horas

a fio lendo o livro e me perco ali, às vezes me atraso para a escola, [risos], atraso para um compromisso, e assim vai. Mas eu gosto muito de ler, peguei essa [parte] da minha mãe [palavras indistintas]”.

L.R.B. – “Meu nome é L., também sou do curso de Eletrotécnica. Leitura pra mim é tudo! Desde o primeiro livro, acho que até postei nas redes sociais, foi ‘A curiosidade premiada’, daí em diante eu nunca mais parei de ler. Eu também sigo quase a mesma linha de todo mundo aí, de sentir o livro, gostar de sentir o livro, só que, ultimamente, eu comecei a [palavras indistintas] esse assunto, porque a facilidade que você tem com as, com os meios tecnológicos, infelizmente, vai crescer a cada dia, né, é... eu acho que eu comecei a... agora eu gosto de ter o livro impresso, mas também eu quero ter em versão digital, porque assim fica mais fácil pesquisar algumas palavras, algumas partes que você achou, que a gente acha principal, principais. Aí a gente vai lá e pesquisa e você encontra mais fácil do que pesquisar página por página ou marcar o livro. Mas leitura é... é assim, eu adoro ler qualquer tipo de livro, qualquer tipo. Não tenho restrição a assunto, referente a um assunto só. Não fico preso a livro só da Literatura Brasileira, gosto de outros tipos de literatura também.”

2ª Etapa – (1 hora e 40 minutos) Leitura silenciosa

3ª Etapa - (5 minutos) Intervalo

4ª Etapa – Discussão coletiva e participações individuais:

a) (3 minutos) Compartilhamento, em linhas gerais sobre o que pensaram da leitura dos cinco primeiros capítulos:

Não foi possível transcrever as falas dos alunos nesse momento, pois os mesmos, todos amigos, ficaram um pouco excitados, falando todos ao mesmo tempo, diante do fato de um dos participantes almejar cursar História, a exemplo da personagem do título lido (Pedro). Entre risos e brincadeiras, comentaram o fato e também manifestaram curiosidade em relação à continuação da narrativa, que pareceu ter agradado a todos. Como a atividade de leitura tomou mais tempo do que o previsto, optou-se por dar continuidade aos trabalhos ao invés de retornar manifestação individual quanto às impressões.

b) (40 minutos) Ainda com o grupo organizado no semicírculo, ofertar papel e caneta e pedir que os participantes anotem as respostas decorrentes de diálogo coletivo a respeito das perguntas abaixo, sendo escolhido um relator dentre eles.

1 Considerando somente os suportes eletrônicos, sendo possível dizer que existe **similaridade** (no que se refere ao ato da leitura) entre os experimentados durante a leitura de hoje, apontem quais seriam essas.

1) Flexibilidade, quanto as mudanças nos parâmetros de leitura;
 • Facilidade na leitura;

2 Considerando novamente somente os suportes eletrônicos, apontem quais seriam as maiores **diferenças** (no que se refere ao ato da leitura) entre os suportes utilizados para leitura.

- 2) • Iluminação;
 • Tamanho da tela;
 • Flexibilidade no acomodamento da postura;
 • Transição de páginas;
 • Quesito de atenção causada por notificações das redes sociais;

3 Agora, considerando todos os suportes, se possível, identificar alguma **relação** entre os modos de ler no livro de papel e nos suportes eletrônicos?

3) Com exceção do notebook, a relação entre os meios de leitura nos suportes eletrônicos e no livro físico levanta toda, foi a flexibilidade de leitura quanto ao acomodamento, transição de páginas e para "carregar" para todos os lugares.

4 Algum dos suportes utilizados apresentou alguma **característica** que **dificultou/atrapalhou** a leitura e compreensão da narrativa? Quais?

- 4) • Separação erroneamente de sílabas nos suportes eletrônicos.
 • O atraso ao passar as páginas no Kobo Glo.
 • Quesito de atenção devido as notificações de redes sociais nos suportes eletrônicos.
 • No que se refere à flexibilidade de acomodação, o notebook foi o que menos atrapalhou aos leitores, quanto ao seu tamanho, peso e passagem de páginas.

5 Listar vantagens e desvantagens da leitura nos suportes eletrônicos.

5) → Vantagens: ↳ Pesquisas, dicionários e marcações à mão.
↳ acessibilidade de ter vários livros à disposição a qualquer hora e lugar;
↳ (ter uma) Mudar as configurações nos parâmetros de leitura, letra e brilho.
→ Desvantagens:
↳ Separação de palavras erradas;
↳ Reflexos;
↳ Iluminação;
↳ notificações das redes sociais;

2

c) (aproximadamente 17 minutos) Convidar cada participante a responder livremente a cada um dos seguintes questionamentos:

1 A leitura em qual suporte foi a mais agradável? Por quê?

L.V.N. – “A mais agradável, desses, foi o iPhone. Porque, é... foi rápido porque a gente colocava a *screen* [tela] bem grande assim, dava pra gente ver bem, então, e.. eu não ‘tava’, eu não perdia as linhas também, quando eu ‘tava’ lendo, né. Era uma leitura mais rápida e... foi mais confortável, tipo de posição também, de peso, foi mais leve. Fiquei mais confortável pra ler”.

E.S.A. – “A mais agradável eu também acho que foi no iPhone, porque eu consegui mudar as posições, ficar na posição que eu achava mais confortável. Você vai lendo e vai começando a cansar então você pode chegar... se aproximar mais ou distanciar e também você pode aumentar o tipo de [letra] e a claridade, o brilho da tela, não ‘tava’ tão alto.”

L.R.D.A. – “Eu também achei o iPhone mais agradável, pelo tamanho, coube na palma da mão, dá pra só com um dedo passar as páginas, é... a leitura não se tornou cansativa, acho que até foi mais rápida. É... e também o fato de poder se mexer e também seria, num ônibus seria muito mais prático pra leitura, o iPhone do que outro, né?!”

L.R.B. – “Eu também achei que o *smartphone*, no caso foi utilizado o iPhone, foi o que mais me deixou, uma leitura mais agradável, porque eu até percebi, parece que, ‘num’ sei, parece que lê mais rápido, entendeu? Eu achei bem mais flexível e eu tenho um problema... problema não, acho que é minha característica quando ‘tô’ lendo, eu gosto de mudar diversas vezes de posição então eu acho que ele é suporte muito melhor.”

E.F.O. – “Eu... também achei, o melhor suporte foi o iPhone porque como todo mundo disse [palavra indistinta] disse, o tamanho, você pode passar [a página] de uma forma só e também o tamanho da letra. Você vai passando as páginas e não vê quando você ‘tá’ acabando, passa muito rápido a leitura, isso daí te prende, muito [palavras indistintas] o tempo passa e você nem vê.”

L.V.N. – “Tipo assim, você também aumentando a letra, deixando menos palavras por páginas, você acaba, tipo, passando mais e a gente acaba não vendo aquele monte de texto [interrupção de diversas falas ao mesmo tempo].”

2 A leitura em qual suporte foi a menos agradável? Por quê?

L.V.N. – “O *notebook* foi o menos agradável, porque, assim, eu tive que manter uma posição fixa, o tempo inteiro, para conseguir ler. É... eu tive que mexer muito na configuração pra ficar com um nível mais aceitável de ler porque é..., o brilho não ‘tava’ legal, o tamanho da letra... assim, a margem [palavras indistintas] ou ela ‘tava’ muito larga aí o texto ficava muito esticado quando ela ‘tava’ muito estreita, sabe? ‘Num ‘tava’ encaixando legal uma posição pra ler. Mas daí eu consegui colocar numa posição mais ou menos, mas mesmo assim não ficou tão agradável quanto os outros.”

E.S.A. – “Também concordo plenamente [palavras indistintas] que o *notebook*, ele foi o menos flexível assim, na questão da posição. A gente não, é... não tinha como ter outra posição, a gente tinha que colocar ali e tentar aí a melhor forma de ficar mais confortável. A questão da letra também, que era bem cansativo, o brilho da tela e a questão de uma tela bem maior, né, como... diferente do iPhone que é uma tela pequena e que você tinha aquela sensação de rapidez, ali não, você tinha uma sensação de maior lentidão.”

L.R.D.A. – “É, eu também concordo. O *notebook* foi o que [palavras indistintas] durou mais, é... o... [palavras indistintas] posição foram bastante, é... foram fixas e na configuração das páginas, da paginação, forma de mudar é... se a pessoa não tem, tinha muito conhecimento com o aplicativo então acaba ficando naquela e se perdendo na leitura [palavras indistintas].”

L.R.B. – “Eu também. O menos agradável foi o *notebook*, na questão que... se você for observar todos os suportes que nós utilizamos, o que nós não tivemos contato, assim, de ficar grudado foi o *notebook*. Então tinha aquele... passar de... tecla para passar página, acho que aquilo me incomodou, então foi o que... e também a letra ficou mais cansativa. Foi o que todo mundo aí disse tantas vezes. “

E.F.O. – “Pra mim também foi o *notebook*. [Palavras indistintas] tudo que eles falaram: tamanho, tamanho da letra, brilho, tipo, de deixar cansado mesmo... daí você fala: ai meu Deus, falta muito pra acabar? Você ficava olhando as páginas, assim. Tipo, parece que, nos outros, parece que a história te prendia mais, tanto o livro físico... [palavras indistintas].”

L.R.B. – “Acho que foi até o que eu falei: esse contato. Em todos os outros [suportes] a gente vai, vê a mão da gente passando... bem semelhante com o livro [impresso]. Agora, o *notebook* não, a pessoa tem que ficar acompanhando.”

L.V.N. – “O *notebook* foi o mais impessoal, assim, sabe? E outra coisa também em relação ao tamanho da tela, tipo, nos [suportes] menores, a gente aumentava o tamanho da letra e preenchia a tela [palavras indistintas], mas no *notebook*, como a tela é muito grande, a letra, quando a gente aumentava muito, ela ficava muito grande e incomodava pra ler. Então não tinha um jeito de deixar mais agradável, de acordo com o tamanho da tela.”

3 Teriam interesse em continuar lendo a livro “O fazedor de velhos”? Em caso positivo, utilizando qual suporte? Por quê?

E.F.O. – “Sim. Olha, eu [palavras indistintas] parte para o celular porque eu não tinha muita vontade de comprar ele [o livro impresso], mas eu podia ler no celular.”

L.R.B. – “Ah eu queria... vou querer sim ler ele, mas eu ficaria em dúvida em qual suporte, porque todos os suportes são muito bons, tirando o *notebook*, mas os mais assim, ‘seria’ o *smartphone* e o... ‘Kombo’... Kobo, é. Os mais assim foram esses dois.”

L.R.D.A. – “Eu quero ler sim, até porque [palavras indistintas]. Mas é simples dizer, o iPhone e o livro [impresso], assim, o livro eu não sei se eu compraria realmente, como E.S.A falou, mas eu acho que se tivesse na biblioteca para locar eu locaria e leria, no *tablet* também. Eu leria no *smartphone*... [palavras indistintas].”

E.S.A. – “Eu também fiquei interessado na história, né, queria saber o final e eu acho que eu optaria pelo *smartphone*, porque eu achei que eu consegui ler bem mais rápido, é... de um livro... como eu tinha um problema com suportes eletrônicos [palavras indistintas]... eu consegui mais agilidade, né, [palavras indistintas]... e no livro que às vezes cansa mesmo.”

L.V.N. – “Eu também teria interesse em continuar e eu acho que assim, [palavras indistintas] essa semelhança do Kobo com o celular. Mas, é..., mesmo se eu tivesse lendo em casa [palavras indistintas] eu ‘taria’ lendo no Kindle, que é bem semelhante ao Kobo e no celular, porque, assim, o celular é bom para ler também, só que, é, eu leio mais de noite, quando ‘tá’ escuro, que ele é melhor pra ler, mas, durante o dia eu prefiro ler no Kobo, né, que ele é, ele solta menos luz, ele não reflete e tal. Preferia ficar nele, durante o dia, e o celular, à noite.”

4 A leitura de literatura em formatos eletrônicos é diferente ou igual à leitura de outros gêneros textuais também em formato eletrônico (textos curtos, notícias, *posts* no Facebook, jornais eletrônicos, artigos acadêmicos etc.)? Por quê?

E.F.O. – “Pra mim, na minha opinião, eu acho que é a mesma coisa! Não vejo muita diferença. Ambos você consegue... ver qual informação, o que você quer direito, lê o que você se interessa. Acho que pra mim é a mesma coisa. [Palavras indistintas] são as possibilidades. Tem revista, você não precisa comprar revista, você tem os aplicativos, que você vai deixar no celular, da revista, você lê a revista.”

L.R.B. – “Também, é... não vejo diferença, acho até melhor, porque, por exemplo, hoje em dia, revistas e esse monte de livros acadêmicos e eles acabam ocupando muito espaço, não que eles sejam desnecessários, eles são de extrema importância, mas só que, por exemplo, nos suportes eletrônicos, podemos ficar com milhares de livros, milhares de artigos, milhares de livros de literatura. Então, você mescla todos esses gêneros literários em um só dispositivo. Acho isso muito interessante.”

L.R.D.A. – “Não é fácil, porque, por exemplo, eu ‘num’... o horário de leitura: eu ‘num’... é, livros. Eu ‘num’, tipo, tomo meu café e ‘tô’ lendo um livro. Eu tomo meu café e leio um anúncio no jornal, no Facebook, no que seja. Mas também tem esse negócio de que eu ‘num’ preciso ‘tá’ na banca de revistas comprando jornal, posso ler a notícia ali agora e o

fato tá acontecendo no momento, [palavras indistintas]. Então, essa acessibilidade ao mundo, é, na hora, né, então deixa... ih! Até que seja semelhante, assim.”

E.S.A. – “Eu também fico nesse impasse porque eu acho têm lados que são iguais e lados que não são. Porque, tipo, aqui na hora que dão os exemplos, né, de textos curtos, de *posts* no Facebook; são coisas que aparecem ou, às vezes, você vai atrás, né. Por exemplo, uma notícia, eu quero saber de uma notícia, eu vou lá e busco ela. Ou um *post* que aparece em vários lugares e que eu me interesse e vou buscar. Eu acho que a literatura não. A literatura é um passatempo, é o que você vai fazendo pra completar o tempo, pra... sei lá, adquirir algum conhecimento, alguma coisa assim.”

L.V.N. – “Eu acho, eu acho... assim, eu acho diferente [risos]. Acho razoavelmente diferente, porque, tipo, eu leio bastante artigo [palavras indistintas] e tipo, a forma que é escrito, a forma que é disposto, ou seja, num livro, é tipo assim: é tudo a mesma margem ali, é tudo retinho, é tudo... sabe? Daquela forma, você tem uma estrutura organizada pra ler. No artigo, muitas vezes o artigo tem diferença de figura, de posição, aí o texto aqui ‘num’ bate uma posição com a outra, [palavras indistintas] parece essas diferenças assim. Então, tipo, é uma leitura diferente, um tipo de leitura diferente, é um tipo de forma de ler diferente. Para ler essas coisas, esses artigos de internet, essas coisas, eu prefiro usar o computador. Por exemplo, acho que é mais flexível do que um celular ou um *e-reader* para poder ler, porque acho que você tem mais formas de se adaptar à leitura. E é você que tem que se adaptar à leitura, não o artigo se adaptar a você. Acho assim, mais ou menos assim.”

[participantes falando ao mesmo tempo]

L.R.B. – “Porque, por exemplo, principalmente pesquisas, é... artigos de pesquisas com imagens, acho que o computador é melhor, ou mesmo o artigo impresso.”

E.F.O. – “No caso o *notebook* seria o melhor caso para ler artigo.”

L.V.N. – “Se tem uma imagem, ou uma tabela, a tabela fica quebrada, essas coisas assim.”

[participantes falando ao mesmo tempo]

L.R.D.A. – “Depende de como você encara a leitura. Quando você, quando vai ler um artigo científico, você ‘tá’ mais centrado, você ‘tá’ mais sério, você ‘tá’ com a mente mais, tipo, concentrada naquilo que você quer aprender, discorrer, tipo, que é informações do artigo. Absorver! Já o livro não, você encara com a mente aberta, e ‘cê’ entra na história, ou ‘cê’ não entra na história, acaba largando. Mas acho que é da forma que você encara a leitura, define qual a diferença.”

d) (aproximadamente 5 minutos) Para concluir, perguntar se teriam algum outro comentário a fazer, sobre a questão da leitura em suportes eletrônicos:

L.V.N. – “Eu acho importante, sabe? Eu acho importante ter essas formas diferentes de se ler porque, é, eu acho [palavras indistintas] eu tive muito problema com livro, físico, porque, eu, por exemplo, eu nunca li [palavras indistintas] o Senhor dos Anéis porque eu sempre começava a ler aí por causa de alguma coisinha ali, alguma coisa, assim que me

atrapalhasse, eu perdia onde eu estava, acabava que eu tinha que começar tudo de novo e, tipo assim, eu gostava... nunca gostei de ler artigo no papel também, mas eu consegui essa facilidade de ler pelo, por esses outros meios, né. Então acho que uma forma válida você saber que não é só papel, e tal. Mas acho que essa flexibilidade é boa porque, tipo, abre as portas pra gente ler outros tipos de literatura [palavras indistintas] e tal e... eu acho legal, eu acho legal. Tem coisas que é boa no texto, no físico, e tem coisas que é boa na internet, que você pode pesquisar onde você quer ir e tal. De repente ficar preso num livro [impresso] e você tem que ficar folheando cada página para procurar..."

L.R.B. – "... informatizado, né. Se não tem informática, não tem como. Eu até [palavras indistintas], eu ficava preso nesse mundo arcaico, eu falava: não, não quero nada de tecnologia, só livro, livro, livro. Só que aí você começa a perguntar, vai vendo muita gente usando computador, computador, né, vai [palavras indistintas] da vida da gente, aí eu comecei a ter acesso aos meios tecnológicos, principalmente o celular [palavras indistintas] começa a pesquisar. Eu tenho muita curiosidade com palavras novas, né, quando 'tô' lendo, então, se eu 'tô' ali eu paro a leitura, procuro na internet o que isso significa e já encaixo ali no contexto e... a vida fica mais fácil, a leitura fica mais fácil."

L.R.D.A. – "Eu acho que isso se encaixa quando você, por exemplo, não tem aquele dinheiro para comprar o livro físico [E.S.A – "É tipo assim!"], mas aí você quer muito ler aquele livro, aí você: ai vou apelar para o modo, aqui, digital. Mas aí, quando, às vezes, você vai no site ou na livraria e você compra aquele livro, aí você, ou o livro chega e você sai andando com o livro: ai meu filho [gestos simulando segurar uma criança, participantes se identificam e se descontraem]. Ah! É livro novo! [vários participantes falando ao mesmo tempo] A sensação de abrir a película, tirar, folhear, é..."

[participantes falando ao mesmo tempo].

E.F.O. – "Você chegar em casa... é...esse mês eu comprei um monte de livro. Cheguei em casa vi aquela caixa em cima da cama. Meu Deus! Vem cá me abraça! [simulando ato do abraço]. Peguei a caixa, eu fiquei uns cinco minutos encarando a caixa, assim com medo de abrir..."

[participantes falando ao mesmo tempo].

L.R.D.A. – "O entregador pode chegar mais cedo na sua casa para te acordar, mas nossa...!"

E.F.O. – "Mas você vai ficar feliz!"

E.S.A. – "[Palavras indistintas] Mas não conta, né. Porque você está ali na pressa de ler, e como, você leu o digital, mas depois você vai lá e compra o livro [impresso] e conta."

[participantes falando ao mesmo tempo].

L.R.D.A. – "Aí vê depois lá na estante, assim [indicando estante imaginária à frente]."

[participantes falando ao mesmo tempo].

E.F.O. – “É como se fosse uma estante de prêmios. Meu Deus, eu consegui ler todos esses livros. Eu me sinto uma vitoriosa...”

L.R.B. – “Sabe que eu também acho, muito legal [palavras indistintas], uma coisa que eu queria [palavras indistintas] aqui, é a questão dos, dos ‘livro-áudios’, né. Eu acho muito legal. Às vezes a gente não tem tempo ou ‘tá’ com preguiça de ler. Você coloca no ouvido ali, utilizando um meio tecnológico, então você usufrui da mesma leitura, como se você tivesse com o livro físico. Eu acho muito interessante.”

L.R.D.A. – “Eu acho que, por exemplo, acho que, os ‘livro-áudios’ eles, às vezes a gente acaba se perdendo porque a gente ‘tá’ correndo... ah, eu vou correr e vou escutar um ‘livro-áudio. Aí você acaba se distraindo, aí às vezes fica passando outra música, aí você ‘tá’ lá correndo e nem presta atenção no que ‘tá’ tocando, só que ‘tá’ o barulho l e...”

E.S.A. – “[Palavras indistintas, todos riem].”

L.V.N. – “Esse negócio dessa satisfação, tipo, na internet quando você [palavras indistintas], quando você ‘tá’ comprando o livro, você comprou o livro, você compra, você espera ele chegar e tem aquela satisfação. E no *on-line*, você comprou na hora, ‘cê’ leu ali e aquilo foi embora. Tipo, acho que o digital é bem mais descartável [E.F.O. – “É isso mesmo!”], você não tem essa sensação. Você terminou de ler e é só uma coisa que ‘tá’ ali e ‘cê’ pode jogar fora, você pode deletar. Agora, o livro [impresso], ‘cê’ viu que você leu, ele ‘tá’ lá na sua estante, ‘cê’ pode... ‘cê’ empresta, você pode recomendar, assim, entregar na mão da pessoa [simulando gesto de entrega] e recomendar: esse aqui é bom por causa disso e tal...”

[participantes falando ao mesmo tempo]

L.R.D.A. – “Empresta assim, né, vai, mas olha estado que ele ‘tá’, por favor!”

E.F.O. – “Tirar foto para ver como ele ‘tava’ antes...”

L.R.D.A. – “Nunca tive coragem de riscar nenhum livro meu [palavras indistintas].”

L.V.N. – “[Palavras indistintas] eu li a série do Harry Potter em uma semana e meia, mas eu li tipo assim, abria só um pouquinho da página, deixei ele intacto, porque... nem abertos eles estão ainda [todos dizem ser verdade]. É porque dá muita dó, sabe!”

L.R.B. – “Eu queria ser assim.”

L.V.N. – “Você tem esse apego maior, sabe [aos livros impressos].”

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CAMPUS SÃO MATEUS

Rodovia BR 101-Norte – Km 58 – Bairro Litorâneo – 29932-540 – São Mateus – ES

27 3771-1262

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

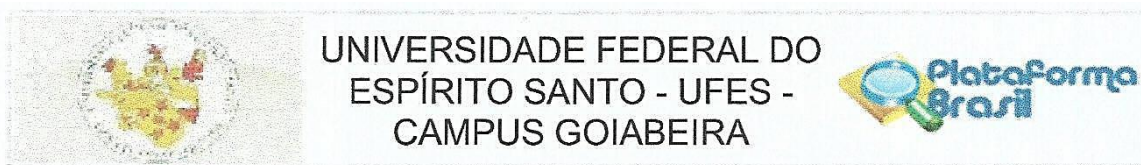
Eu, Mário Cezar dos Santos Júnior, Diretor Geral do Campus São Mateus, AUTORIZO **Rossanna dos Santos Santana Rubim**, Bibliotecária/Documentalista, matrícula siape 1544547, lotada na Coordenadoria de Biblioteca desse campus, a realizar estudo de usuários por meio de aplicação de questionário e conduzir grupos focais (desde que tenha validação de um Comitê de Ética e Pesquisa), de modo a obter dados para a realização de pesquisa de mestrado intitulada “**Leitura literária dos alunos do campus São Mateus do Instituto Federal do Espírito Santo: impressões frente a tecnologias de informação contemporâneas**”, que tem por objetivo primário identificar e analisar práticas de leitura literária de determinado grupo de alunos do Ifes, circunscrito ao *campus* São Mateus, buscando melhor compreender como se figuram tais leitores e de que forma se apropriam de suas leituras literárias, explorando as noções de práticas, apropriações e representações trazidas por Roger Chartier, tendo em vista os suportes eletrônicos para a palavra escrita (*smartphones, tablets, e-readers, computadores*).

Caso necessário, esta autorização poderá ser revogada, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição ou ainda, a qualquer dado que comprometa o sigilo inerente à participação.

São Mateus, 07 de abril de 2015.

Mário Cezar dos Santos Junior
Diretor Geral do Ifes Campus São Mateus
Portaria nº 1.430, de 05 de setembro de 2013

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Leitura literária de alunos do campus São Mateus do Instituto Federal do Espírito Santo frente às tecnologias de informação contemporâneas.

Pesquisador: ROSSANNA DOS SANTOS SANTANA RUBIM

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 41216815.9.0000.5542

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.153.186

Data da Relatoria: 14/08/2015

Apresentação do Projeto:

Propõe-se um estudo com vistas a identificar e analisar práticas de leitura literária de determinado grupo de alunos do Instituto Federal do Espírito Santo, circunscrito ao campus São Mateus, em busca de melhor compreender como se figuram esses leitores, de modo também a coletar impressões das apropriações de tais leituras frente a tecnologias de informação contemporâneas que se apresentam como suporte à palavra escrita (smartphones, tablets, e-readers, computadores), tendo como principal aporte o que diz Roger Chartier quanto às noções de práticas, apropriações e representações.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar e analisar práticas de leitura literária de determinado grupo de alunos do Ifes, circunscrito ao campus São Mateus, buscando melhor compreender como se figuram tais leitores e de que forma se apropriam de suas leituras literárias, explorando as noções de práticas, apropriações e representações trazidas por Roger Chartier, tendo em vista os suportes eletrônicos para a palavra escrita.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Esta pesquisa não apresenta riscos potenciais aos seus participantes. Os benefícios não dizem respeito diretamente aos participantes.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

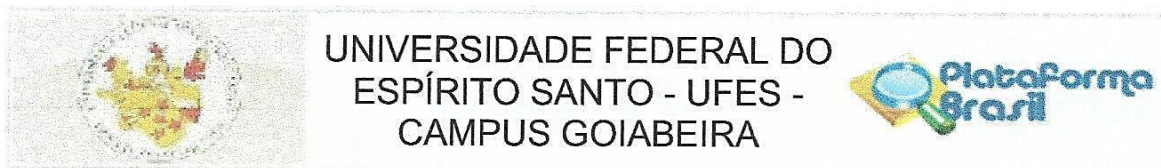
CEP: 29.090-075

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)4009-7840

E-mail: thiago.moraes@ufes.br



Continuação do Parecer: 1.153.186

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está fundamentada nos aspectos teórico e metodológico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os documentos obrigatórios, conforme o que estabelece a legislação vigente.

Recomendações:

A recomendação foi atendida pela pesquisadora.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

VITORIA, 17 de Julho de 2015

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador)

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN

Bairro: Goiabeiras

CEP: 29.090-075

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)4009-7840

E-mail: thiago.moraes@ufes.br

DADOS PESSOAIS

1. Nome:
2. Telefone e/ou e-mail para contato:
3. Curso/Setor:
4. Matrícula do aluno ou Siape do servidor:
5. Gênero: () Feminino () Masculino () Trans () Outro
6. Qual a sua idade?
() Até 18 anos
() Entre 19 e 23 anos
() Entre 24 e 28 anos
() Entre 29 e 33 anos
() Entre 34 e 38 anos
() Entre 39 e 43 anos
() Entre 44 e 48 anos
() A partir de 49 anos
7. (**Procad**) Qual a renda *per capita* de sua família (a soma de todas as rendas dividida pelo número de pessoas da família)?
() Até meio salário mínimo por pessoa
() Acima de meio salário mínimo até o limite de dois salários mínimos por pessoa
() Acima de dois salários mínimos até o limite de cinco salários mínimos por pessoa
() Acima de cinco salários mínimos até o limite de oito salários mínimos por pessoa
() Acima de oito salários mínimos até o limite de dez salários mínimos por pessoa
() Acima de dez salários mínimos por pessoa
() Não sei
8. Utiliza frequentemente ou já utilizou alguma vez os serviços da biblioteca do Ifes Campus São Mateus (empréstimos, reservas, orientações para normalização, confecção de ficha catalográfica, atendimento em geral)?
() Sim
() Não

PRÁTICAS DE LEITURA

9. Aponte a pessoa que atuou como principal influenciadora na sua formação como leitor:
() Professor(a)
() Bibliotecário(a)
() Mãe
() Pai
() Amigo(a)
() Algum líder religioso
() Colega de trabalho
() Marido, esposa, companheiro(a)
() Outra pessoa: _____
() Ninguém

10. Você se considera um leitor assíduo?

- Sim
 Não

11. Quantos livros você leu, aproximadamente, nos últimos três meses?

12. (**Procad**) Que gênero você mais lê no geral? Assinale **TRÊS** opções

(

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Artigo acadêmico ou científico | <input type="checkbox"/> Matéria ou Reportagem |
| <input type="checkbox"/> Autoajuda | <input type="checkbox"/> Narrativas de horror e terror |
| <input type="checkbox"/> Autobiografia e biografia | <input type="checkbox"/> Obra didática ou de autoinstrução |
| <input type="checkbox"/> Blog ou similar | <input type="checkbox"/> Peça dramática / teatro |
| <input type="checkbox"/> Carta ou e-mail | <input type="checkbox"/> Piada e demais textos humorísticos |
| <input type="checkbox"/> Conto e crônica | <input type="checkbox"/> Poema |
| <input type="checkbox"/> Conto erótico ou similar | <input type="checkbox"/> Postagem de rede social |
| <input type="checkbox"/> Diário | <input type="checkbox"/> Quadrinhos |
| <input type="checkbox"/> Ensaio | <input type="checkbox"/> Romance |
| <input type="checkbox"/> Fanfiction | <input type="checkbox"/> Texto informativo ou de divulgação científica |
| <input type="checkbox"/> Entrevista | <input type="checkbox"/> Texto técnico ou de formação profissional |
| <input type="checkbox"/> Ficção Científica | <input type="checkbox"/> Textos diversos da área de humanidades |
| <input type="checkbox"/> História Maravilhosa ou Fantástica | Outro: |
| <input type="checkbox"/> História Policial | |
| <input type="checkbox"/> Literatura infantil ou juvenil | |
| <input type="checkbox"/> Literatura religiosa | |

13. Como, preferencialmente, você tem acesso a livros de LITERATURA?

- A maior parte é comprada por mim
 A maior parte é comprada por meus pais
 Emprestando de amigos
 Emprestando da biblioteca escolar
 Emprestando da biblioteca pública
 Comprando, ganhando ou emprestando de alguma biblioteca, de maneira equivalente
 Nunca ou raramente leio literatura.

14. Quais espaços favorecem suas leituras LITERÁRIAS?

- Sala
 Quarto
 Ar livre (pátio da escola, quintal, parques, praças etc.)
 Outro: _____
 Qualquer lugar

15. Indique qual o principal motivador na escolha de determinado livro para leitura:

- Indicação de amigos e parentes
 Indicação de atendentes de livrarias
 Indicações de atendentes e/ou bibliotecários em bibliotecas
 Listas dos livros mais lidos disponibilizadas nos sites de venda de livros
 Listas dos livros mais lidos disponibilizadas em revistas e/ou jornais
 Raramente sigo indicações, escolho livremente

16. O ambiente escolhido como favorável à sua leitura LITERÁRIA pode influenciar na escolha do suporte para a leitura?

- Sim
- Não
- Não sei dizer

17. Justifique a sua resposta:

18. (**Procad**) Atualmente, qual a quantidade aproximada de livros IMPRESSOS que você tem em casa, independentemente do gênero?

- Não tenho livros impressos
- Até 20 livros
- De 20 a 50 livros
- De 50 a 100 livros
- De 100 a 500 livros
- Acima de 500 livros

19. Considerando a quantidade de livros impressos que você possui, quantos, aproximadamente, são de LITERATURA?

- Não tenho
- Até 20 livros
- De 20 a 50 livros
- De 50 a 100 livros
- De 100 a 500 livros
- Acima de 500 livros

20. (**Procad**) Com que frequência lê livros de LITERATURA (impressos ou eletrônicos) integralmente?

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Raramente
- Não leio livros de literatura

21. Caso leia livros de LITERATURA, cite alguns títulos que leu mais recentemente:

22. Sobre as leituras LITERÁRIAS mencionadas anteriormente, relacionadas aos suportes nos quais foram realizadas, você diria que:

- Foram todas realizadas em suportes impressos
- A maior parte foi realizada em suportes impressos
- Foram realizadas em suportes impressos e eletrônicos, de modo equivalente
- A maior parte foi realizada em suportes eletrônicos
- Foram todas realizadas em suportes eletrônicos

23. Quantos livros ELETRÔNICOS de LITERATURA, aproximadamente, você já leu? (considerar a diversidade de suportes: (computador, leitor eletrônico, tablet, *smartphone*)

- 1 livro
- De 2 a 5 livros
- De 6 a 10 livros
- De 11 a 15 livros
- Mais de 15 livros
- Não sei dizer
- Não leio livros de literatura

24. (**Procad**) Na hora de escolher o suporte ELETRÔNICO para sua leitura, quais critérios são importantes:

- () Acessibilidade
- () Conforto de leitura
- () Disponibilidade do texto para leitura no suporte
- () Familiaridade com o suporte
- () Mobilidade e facilidade para transportar
- () Preço
- () Recursos para anotação, consulta, compartilhamento, etc.
- () Nunca leio ou raramente leio em suportes digitais
- () Outro: _____

25. (**Procad**) Qual o seu suporte de leitura favorito?

- () Suportes impressos
- () Suportes eletrônicos
- () Ambos (impressos ou eletrônicos), indistintamente
- () Nenhum

26. (**Procad**) Aponte o motivo para a sua preferência.

27. Considerando somente os suportes ELETRÔNICOS, qual seria o seu favorito para leitura LITERÁRIA?

- () Computador (*desktop* ou *laptop/notebook*)
- () iPad
- () Outros tablets
- () *E-reader* (leitor de livros eletrônicos)
- () *Smartphone*
- () Não leio em suportes eletrônicos

28. (**Procad**) Indique um livro de LITERATURA (título e autor) que o tenha interessado/sensibilizado em particular. Justifique sua resposta.

29. Em que tipo de suporte você o leu (caso tenha lido esse livro mais de uma vez, considerar a primeira leitura)?

- () Impresso
- () Eletrônico

30. (**Procad**) Quando o leu pela última vez?

- () Há menos de um ano
- () Entre 1 e 2 anos
- () Há mais de 2 anos
- () Há mais de cinco anos

31. Caso fosse selecionado, aceitaria participar de uma atividade complementar de coleta de dados (grupo focal com duração máxima de 4 horas)?

- () Sim
- () Não

ANEXO D – RESPOSTAS SUBJETIVAS DO ESTUDO DE USUÁRIOS

(o texto foi transposto da mesma forma que foi escrita pelos respondentes)

Respondente	16. O ambiente escolhido como favorável à sua leitura LITERÁRIA pode influenciar na escolha do suporte para a leitura?	17. Justifique a sua resposta:
4	Não	Independente do Suporte, o mais importante é que a leitura seja feita da mesma forma como em um livro.
17	Não	Não. Porque não tenho ambiente preferido
22	Não	
24	Não	Sempre uso o meio em que estiver disponível, preferencialmente impresso
29	Não	O que mais influencia no suporte é o tipo de livro. Livros acadêmicos acho melhor impressos, ao contrário de literários
32	Não	Pois qualquer lugar pode ser propício para a leitura.
37	Não	
41	Não	O importante não é onde, mas o que se lê
42	Não	So entendi o que seria "suporte" quando li a pergunta 22, então retornei a esta para responder" entendi a pergunta, escolha de que suporte?
51	Não	a leitura sempre será a mesma
56	Não	Pra mim nao existe ambiente certo, na maioria das vezes eu leio em qualquer lugar, no onibus, em casa, na escola entao nao penso que possa influenciar muito
57	Não	Não, pois gosto de ler qualquer coisa em qualquer lugar, sendo assim, o local não influência.
59	Não	
65	Não	Em qualquer lugar que leio sempre viajo nas palavras...
67	Não	Foco no que estou buscando.
69	Não	Independente do ambiente, quando se ama ler e se sente desejo de ler é possível realizar leituras independente do suporte ou o ambiente no qual você se encontra.
80	Não	
101	Não	não porque independentemente do local ao qual eu leio meu gosto literário não mudará
106	Não	O ambiente não influência na leitura.
112	Não	
113	Não	Não tenho problemas em ler em qualquer lugar
114	Não	porque não
115	Não	por que não
118	Não	
119	Não	
120	Não	Tanto faz
124	Não	

126	Não	
131	Não	porque não
132	Não	Não leio em suportes eletronicos
134	Não	Leio em qualquer lugar, confortável o suficiente para ler.
147	Não	Quando eu começo a ler, parece que eu entro no livro ou materia, que nada me tira a atenção!
148	Não	
149	Não	
156	Não	
160	Não	Não, pois como gosto de ler qualquer ambiente para mim é favorável, portanto não influencia no meu suporte de leitura.
5	Não sei dizer	
9	Não sei dizer	
10	Não sei dizer	
11	Não sei dizer	
12	Não sei dizer	I don't understand
14	Não sei dizer	Não entendi a pergunta.
16	Não sei dizer	
19	Não sei dizer	
25	Não sei dizer	
26	Não sei dizer	
30	Não sei dizer	
33	Não sei dizer	
34	Não sei dizer	
35	Não sei dizer	
39	Não sei dizer	
40	Não sei dizer	
43	Não sei dizer	
45	Não sei dizer	
47	Não sei dizer	
48	Não sei dizer	
49	Não sei dizer	
50	Não sei dizer	
52	Não sei dizer	
55	Não sei dizer	
60	Não sei dizer	
63	Não sei dizer	
64	Não sei dizer	pois nunca reparei.
68	Não sei dizer	Não faço leitura literária.
70	Não sei dizer	
71	Não sei dizer	
76	Não sei dizer	Nada interfere na minha leitura.Não importa onde,sempre levo um ou dois livros comigo.
78	Não sei dizer	

82	Não sei dizer	
84	Não sei dizer	
86	Não sei dizer	
87	Não sei dizer	
95	Não sei dizer	
98	Não sei dizer	
99	Não sei dizer	Não entendi a pergunta
100	Não sei dizer	
107	Não sei dizer	
108	Não sei dizer	Acredito que dependendo do ambiente onde a pessoa irá ler, irá influenciar na forma de como a pessoa vai ler e interpretar o texto.
109	Não sei dizer	
110	Não sei dizer	
111	Não sei dizer	
117	Não sei dizer	
121	Não sei dizer	não sei dizer
122	Não sei dizer	
123	Não sei dizer	
125	Não sei dizer	
128	Não sei dizer	...
133	Não sei dizer	
135	Não sei dizer	
138	Não sei dizer	ok
145	Não sei dizer	cada pessoa tem o seu modo de se adaptar
152	Não sei dizer	
159	Não sei dizer	Pois, o clima que o espaço te dar, faz com que você tenha um prazer parecido para a leitura.
162	Não sei dizer	
1	Sim	Não, qualquer lugar é válido para uma boa leitura!
2	Sim	
3	Sim	Dependendo do lugar que eu estou, fica difícil carregar livros ou o computador
6	Sim	
7	Sim	Em locais mais iluminados posso ter mais facilidade de ler em locais abertos, e no meu quarto, principalmente na cama, leio com a luz apagada no celular no aplicativo do Kindle.
8	Sim	O estado psicológico do leitor e conforto influenciam a experiência da escolha.
13	Sim	Sim. Gosto mais do suporte impresso, mas o ambiente em que leio também é bastante propício para o suporte eletrônico. Porém, utilizo mais o segundo tipo de suporte durante as viagens.
15	Sim	prefiro impresso
18	Sim	
20	Sim	Pois motiva e dá inspiração
21	Sim	
23	Sim	Na rua, acho perigoso sair com equipamentos eletrônicos.
27	Sim	
28	Sim	Gosto de ler na cama e assim um livro digital é melhor.

31	Sim	
36	Sim	sim, porque em cada ambiente nos acomodamos de maneira distinta.
38	Sim	Sendo impresso ele vai a qualquer lugar.
44	Sim	Pois não sou muito bom em me concentrar que torna o processo de leitura mais difícil dependendo do ambiente
46	Sim	pois ambiente faz com que entramos no mundo imaginário.
53	Sim	Dependendo do local é necessário uma adequação para que consiga me concentrar na leitura, por isso na maioria das vezes prefiro os livros impressos.
54	Sim	O suporte impresso, por exemplo, pode ser utilizado em todos os ambientes de leitura, enquanto o suporte eletrônico apresenta restrições.
58	Sim	Dependendo do local onde irei ler, a forma em que estarei (o mais confortável visivelmente possível) pode influenciar um pouco na quantidade de tempo em que estarei lendo.
61	Sim	
62	Sim	
66	Sim	
72	Sim	livros impressos são melhores para ler em diferentes ambientes.
73	Sim	Em casa eu prefiro suportes eletrônicos e em suportes impressos, acho melhor quando estou fora.
74	Sim	
75	Sim	Pois me motiva para cada vez mais fazer uma leitura literária.
77	Sim	Dependendo do ambiente , opto por uma ou outra via de suporte.
79	Sim	A leitura é facilitada com o livro impresso, pois minha visão fica meio turva em frente ao computador e é um meio de economizar energia e de fugir um pouco de toda a tecnologia.
81	Sim	o ambiente que se encontra auxilia no desenvolvimento da leitura, caso seja um ambiente calmo e longe de barulho, terá uma leitura mais produtiva
83	Sim	
85	Sim	
88	Sim	Sim. Como marcado anteriormente, gosto de ler no quarto, principalmente deitada, então creio que livros impressos sejam melhores.
89	Sim	O ambiente escolhido pode facilitar a utilização de determinado suporte.
90	Sim	na presença de livros ao redor, é preferível usá-los
91	Sim	
92	Sim	Sim, Pois a concentração a leitura, e o entendimento, isso tudo depende do ambiente adequado a escolha.
93	Sim	Ao ar livre, por exemplo, o livro digital se torna menos vantajoso que o livro impresso.
94	Sim	Ambientes barulhentos interferem no meu interesse pelo livro
96	Sim	
97	Sim	
102	Sim	porque, sim.
103	Sim	Porque, sim.
104	Sim	Ambiente com muito barulho atrapalham a leitura
105	Sim	Adoro
116	Sim	pois o lugar onde for feita a leitura deve ser silencioso
127	Sim	dependendo do local, posso ficar cansada
129	Sim	porque não consigo ler com barulho
130	Sim	Por ser um lugar mais calmo
136	Sim	com aprendizado e facilidade na leitura

137	Sim	porque me da tranquilidade e concentração
139	Sim	
140	Sim	por que dependendo do ambiente pode desconcentrar
141	Sim	Porque dependendo do lugar, posso perder a concentração facilmente.
142	Sim	
143	Sim	sim por ser mais seguro carregar um material impresso, do que um eletrônico.
144	Sim	Pois, é preciso concentração para entrar na história, por isso um ambiente agradável e silencioso é melhor.
146	Sim	
150	Sim	O local que costumo ler livros, traz a leitura mais proveitosa.
151	Sim	o ambiente de leitura agradável com boa iluminação uma boa Ventilação deixa a leitura mais prazerosa
153	Sim	Dependendo do local de leitura escolhido pode me atrapalhar em minha leitura.
154	Sim	O barulho pode incomodar na concentração durante a leitura
155	Sim	Um bom ambiente proporciona maior concentração
157	Sim	nao sei
158	Sim	Por exemplo no quarto, tanto faz para mim o suporte eletrônico quanto ao impresso, mas para uma praça, por exemplo, prefiro o eletrônico, e ao ar livre o impresso.
161	Sim	
163	Sim	Se estou no meu ambiente preferido, consigo ler em livros. Caso eu esteja em ambientes movimentados, só consigo ler textos breves, em celulares, notebook, jornais, revistas.
164	Sim	Se tiver muito barulho atrapalha.
165	Sim	dependendo do ambiente me tira a atenção a leitura

Respondente	21. Caso leia livros de LITERATURA, cite alguns títulos que leu mais recentemente:
1	A revolução dos Bichos
2	
3	Madame Bovary
4	Dragão Vermelho, Tom Harris - O Cavaleiro dos Sete Reinos, George R.R. Martin, Domingo Negro - Tom Harris, As Crônicas Saxonicas - Bernard Cornwell
5	Ensaio sobre a cegueira, Guerra dos tronos I, II, III e IV, Cidade do Sol.
6	
7	AvóDezanove e o Segredo do Soviético; O Silencio dos Inocentes, <i>Capitães da Areia</i> , O hobbit
8	Guerra dos Tronos Volume 1
9	
10	
11	O Herói Perdido, O Filho de Netuno, O médico e o Monstro
12	O herói perdido
13	All the Light We Cannot See; O Demônio Familiar; A Voyage Through Turbulence; Le Dernier Jour d'un Condamné.

14	Cidades de papel, Coleção Harry Potter, Ponto de impacto ...
15	
16	
17	
18	As crônicas de Nárnia
19	A hora da estrela
20	Auto da Barca do Inferno
21	A Herdeira, Um romance em Paris, Um romance em Paris - a Descoberta, A babá nada sexy, Meu adorável chefe.
22	
23	O Fazedor de velhos, de Ricardo Azevedo; A visita cruel do tempo, Jenifer Egan; Saga Os instrumentos mortais
24	Lendo "O Código da Vinci" no momento
25	Game of Thrones
26	
27	
28	Amar verbo intransitivo
29	Trilogia de Ramses (estou no 3o livro)
30	
31	
32	A morte e a morte de Quincas Berro D'água, Iracema, Capitães da Areia, Gabriela Cravo e Canela, O Guarani, A Barca do Diabo.
33	Capitães da areia, Iracema, A morte e a morte de Quincas berro d'água, Gabriela Cravo e Canela, O Guarani.
34	
35	
36	O alquimista,o dia do curinga,1808.
37	O Segredo, Divergente, O Irresistível Café de Cupcakes, O Lado Bom da Vida.
38	As viagens de Teo.
39	
40	O Retrato de Doryan Gray, Crime e Castigo.
41	Poliana, Poliana Moça, A Cama, Jogos Vorazes
42	
43	O Plano Perfeito, O extraordinário, A outra face, Pergunte ao pó, Marina...
44	--
45	the walking dead,O teorema katherine,codigo da vince
46	trilogia a seleção
47	Divergente, Insurgente, As Crônicas de Nárnia...
48	Los Angeles, Quem é você Alasca, Crônicas de fogo e gelo: A Guerra dos Tronos, Melancia, A Esperança
49	
50	
51	harry potter e a camera secreta
52	O pequeno príncipe; O casamento; Bisa Bia bisa Bella; O lado bom da vida; O inimigo secreto
53	
54	
55	Jogos Vorazes
56	Perdida, Dom Casmurro, Harry potter e o calice de fogo...
57	Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, A madona de cedro, O silêncio dos inocentes
58	50 tons de cinza (trilogia); A seleção (trilogia); Tem alguém aí; O hobbit; Quem é você Alasca?
59	Percy Jackson e o ladrão de raios, Encontrada - Carina Rissi, Reino das vozes que não se calam, Se eu ficar e cidade dos ossos.

60	O Doador de Memórias, Correr ou Morrer.
61	
62	
63	Ensaio sobre a cegueira; Ciquenta tons de cinza; O mundo de Sofia
64	Coraline
65	
66	Capitães da Areia, Fernão Capelo Gaivota, Amor é Prosa, Sexo é Poesia....
67	O vendendor de Sonho
68	
69	O Aprendizado de Pequena Árvore, O Caçador de Pipas, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro, Harry Potter e As Relíquias da Morte, O Menino do Pijama Listrado
70	Dom Casmurro
71	
72	Dom Casmurro e Capitães da Areia
73	1° a morrer
74	
75	Noites de tormenta, Um amor pra recordar, O melhor de mim, O milagre.
76	House Of Night; Hush-Hush; Trilogia Trylle
77	
78	O tempo e o Vento e Inôcencia
79	jogos vorazes a esperança
80	
81	Luciola, Memória Póstumas de Brás Cubas
82	Hobbit, Crônicas de Gelo e Fogo
83	
84	Histórias Cruzadas; Sherlock Holmes; O Melhor de Mim
85	
86	
87	Pride and Prejudice (Orgulho e Preconceito) - Jane Austen
88	Édipo Rei.
89	
90	a mediadora
91	Os Sertões, Dom Quixote, Vidas Secas
92	Assassin's creed- Renascença,, Assassin's creed- irmandade, August Cury- O semeador de Ideias, O segredo, O rei Arthur-Santo Graal
93	
94	Anjos e demônios
95	O cortiço, Dom Casmurro, Senhora, O quinze, Clara dos Anjos
96	
97	marley e eu
98	
99	O diário de Anne Frank, Capitães da Areia
100	A bússola de ouro
101	
102	serie Percy Jackson
103	Romeu Imortal, O inferno de Gabriel
104	Capitães da Areia
105	
106	
107	História do mundo
108	turma dos tigres
109	
110	

111	
112	O ESTUDANTE
113	A fúria dos reis, O andarilho, Azincourt
114	Não
115	
116	
117	
118	o símbolo perdido, o código da vinci
119	Vidas Secas
120	
121	os três porquinhos
122	Super Bebê Fraldinha
123	Não lembro
124	
125	
126	
127	
128	
129	Crônicas de Gelo e Fogo, A revolução dos bichos
130	Vidas Secas, A culpa é das estrelas, A menina que roubava livros, O teorema Katherine, Quem é você, Alaska!
131	Odisséia
132	Ramsés(Série); Angelologia; A Batalha do Apocalipse.
133	Elena, A filha da Princesa; Sussurro; Filho de Netuno; Apenas um dia;
134	Saga as crônicas de Gelo e Fogo do George R. R. Martin, O Príncipe do Maquiavel, Eu fico loko do Christian Figueiredo
135	
136	
137	sistemas digitais,etc..
138	Romeu e Julieta
139	
140	
141	
142	O crime do padre amaro
143	O moço loiro.
144	O último que li foi a menina que roubava livros... não leio por falta de tempo.
145	não leio
146	Capitães da Areia
147	A culpa é das estrelas, Casamento Blindado, Sangue frio, Deus e a Cabana e etc...
148	A Viagem de Théo, A Batalha do Apocalipse
149	
150	Cortiço
151	Memórias Póstumas de Brás Cubas
152	
153	O menino do pijama listrado, Quem é você Alasca
154	As Crônicas de Gelo e Fogo
155	
156	
157	nao sei
158	O cortiço, A menina que roubava livros, Alice no país das maravilhas
159	
160	Jogos Vorazes à Esperança, As Crônicas de Nárnia, Princesa Adormecida, Jogos Vorazes em Chamas, O Preço de uma lição, Cidade das Feras, O Preço de um Resgate.
161	

162	
163	Todos contra Dante; Ciumento de carteirinha.
164	A bússola de ouro, Percy Jackson e o ladrão de raios Percy Jackson e o Ladrão e os olímpianos e etc.
165	crepusculo / ladrão de raios

Respondente	25. (Procad) Qual o seu suporte favorito de leitura?	26. (Procad) Aponte o motivo de sua preferência
3	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Da mesma forma que o livro tem a vantagem de ser mais pessoal e sentimental, o suporte eletrônico é mais versátil, pode ter milhares de exemplares, e pesa menos que vários livros.
4	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Adoro o cheiro do livro e a forma de leitura nele. O meio eletrônico, nesse caso o Kindle, facilita bastante se tratando de portabilidade e ergonomia, exemplo prático é ler as crônicas de gelo e fogo no papel ou no kindle, no kindle todas tem o mesmo peso, Rs. Em suma os dois meios de leitura são excelentes, não tem como comparar.
7	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	O livro impresso e o digital tem cada um suas vantagens. Pelo conforto e possibilidade de carregar vários livros de uma vez o eletrônico é melhor, mas nada se compara a sensação de estar com o papel na mão para ler.
12	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Não há preferência
17	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Não tenho dificuldades de acesso.
32	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Ambos conseguem suprir a ideia principal de um livro, que é transmitir uma ideia ou uma história ao leitor.
33	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	O suporte eletrônico me possibilita ter vários títulos sem precisar ocupar espaço em casa.
44	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Não há preferência
47	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	As vezes não tenho como comprar os livros, com o suporte eletrônico eu posso ler o livro que eu quiser. O impresso eu leio em casa, mas o eletrônico eu tenho a facilidade de ler onde eu quiser.
48	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Ambos para mim são favoráveis, o importante é que eu consiga ter acesso a leitura.
49	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	O que apresente melhor leitura, acerca da situação.
57	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Gosto tanto por meios eletrônicos, quanto impresso, ,minha escolha é feita pelo que está disponível no momento, o que é mais acessível.

58	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Eu gosto de ler, independente da forma de leitura. Eletrônicos são mais acessíveis, porém os impressos são muito bons também. Ambos me fazem sentir próxima da história.
59	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Eu prefiro ambos por que é sempre ótimo tem o livro impresso em mãos e ter na sua estante, mais os eletrônicos tem a facilidade de levar pra qualquer lugar sem medo de sujar ou rasgar e também na questão de nem sempre ter dinheiro pra comprar os livros.
62	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	conforto e acessibilidade
63	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Para leitura de literatura prefiro suportes impressos. Mas para a leitura de artigos, materiais acadêmicos e informativos utilizo suportes eletrônicos pela facilidade de acesso e pensando na sustentabilidade.
64	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Porque com suporte impresso minhas leituras são mais confortáveis e cansam menos os meus olhos, entretanto com o eletrônico eu possuo um leque maior de opções gratuitas na internet.
65	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Depende do lugar em que me encontro.
66	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Ambos, pois depende do tamanho do livro e do conforto que o suporte oferecer.
73	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Durante a noite, acho muito melhor ler no tablet/celular. Porém, gosto bastante de ler em impressos também.
75	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Pois ambos tem facilidade de transporte para qualquer lugar.
76	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Não importa como, impresso, eletrônico, tanto faz ... O que realmente importa é que eu li e vivi aquela história.
79	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	A minha preferência é por livros impressos por causa do conforto e da praticidade, mas se eu não conseguir o livro impresso e dependendo da minha ansiedade de ler algum livro eu leio no computador.
82	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Não tenho preferência, gosto do que estiver disponível no momento.
94	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Ambos ofertam a mesma história e conhecimento, por isso, não faço distinção.
98	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	NAO TENHO PREFERENCIA
103	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Sei lá, eu só gosto.
108	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	O eletrônico por ser portátil e eu poder ler em qualquer lugar. O físico, por eu poder fazer marcações e observações
119	Ambos (impressos e	Não me incomodo com suportes eletrônicos

	eletrônicos) indistintamente	
125	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	As vezes nao possuo o livro em mãos mas quero ler o livro. Então, busco em algum aplicativo que me possa oferece-lo
128	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Livros de literatura são inúteis, prefiro ler bibliografias de pessoas bem sucedidas que podem me trazer algo de útil na vida.
134	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Ler um impresso é mais confortável do que ler no celular, pois não tenho nenhum e-reader. Mas se não tiver o impresso, e estiver com muita vontade, leio no eletrônico no mesmo jeito e como no caso dos livros da saga das Crônicas de gelo e fogo, que são grandes e pesados intercalo entre o eletrônico e o impresso e no ônibus à noite não é possível ler impresso. A maior parte do tempo que leio, é no ônibus, vindo estudar.
146	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	flexibilidade e conforto.
148	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Flexibilidade e conforto
152	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Ambos demonstram facilidade e conforto na leitura.
160	Ambos (impressos e eletrônicos) indistintamente	Gosto de ambos, pois existem bolsas em que suportes impressos ocupam muito espaço e por comodidade e facilidade os suportes eletrônicos móveis são melhores (apesar de não possuir um).
111	Nenhum	mais conforto
115	Nenhum	Não tenho.
120	Nenhum	Nenhuma pois eu n leio nenhum tipo de livro.
121	Nenhum	prefiro vídeo game
122	Nenhum	não sei ler, sou semi-analfabeto, só sei ler as imagens
135	Nenhum	Nenhum
145	Nenhum	Capa
2	Suportes eletrônicos	No meio eletrônico, atualmente, temos a opção de levar para todos os lugares que vamos, em nossas mochilas uma infinidade de livros.
6	Suportes eletrônicos	Eletronicamente consigo fazer mais rapidamente minha anotações sobre determinado trecho. Também consigo fazer mais anotações e tenho mais facilidade e rastrear cada uma delas por gênero, utilizando <i>softwares</i> específicos para isso. Além disso, a leitura eletrônica favorece a busca de palavras chaves.
28	Suportes eletrônicos	Gosto de no leitor de livros digital (e-reader). Não possui brilho, possui muita bateria e é fácil de carregar.
29	Suportes eletrônicos	Possibilidade de download gratuito, baixo custo, conforto de leitura, ergonomia otimizada...
31	Suportes eletrônicos	Maior acessibilidade, posso carregar diversos livros ao mesmo tempo em um unico aparelho, com menos volume e peso.
38	Suportes eletrônicos	A resposta da 25 relaciona-se com a pergunta 24.
46	Suportes eletrônicos	são mais práticos, pode ser lido em qualquer lugar, é mais confortável na realização da leitura.
56	Suportes eletrônicos	Porque da pra ler em qualquer lugar, tambem as vezes nao tenho um livro impresso e o impresso fica mais viavel.
68	Suportes eletrônicos	Facilidade uma vez que, na atual conjuntura, faço várias leituras ao mesmo tempo.
74	Suportes eletrônicos	Pois posso ler a qualquer momento do dia.
89	Suportes eletrônicos	Facilidade de acesso a vários livros e economia de espaço.
93	Suportes	Grátis, leve, compacto, portátil.

	eletrônicos	
101	Suportes eletrônicos	Acessibilidade e confortabilidade
106	Suportes eletrônicos	Pela acessibilidade.
136	Suportes eletrônicos	facilidade de locomoção
139	Suportes eletrônicos	Acessibilidade.
149	Suportes eletrônicos	facilidade ;conforto
156	Suportes eletrônicos	Facilidade de transporte
158	Suportes eletrônicos	Prefiro suporte eletrônico pois, muitos, facilitam carregá-lo para qualquer lugar, ele não mudará o tamanho e nem o peso.
164	Suportes eletrônicos	Melhor pra ler.
1	Suportes impressos	O contato com o livro, valoriza o lazer, saindo daquela vida cotidiana em meio a tantos aparelhos eletrônicos.
5	Suportes impressos	Acho que cansa menos a vista.
8	Suportes impressos	Facilidade em ter a mídia em qualquer local sem internet ou energia, possibilidade de cansar menos a visão e sensação de tato agradável.
9	Suportes impressos	Interação e concentração mais fácil
10	Suportes impressos	menos cansativo
11	Suportes impressos	Prefiro segurar o livro, admirar a capa e manusear as folhas.
13	Suportes impressos	Não gosto muito de ler em suportes eletrônicos. Porém, são mais práticos que os impressos.
14	Suportes impressos	O cheiro do livro, o prazer de virar a página, entre outros.
15	Suportes impressos	Eletrônico me causa dor de cabeça
16	Suportes impressos	Sinto dores de cabeça quando uso equipamentos eletrônicos por um certo tempo e acho os impressos mais confortáveis para ler.
18	Suportes impressos	não força a os olhos com a luz do celular
19	Suportes impressos	Sinto minhas vistas cansadas quando leio em suportes eletrônicos
20	Suportes impressos	Pois não há dificuldade de locomoção e perigo de ser roubado
21	Suportes impressos	Livros impressos são mais emocionantes, trazem uma sensação diferente.
22	Suportes impressos	Você realmente sente que está lendo um livro quando é em suportes impressos. Já nos eletrônicos não. Além de que, nos eletrônicos, cansa mais os olhos, por conta da claridade!
23	Suportes impressos	Há uma sensação de relacionamento direto com o texto e sua totalidade, ir de uma página a outra é algo que se dá de forma dinâmica. Não depende de baterias e posso carregar em qq lugar com menor risco de ser assaltada.
24	Suportes impressos	Não me acostumei com leituras em meios digitais, e tampouco sei utilizar e-readers... Vejo apenas livros técnicos que estão em formato pdf.
25	Suportes impressos	A leitura em meio eletrônico é cansativa.
26	Suportes impressos	Não consegui me acostumar com a leitura em suportes eletrônicos
27	Suportes impressos	Manusear
30	Suportes impressos	Melhor visualização para leitura e disponível a hora que desejar.
34	Suportes impressos	xxxxxxx
35	Suportes impressos	Nada supera a sensação de ter um livro impresso a sua disposição. O cheiro, o tato, ter um livro impresso é magnífico.

36	Suportes impressos	costume e conforto visual.
37	Suportes impressos	Apesar dos suportes eletrônicos oferecerem comodidade e simplicidade, ler o livro impresso faz toda a diferença, por questões difíceis de se explicar. Existe uma certa emoção em cada página virada do livro físico, além do cheirinho do livro novo.
39	Suportes impressos	Acredito que prefiro suportes impressos pois não tenho suportes eletrônicos para fazer a comparação.
40	Suportes impressos	Talvez seja por tradição, não sei dizer com certeza, mas tenho preferência por passar às páginas impressas, marcar o livro.
41	Suportes impressos	Eu acredito que a magia do livro está presente no papel, no ato de pegar o livro e lê.
42	Suportes impressos	Facilidade de ter sempre a disposição, marcação de página, releitura de alguma parte interessante e confortável para visão.
43	Suportes impressos	Livros impressos são mais aconchegantes, livros eletrônicos acabam com a essência da leitura...
45	Suportes impressos	Nada se compara a um livro impresso.
50	Suportes impressos	Me concentro melhor usando o suporte impresso
51	Suportes impressos	meu olho doi
52	Suportes impressos	O suporte impresso permite maior mobilidade e um contato maior entre o leitor e a obra.
53	Suportes impressos	Concentração e conforto.
54	Suportes impressos	Facilidade para levar o material para vários ambientes.
55	Suportes impressos	Pois para mim um suporte impresso é tem maior mobilidade e praticidade, além de trazer uma melhor sensação de conforto.
60	Suportes impressos	Disponibilidade, fácil manuseio, não tenho suporte eletrônico.
61	Suportes impressos	Me distrai menos e dispositivos eletrônicos não tem o bom "cheiro" de livros
67	Suportes impressos	Minha geração é da era do papel e giz
69	Suportes impressos	Quando você pega em um livro impresso você sente e tem as mesmas experiências que o autor teve ao escrever o manuscrito, por ser um defensor dos modos mais clássicos de leitura (o que não quer dizer que eu não gosto das evoluções e a maneira como elas podem influenciar as pessoas a lerem), eu acredito que o fato de você ter um livro em mãos é algo inexplicável, é como uma viagem, e, quando o livro é emprestado, você sabe que alguém já passou por aquelas páginas e teve as mesmas sensações que você. Não sei explicar...
70	Suportes impressos	Pois eu nunca tive interesse em leitura em suportes impressos.
71	Suportes impressos	SINTO ENJOOS AO LER DESCONFORTO DEVIDO A VISÃO CURTA
72	Suportes impressos	Suportes impressos são mais fáceis de transportar e mais confortáveis de ler.
77	Suportes impressos	eu gosto de "marcar" o que leio com lápis e marca texto.
78	Suportes impressos	São melhores para realizar a leitura, possuo o objeto (livro) e posso leva-lo para qualquer lugar, pois nem todos os lugares possui internet.
80	Suportes impressos	Eu prefiro o livro na mão do que ele no computador, pois desvio muito a atenção
81	Suportes impressos	Mais comodo para leitura
83	Suportes impressos	As telas de eletrônicos me cansam.
84	Suportes impressos	Comodidade
85	Suportes impressos	Conforto e Condição de Concentração
86	Suportes impressos	Maior conforto na leitura quando comparado aos dispositivos que possuo (notebook e smartphone).

87	Suportes impressos	Acessibilidade à qualquer momento.
88	Suportes impressos	Com livros impressos não preciso ficar sentada na frente de uma tela (o que realmente não gosto, ainda mais se for um livro longo), posso ler do jeito que quiser, ou seja, o mais confortável possível, além de poder carregá-lo... Um outro ponto bom em ter livros impressos é que dá uma certa alegria de colecioná-los!
90	Suportes impressos	não permite tanta distração e de fácil manuseio das paginas
91	Suportes impressos	Prende mais a atenção do leitor, diferente dos recursos digitais.
92	Suportes impressos	A leitura impressa, transmite mais conhecimento e paciência ao cérebro, pois ajuda na questão da concentração.
95	Suportes impressos	Quando o livro é impresso, tem-se um contato maior com a história, podendo, as vezes, marcar partes interessantes. Com ele, "ao vivo" nas mãos, flui muito mais a leitura.
96	Suportes impressos	Prefiro ter o material em mãos e assim facilitando o acesso e leitura não me deixando dependente de outros meios
97	Suportes impressos	visao
99	Suportes impressos	É mais confortável, alem de ser mais prazeroso
100	Suportes impressos	É melhor pra ler e não machuca as vistas.
102	Suportes impressos	Mobilidade e facilidade para transporte.
104	Suportes impressos	Em suportes eletrônicos a vista cansa mais, é desconfortável.
105	Suportes impressos	Tradição
107	Suportes impressos	O cheiro de livro novo. É de certo modo mais confortável.
109	Suportes impressos	Não consigo ler livros em frente o computador, ou outros equipamentos. Gosto muito de ter em mãos os livros.
110	Suportes impressos	o livro impresso é mais ágil do que o virtual na questão de estudo.
112	Suportes impressos	É melhor, e tem o cheirinho de livro novo, que não tem no suporte eletrônico
113	Suportes impressos	Acho mais original.
114	Suportes impressos	Pois não vejo graça nenhuma em ler livros de suportes eletrônicos. O respeito voltou .
116	Suportes impressos	pois a leitura de livros impressos nos traz mais a atmosfera literaria
117	Suportes impressos	Mais legal
118	Suportes impressos	não cansa os olhos
123	Suportes impressos	não muitas distrações como o outro.
124	Suportes impressos	Porque ler livros eletrônicos não é bom.
126	Suportes impressos	é melhor
127	Suportes impressos	eletrônicos forçam a minha vista
129	Suportes impressos	Gosto de sentir o livro
130	Suportes impressos	Não forçar as vistas com um aparelho eletrônico
131	Suportes impressos	Prefiro a leitura de livro
132	Suportes impressos	Leitura mais dinâmica, e em suportes eletrônicos costumo ter dor de cabeça.
133	Suportes impressos	Não gosto de livros eletrônicos

137	Suportes impressos	tranquilidade e comodidade.
138	Suportes impressos	Devido ao problema de vista
140	Suportes impressos	por que pra mim é mais facil ler ,enquanto eletronico é mais dificil pra mim
141	Suportes impressos	Ler muito no (eletrônico) me da dor de cabeça.
142	Suportes impressos	Melhor para Ler
143	Suportes impressos	por suporte eletrônico cansa a vista muito rápido.
144	Suportes impressos	Pois você pode marcar onde parou, não tem risco da bateria acabar e nem das letras serem pequenas. Você pode marcar as melhores partes se o livro for seu também, pode emprestar a alguém que não tenha acesso a internet. Pode dar de presente a alguém.....
147	Suportes impressos	Porque eu amo ter um livro, e posso ler em qualquer lugar, até mesmo sem internet!
150	Suportes impressos	Traz mais suporte
151	Suportes impressos	não gosto de ler em suportes eletrônicos devido ao brilho de tela , fonte Pequena.. por isso prefiro os livros
153	Suportes impressos	Eu prefiro suportes impressos porque são melhores para a leitura
154	Suportes impressos	Mobilidade
155	Suportes impressos	Melhor visualização
157	Suportes impressos	sou romantica
159	Suportes impressos	Porque a qualquer momento, onde estiver poderei ler.
161	Suportes impressos	Conforto de leitura
162	Suportes impressos	Dificuldade e desconfortos dos meios usados para leitura eletronica.
163	Suportes impressos	Por meio do suporte impresso, consigo ter acesso ao que estou lendo, integralmente: posso tocar, cheirar, manusear diretamente. Enfim, é possível sentir o livro e seu conteúdo.
165	Suportes impressos	porque minhas vistas não doem tanto .

Respondente	28. (Procad) Indique um livro de LITERATURA (título e autor) que o tenha interessado/sensibilizado em particular. Justifique a sua resposta
1	Redações Perigosas Telma Guimarães . A pluralidade dos assuntos abordados no livro acaba deixando o leitor mais vidrado na leitura e aprender junto com a personagem principal,uma professora, a interação entre um docente e os docentes em uma escola conturbada.
2	Morte Súbita, J.K. Rowling
3	Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, - Clarice Lispector Esse livro foi muito importante pra mim, pois eu me identifiquei muito com ele na minha busca de quem sou eu e de como ser mulher, no momento que eu estou na minha vida(de transição para a faculdade).
4	As Crônicas de Arthur - Bernard Cornwell O Autor é um historiador que tenta remontar fatos passados que possam ter ocorrido. Para ser mais exato ele cria um plano fictício (trama e/ou personagens) em um contexto real e conta a sua história.

	Com o passar da leitura e pelas notas do autor ou final de cada livro você fica imaginando ainda se aquilo pode ter ou não acontecido, mesmo sabendo que não aconteceu. Excelente livro para leitura, o autor segue com a história sem muito detalhismo ou tolkienismo, rs.
5	A moreninha. Joaquim M. de Macedo. Porque foi o primeiro livro que eu ganhei, (da minha tia) e que eu me lembro de ter lido porque eu quis, sem ser trabalho de escola e na época eu adorei a história romântica.
6	"Um Estudo em Vermelho", de Canon Doyle, foi um livro lido há muitos e que marcou muito pelo suspense da trama investigativa. Outro livro, seria o primeiro que recorro ter lido, ainda no ensino fundamental e que muito me deixou encantado com sua fantasia. Acabei sonhando por muito tempo com aquela aventura. Trata-se do livro "A ilha perdida", de Maria José Dupré.
7	O silêncio dos Inocentes - Thomas Harris
8	Guerra dos Tronos Volume 1 em razão do nível de detalhamento que imerge o leitor na história. Mesmo sem figuras além de dois mapas. E isso é feito de tal maneira que é possível "visualizar" todos os cenários e personagens envolvidos.
9	Não leio literatura
10	Iracema, José de Alencar
11	O Pequeno Príncipe (Antoine de Saint-Exupéry). O livro é repleto de metáforas que trazem ensinamentos sobre a vida, sobretudo a amizade.
12	Harry Potter e o cálice de fogo, J.K Rowling, porque foi o primeiro livro com mais de 10 páginas que eu me interessei.
13	"A voyage through turbulence" de Peter A. Davidson. Sou professor de Turbulência e este romance conta um pouco da história de vida dos grandes autores desta área.
14	Julietta - Anne Fortier O livro é envolvente, com cenas românticas e de ação, prendendo a atenção a todo instante.
15	Não costumo ler literatura
16	Coralina. Não me lembro o autor.
17	MENTES PERIGOSAS: O PSICOPATA MORA AO LADO
18	Nárnia, pois é uma obra de filosofia e teologia, além da literatura.
19	Indico o livro Poliana, escrito por Eleanor H. Porter, pois é um livro que me ajudou a superar as dificuldades da vida, me fazendo sempre procurar o lado bom de tudo.
20	Fortaleza Digital - Dan Brown
21	A Herdeira, Kiera Cass. Continuação da série A Seleção, indico por ser uma ótima história, vale muito a pena ler.
22	Dom Casmurro - Machado de Assis. A história é muito bem contada. Um pouco difícil de compreender a linguagem, porém é uma história muito interessante de ler.
23	Foram tantos, em diferentes momentos de minha vida, que talvez seja injusto dizer de apenas um. Destaco "O morro de ventos uivantes", de Emile Bronte, por ter sido o primeiro clássico a me sensibilizar, ao explorar sentimentos tão intensos, tais como o amor, o ódio e a obsessão.
24	Não lembro o nome do livro que me interessou, embora lembre o enredo. Faz muito tempo... :(
25	A Fúria Dos Reis - As Crônicas de Gelo e Fogo - Vol. 2, George R. R. Martin. A série da TV fez com que eu buscasse o livro.
26	Não sei informar no momento
27	Grande sertão: veredas - João Guimarães Rosa
28	O senhor de Sândara. É um romance psicodinâmico onde os fatos vividos pelos personagens parecem com os fatos da vida cotidiana que vivemos e ao final sempre se tem uma lição ou reflexão sobre a situação vivida.
29	O Caçador de Pipas- insere o leitor no processo de imposição religiosa que sofreram os habitantes de países árabes durante a revolução teocrática.
30	Capitães da Areia, de Jorge Amado. Já faz bastante tempo que o li, duas vezes. A forma como o autor ele relata a vida de cada um personagens, menores de rua, é muito fascinante, fazendo que que você termine a leitura e descubra se cada um deles alcançou seus sonhos e desejos.
31	A hora da estrela - Clarice Lispector. Por que é um tipo de leitura que não estou familiarizada, mas que me cativou do começo ao fim do livro.
32	A Morte e a Morte de Quincas Berro D`água, pois ele mostra como alguém pode ter amigos que se importam com ele.
33	Capitães da areia - Jorge Amado. É um livro que mostra a realidade das crianças de rua na cidade de Salvador.
34	Não lembro a obra

35	As Vantagens de ser Invisível - Stephen Chbosky. Relata a história de um garoto que passa a enviar cartas a alguém desconhecido contando sobre o que está vivendo na sua adolescência como forma de suporte para passar pela mesma.
36	O Alquimista, Paulo Coelho. Minha preferência por esse livro se deve ao fato dele mostrar que é preciso que saíamos do comodismo e viver o que ele chama de "Lenda Pessoal". Que nossos sonhos dependem da nossa determinação.
37	O Código da Vinci, Dan Brown. Um dos melhores livros que eu já li. Conta com informações verídicas e fictícias, mas me despertou interesse pois o autor faz com que todo o enredo prenda o leitor à história e tem um final surpreendente.
38	1808 de Laurentino Gomes. Por mostrar a essência da corrupção na qual vivenciamos atualmente.
39	Não tenho costume de ler Literatura.
40	Crime e Castigo de Dostoiévski. É um livro que me marcou por penetrar na agonia do personagem bem escrito, tanto da descrição dos personagens como na descrição da gelada Rússia. É um livro depressivo, mas recomendo.
41	Poliana e Poliana Moça, de Eleanor H. Porter: Esse livro me encantou muito, porque a história é fantástica. À medida que você vai conhecendo essa menininha, transforma-se o seu modo de ver o mundo.
42	Não lembro
43	"Marina" Do Luiz Carlos Zafón, é um romance incrível, o modo como o autor escreve a história é fascinante. Ficamos intrigados com a história e ao mesmo tempo apaixonados por ela.
44	O pequeno príncipe
45	The walking dead: o caminho para Woodbury autor: Robert Kirkman e Jay Bonansinga.
46	A menina que roubava livros. pois ele é um livro muito informativo sobre os problemas atrás.
47	A culpa é das estrelas - John Green Mostrou como somos "pobres", mesmo tendo tudo.
48	Cidades de Papel, esse livro conseguiu me dominar durante o enredo da história toda, o seu suspense misturado com um pouco de humor, foi uma mistura perfeita que John Green fez, assim me cativando completamente.
49	Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis.
50	O Senhor dos Anéis por J.R.R. Tolkien Me interessei por causa da história muito bem feita e pela motivação do autor ao criar o enredo do livro, ele criou umas das melhores histórias de ficção apenas para servir como um contexto para uma língua que ele mesmo havia criado, a "língua dos elfos".
51	As vantagens de ser invisível
52	O melhor de mim, de Nicholas Sparks. Por se tratar de um romance muito bonito e emocionante
53	A Cabana porque me fez refletir em muitos aspectos.
54	Memórias Póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis) Focou marcado pela história de vida de um homem contada depois que já estava morto.
55	O mundo de Sofia. É uma literatura cativante e que te faz ter muitas indagações a respeito.
56	Dom Casmurro (Machado de Assis) eu gostei muito de ler esse livro porque envolve romance, suspense, drama e a cada página que lia eu queria saber o que iria acontecer, também apresenta uma leitura bem fácil.
57	Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, Clarissa Lispector É um livro que foi indicado por uma amiga, o livro é muito bom para refletirmos sobre o fato de nos conhecermos de verdade, e que antes de amarmos e nos entregarmos para alguém, precisamos nos amar e nos conhecer primeiro.
58	Quem é você Alasca? John Green. Me sensibilizou em vários aspectos. Me mostrou como é fácil nós conhecermos alguém, e ao mesmo tempo não sabermos muito sobre aquela pessoa. Me mostrou que a vida é muito frágil, e que a qualquer momento nós podemos morrer, ou perder alguém. Que para gostar de alguém, não é necessário anos de convivência. E que gostar de alguém, não nos torna possuidores daquela pessoa, de suas memórias ou de sua imagem. Me mostrou que a vida, por mais complicada que seja, é valiosa. E que sofrer, quando perdemos alguém é inevitável, mas que a vida segue, e o que deve permanecer são as boas memórias, as lembranças e o bom tempo.
59	Perdida - Carina Rissi Eu simplesmente amei esse livro porque ele prende você do começo ao fim tem uma linguagem super atual e é muito engraçado. E eu sou muito acostumada com leituras estrangeiras e o livro é brasileiro!!
60	O Doador de Memórias. Lois Lowry.

	O universo que a autora apresenta é interessante, um mundo em que não há sofrimento, mas, também, não há felicidade propriamente dita, e as reações do protagonista ao descobrir as verdades ocultas.
61	A menina que roubava livros. Devido ao contexto histórico e a localidade onde tudo ocorre, na Alemanha. O que de fato me encanta é o fato da morte ser a narradora. E a paixão de uma garota por livros.
62	As crônicas de Narnia- CS Lewis
63	<i>Capitães da areia</i> livro lido na minha adolescência e que me impactou/interessou bastante. Inclusive já o reli quando adulta.
64	A mala de Hana, pois como ele pude me emocionar com a triste história de uma menina judia e entender melhor os impactos da segunda guerra.
65	Fabiola - A Igreja das Catacumbas - Cardeal Wiseman A história se passa na Roma dos princípios do século IV, durante as perseguições aos cristãos promovidas no império de Deocleciano. Temos a história de perseguição de vários santos da igreja de Critso.
66	Um dos livros que me sensibilizei foi <i>Capitães da Areia</i> de Jorge Amado, o motivo de comoção foi que o autor retrata, com uma riqueza de detalhes, os problemas sociais daquela época que atualmente persistem.
67	- O vendendo de sonhos - Augusto Cury - Experiência psicológica e de vida transmitida pelo autor - "A resposta do sábio é o silêncio"
68	Crepúsculo. Stephenie Meyer.
69	O Menino do Pijama Listrado de John Boyne. É um livro maravilhoso que narra a história de dois garotos de 9 anos tão inocentes e tão puros que são forçados a encararem a realidade da Segunda Guerra Mundial, um acontecimento tão trágico e tão importante para a história. O livro me sensibilizou pois a inocência com a qual Bruno e Shmuel enfrentam as desavenças da vida é linda, eles são puros, são doces e possuem temores assim como toda criança. O que mais me deixou emocionado foi por eles terem morrido no final, juntos. O meu interesse pelo livro partiu por ter sua história construída em torno da Segunda Guerra Mundial, que é um assunto pelo qual eu me interesse bastante.
70	Dom Casmurro-Machado De Assis Acho q e o melhor livro de literatura pra mim.
71	A CABANA
72	<i>Capitães da Areia</i> de Jorge Amado, que retrata uma história de crianças sem-teto que moravam num trapiche abandonado, e o livro discorre a história de cada uma com uma sensibilidade incrível, mostrando suas características boas e ruins, e as injustiças que a sociedade faziam com essas crianças.
73	Harry Potter, JK Rowling. Pois é uma saga muito bem elaborada e interessante. 1° a morrer, James Patterson. Pois é de um dos gêneros que mais gosto, onde Patterson apresenta uma intrigante história, em que o mistério é a identidade de um genial serial killer.
74	A Seleção, Kiera Cass.
75	Como já dito antes, a minha leitura literária é influenciada por um autor específico, Nicholas Sparks, com suas histórias sabe como mexer com coração de um leitor. Por fim, o livro que mais me interessou e sensibilizou foi <i>A última música</i> .
76	Indicar apenas um livro é o maior desafio para mim, pois a cada livro, impresso ou eletrônico, eu não simplesmente leio, eu vivo a história. A cada livro, uma aventura diferente que deixa aquela marca na minha vida. Não sei dizer quantos livros eu já li, mas sei dizer que uma saga que me apaixonei de primeira foi a <i>Saga do Tigre</i> de Collen Houck. Uma mistura de romance, mistério, magia, personagens e acontecimentos de tirar o fôlego... Além disso, a autora escreveu a história baseada na cultura de um país cujo nosso ponto de vista achamos "estranho". A Índia é mais do que aparenta ser. As lendas, a cultura, os costumes citados no decorrer da história fizeram com que eu devorasse cada página com uma curiosidade imensa, uma necessidade de saber mais, não só sobre a história dos personagens, mas também sobre essa cultura. A pouco tempo, reli todos eles novamente com aquele desejo de reviver essa aventura outra vez. Até hoje, espero ansiosamente pelo lançamento do sexto livro que dá fim a está saga que me fez viver uma aventura completamente diferente das que eu estava acostumada. Já cheguei a indicar essa saga para uma amiga, que começou a ler no mesmo dia e acabou se apaixonando assim como eu. Acredite, valeu a pena ter aguentado ler os primeiros capítulos mais chatos.
77	O auto da barca do inferno - Gil Vicente , devido apresentação teatral realizada na escola

	recentemente.
78	O Tempo e o Vento - Érico Veríssimo. Série literária O cenário se passa em uma época antiga, importante para o Brasil em meu ponto de vista, que conta uma parte da história do Brasil, a ocupação do "Continente de São Pedro" (fim do Estado Novo), através das famílias Terra e Cambará. É considerada por muitos a obra definitiva do estado do Rio Grande do Sul.
79	Série de livros chamados Feios, Perfeitos, Especiais e Extras do autor Scott Westerfeld. Tudo se passa numa cidade futurística onde as pessoas todas são consideradas feias até completarem 16, idade em que são levadas para um centro de beleza onde elas são reconstruídas literalmente para fazer parte de um padrão de beleza aceitável a sociedade e poderem ser vistas sem causar repulsa aos "bonitos". Dentro de tudo isso não poderia faltar um romance entre uma "feia" e um "lindo", uma revolta de algumas pessoas que acham isso tudo uma bobagem e logo mais um triângulo amoroso (que eu adoro), além disso tem a questão do ponto que o ser humano pode chegar em busca de poder e dinheiro. Infelizmente só pude ler os dois primeiros pois ainda não tive a chance de comprar os dois últimos, mas em breve pretendo ler o desfecho dessa história super interessante.
80	Não leio literatura
81	Memória Póstumas de Brás Cubas
82	Crônicas de Nárnia, CS Lewis. É muito bom!
83	O caçador de pipas.
84	Histórias Cruzadas
85	Cristianismo Puro e Simples - C.S. Lewis: Complexidade e o Contexto em que fora escrito.
86	Cai o Pano, de Agatha Christie. Gosto muito dos livros da autora e, para mim, esse é o que tem o fim mais surpreendente, além do fato de ter sido o último livro publicado por ela em vida.
87	Orgulho e Preconceito (Pride and Prejudice) - Jane Austen.
88	Na verdade não sei se esse livro é uma literatura... "Um homem de sorte" Nicholas Sparks
89	Não leio literatura.
90	a mediadora, pois despertou meu interesse pela imaginação e leitura
91	A obra Crime e Castigo. A obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski trata de um romance figurado a um cenário histórico particular da época.
92	The Walking dad
93	Não leio literatura.
94	Fortaleza digital, Dan Brown, pois é uma história emocionante que mistura fatos reais com imaginários e exigem muitos pensamentos para entender o contexto.
95	Clara dos Anjos de Lima Barreto. Retrata a preconceituosa sociedade do século XX, que comove de uma maneira crítica.
96	50 tons de liberdade, pois conta uma historia de amor mal construída
97	marley e eu. É um livro com uma historia bonita tem ateh filme
98	NAO TENHO.
99	O diário de Anne Frank, por Anne Frank. pois é um testemunho real dos acontecimentos brutais da época.
100	Star Wars: O Caminho Jedi - Um manual para estudantes da força - Daniel Wallace
101	não leio livros de literatura
102	Série Percy Jackson, é uma história de ação e mitologia muito boa.
103	Julieta Imortal.
104	A série: Rangers - A ordem dos Arqueiros. Li quando era mais novo, é uma leitura muito boa e uma história muito interessante.
105	Um homem de sorte
106	O Auto da Barca do Inferno.
107	TÍTULO: o problema da motivação moral em kant AUTOR: hélio josé dos santos souza
108	A escrava Isaura, de Bernado Guimarães. Escrito no Romantismo, o livro discorre sobre o período da escravidão no Brasil. Além de fazer uma abordagem histórica riquíssima, o escritor elucida também a relação entre sentimentos do escravizado e o do patrão. Assim, ele enumera as diversas facetas que a escravidão assume, mostrando que, apesar de tudo, havia uma liberdade inerente ao do escravo: amar. Isso sensibiliza muito no livro, já que nos mostra que, mesmo sendo "escravos" de vários sistemas, podemos, intimamente, termos uma liberdade só nossa.

109	O Pequeno Príncipe. Meus amigos e familiares sempre falam, mas nunca tive a oportunidade de ler.
110	eu não leio literatura
111	mais conforto
112	Nunca li em suporte eletrônico
113	O arqueiro. Gosto muito de literaturas que envolvem a Idade Média, com toques religiosos. Gosto de discutir sobre religião.
114	Sherlock Holmes
115	Não leio livros literários
116	não leio literatura
117	<i>Capitães da Areia</i>
118	as vantagens de ser invisível
119	Dom Casmurro, Machado de Assis A riqueza narrativa do autor
120	Porque eu não gosto.
121	o menino do dedo verde
122	não leio
123	macunaíma, Mario de andrades
124	Não me recordo de um livro que tenha me sensibilizado, os últimos livros que li são legais, mas não me interessaram tanto assim.
125	Divergente, Veronica Roth
126	a Barca do Inferno de Gil Vicente
127	A hora da estrela, Clarice Lispector. Achei interessante o livro e a forma que a autora conta a história
128	O menino do engenho - José Lins do Rego
129	Jogos Vorazes, não sei o autor. A leitura é fácil e o livro de prende
130	Vidas Secas, por ser um livro que retrata a vida no Nordeste.
131	Donos das ruas
132	Ramsés (série) escrita por Christian Jacq, pois me trouxe certo conhecimento histórico que até então ignorava, mesmo que ao mesmo tempo apresente características fictícias, isso agregado à uma leitura dinâmica.
133	Apenas Um Dia - Gayle Forman.
134	O Segredo de Jasper Jones - Craig Silvey, é um livro cativante, com uma temática adulta e com discussões sobre o comportamento sociedade atual e a do século passado, intercalando com críticas quanto aos preconceitos por raça ou aparência. O livro te surpreende a cada instante, e é cheio de mistérios, coisa que amo muito. Homem-máquina - Max Barry, é um livro surpreendente, não tem como prever o final, a história toma outros rumos a cada parágrafo/capítulo, te deixando sem fôlego. E indiquei dois, pois são meus favoritos e não conseguiria escolher um.
135	não leio literatura.
136	ok
137	O amor é para os fortes. porque é uma história muito interessante.
138	ok
139	A menina que roubava livros.
140	não leio literatura
141	Biografias.
142	Guimarães Rosa, Grandes sertões Veredas
143	tem tempo que não leio um livro de literatura. Não me recordo, pois tenho preferência por biografia e ficção científica.
144	O diário de Ane Frank. Pois conta uma história muito triste da época que ela estava refugiada, e nos faz pensar em como as pessoas podem ser preconceituosas e injustas. Você entra na história e se sensibiliza muito.
145	não leio
146	Raramente leio livros literários.
147	"A culpa é das estrelas!" É um livro que é emocionante, mil vezes melhor que ver o filme!
148	A Viagem de Théo - Fala sobre todas as religiões do mundo

149	cinco minutos ,jose de alencar
150	Não me lembro!
151	Longe dos Olhos ,Machado de Assis .. uma Historia linda de um jovem negro uma moça branca cega .. ao ler o livro aprendi como lidar com preconceito.. uma verdadeira lição de vida
152	Não leio literatura.
153	A culpa é das estrelas
154	As Crônicas de Gelo e Fogo. Tenho interesse pelo gênero Fantasia.
155	Não leio!
156	O silêncio dos inocentes - Tomas Harris
157	jogos vorazes, pois tem amor e guerra
158	A menina que roubava livros, de Markus Zusak.É um livro bom, que conta uma época diferente, em um país diferente, gosto disso por poder aprender mais sobre a cultura de outra época de outro país.
159	Raramente leio literaturas.
160	Don Casmurro de Machado de Assis, este livro me emocionou devido a fato de como a história de amor de Capitu e Bentinho terminou e me intrigou porque deixa uma dúvida se Capitu traiu ou não Bentinho e por gerar muitas especulações em torno disso e por não ter uma resposta.
161	O Caçador de Pipas, pois mostra a realidade de uma outra cultura e a inocência das crianças.
162	Querido John - nicholas sparks
163	Alice no país das maravilhas - Lewis Carrol. Considero essa obra um tratado de filosofia.
164	Maze Runner James Dashner
165	querido John (NICHOLAS SPARKS)